



TOM KNOX

# O SEGREDO DO GÊNESIS

UM MISTÉRIO DE  
10 MIL ANOS DE IDADE

SUMA  
de letras

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# **TOM KNOX**

# **O SEGREDO DO GÊNESIS**

Tradução  
Angela Pessoa



2009

## **Nota do Autor**

O Segredo do Gênesis é uma obra de ficção. No entanto, a maioria das referências religiosas, históricas e arqueológicas é inteiramente factual e precisa.

Em particular:

Gobekli Tepe é um sítio arqueológico, talvez com 12 mil anos, que está sendo atualmente escavado no sudeste da Turquia, perto da cidade de Sanliurfa. O complexo de pedras inteiro, pilares e esculturas, foi deliberadamente enterrado em 8.000 a.C. Ninguém sabe por quê.

Nas regiões vizinhas a Gobekli Tepe, entre os curdos do sul da Turquia e norte do Iraque, existe um grupo de religiões antigas conhecido como Culto dos Anjos. Alguns dos integrantes dessas religiões cultuam um deus chamado Melek Taus.

## **Agradecimentos**

Eu gostaria de agradecer a Klaus Schmidt e ao resto do Instituto Arqueológico Alemão em Gobekli Tepe; a meus editores e companheiros Ed Grenby, David Sutton, Andrew Collins e Bob Cowan; a todos na William Morris em Londres — em especial à minha agente Eugénie Furniss; e a Jane Johnson, da HarperCollins no Reino Unido.

Gostaria de agradecer também à minha filha Lucy — por continuar a me reconhecer depois que desapareci por vários meses para escrever este livro.

*E estendeu Abraão a sua mão, e tomou o cutelo para  
imolar o seu filho.*

— *Gênesis, 22*

## 1

Alan Greening estava bêbado. Passara a noite toda bebendo em Covent Garden: a começar pelo Punch, onde havia tomado três ou quatro cervejas com seus antigos amigos da faculdade. Então foram para o Lamb and Flag, o pub na via úmida perto do Garrick Club.

Quanto tempo haviam demorado por lá, entornando? Ele não conseguiu lembrar. Porque depois disso tinham ido para o Roundhouse e encontrado mais alguns caras do escritório. E em algum momento os rapazes passaram das canecas de lager aos destilados: vodca, gim-tônica, uísque.

E então cometeram o erro fatal. Tony havia dito: vamos dar uma olhada na mulherada. Eles riram, concordaram, percorreram metade da alameda St. Martins e molharam a mão do segurança para entrar no Stringfellows. O segurança não estava nem um pouco propenso a deixá-los entrar, não no começo: mostrou-se cauteloso com os seis rapazes, que obviamente haviam saído para gastar, xingavam e riam e achavam-se para lá de exaltados.

Encrenca.

Mas, Tony exibira parte de seu generoso bônus de mercado financeiro, umas cem libras ou mais, e o segurança sorriu e declarou: É claro, senhor... e depois...

O que havia acontecido depois?

Era tudo um borrão. Um borrão de calcinhas, coxas e drinques. E letonianas nuas e sorridentes, piadas obscenas sobre peles russas, uma polonesa com seios incríveis e quantias imensas gastas nisso, naquilo e naquilo outro.

Alan gemeu. Seus amigos haviam partido em horas diferentes: saindo do clube aos trancos e entrando em táxis. No final restara apenas ele, o último apostador no clube, enfiando uma profusão de notas de dez no fio dental da letoniana, que girava seu corpinho enquanto ele a encarava com adoração, em silêncio, desamparada e estupidamente.

E então, às quatro da manhã, a letoniana parou de sorrir e de repente as luzes se acenderam e os seguranças o agarraram pelos ombros e o escoltaram firmemente rumo à porta. Ele não foi atirado na rua como os vagabundos nos bares dos velhos filmes de faroeste — mas foi quase isso.

E agora eram cinco da manhã, e o primeiro latejar da ressaca o alfinetou por trás dos olhos; ele tinha de chegar em casa. Estava na Strand e precisava ir para a cama.

Será que sobrara dinheiro suficiente para um táxi? Ele havia deixado os cartões de crédito em casa, mas, sim — Alan vasculhou os bolsos sonolento —, sim, ainda tinha trinta libras na carteira; dava para um táxi até Clapham.

Ou melhor, deveria dar. Mas não havia táxis. Era a hora mais deserta do dia: cinco da manhã na Strand. Tarde demais para

o povo das boates. Cedo demais para os faxineiros dos escritórios.

Alan examinou as ruas. Uma garoa branda de abril caía sobre as calçadas largas e brilhantes do centro de Londres. Um grande ônibus noturno rodava no sentido errado — na direção de St. PauFs. Para onde estaria indo? Ele lutou para diluir a névoa alcoólica da cabeça. Havia um lugar onde sempre era possível conseguir táxis. Ele podia tentar o Embankment. Claro. Sempre havia táxis ali.

Alan continuou a caminhar. Era uma rua antiga: montes de plácidas construções georgianas. A garoa continuava a cair. O primeiro indício de uma manhã de primavera clareava o céu por sobre o topo das chaminés antigas. Não havia vivalma por perto.

E então ele ouviu.

Um ruído.

Mas não só um ruído. Parecia: um gemido. Um gemido humano: mas de alguma forma abafado, ou distorcido. Estranho.

Será que havia imaginado? Alan verificou as calçadas, as portas, as janelas. A pequena rua lateral continuava deserta. Todos os prédios ao redor eram escritórios. Ou casas muito antigas convertidas em escritórios. Quem poderia estar ali àquela hora da madrugada? Um drogado? Um sem-teto? Algum bêbado velho, caído em uma sarjeta nas sombras?

Alan optou por ignorar. Era o que os londrinos faziam. Ignoravam. A vida já era bastante complicada naquela cidade imensa, frenética e confusa sem acréscimos ao estresse diário

decorrentes de investigar gemidos estranhos à noite. E além do mais, Alan estava bêbado: estava imaginando o barulho. Então ouviu novamente: nítido. O lamento terrível e assustador de alguém com dor. Parecia quase alguém dizendo "socorro". Exceto pelo fato de que a palavra saía parecendo *"ooôôlrro"*.

Que porra era aquela? Alan estava transpirando. Estava assustado agora. Não queria saber que tipo de pessoa — que tipo de coisa — produziria um som como aquele. Ainda assim, precisava descobrir. Todos os seus reflexos morais ordenavam-lhe que ajudasse.

Sob a chuva branda, Alan pensou em sua mãe. No que ela diria. Ela lhe diria que não tinha escolha. Aquilo era um imperativo moral: Alguém Está Com Dor: Portanto, Você Ajuda.

Ele olhou para a esquerda. A voz parecia vir de uma fileira de casas georgianas de tijolos vermelho-escuros e janelas antigas elegantes. Havia uma placa diante de uma das casas, um letreiro de madeira que brilhava sob a chuva e a luz do poste. Museu Benjamin Franklin. Ele não tinha ideia exata de quem fora Benjamin Franklin. Um americano; escritor ou algo assim. Mas na verdade aquilo não importava. Ele tinha certeza de que o gemido partira daquela casa: porque a porta estava aberta. Às cinco da manhã de um sábado.

Alan avistou uma luz fraca do outro lado da porta semiaberta. Fechou os punhos uma vez, então duas. Em seguida rumou para a porta e a empurrou.

A porta se abriu por completo. O hall estava silencioso. Havia uma caixa registradora a um canto, uma mesa repleta de



folhetos e uma placa onde se lia: Sala de vídeo à direita. O hall achava-se iluminado — precariamente — por luzes noturnas.

O museu parecia tranquilo. A porta estava aberta, mas o interior, perfeitamente silencioso. Não parecia a cena de um roubo.

— *Ooôôlrrro...*

Lá estava novamente. O gemido estrangulado. E dessa vez o local de onde vinha era evidente: o porão.

Alan sentiu as garras do medo apertarem seu coração. Mas reprimiu o nervosismo e caminhou com determinação até o final do hall, onde uma porta lateral conduzia a uma escada de madeira que levava ao andar de baixo. Alan desceu, os degraus rangendo sob seu peso, e penetrou em uma adega baixa.

Uma lâmpada exposta pendia do teto. A luz era fraca, mas a claridade, suficiente. Ele olhou em torno. O lugar nada tinha de especial — à exceção de uma coisa. Um dos cantos, no chão, havia sido recente e exaustivamente cavado, a terra estava revolvida — produzindo um grande buraco negro de um metro ou mais no escuro solo londrino.

Foi então que Alan viu o sangue.

Não dava para não notar: a grande mancha pegajosa era nítida e escarlate, e respingara sobre algo muito branco. Um monte de brancura.

O que era aquela brancura? Penas? Penas de ganso? O quê?

Alan aproximou-se e cutucou a brancura com a ponta do sapato. Era cabelo: cabelo humano talvez. Um monte de cabelo humano raspado. E o sangue respingara

pavorosamente sobre o topo, como calda de cereja sobre sorvete de limão. Como o aborto de uma ovelha na neve.

— *Ooôôlrrro!*

O gemido estava bem próximo agora. Vinha do aposento vizinho. Alan lutou contra o medo uma última vez e atravessou a pequena porta rebaixada que conduzia ao cômodo seguinte.

O interior estava bastante escuro, exceto pela pequena nesga de luz lançada pela lâmpada atrás dele. O gemido sinistro reverberava pelo aposento. Tateando ao lado da porta, Alan deu um tapa no interruptor e inundou o cômodo de claridade. No centro do aposento, no chão, jazia um velho nu. Sua cabeça havia sido completamente raspada. Brutalmente raspada — a julgar pelos arranhões e cortes. Alan percebeu que era dali que o cabelo deveria ter saído. Eles haviam raspado o cabelo dele. Quem quer que fossem eles.

Então o velho se mexeu. Seu rosto estava voltado para longe da porta, mas quando as luzes se acenderam, ele virou-se e olhou para Alan. A visão era inquietante. Alan hesitou. O pavor nos olhos do velho era indescritível. Arregalados e vermelhos, seus olhos fitavam o espaço, delirantes de dor.

A embriaguez havia desaparecido: Alan agora se sentia nauseantemente sóbrio. Podia ver por que o homem sentia dores terríveis. Seu peito havia sido marcado, retalhado com uma faca. Um desenho fora gravado em sua pele branca frágil, velha e enrugada.

E por que ele estava gemendo de forma tão estranha? Tão incoerente? O homem gemeu novamente. E Alan cambaleou de fraqueza.

A boca do sujeito estava abarrotada de sangue. O sangue escorria-lhe da boca, como se ele tivesse se empanturrado de morangos. Sangue vermelho escoava dos lábios envelhecidos, pingando no chão. Quando ele gemia, mais sangue subia em golfadas e borbulhava, respingando o queixo de sangue coagulado.

E havia um último horror.

O homem segurava alguma coisa. Ele abriu lentamente a mão e estendeu o objeto, sem dizer uma palavra: como se o oferecesse gentilmente. Um presente.

Alan baixou os olhos para os dedos estendidos.

A mão agarrava frouxamente uma língua humana decepada.

## 2

O Mercado Carmel estava movimentado. Cheio de vendedores de especiarias iemenitas discutindo com sionistas canadenses, donas de casa israelenses examinando costelas de carneiro e judeus sírios armando estandes de CDs de cantoras românticas libanesas. O povo aglomerava-se entre tabuleiros de pimenta, pilhas de latas de azeite de oliva extravirgem e a imensa barraca de bebidas alcoólicas que vendia bons vinhos das Colinas de Golan.

Entre eles achava-se Rob Luttrell, abrindo caminho rumo ao ponto mais distante do mercado. Queria tomar uma cerveja na cervejaria e charutaria Bik Bik, seu local favorito em Tel Aviv. Rob gostava de observar as celebridades israelenses com seus óculos escuros para enganar os paparazzi. Uns dias atrás,

uma atriz novata bem bonitinha até sorrira para ele. Talvez tivesse adivinhado que era um jornalista.

Rob também gostava da cerveja tcheca no balcão de embutidos do Bik Bik: servida em grandes canecos de plástico, caía muito bem com pedaços de salame caseiro e minúsculos pães árabes com kebab apimentado.

— Shalom — disse Samson, o charuteiro turco do Bik Bik. Rob apressou-se a pedir uma cerveja. Então se lembrou das boas maneiras e disse Por favor e Obrigado. Perguntou-se se não estaria ficando entediado. Voltara havia seis semanas, e estava de pernas para o ar depois de seis meses no Iraque. Não seria tempo demais?

Sim, ele precisava do descanso. Sim, havia gostado de voltar a Tel Aviv — adorava a alegria e a aura da cidade. E seu editor em Londres fora generoso ao conceder-lhe a licença para se "recuperar". Mas agora estava pronto para a ação novamente. Talvez outro posto em Bagdá. Ou Gaza — as coisas estavam explodindo por lá. As coisas sempre estavam explodindo em Gaza.

Rob tomou um gole de cerveja do copo plástico e caminhou até a varanda do bar para observar ao longe a costa cinza-azulada do Mediterrâneo. A cerveja estava gelada, dourada e excelente. Rob viu um surfista enfrentando as ondas rumo ao mar aberto.

Seu editor não telefonaria nunca? Rob verificou o celular. A imagem digital de sua filhinha devolveu seu olhar. Sentiu uma severa pontada de culpa. Não a via desde... quando? Janeiro ou fevereiro? Na última vez que estivera em Londres. Mas o que podia fazer? Sua ex-mulher continuava mudando

os planos, como se quisesse negar a Rob qualquer acesso. A ânsia de Rob em ver Lizzie era como a fome ou a sede. Havia a sensação constante de que alguma coisa — alguém — estava faltando em sua vida. Às vezes, ele se pegava sorrindo para a filha, e, claro, ela não estava lá.

Rob devolveu o copo de cerveja vazio ao bar.

— Te vejo amanhã, Sam. Vê se não come todos os kebabs!

Samson riu. Rob pagou os shekels que devia e dirigiu-se à praia. Atravessou correndo as pistas movimentadas do trânsito de quinta-feira, esperando não ser morto pelos violentos motoristas judeus tentando lançar uns aos outros ao mar.

A praia de Tel Aviv era seu lugar favorito para pensar. Com os arranha-céus atrás e as ondas e o vento quente e estimulante à frente. E, naquele instante, ele queria pensar na mulher e na filha. Sua ex-mulher e sua filha de 5 anos.

Desejara voltar imediatamente a Londres depois que o jornal ordenou-lhe que deixasse Bagdá. Mas Sally arranjara de repente um novo namorado e anunciara que precisava de "espaço", então Rob decidira permanecer em Tel Aviv. Não queria ficar na Inglaterra sem ver Lizzie. Era torturante demais.

Mas na realidade, de quem era a culpa de tudo aquilo? Rob perguntava-se até que ponto não fora ele quem causara o divórcio. Sim, ela tivera os casos..., mas ele estivera longe o tempo todo. Mas esse era seu trabalho! Ele era correspondente estrangeiro: e passara dez anos lutando por isso em Londres. Era assim que ganhava dinheiro. E agora estava bem profissionalmente, com 30 e poucos anos,

coabrindo todo o Oriente Médio — e não sabia o que fazer com tanta matéria.

Rob perguntou-se se não deveria voltar ao Bik Bik para tomar outra cerveja. Olhou para a esquerda. O hotel Dan Panorama se projetava contra o céu azul — um imenso bloco de concreto, com átrio de vidro chamativo. O estacionamento ficava atrás, quilômetros de vagas para carros estranhamente localizadas no meio da cidade. Ele lembrou-se da história por trás do estacionamento: em 1948, quando a guerra árabe-israelense estourou, aquele havia sido o principal front no conflito urbano entre a Tel Aviv judaica e a Jaffa árabe. Então os israelenses ganharam e derrubaram as favelas restantes, devastadas pela guerra. E agora aquilo era só um grande estacionamento.

Rob tomou uma decisão. Já que não podia ver Lizzie, podia ao menos ganhar algum dinheiro para mantê-la alimentada e segura. Portanto decidiu voltar direto para seu pequeno apartamento em Jaffa e fazer um pouco de pesquisa. Descobrir mais perspectivas a explorar na matéria dos libaneses. Ou correr atrás daqueles garotos do Hamas que haviam se escondido numa igreja.

A cabeça de Rob fervilhava de idéias enquanto ele caminhava pela praia, rumo às antigas casas em frente ao porto: o porto da antiga Jaffa.

Seu celular tocou. Rob verificou a tela, esperançoso. Era um número inglês, mas não era Sally nem Lizzie nem nenhum dos seus amigos.

Era o seu editor, em Londres.

Rob sentiu a adrenalina subir. Isso! Era esse o momento que ele mais amava em seu trabalho: a ligação inesperada de seu editor. Vá para Bagdá. Vá para o Cairo. Vá para Gaza. Vá Arriscar Sua Vida. Rob adorava esse momento. O fato de nunca saber onde estaria. A sensação assustadora de teatro improvisado: como se ele só fosse um ser humano pleno quando estava ao vivo na TV. Não era de admirar que não conseguisse sustentar um relacionamento. Atendeu o telefone.

— Robbie!

— Steve?

— Wotcher.<sup>1</sup>

Como sempre, o forte sotaque cockney<sup>2</sup> de seu editor desconcertou Rob por um segundo. Ele ainda era suficientemente americano médio para presumir que os editores do Times sempre falavam o legítimo inglês de Oxford. Mas seu editor estrangeiro falava como um estivador de Tilbury

— e praguejava ainda mais. Às vezes Rob perguntava-se se Steve não exagerava um pouco — o sotaque cockney — para se destacar de seus afetados colegas de Oxford. Todos no jornalismo eram muito competitivos.

— Robbie, parceiro! Tá fazendo o que agora?

— Na praia, conversando com você.

— Caralho. Eu queria ter o seu emprego.

— Você tinha. Mas foi promovido.

---

<sup>1</sup> Cumprimento usado entre amigos na Inglaterra. (N. da T.)

<sup>2</sup> Dialeto falado no East End, em Londres. (N. Da T.)

— Ah, é — riu Steve. — Mas o que eu queria dizer é, o que é que você tem pra fazer agora? A gente te passou alguma coisa?

— Não.

— Tranquilo, tranquilo. Tá se recuperando daquela merda... daquela porra daquela bomba.

— Eu tô bem agora.

Steve assoviou.

— Aquilo foi foda. Bagdá.

Rob não queria pensar no bombardeio.

— Então... Steve... onde...

— Curdistão.

— O quê? Uau!

Rob ficou imediatamente entusiasmado e também meio assustado. O Curdistão iraquiano. Mosul! Nunca estivera lá, e a região certamente era repleta de matérias. O Curdistão iraquiano!

Mas Steve o interrompeu:

— Não se anima tanto...

Rob sentiu o entusiasmo baixar. Alguma coisa na voz de Steve entregava que não se tratava de uma reportagem de guerra.

— Steve?

— Rob, meu parceiro. O que você sabe sobre arqueologia?

Rob observou o mar. Um parapente planava sobre as ondas.

— Arqueologia? Nada. Por quê?

— Bom, é que tem uma... escavação... no sudeste da Turquia. Na parte curda da Turquia.

— Uma escavação?

— Isso. Bem interessante. Uns arqueólogos alemães andaram...



— Pinturas nas cavernas? Ossos antigos? Merda... — Robbie sentiu uma pungente decepção.

Steve riu.

— Calma, calma. Peraí.

— O quê?

— Não dá pra cobrir Gaza o tempo todo. E eu não quero você em nenhum lugar perigoso. Não no momento. — Ele parecia preocupado, quase fraternal. Bastante inesperado. — Você é um dos meus melhores repórteres. E Bagdá foi uma porrada e tanto. Você já se fodeu o suficiente por um tempo, não acha?

Rob esperou. Sabia que Steve não havia terminado. E, claro, ele explicou:

— Então estou pedindo, muitíssimo educadamente, que você vá até lá e dê uma olhada na porra da escavação na Turquia. Se não tiver problema pra você.

Rob detectou o sarcasmo: não foi difícil. Riu.

— OK, Steve. E você quem manda! Vou dar uma olhada lá numas pedras. Quando você precisa que eu vá?

— Amanhã. Vou mandar as instruções por e-mail.

Amanhã? O tempo era curto. Rob começou a pensar em marcar voo e arrumar malas.

— Tô dentro, Steve. Obrigado.

O editor fez uma pausa, então retornou à linha:

— Mas, Rob...

— O quê?

— Essa matéria é coisa séria. Não é chatice de pedra antiga, não...

— Como é que é?

—A escavação já virou notícia por aqui. Você deve ter perdido.

—Não leio a imprensa arqueológica.

—Eu leio. Tá muito na moda.

—E daí?

O ar marinho estava quente. Steve prosseguiu:

— O que eu tô querendo dizer é: esse lugar na Turquia, isso que esses alemães encontraram...

Rob esperou que Steve explicasse os detalhes.

Houve uma longa pausa. Por fim, seu editor disse:

— Bom... não é só conversa fiada de ossos, Robbie. É um negócio bem estranho, realmente.

### 3

No avião para Istambul, Rob bebericou seu gim-tônica agudo em um pequeno copo de plástico transparente com um minúsculo palito. Leu a cópia impressa do e-mail de Steve e algum material que havia encontrado na internet sobre a escavação turca.

O sítio que estava sendo escavado chamava-se Gobekli Tepe.

Rob disse em voz alta:

— Gobekli Tepe. — E então mastigou um minipretzel.

Ele continuou a ler.

O sítio era aparentemente apenas mais um de vários assentamentos muito antigos que estavam sendo escavados na Turquia curda. Nevali Çori, Çayönü, Karahan Tepe. Alguns deles pareciam incrivelmente antigos. Oito mil anos ou mais.

Mas isso era de fato tão antigo? Rob não fazia idéia. Quantos anos tinha a Esfinge? Stonehenge? As pirâmides?

Seu gim-tônica havia terminado, e ele recostou-se e pensou em sua falta de conhecimentos gerais. Por que não sabia a resposta para perguntas como aquelas? Porque, é claro, não tinha formação universitária. Ao contrário de seus colegas que possuíam diplomas de Oxford, Londres e UCLA, ou Paris, Munique, Kyoto, Austin ou fossem quais fossem, Rob nada tinha a não ser seu cérebro e sua aptidão para a leitura dinâmica — para digerir informações com rapidez. Fugira dos estudos aos 18 anos. Apesar dos gritos de desespero de sua mãe solteira, ele havia declinado a proposta de várias faculdades e universidades e, em vez disso, entrara direto no jornalismo. Mas quem poderia criticá-lo por isso? Rob engoliu outro minipretzel. Ele não tivera escolha. A mãe estava sozinha; seu pai permanecera nos Estados Unidos, como o canalha sovina e violento que era; Rob crescera na pobreza nos subúrbios mais distantes e sombrios de Londres. Desde muito novo, sempre quisera dinheiro e status tão logo estivessem disponíveis. Ele nunca seria como aqueles garotos ricos que invejava quando era rapaz, que podiam perder quatro anos da vida para consumir drogas, ir a festas e deixar-se conduzir em ritmo tranquilo rumo a carreiras confortáveis. Ele sempre sentira necessidade de andar logo com tudo.

O mesmo desejo por progresso rápido governara sua vida emocional. Quando Sally surgiu, risonha, bonita e inteligente, agarrou-se à felicidade e estabilidade que ela oferecia. O nascimento da filha deles, pouco depois de seu casamento prematuro, pareceu um sinal de que o que ele havia feito fora

uma Coisa Muito Boa. Só então percebeu, tarde demais, que sua cinética carreira poderia ser incompatível com a tranquilidade doméstica sedentária.

O assento da classe econômica da El Al estava tão desconfortável como sempre. Rob recostou-se e esfregou os olhos. Então pediu à aeromoça outro gim-tônica. Para revigorar e ajudar a esquecer.

Enfiando a mão na mochila sob seus pés, Rob puxou dois livros da melhor livraria de Tel Aviv, um sobre arqueologia turca e outro sobre evolução humana. Faria uma escala de três horas em Istambul, então pegaria outro voo para Sanliurfa, o longínquo e agreste leste da Anatólia. Tinha metade do dia para fazer um pouco de leitura dinâmica.

Quando chegaram a Istambul, Rob estava bastante bêbado — e completamente informado sobre a história arqueológica recente da Anatólia. Ao que parecia, um local chamado Çatalhöyük era particularmente importante. Descoberto nos anos 50, era um dos povoados mais antigos já escavados — talvez 9 mil anos. As muralhas dessa antiga povoação achavam-se cobertas de desenhos de touros, leopardos e falcões. Muitos falcões. Sinais muito antigos da existência de religião. Imagens muito estranhas.

Rob olhou para as fotos de Çatalhöyük. Folheou mais algumas páginas. Então o avião aterrissou no aeroporto de Istambul e Rob pegou suas malas na esteira e abriu caminho através da multidão de gordos empresários turcos, parando em uma lojinha onde comprou um jornal americano com uma das últimas notícias a respeito de Gobekli Tepe. Em seguida, dirigiu-se ao terminal para esperar por seu próximo voo.

Sentado no saguão de embarque, leu um pouco mais sobre a escavação.

A história moderna de Gobekli Tepe havia começado em 1964, informava o jornal, quando uma equipe de arqueólogos americanos vasculhava uma longínqua província do sudeste da Turquia. Os arqueólogos haviam descoberto vários montes de aparência estranha, recobertos por milhares de sílices quebrados: indicação segura de atividade humana antiga. Apesar disso, não fizeram escavações. Como formulou o jornal: "Esses sujeitos agora devem estar se sentindo como o editor que rejeitou o primeiro original de Harry Potter."

Ignorando os roncos da senhora turca adormecida no sofá do aeroporto, bem ao seu lado, Rob continuou a ler.

Três décadas depois do furo dos americanos, um pastor local cuidava de seu rebanho quando avistou uma coisa esquisita: várias pedras com formatos estranhos na poeira iluminada pelo sol. Eram as pedras de Gobekli Tepe.

Te-pe, disse Rob consigo mesmo. Te-pe. Ele perambulou até encontrar uma máquina de refrigerantes, comprou uma Coca Diet, então voltou e continuou a ler.

A "redescoberta" do sítio chegou aos ouvidos dos curadores do museu na cidade de Sanliurfa, a 50 quilômetros de distância. As autoridades do museu contataram o ministério pertinente que, por sua vez, entrou em contato com o Instituto Arqueológico Alemão em Istambul. E então, em 1994, "o experiente arqueólogo alemão Franz Breitner" foi nomeado pelas autoridades turcas para escavar o sítio.

Rob examinou o restante do artigo. Inclinou o jornal para ver melhor. Havia uma foto de Breitner no jornal americano. E, sob a foto, uma citação dele: "Fiquei intrigado. O sítio já possuía um significado emocional para os aldeões. A árvore solitária no monte mais alto é sagrada. Achei que talvez tivéssemos descoberto alguma coisa importante." Munido dessa intuição, Breitner dera uma olhada melhor. "Em menos de um minuto compreendi que, se não partisse imediatamente, passaria o resto de minha vida aqui."

Rob olhou para a foto de Breitner. Ele certamente parecia um pinto no lixo. Seu sorriso era o de um homem que havia ganhado na loteria.

— A Turkish Airlines anuncia a partida do voo TA628 para Sanliurfa...

Rob pegou seu passaporte e seu cartão de embarque e dirigiu-se à fila para entrar no avião, que estava meio vazio. Era evidente que pouca gente ia para Sanliurfa. Lá nos confins do selvagem leste da Anatólia. Lá nos confins do perigoso, empoeirado e insurrecionista Curdistão.

Durante o voo, Rob leu o restante dos documentos e livros sobre a história arqueológica de Gobekli. As estranhas pedras descobertas pelo pastor revelaram-se os topos achatados e oblongos de megálitos, grandes pedras ocre frequentemente esculpidas com imagens extravagantes e delicadas — sobretudo de animais e pássaros. Falcões, abutres e estranhos insetos. Serpentes sinuosas eram outro tema frequente. As próprias pedras pareciam representar homens, segundo

especialistas — as pedras possuíam "braços" estilizados que se dobravam nas laterais.

Até então, 43 pedras haviam sido escavadas. Achavam-se dispostas em círculos de 5 a 10 metros de diâmetro. Ao redor dos círculos, havia bancos de pedra, pequenos nichos e paredes de tijolo de barro. Rob refletiu sobre o que havia descoberto. Tudo aquilo era razoavelmente interessante. Mas fora a idade do sítio o que de fato deixara as pessoas alvoroçadas. Gobekli Tepe era incrivelmente antiga. De acordo com Breitner, o complexo tinha pelo menos 10 mil, talvez 11 mil anos. Em outras palavras, datava de 8.000-9.000 a.C.

Onze mil anos de idade? Aquilo parecia incrivelmente antigo. Mas seria? Rob voltou ao seu livro de história para comparar essa idade com a de outros locais. Stonehenge foi construído aproximadamente em 2.000 a.C. A Esfinge, talvez em 3.000 a.C. Antes da descoberta e datação de Gobekli Tepe, o "mais antigo" complexo megalítico situava-se em Malta — e datava de 3.500 a.C. aproximadamente.

Gobekli Tepe era, portanto, 5 mil anos mais velha do que qualquer estrutura comparável. Rob dirigia-se a uma das mais antigas construções humanas. Talvez a mais antiga.

Ele sentiu sua Antena Jornalística disparar. A Construção Mais Antiga do Mundo Descoberta na Turquia? Hmmm. Talvez não rendesse a primeira página, mas era bastante provável que lhe rendesse a terceira. Um grande destaque. Além disso, a despeito das notícias no jornal, ao que parecia nenhum jornalista ocidental de fato fora a Gobekli Tepe. Todos os artigos na mídia ocidental eram de segunda ou de

terceira mão, através de agências de notícias turcas. Rob seria o primeiro a chegar.

Sua viagem havia por fim terminado. O avião se inclinou, mergulhou e girou até parar no aeroporto de Sanliurfa. A noite estava escura e límpida. Tão límpida que, pelas janelas do avião, na verdade parecia fria. Mas quando a porta se abriu e a escada do avião foi baixada, Rob sentiu uma rajada de ar quente e opressivo. Como se alguém tivesse acabado de abrir um imenso forno. Aquele era um lugar quente. Muito quente. Afinal de contas, eles achavam-se às margens do grande Deserto Sírio.

O aeroporto era minúsculo. Rob gostava de aeroportos minúsculos. Sempre possuíam uma personalidade que faltava aos aeroportos modernos, gigantescos e impessoais. E o de Sanliurfa era particularmente idiossincrático. As malas eram carregadas até o saguão de desembarque por um sujeito gordo e barbado, com colete manchado, e o Controle de Passaportes consistia em um sujeito semi-adormecido diante de uma mesa bamba.

No estacionamento do aeroporto, uma brisa morna e poeirenta agitava a folhagem das palmeiras dispersas. Vários motoristas o observavam da fileira de táxis. Rob olhou e escolheu.

— Sanliurfa — disse a um dos mais jovens.

O homem de cavanhaque incipiente sorriu. Sua camisa de brim estava rasgada, mas limpa. Ele parecia amistoso. Mais amistoso do que os outros motoristas, que bocejavam e cuspiam. Melhor ainda, o rapaz parecia saber falar inglês. Depois de um rápido diálogo sobre a tarifa e a localização do



hotel de Rob, o motorista pegou a bagagem de Rob e a enfiou, decidido, na mala do carro, então se sentou na frente, balançou a cabeça e disse:

— Urfa! Não Sanliurfa. Urfa!

Rob recostou-se no assento do táxi. Sentia-se bastante cansado a essa altura. Havia sido uma longuíssima viagem desde Tel Aviv. No dia seguinte iria ver a estranha escavação. Mas por ora precisava dormir. O motorista de táxi, contudo, estava disposto a mantê-lo conversando.

— Você quer cerveja? Conheço lugar bom.

Rob gemeu internamente. Campos escuros passavam correndo.

— Não, obrigado.

— Mulher? Conheço boa mulher!

— Hmm, não. Não mesmo.

— Tapete. Você quer tapete. Eu tenho irmão...?

Rob suspirou e olhou para o retrovisor. Então viu o rosto do motorista encarando-o. O sujeito estava sorrindo. Estava brincando.

— Muito engraçado.

O taxista riu.

— Malditos tapetes! — E, sem tirar os olhos da estrada, virou-se e estendeu a mão. Rob a apertou.

— Meu nome Radevan — disse o motorista. — Você?

— Robert. Rob Luttrell.

— Olá, sr. Robert Luttrell.

Rob riu e disse olá. Estavam nos arredores da cidade agora. Postes de luz e lojas de pneus demarcavam a rua vazia, repleta de lixo. A placa de um posto de gasolina Conoco brilhava

vermelha na escuridão sufocante. Blocos de concreto de apartamentos erguiam-se de ambos os lados. A sensação de calor estava em toda parte. Ainda assim, Rob via mulheres atrás das janelas em cozinhas afastadas: ainda usando véus.

— Você precisa motorista? Você aqui negócios? — perguntou Radevan.

Rob pensou a respeito. Por que não? O sujeito era amistoso, tinha senso de humor.

— Claro, preciso de um motorista e de um intérprete. Para amanhã? Talvez mais.

Radevan esmurrou alegremente o volante com a palma de uma das mãos enquanto acendia um cigarro com a outra. Nenhuma de suas mãos se achava de fato no volante. Rob pensou que fossem sair da estrada, indo de encontro a uma mesquita iluminada com néon, mas Radevan moveu o volante e eles voltaram aos trilhos. Entre baforadas em seu cigarro forte, o motorista conversava.

— Posso ajudar você. Eu bom tradutor. Falo curdo, inglês, turco, japonês, alemão.

— Você fala alemão?

— *Nein*.

Rob riu novamente. Estava começando a simpatizar com Radevan, não só por este haver acelerado 16 quilômetros em dez minutos sem bater, como porque já estavam no meio da cidade. Havia barracas fechadas de kebab e lojas de baclavá que ficavam abertas até tarde da noite por toda parte. Um homem de terno e um homem com vestimentas árabes. Dois garotos passaram acelerados em um ciclomotor. Mulheres jovens de jeans e lenços vivamente coloridos na cabeça riam

de uma piada. Motoristas buzonavam nas proximidades de um cruzamento. O hotel de Rob era bem no centro da cidade.

Radevan estava olhando para Rob pelo retrovisor.

— Sr. Rob, você inglês?

— De certa forma... — disse Rob. Não desejava envolver-se em uma longa discussão sobre sua origem precisa; não naquele momento. Estava cansado demais. — Um pouco.

Radevan forçou um sorriso.

— Eu gosto de ingleses! — Esfregou o indicador e o polegar, como se pedisse dinheiro. — Eles são ricos. Ingleses muito ricos!

Rob deu de ombros.

— Bem... alguns.

Radevan insistiu.

— Dólares e euros! Dólares e libras! — Outro sorriso. — OK, pego você amanhã. Aonde você vai?

— Gobekli Tepe. Conhece?

Silêncio. Rob tentou novamente.

— Gobekli Tepe?

Radevan nada disse e parou o carro de repente.

— Seu hotel — anunciou, sem rodeios. Seu sorriso subitamente desaparecera.

— Hmm... você me encontrar amanhã? — perguntou Rob, passando ao inglês *pidgin*. — Radevan?

Radevan assentiu com um aceno de cabeça. Ajudou Rob a carregar suas malas até as escadas do hotel e então retornou ao táxi.

— Você diz... você diz você quer Gobekli Tepe?

— Isso.

Radevan franziu as sobancelhas.

— Gobekli Tepe lugar ruim, sr. Rob.

Rob estava diante da entrada do hotel, com a sensação de estar em uma adaptação cinematográfica de *Drácula*, de Bram Stoker.

— Ei, é só uma escavação, Radevan. Você pode me levar ou não?

Radevan cuspiu na rua. Então entrou no táxi e se inclinou para fora da janela.

— Nove horas amanhã.

O táxi desapareceu, as rodas girando vigorosamente rumo ao tumulto sufocante das ruas de Sanliurfa.

Na manhã seguinte, depois de um café da manhã composto de ovos cozidos, queijo de cabra e três tâmaras, Rob entrou no táxi. Eles saíram da cidade. Enquanto seguiam viagem, Rob perguntou a Radevan o porquê de sua atitude em relação a Gobekli.

A princípio o motorista pareceu irritado. Dava de ombros e resmungava. Mas à medida que as estradas ficaram mais vazias e os vastos campos irrigados predominaram, ele se abriu, tal qual a paisagem.

— Não é bom.

— Me conte.

— Gobekli Tepe podia ser rica. Podia enriquecer povo curdo.

— Mas?

Radevan tragou com raiva seu terceiro cigarro.

— Olha esse lugar, essas pessoas!

Rob olhou de relance pela janela. Estavam passando por um vilarejo de casas de barro e esgoto a céu aberto, com crianças sujas brincando no lixo. As crianças acenaram para o carro. No outro lado do vilarejo havia uma plantação de algodão, onde mulheres com lenços arroxeados na cabeça curvavam-se sobre a colheita, na terra e na lama, em meio ao calor abrasador. Ele tornou a olhar para seu motorista.

Radevan emitiu um sonoro muxoxo.

— Povo curdo pobre. Eu, eu motorista de táxi. Mas eu falo línguas! Ainda assim, eu motorista de táxi.

Rob assentiu com um aceno de cabeça. Estava ciente da insatisfação curda. Da campanha em prol da separação.

— Governo turco, eles nos mantêm pobres...

— OK, claro, certo — disse Rob. — Mas não estou entendendo o que isso tem a ver com Gobekli Tepe.

Radevan jogou a guimba do cigarro pela janela. Rodavam novamente em campo aberto, o Toyota maltratado chocalhando sobre a estrada indistinta e suja. À distância, montanhas azuis tremeluziam com o vapor produzido pela quentura.

— Gobekli Tepe podia ser como pirâmides ou como... Stonehenge. Mas eles deixam tudo parado. Podia ter muitos, muitos turistas aqui, pagar dinheiro povo curdo, mas não. Governo turco diz não. Não colocam avisos nem constroem estrada aqui. Igual segredo. — Ele tossiu, cuspiu pela janela e então tornou a levantar o vidro para evitar a poeira ascendente. — Gobekli Tepe lugar ruim — disse novamente, então se calou.

Rob não soube o que dizer. À sua frente, baixas encostas marrom-amareladas passavam continuamente em direção à Síria. Ele viu outro vilarejo curdo, com delgados minaretes erguendo-se acima dos telhados de zinco, como uma torre de vigia sobre um campo de prisioneiros. Rob gostaria de dizer que, se havia algo atrasando os curdos, provavelmente eram suas tradições, seu isolamento e sua religião. Mas não achava que Radevan fosse querer ouvir.

Eles rodaram em silêncio. A estrada piorou e o semi-árido tornou-se mais hostil. Por fim Radevan fez o carro derrapar em outra curva e Rob ergueu os olhos e avistou uma amoreira solitária, absoluta contra o céu sem nuvens. Radevan balançou a cabeça e disse Gobekli, então estacionou bruscamente. Girou no assento e sorriu, seu bom humor tendo aparentemente voltado. Em seguida saltou do carro e abriu a porta para Rob, como um chofer, e Rob sentiu-se ligeiramente constrangido. Não queria um chofer.

Radevan voltou para o carro e pegou um jornal que exibia uma grande fotografia de um jogador de futebol. Era evidente que ia esperar. Rob despediu-se e disse três horas? Radevan sorriu.

Girando, Rob subiu a encosta e alcançou o topo. Por trás dele, estendiam-se 30 quilômetros de vilarejos poeirentos, deserto desocupado e campos de algodão queimados. À frente, revelava-se uma cena impressionante. Em meio à árida desolação, havia sete elevações abruptas. E dezenas de trabalhadores e arqueólogos espalhavam-se ao longo da maior encosta. Os escavadores e trabalhadores erguiam baldes de

rochas e trabalhavam a terra com seriedade. Havia barracas, escavadoras mecânicas e teodolitos.

Rob continuou a caminhar, sentindo-se um intruso. Alguns dos escavadores haviam parado de trabalhar e se virado para olhar para ele. Justo quando estava ficando realmente constrangido, um europeu simpático, na casa dos 50 anos, aproximou-se. Rob reconheceu Franz Breitner.

— *Willkommen* — disse jovialmente o alemão, como se já conhecesse Rob. — Você é o jornalista da Inglaterra?

— Sou.

— Você é um homem de muita sorte.

## 4

O saguão do Hospital St. Thomas estava movimentado como sempre. O inspetor-chefe Mark Forrester abriu caminho em meio a enfermeiras alvoroçadas, familiares tagarelas e anciãs em cadeiras de rodas com dispositivos intravenosos pendendo de estruturas de aço e perguntou-se, pela terceira vez naquela manhã, se conseguia suportar o que era obrigado a fazer.

Precisava ver um homem mutilado. Aquilo era difícil. Ele vira diversas cenas repugnantes — tinha 42 anos e era detetive havia dez —, mas alguma coisa naquele caso era particularmente inquietante.

Vendo a indicação da UTI, Forrester subiu rapidamente um lance de escadas, foi até a recepção, exibiu suas credenciais da Polícia Metropolitana diante de uma garota de rosto doce — e pediram-lhe que esperasse.

Alguns segundos mais tarde, um médico de aparência chinesa surgiu, tirando as luvas de borracha das mãos.

— Dr. Sing?

— Inspetor Forrester?

Forrester assentiu e estendeu a mão para o médico, que estava sem luva. O aperto devolvido foi hesitante, como se o médico estivesse prestes a dar más notícias. Forrester sentiu um leve pânico.

— Ele ainda está vivo?

— Sim, mas muito fraco.

— Então, o que aconteceu?

O médico olhou para algum lugar por sobre os ombros de Forrester.

— Glossectomia total.

— Desculpe?

Um suspiro doutoral.

— Removeram toda a língua dele. Com algum tipo de podadeira... Forrester olhou pelas portas de plástico para a enfermaria.

— Meu Deus, me informaram que o caso era feio, mas... — Em algum lugar ali dentro, além das portas, estava sua única testemunha. Ainda viva. Mas sem a língua.

O médico balançava a cabeça.

— A perda de sangue foi significativa. E não só a partir da... língua. Eles também gravaram linhas no peito dele. E lhe raspam a cabeça.

— Então você acha...?

— Acho que se eles não tivessem sido interrompidos, teria sido pior. — O médico encarou Forrester. — O que quero



dizer é que se o alarme do carro não tivesse disparado, eles provavelmente o teriam matado.

Forrester suspirou.

— Tentativa de assassinato.

— O policial é você. — O médico adotara uma expressão impaciente.

Forrester assentiu com um aceno de cabeça.

— Posso vê-lo?

— Quarto 37. Mas por pouco tempo, por favor.

Forrester apertou a mão do médico novamente, apesar de não saber ao certo por quê. Então atravessou as portas de plástico, evitou uma maca repleta de amostras de urina e bateu na porta do quarto 37. Tudo que conseguiu ouvir foi um gemido do lado de dentro. O que ele deveria fazer? Então se lembrou: a língua do sujeito havia sido removida. Suspirando, o detetive abriu a porta. Era um quarto pequeno, simples, do Serviço de Saúde Britânico, com uma TV suspensa em uma armação de metal em um dos cantos. A TV estava desligada. O cômodo cheirava a flores e alguma coisa pior. Na cama, um homem já bastante velho encarava Forrester com ar selvagem. Sua cabeça havia sido completamente raspada, deixando uma confusão de cortes e cicatrizes no couro cabeludo nu. O desenho lembrou a Forrester um mapa ferroviário. A boca do homem estava fechada, mas havia sangue encrostado nos cantos de seus lábios, como molho de carne ressecado, grudado na boca de um frasco velho; ataduras cobriam o tronco do paciente.

— David Lorimer?

O homem assentiu com um aceno de cabeça. E o olhou fixamente.

Foi esse olhar selvagem que deu a Forrester o que pensar. Em sua carreira, vira muitos rostos assustados, mas o absoluto terror que brotava dos olhos daquele homem era outro assunto.

David Lorimer murmurou alguma coisa. Em seguida começou a tossir e pequenas partículas de sangue foram expelidas de sua boca; Forrester sentiu uma forte culpa.

— Por favor. — Ele ergueu uma das mãos. — Não quero incomodá-lo. Eu só queria... verificar uma coisa...

Os olhos do homem estavam cheios de lágrimas, como os de uma criança perturbada.

— O senhor passou por uma terrível provação, sr. Lorimer. Nós só... Eu só... quero dizer que estamos determinados a pegar essa gente.

As palavras eram pateticamente inadequadas. Aquele homem havia sido brutalizado e aterrorizado. Tivera a língua decepada com uma podadeira. Havia gravado linhas sobre a carne viva. Forrester sentiu-se um idiota. O que desejava dizer era "vamos pegar esses filhos da puta", mas aquele quarto tampouco parecia o lugar certo para uma postura tão absurda. Por fim, sentou-se em uma cadeira de plástico ao pé da cama e sorriu calorosamente para a vítima, tentando relaxá-la.

Pareceu funcionar. Um minuto ou dois se passaram, e os olhos do velho já não pareciam tão apavorados. Em troca, Lorimer acenou com a mão trêmula na direção de alguns papéis sobre a mesa de cabeceira. Forrester levantou-se, foi

até a mesa e pegou os documentos. Era um maço de notas escritas a mão.

— São suas?

Lorimer assentiu com a cabeça. Manteve os lábios firmemente fechados.

— Descrições dos atacantes?

Ele tornou a assentir.

— Muito obrigado, sr. Lorimer. — Forrester estendeu o braço e deu-lhe um tapinha no ombro, sentindo-se constrangido ao fazer isso. O homem na verdade parecia prestes a chorar.

Embolsando os documentos, Forrester deixou o quarto o mais rápido possível. Desceu as escadas e atravessou as portas de vaivém.

Quando alcançou o ar chuvoso de final de primavera no Embankment coberto de folhas, emitiu um profundo suspiro de alívio. A atmosfera de terror no quarto, nos olhos fixos do sujeito, fora tudo intenso demais.

Descendo e atravessando às pressas o rio Tâmis, com as Casas do Parlamento amareladas e góticas a sua esquerda, Forrester leu os garranchos.

David Lorimer era zelador do Museu Benjamin Franklin. Tinha 64 anos. Estava próximo da aposentadoria. Morava sozinho em um apartamento em cima do museu. Na noite anterior, havia acordado por volta das quatro da manhã com o som abafado de vidro quebrado no andar de baixo. O apartamento era um sótão adaptado e ele precisou descer até o porão. Lá, encontrou cinco ou seis homens desconhecidos, aparentemente jovens, usando máscaras de esqui ou

balacravas. Os sujeitos haviam arrombado o museu com bastante perícia e estavam cavando o porão. Um deles possuía "uma voz elegante".

E aquilo era basicamente tudo que as anotações de Lorimer diziam. Durante o ataque, por alguma razão, o alarme de um carro havia disparado, provavelmente a mais absoluta e miraculosa coincidência — justo quando os sujeitos estavam cortando o pescoço e o peito de Lorimer, e então eles fugiram. O zelador tinha sorte de estar vivo. Se o rapaz, Alan Greening, não tivesse entrado ali e o encontrado, ele teria sangrado até a morte.

A mente de Forrester achava-se repleta de especulações. Virando à direita na Strand, ele percorreu a silenciosa ruela georgiana até o museu, a Casa Benjamin Franklin. A casa fora isolada com fita plástica azul e branca. Havia dois carros da polícia estacionados em frente, um policial uniformizado à porta e uns poucos e inequívocos jornalistas com gravadores abrigados sob o toldo de um prédio de escritórios, com copos de café para viagem.

Um deles adiantou-se quando Forrester se aproximou.

— Detetive, é verdade que a vítima teve a língua decepada? Forrester virou-se, sorriu levemente e nada disse.

A jornalista, jovem e bonita, tentou novamente.

— Foi algum tipo de ação neonazista?

Aquilo fez Forrest hesitar. Ele virou-se e olhou para a mulher.

— A entrevista coletiva é amanhã. — Era mentira, mas resolveria. Tornando a virar na direção da casa, ele agachou-se sob a fita e mostrou seu distintivo. O policial uniformizado abriu a porta e Forrester imediatamente detectou o odor

penetrante e químico dos peritos em ação. Emitindo gases em busca de impressões digitais. Rastreado o local. Gel de silicone e Superglue. Caminhando até o final do aristocrático corredor georgiano com seus retratos de Benjamin Franklin, Forrester tomou a estreita escada rumo ao porão.

O porão estava bem movimentado. Duas peritas forenses usando máscaras e trajes de papel verde descartável trabalhavam a um canto. As manchas de sangue no chão eram nítidas, pegajosas e escuras. O sargento Boijer acenou do outro lado da sala. Forrester sorriu em resposta.

— Eles estavam cavando aqui — disse o sargento Boijer. Forrester percebeu que o cabelo louro de Boijer fora recém-cortado, e que o corte parecia caro.

— O que eles estavam procurando?

O sargento Boijer deu de ombros.

— Não faço ideia. — Ele indicou com uma das mãos os ladrilhos quebrados. — Mas eles suaram. Devem ter levado algumas horas para revirar toda essa merda e chegar tão fundo.

Forrester inclinou-se para avaliar o solo revirado, a profunda e úmida cavidade na terra.

Boijer continuou a falar atrás dele:

— O senhor viu o zelador?

— Vi, pobre coitado.

— O médico me contou que eles estavam tentando matá-lo. Aos poucos.

Forrester respondeu sem se virar:

— Acho que eles estavam tentando fazê-lo sangrar até a morte. Se o alarme do carro não tivesse disparado e ele não

tivesse tido a sorte de o rapaz ter chegado, teria morrido pela perda de sangue.

Boijer assentiu.

Forrester pôs-se de pé.

— Então é tentativa de assassinato. Melhor falar com Aldridge. Ele vai querer um investigador sênior, tudo isso. Vai montando uma sala de ocorrência.

— E as cicatrizes no peito dele?

— Perdão?

Forrester virou-se. Boijer tinha o rosto contraído e segurava uma foto.

— Não viu isso? — Ele estendeu a foto. — O médico fotografou as cicatrizes no peito do sujeito. Mandou a foto por e-mail para a delegacia esta manhã; não tive oportunidade de mostrar.

Forrester olhou. O peito branco do zelador, frágil e vulnerável, estava exposto diante da câmera. Uma Estrela de Davi fora cruelmente gravada sobre a pele. Inconfundível. A pele fora cortada de forma grosseira, mas o símbolo era claramente decifrável. Dois triângulos justapostos. Uma Estrela de Davi judaica. Gravada na carne viva.

## 5

— Então estes são os entalhes, os novos mencionados no artigo?

— *Ja.*

Rob achava-se no meio da escavação, ao lado de Breitner. Os dois estavam de pé ao lado de uma cratera, fitando um círculo

de altas pedras em forma de T no interior da cavidade cercada. Eram os megálitos. Por todos os lados, a escavação prosseguia com diligência: trabalhadores turcos espanavam e removiam a terra com pás, desciam escadas, empurravam carrinhos de mão de entulho ao longo de tábuas de passagem. O sol estava quente.

Os entalhes eram estranhos — e ainda assim familiares, porque Rob os vira nas fotos do jornal. Havia uma pedra entalhada com leões e alguns pássaros desgastados; talvez patos. Na pedra seguinte havia alguma coisa que parecia um escorpião. Cerca de metade dos megálitos possuía entalhes similares, muitos deles seriamente erodidos, outros não. Rob bateu algumas fotos com a câmera de seu celular, então rabiscou umas poucas impressões em seu bloco de notas, desenhando a estranha forma em T dos megálitos o melhor que podia.

— Mas — disse Breitner —, claro que isso não é tudo. *Komm.*

Eles percorreram a lateral da cratera rumo a outra cavidade. Havia mais três pilares ocre na área cercada, circundados por uma parede de tijolos de barro. Indícios do que pareciam ser ladrilhos cintilavam no chão entre os pilares. Uma alemã jovem e loura disse Guten Tag a Rob quando passou carregando um pequeno saco plástico transparente cheio de pedras minúsculas.

— Temos muitos estudantes de Heidelberg aqui.

— E os outros trabalhadores?

— Todos curdos. — Os olhos brilhantes de Breitner turvaram-se por um segundo por trás dos óculos. — Também

tenho outros especialistas aqui, é claro, paleobotânicos e dois ou três outros. — Ele pegou um lenço e enxugou o suor da calva. — E esta é Christine...

Rob virou-se. Proveniente do centro de operações alojado em barracas, um vulto pequeno, porém decidido, vestindo calças caqui e camisa branca extraordinariamente limpa, aproximou-se dele. Todos os demais na escavação achavam-se cobertos pelo ubíquo pó bege dos montes de aparência extenuada de Gobekli Tepe. Mas não aquela arqueóloga. Rob sentiu-se tenso — como sempre ocorria quando era apresentado a uma jovem atraente.

— Christine Meyer. A mulher dos esqueletos!

A mulher miúda, de cabelos escuros, estendeu a mão:

— Osteoarqueóloga. Eu cuido da antropologia biológica. Restos humanos e por aí vai. Mas ainda não encontramos nada dessa natureza.

Rob detectou um sotaque francês. Como se tivesse adivinhado os pensamentos de Rob, Breitner interrompeu.

— Christine trabalhava em Cambridge sob as ordens de Isobel Previn, mas é de Paris, portanto somos bastante internacionais aqui....

— Sou francesa, sim. Mas vivi na Inglaterra durante muitos anos. Rob sorriu:

—Sou Rob Luttrell... e nossa história é parecida! Quer dizer, eu sou americano. Mas moro em Londres desde os 10 anos.

—Ele está aqui para escrever sobre Gobekli! — Breitner soltou uma risada. — Então vou mostrar a ele o lobo!

— O crocodilo — disse Christine.



Breitner riu, se virou e continuou a andar. Rob olhou de relance para os dois cientistas, confuso. Breitner gesticulou com uma das mãos, instando Rob a segui-lo.

— *Komm*. Vou mostrar.

Eles fizeram outra caminhada tortuosa em meio às inúmeras depressões e ruínas. Rob olhou em volta. Havia megálitos por toda parte. Alguns ainda semienterrados. Outros se projetavam em perigosos ângulos. Ele murmurou:

— É muito maior do que eu esperava...

O caminho estreito os obrigava a caminhar em fila indiana. Christine retrucou atrás de Rob:

—O GPR e o magnetismo indicam que pode haver mais 250 pedras enterradas sob estas colinas. Talvez mais.

—Uau.

—É um lugar incrível.

—E incrivelmente antigo, está na cara. Não é?

—É...

Breitner agora corria à frente deles. Para Rob, ele parecia um menino ansioso para mostrar aos pais seu novo esconderijo. Christine continuou:

— Na verdade, foi muito difícil datar o sítio: não há restos orgânicos.

Eles alcançaram uma escada de aço e Christine deslocou-se para o lado de Rob.

— Aqui, assim. — Ela desceu rapidamente. Era evidente que ela não se importava em se sujar, apesar da camisa.

Rob seguiu-a com muito menos rapidez. Eles estavam agora no nível do solo em uma das depressões. Os megálitos se projetavam ao seu redor, como guardas taciturnos. Rob

perguntou-se como seria o local à noite e descartou o pensamento fugaz. Abriu seu bloco de anotações.

— Então, o que você estava dizendo, a respeito da datação?

— É. — Christine franziu a testa. — Até recentemente não tínhamos certeza da idade do lugar. Quer dizer, sabíamos que era muito antigo... mas se era do fim do PP Neolítico A, ou PPNB...

— Como é?

— Semana passada, finalmente conseguimos, através da datação com carbono, determinar a idade de alguns fragmentos de carvão vegetal que encontramos em um megálito.

Rob tomou nota da informação.

— E o lugar tem 10 ou 11 mil anos, não é? Era o que dizia o artigo do *Trib*?

— Na realidade a informação era incorreta. Até mesmo a datação por carbono é só uma estimativa. Para ter uma data mais precisa, comparamos a análise do radiocarbono com alguns dos sílices que encontramos, pontas de Nemrik e pontas de Biblos... tipos de pontas de flechas e daí por diante. Reunindo essas e outras informações, achamos que Gobekli está, na verdade, mais próximo de 12 mil anos.

— Daí o entusiasmo?

Christine olhou de relance para ele, afastando o cabelo escuro de seus olhos claros. Então riu.

— Acho que Franz quer que você olhe para o lagarto dele.

— Lobo — corrigiu Breitner, ao lado de outro pilar semi-enterrado em forma de T. Ao pé desse pilar, junto à perpendicular de uma pedra, havia uma escultura de um

animal de cerca de 60 centímetros de comprimento. Havia sido delicadamente esculpida e parecia estranhamente nova. A mandíbula de pedra rosnava em direção ao solo. Rob olhou para Breitner e para o trabalhador turco pouco adiante dele. O turco olhava para Breitner com o que parecia ser raiva, ou mesmo ódio. A expressão era chocante. Quando o sujeito viu Rob olhando para ele, girou e subiu a escada às pressas. Rob tornou a olhar para Breitner, decididamente alheio àquele pequeno intercâmbio.

— Só encontramos isso ontem.

— O que é isso?

— Eu acho que é um lobo, a julgar pelas patas.

— E eu acho que é um crocodilo — disse Christine. Breitner riu.

— Está vendo? — Ele tornou a colocar os óculos, que cintilaram ao sol. E, por um instante, Rob sentiu uma súbita admiração por aquele homem, tão satisfeito e entusiasmado com seu trabalho.

Breitner prosseguiu:

— Você, eu e esses trabalhadores, nós somos as primeiras pessoas a ver isso desde... desde o fim da Era Glacial.

Rob piscou. Era um pensamento verdadeiramente impressionante.

— Esta escultura é muito nova para nós — acrescentou Christine. — Ninguém sabe o que é. Você está vendo pela primeira vez uma coisa muito importante. Não há ninguém para interpretá-la por você. Seu palpite sobre o que pode ser é tão bom quanto o de qualquer pessoa.

Rob fitou a mandíbula da criatura de pedra.

— Para mim parece um gato, ou um coelho nervoso. Esfregando o queixo, Breitner replicou:

—Um felino? Sabe, eu não tinha pensado nisso. Alguma espécie de gato selvagem...

—Posso colocar tudo isso em meu artigo?

—*Ja, natürlich* — disse Breitner. Mas não sorriu ao responder. — E agora, acho que... um pouco de chá cai bem.

Rob concordou. Estava com sede. Breitner liderou o caminho de volta através do labirinto de depressões cobertas, depressões abertas, áreas cercadas cobertas de lona e trabalhadores carregando baldes. No final da última elevação havia uma área mais plana com tendas abertas nas laterais, guarnecidas com tapetes vermelhos. Um samovar a um canto produziu três copos em forma de tulipa do doce *çay* turco. As tendas abertas proporcionavam uma vista espetacular: diante deles estendiam-se as intermináveis planícies amareladas e baixos montes poeirentos, que ondulavam em direção à Síria e ao Iraque.

Eles sentaram-se e conversaram durante vários minutos. Breitner estava explicando como a região ao redor de Gobekli era muito mais fértil — não o deserto que se tornara desde então.

— Há 10 ou 12 mil anos, a região era muito menos árida. Na verdade, ela era linda... uma paisagem pastoril. Rebanhos de animais selvagens, pomares de árvores frutíferas silvestres, rios cheios de peixes... Por isso que você vê entalhes de animais nas pedras... seres que já não vivem aqui.

Rob tomou nota daquilo. Desejava saber mais — mas dois trabalhadores turcos se aproximaram e fizeram a Breitner

uma pergunta em alemão. Rob conhecia a língua apenas o suficiente para inferir o significado: eles queriam cavar uma cratera muito mais profunda para ter acesso a um novo megálito. Breitner parecia claramente preocupado com a segurança de uma escavação de tal magnitude. Por fim Breitner suspirou, deu de ombros na direção de Rob e saiu para resolver a questão. Quando ele se afastou, Rob percebeu que um dos trabalhadores olhava de cara feia: uma expressão estranha e sombria. Ali definitivamente havia tensão. Por quê? Ele se perguntou se deveria fazer menção a suas suspeitas agora que ele e Christine estavam sozinhos. O barulho da escavação soava abafado àquela distância — tudo o que Rob podia ouvir eram fracos tinidos de espátulas e pás, pequenos ruídos ocasionalmente transportados pelo vento quente do deserto. Rob estava prestes a fazer sua pergunta quando Christine disse:

— Então, o que você acha de Gobekli?

— É incrível. Claro.

— Mas você sabe quão incrível?

— Acho que sim. Não sei?

Ela o encarou com ceticismo.

— Por que você não me diz então?

Christine bebericou seu chá no copo em forma de tulipa.

— Pense nisso dessa maneira, Rob. O que você precisa lembrar é... a idade do lugar. Doze mil anos.

— E...?

— E evocar o que os homens faziam na época.

— O que você está querendo dizer?

— Os homens que construíram este lugar eram caçadores-coletores.

— Homens das cavernas?

— De certa forma, sim. — Ela lançou-lhe um olhar direto, sério. — Antes de Gobekli Tepe, não fazíamos ideia de que homens tão primitivos pudessem construir algo assim, pudessem criar arte e arquitetura sofisticada. E rituais religiosos complexos.

— Por serem apenas homens das cavernas?

— Exato. Gobekli Tepe representa uma revolução na nossa percepção. Uma revolução total. — Christine terminou seu chá. — Muda a maneira como devemos pensar sobre toda a história da humanidade. E mais importante do que qualquer outra escavação em qualquer lugar do mundo nos últimos cinquenta anos e uma das maiores descobertas arqueológicas da história.

Rob estava intrigado e bastante impressionado. Também se sentia um pouco como um colegial sendo instruído.

— Como eles fizeram isto?

— Essa é a pergunta. Homens com arcos e flechas. Que não tinham nem mesmo a cerâmica. Ou a agricultura. Como construíram este templo imenso?

— Templo ?

— Ah, sim, é bem provável que seja um templo. Não achamos qualquer indício de habitação doméstica, qualquer sinal de assentamento, por rudimentar que fosse, só imagens estilizadas de caça. Imagens celebratórias ou ritualísticas. É possível que tenhamos encontrado nichos para ossos, para ritos fúnebres. Por isso Breitner acha que é um templo, a

primeira construção religiosa do mundo, projetada para comemorar a caça e render homenagem aos mortos. — Ela sorriu em silêncio. — E eu acho que ele está certo.

Rob abaixou a caneta e pensou na expressão resplandecente e jovial de Breitner.

— Ele é um cara super bem-humorado, não é?

— Você não seria? Ele é o arqueólogo mais sortudo do mundo. Está revelando o mais espetacular dos sítios.

Rob concordou e fez mais anotações. O entusiasmo de Christine era quase tão contagioso quanto o de Breitner. E suas explicações eram mais claras. Rob ainda não compartilhava totalmente do assombro dos dois diante da "revolução total na nossa percepção" que Gobekli representava, mas começava a antever um artigo bastante surpreendente. Segunda página do bloco principal, tranquilamente. Ainda melhor — uma grande coluna na revista do jornal, com fotos em cores vivas das esculturas. Fotos melancólicas das pedras à noite. Fotos dos trabalhadores cobertos de pó...

Então ele se lembrou da reação de Radevan à menção do lugar e do olhar colérico do trabalhador. E da ligeira mudança de humor de Breitner quando eles conversaram a respeito do artigo de Rob. E a tensão era relação à cratera. Christine estava ao lado do samovar, enchendo seus copos com mais chá-preto quente e adocicado. Ele se perguntou se deveria comentar alguma coisa. Quando ela voltou, ele disse:

— O curioso, Christine, é que eu sei que esta escavação é incrível e tudo mais. Mas todo mundo concorda com isso?

— Como assim?

— Bom... é só que eu... senti uma certa vibração dos moradores locais... uma postura agressiva. Não muito boa. Este lugar irrita algumas pessoas. Meu motorista, por exemplo.

Christine se enrijeceu perceptível mente.

— Continue.

— Meu motorista de táxi. — Rob tamborilou com a caneta sobre o queixo. — Radevan. Quando mencionei Gobekli ontem à noite, ele ficou realmente zangado. E não foi o único. Há uma certa atmosfera. E Breitner parece... ambivalente. Uma ou duas vezes, quando discuti meu artigo com ele esta manhã, ele me pareceu pouco satisfeito com minha presença aqui... Mesmo que risse bastante. — Ele fez uma pausa. — Seria de se pensar que ele quisesse que o mundo tomasse conhecimento, certo? Do que ele está fazendo aqui? Ainda assim, ele não parece à vontade.

Christine nada disse, então Rob permaneceu em silêncio. Um velho truque jornalístico.

Funcionou. Por fim, constrangida pelo silêncio, Christine inclinou-se para a frente.

— OK. Você está certo. Existe... existem... — Ela parou no meio da frase, como se debatesse consigo mesma. A brisa proveniente do deserto estava no mínimo ainda mais quente. Rob esperou e bebericou seu chá.

Afinal ela suspirou.

— Você vai ficar aqui por uma semana, certo? Está escrevendo uma reportagem séria?

— Estou.

Christine assentiu com um movimento de cabeça.



— OK. Deixa que eu te dou uma carona de volta para Sanliurfa. A escavação para à uma da tarde porque fica muito quente, muita gente vai para casa. Eu normalmente vou para casa a essa hora. Nós podemos conversar no meu carro. Em particular.

## 6

No largo empoeirado do estacionamento que conduzia à escavação, Rob deu a Radevan uma boa gorjeta e informou-o de que voltaria para casa por sua própria conta. Radevan olhou para Rob, depois para o dinheiro dobrado em sua mão, em seguida para Christine, de pé pouco atrás de Rob. Lançou a Rob um sorriso perspicaz e manobrou o carro. Enquanto acelerava o motor, o motorista gritou pela janela do automóvel:

— Quem sabe amanhã, sr. Rob?

— Quem sabe amanhã.

Radevan partiu.

O carro de Christine era um Land Rover enferrujado. Ela abriu a porta do passageiro pelo lado de dentro e retirou apressadamente vários documentos que se achavam sobre o assento do passageiro — manuais e revistas acadêmicas —, atirando-os negligentemente no banco de trás. Então deu partida no motor e eles seguiram em ritmo considerável para a estrada principal — descendo acelerados as encostas cobertas de cascalho, rumo às planícies amareladas incandescentes.

— Então... o que está acontecendo? — Rob teve de gritar a pergunta por sobre o ruído dos pneus do carro, que estalavam sobre as pedras.

— O problema principal é a política. Você tem que se lembrar disso no Curdistão. Os curdos acham que os turcos estão roubando sua herança. Levando tudo o que há de melhor para os museus em Ancara e Istambul... eu acho que pode haver um fundo de verdade nisso.

Rob viu um lampejo de luz do sol em um canal de irrigação. Havia lido que aquela área estava sujeita a uma pesada campanha agrícola: o Grande Projeto da Anatólia, empregando as águas do Eufrates para trazer o deserto de volta à vida. O projeto era controverso porque estava inundando e submergindo dezenas de sítios arqueológicos antigos e insubstituíveis. Mas não Gobekli, felizmente. Ele tornou a olhar para Christine, que mudava violentamente a marcha.

— A verdade é que o governo não permite que os habitantes locais ganhem dinheiro com Gobekli Tepe.

— Por quê?

— Por razões arqueológicas perfeitamente válidas. A última coisa de que Gobekli precisa é de milhares de turistas espalhados por toda parte. De modo que o governo não produz sinalização e mantém a estrada desse jeito. O que significa que podemos trabalhar em paz. — Ela girou bruscamente o volante e acelerou. — Mas também consigo entender o ponto de vista dos curdos. Você deve ter visto alguns dos vilarejos a caminho daqui.

Rob fez que sim com a cabeça.

— Alguns.

— Eles não têm nem mesmo água corrente. Saneamento. Mal têm escolas. São miseráveis. E se Gobekli Tepe fosse devidamente divulgada, poderia ser uma imensa máquina de dinheiro. Traria muito dinheiro para a região.

— E Franz está no meio dessa discussão?

— Bem no meio. Ele está sendo pressionado por todos os lados. Pressão para escavar de forma apropriada, pressão para trabalhar mais rápido, pressão para empregar muitos habitantes do local. Até mesmo pressão para permanecer no comando.

— Então é por isso que ele é ambivalente quanto à publicidade?

— É evidente que ele está orgulhoso do que descobriu. Ele adoraria que o mundo soubesse. Ele está trabalhando aqui desde 1994. — Christine desacelerou para permitir que uma cabra atravessasse a estrada, então tornou a acelerar. — Muitos arqueólogos se deslocam um bocado. Eu trabalhei no México, em Israel, na França, desde que saí de Cambridge seis anos atrás. Mas Franz está aqui por mais da metade de sua carreira. Então, sim, ele gostaria de contar ao mundo! Mas se fizer isso, e Gobekli se tornar verdadeiramente famosa, tão famosa quanto deveria ser, bem, então algum figurão em Ancara pode decidir que um turco deveria estar no comando. E ficar com toda a glória.

Rob entendeu melhor a situação. Mas aquilo ainda não explicava muito bem a estranha atmosfera da escavação. O ressentimento dos trabalhadores. Ou talvez fosse sua imaginação?

Eles alcançaram a estrada principal, viraram na direção do asfalto nivelado e seguiram mais rápido, em meio ao tráfego crescente, para Sanliurfa. Enquanto ultrapassavam caminhões de frutas e caminhões do exército, eles conversaram a respeito do interesse de Christine: restos humanos. Seu trabalho relacionado aos sacrifícios humanos em Teotihuacán. O tempo passado em Tel Gezer e Megido, em Israel. Os sítios neandertalenses da França.

— Os hominídeos antigos viveram no sul da França por centenas de milhares de anos, pessoas como nós, mas não totalmente como nós.

— Você quer dizer neandertais?

— Sim, mas possivelmente *Homo erectus* e *Homo antecessor* também. Até mesmo *Homo heidelbergensis*.

— Ahn... OK...

Christine riu.

— Tá perdido de novo? Tudo bem... deixa eu te mostrar uma coisa muito legal. Se isso não te conquistar, nada mais vai conseguir.

O carro dirigia-se ao centro de Sanliurfa. Casas de concreto confundiam-se nas encostas; grandes lojas e escritórios estendiam-se por empoeiradas avenidas iluminadas pelo sol. Havia ruas mais sombreadas e arcaicas: à medida que abriam caminho pelo trânsito, Rob viu uma seção de arcos otomanos, a entrada para uma feira árabe tumultuada e escura, mesquitas escondidas atrás de paredes de pedra decadentes. Sanliurfa obviamente dividia-se em um bairro antigo — muito antigo — e quarteirões novos que se espalhavam pelo semi-árido.

Olhando para a esquerda, ele viu uma imensa área que se assemelhava a um parque, com lagos e canais cintilantes e casas de chá refinadas, um atraente oásis em meio à sujeira e à balbúrdia da grande cidade curda.

— Os Jardins Golbasi — disse Christine. — E aqueles são os tanques de peixes de Abraão. Os habitantes locais acham que o próprio profeta Abraão pôs ali as carpas. Esta cidade é incrível... para quem gosta de história. Adoro este lugar...

O carro havia atravessado as ruas mais estreitas da cidade velha. Girando o volante para a esquerda, Christine pegou uma rua larga que subia uma encosta e desviou para cruzar os portões de um prédio à sombra de uma árvore. A placa dizia Museu de Sanliurfa.

No museu, três homens com a barba por fazer bebericavam seu chá-preto: eles se levantaram e cumprimentaram calorosamente Christine. Em troca, ela brincou com eles de modo familiar, em turco ou curdo. Era certamente uma língua que Rob não conseguiu entender.

Encerradas as brincadeiras, eles atravessaram as portas internas rumo ao pequeno museu, onde Christine conduziu Rob a uma estátua. Tinha dois metros de altura: a efígie, em pedra bege, de um homem com olhos negros de pedra.

— Isto foi descoberto em Sanliurfa dez anos atrás, quando as fundações para um banco perto dos tanques de peixes estavam sendo construídas. Foi encontrado em meio às ruínas de um templo neolítico, possivelmente com 11 mil anos de idade. Portanto, esta é provavelmente a estátua de homem mais antiga já descoberta. No mundo. É o mais antigo autorretrato

em pedra na história do mundo. E simplesmente está aqui, ao lado do extintor de incêndio.

Rob olhou para ela. A expressão da estátua era infinitamente triste ou terrivelmente pesarosa.

Christine gesticulou na direção do rosto.

— Os olhos são de obsidiana.

— É verdade. É incrível.

— Pronto — disse Christine. — Te convenci!

— Mas que diabos ela está fazendo aqui? Quer dizer, se é tão famosa, por que não está em Istambul e na imprensa do mundo todo? Eu nunca sequer ouvi falar dela!

Christine deu de ombros e o movimento fez seu crucifixo de prata cintilar contra a pele bronzeada.

— Talvez os curdos estejam certos. Talvez os turcos não queiram que eles se orgulhem demais de sua herança. Quem sabe?

Ao caminharem até o jardim coberto de folhas do museu, ele mencionou o olhar do trabalhador, o ódio evidente. A estranha atmosfera no sítio.

Christine franziu a testa. Por alguns minutos caminhou ao acaso, mostrando a Rob as diversas ruínas espalhadas pelo jardim, as lápides romanas, as esculturas otomanas. Ao se aproximarem do carro, ela apontou para outra estátua: a representação de um homem que lembrava um pássaro, com as asas estendidas. Seu rosto estreito, com olhos enviesados, cruel e ameaçador.

— Isto foi descoberto perto de Gobekli. É um demônio do deserto, dos assírios, acho. Possivelmente Pazuzu, o demônio do vento. Os assírios e mesopotâmios possuíam centenas de

demônios; é uma teologia bastante assustadora. Liiith, a donzela da desolação; Adramalech, o demônio do sacrifício. Muitos deles associados ao vento e aos pássaros do deserto...

Rob tinha certeza de que ela estava protelando. Esperou até que ela respondesse a sua pergunta.

De repente, ela virou-se para ele.

— OK, você tem razão. Há um... clima na escavação. É engraçado. Nunca vivenciei nada parecido antes e estive em escavações em todo o mundo. Os trabalhadores, eles parecem ressentidos conosco. Nós pagamos bem, mas ainda assim... eles se ressentem de nós.

— É essa questão turco-curda?

— Não. Aí é que está. Não acho que seja isso. Ou ao menos, não só isso. — Christine conduziu-o de volta ao carro, estacionado sob uma figueira. — E a coisa não para por aí. Todos os acidentes estranhos que continuam ocorrendo. Escadas caindo. Coisas desmoronando. Carros quebrando. É mais do que coincidência. Às vezes realmente acho que eles querem que paremos e que partamos. Como se estivessem...

— Escondendo alguma coisa?

A francesa corou.

— É meio louco. Mas é isso. É como se eles estivessem tentando esconder alguma coisa. E há outra coisa. É até bom eu te contar.

Rob mantinha a porta do carro semi-aberta.

— O quê?

Dentro do carro, Christine disse:

— O Franz. Ele faz escavações. À noite. Por conta própria, com alguns trabalhadores. — Ela deu partida no carro e

balançou a cabeça. — E eu não tenho a menor idéia do porquê.

## 7

O inspetor-chefe Forrester sentou-se a sua mesa desarrumada na New Scotland Yard. Tinha à sua frente mais fotos do homem ferido, David Lorimer. As imagens eram abomináveis. Duas estrelas cruelmente gravadas no peito do sujeito, o sangue escorrendo pela pele. A Estrela de Davi.

Lorimer. Nitidamente escocês, não judeu. Teriam os agressores pensado que ele era judeu? Seriam eles judeus? Ou nazistas? Era sobre isso que a jornalista estava falando? A perspectiva neonazista? Forrester virou-se e olhou novamente para as fotos oficiais da cena do crime, o chão do porão: o solo negro como melaço revirado com pás. O buraco feito pelos agressores era profundo. Eles estavam certamente procurando alguma coisa. E procurando com afinco. Teriam encontrado? Mas se eles estavam procurando alguma coisa, por que haviam se dado o trabalho de mutilar o velho quando este os interrompeu? Por que não apenas nocauteá-lo, ou amarrá-lo, ou matá-lo de forma limpa? Por que a crueldade elaborada, ritualística?

De repente, Forrester sentiu necessidade de um drinque de verdade. Em vez disso, bebericou seu chá-preto na caneca lascada com a bandeira da Inglaterra, então se levantou e caminhou até sua janela do décimo andar. Desse posto privilegiado, tinha uma boa visão de Westminster e do centro de Londres. A gigantesca roda de bicicleta de aço do London



Eye, com suas estranhas cabines envidraçadas. As torres góticas das Casas do Parlamento. Ele viu um prédio novo subindo em Victoria e tentou decifrar seu estilo. Sempre tivera desejo de ser arquiteto; chegara a candidatar-se a uma escola de arquitetura quando adolescente, mas batera em retirada quando soube que a formação durava sete anos. Sete anos sem um salário decente? Seus pais não gostaram daquilo — Forrester tampouco. Então ingressou na polícia. Mas ainda gostava de pensar que era um leigo bem-informado sobre o assunto. Diferenciava o barroco eduardiano da Renascença, o pós-moderno do neoclássico. Era uma das razões pelas quais gostava de trabalhar e morar em Londres, apesar das inconveniências: a riqueza arquitetônica da tapeçaria urbana. Ele sorveu o restante do chá, voltou para sua escrivaninha e examinou os relatórios que o investigador sênior havia distribuído nas preces matinais — a reunião das nove da manhã sobre a ocorrência da Craven Street. A filmagem do CFTV falhara em identificar tipos suspeitos nas ruas vizinhas. Não havia nenhuma outra testemunha ocular, apesar de um dia de apelos. As primeiras 24 horas eram as horas áureas de qualquer investigação: caso não surgissem pistas significativas nesse intervalo, o caso seria sabidamente difícil. E assim se provou aquele. Os peritos não conseguiam achar nada: os intrusos haviam até mesmo apagado, com todo o cuidado, as marcas de suas botas. O crime havia sido inteligente e habilmente executado. Ainda assim, eles haviam perdido tempo para mutilar e torturar o velho de forma bastante meticulosa. Por quê?

Confuso, Forrester abriu o Google, digitou Casa de Benjamin Franklin e descobriu que o imóvel havia sido construído nos anos 1730 e 1740. O que a tornava, como presumira Forrester, uma das mais antigas residências familiares da área, exibindo os revestimentos originais, as cornijas, um salão "com dentículos" no primeiro andar. Havia uma escada com as extremidades entalhadas e "pilares dóricos". Ele abriu outra janela com um clique para descobrir o que eram dóricos e, por sinal, dentículos.

Nada de interessante.

O resto da descrição era mais do mesmo. A Craven Street era uma sobrevivente da antiga Londres georgiana. Uma viela da cidade consumidora de gim do século XVIII, escondida entre os engolidores de fogo eslovenos e os cantores de ópera neozelandeses do moderno Covent Garden e os drogados itinerantes e os motoristas de táxi barulhentos da imunda Charing Cross.

A informação não ajudou muito. E quanto ao próprio Franklin? Haveria alguma conexão entre ele e os desconhecidos? Forrester digitou "Benjamin Franklin" no Google. Possuía a vaga ideia sobre ter sido ele o sujeito que descobriu a eletricidade com uma pipa, ou coisa parecida. O Google revelou o restante.

*Benjamin Franklin, 1706-1790, foi um dos renomados fundadores dos Estados Unidos. Foi autor proeminente, teórico da política, homem público, gráfico, cientista e inventor. Como cientista, foi uma das mais importantes personalidades na história da física, por suas descobertas e teorias relativas à eletricidade.*

Forrester continuou a pesquisar, sentindo-se ligeiramente ignorante.

*Nascido em Boston, Massachusetts, Franklin aprendeu tipografia com seu irmão mais velho e tornou-se editor de jornal, tipógrafo e comerciante na Filadélfia. Passou vários anos na Inglaterra e na França, e falava cinco línguas. Foi maçom durante toda a vida, e seu círculo liberal incluía o botânico Joseph Banks e Sir Francis Dashwood, o chanceler britânico. Também foi agente secreto por muitos anos...*

Forrester suspirou e encerrou a pesquisa. Então o sujeito era um sábio. E daí? Por que cavar seu porão? Por que mutilar o zelador de seu museu séculos mais tarde? Ele verificou o relógio de seu computador. Ele precisava almoçar e não conseguira muita coisa. Detestava aquela sensação — uma manhã inteira havia se passado e ele nada conseguira. Era irritante em um nível bastante profundo e existencial.

OK, pensou. Talvez se tentasse a partir de outro ângulo. Alguma coisa mais indireta. Digitou no Google "porão do Museu Benjamin Franklin".

E lá estava, quase que instantaneamente. Sim! Forrester sentiu as espetadelas da adrenalina. Percorreu apressadamente a tela. No primeiro site havia a reprodução textual de uma reportagem do Times, datada de 11 de fevereiro de 1998.

Ossos Descobertos em Casa de Fundador

*Em Craven Street, escavadores na casa de Benjamin Franklin, o Pai Fundador dos EUA, fizeram uma*

*descoberta macabra: oito esqueletos escondidos sob os ladrilhos da adega de vinhos.*

*As estimativas iniciais sugerem que os ossos possuem aproximadamente 200 anos e foram enterrados na época em que Franklin vivia na casa, que foi seu lar de 1757 a 1762 e de 1764 a 1775. A maior parte dos ossos apresenta sinais de haver sido dissecada, serrada ou cortada. Um dos crânios foi estranhamente perfurado com vários orifícios. Paul Knapman, o investigador de Westminster, declarou ontem: "Não posso descartar completamente a possibilidade de crime. Ainda há a possibilidade de que eu precise realizar um inquérito."*

*Os Amigos do Museu Benjamin Franklin alegam que os ossos não possuem conexões ocultas ou criminosas. Afirmam que foram colocados ali provavelmente por William Hewson, que morou na casa durante dois anos e havia construído uma pequena escola de anatomia nos fundos da residência. Eles enfatizam que embora Franklin talvez soubesse o que Hewson estava fazendo, possivelmente não participava das dissecções por ser antes físico do que médico.*

Forrester recostou-se. O porão já havia sido escavado. Com resultados surpreendentes. Teria sido por essa razão que os sujeitos haviam voltado? E o que era aquilo de "conexões ocultas ou criminosas"? Ocultas...

O detetive sorriu. Agora estava ansioso para ir almoçar. Talvez estivesse farejando uma primeira pista.

A noite estava agradável e quente em Sanliurfa. No saguão de seu hotel, Rob encontrou Christine empoleirada em uma cadeira de couro, tentando não inalar a fumaça dos charutos de três executivos turcos sentados nas proximidades. Ela estava chique como sempre — jeans elegantes, sandálias, blusa branca sem mangas sob um cardigã verde-azulado. Sorriu quando avistou Rob, mas ele percebeu a tensão no canto de seus olhos.

Eles iam à casa de Franz Breitner para uns drinques: uma reunião para comemorar o imenso sucesso da última temporada de escavação: a datação de Gobekli Tepe.

— É longe?

— Vinte minutos a pé — respondeu Christine. — E cerca de trinta minutos de carro. É logo depois do mercado.

Os restaurantes e cafés estavam movimentados depois do torpor da tarde. O cheiro de cordeiro assado em espetos giratórios flutuava pelas ruas repletas de redemoinhos de poeira. Motoristas de táxi buzonavam; um aleijado em cadeira de rodas apregoava jornais de Ancara do dia anterior; vendedores de pistache colocavam em posição seus carrinhos envidraçados. Rob absorveu avidamente o exotismo da paisagem.

— Precisamos comprar vinho? Para levar para a casa de Franz?

Christine riu.

— Em Sanliurfa?

Eles ultrapassaram uma torre de relógio na velha cidade. Rob examinou as colunatas antigas, os quiosques vendendo brinquedos de plástico chamativos, os incontáveis carregadores de celular. Vários cafés ao ar livre achavam-se repletos de curdos corpulentos que fumavam narguilés, lambiscavam pratos da alva delícia turca e olhavam sem disfarçar para Christine. Ninguém bebia álcool.

— Eles não vendem bebidas alcoólicas? Em lugar nenhum? — Rob sentiu seu humor despencar. Havia três dias que não tomava uma cerveja ou um copo de vinho. Ele bebia demais, sabia disso, mas era essa sua maneira de lidar com o estresse de seu emprego. Especialmente depois de Bagdá. E três dias sem álcool era tempo mais que suficiente para confirmar um fato que já sabia: ele não combinava com a sobriedade.

— Na verdade, acho que tem umas lojas de bebida na periferia da cidade. Mas é que nem conseguir droga em Londres. Tudo muito dissimulado.

— Meu Deus.

— O que você esperava? Esta é uma cidade muçulmana.

— Já estive em algumas cidades muçulmanas, Christine. Mas pensei que a Turquia fosse secular.

— As pessoas acham que os curdos de certa forma são ocidentalizados. — Ela sorriu. — Não são. Especialmente os desta região. Alguns são conservadores ao extremo.

— Acho que estou acostumado com a Palestina e o Líbano. Até no Egito você consegue uma porra de uma cerveja.

Christine envolveu-lhe o ombro com um braço reconfortante e o abraçou. Seu sorriso era sarcástico — mas amigável.

— A boa notícia é que Franz tem um bocado de goró. Ele traz de Istambul.

— Graças a Deus!

— *Bien sur*. Sei como são os jornalistas. Especialmente os ingleses.

—Americano, Christine.

—Aqui, olha, os tanques de peixes!

Eles haviam alcançado o maravilhoso oásis verde no coração da cidade. As pequenas casas de chá cintilavam ao sol poente; turcos solteiros caminhavam de mãos dadas ao longo das veredas ladeadas de árvores. Através das águas dos tanques, as belas arcadas de pedra de uma mesquita brilhavam como ouro velho.

Christine e Rob observaram um grande grupo familiar: os homens de calças folgadas e as mulheres usando vestes negras. Rob pensou no quanto as mulheres deviam ter suado ao longo do dia e se ressentiu naturalmente por elas. Christine, no entanto, parecia inabalável.

—A Bíblia diz que Jó nasceu aqui, assim como Abraão.

—Como?

—Em Urfa. — Christine apontou para a encosta íngreme para além dos tanques de peixes e jardins, sobre a qual havia um castelo em ruínas, onde uma imensa bandeira turca pendia flácida na calidez sem vento, entre duas colunas coríntias. — Alguns estudiosos acham que esta é Ur, a cidade original no Livro do Gênesis. Os acadianos, os sumérios, os hititas, todos viveram aqui. A cidade mais antiga do mundo.

—Pensei que fosse Jericó.

—Iiih! — gargalhou Christine. — Jericó! Uma mera adolescente. Este lugar é muito mais antigo. Na cidade velha atrás do bazar ainda há pessoas que vivem em cavernas cavadas na rocha. — Christine olhou de relance para trás, para os tanques de peixes. As mulheres de véus estavam alimentando com pão os cardumes frenéticos de carpas. — As carpas são negras porque supostamente são as cinzas de Abraão. Dizem que se você vir um peixe branco no lago, vai para o céu!

—Isso é fantástico! Podemos ir comer agora?

Christine riu novamente. Rob gostava de sua risada amigável. Na verdade, gostava bastante de Christine: de seu entusiasmo acadêmico, sua inteligência, seu bom humor. Sentiu um inesperado desejo de partilhar com ela seus pensamentos mais profundos; de mostrar uma foto da pequena Lizzie. Venceu a tentação.

A francesa gesticulava com entusiasmo.

— A casa de Breitner fica logo depois do bazar, subindo a encosta. Nós podemos dar uma olhada no bazar se você quiser: é uma autêntica hospedaria do século XVI, construída pelos abássidas, com alguns elementos mais antigos e... — Ela olhou de relance para ele, então riu. — Ou podíamos ir direto para lá e tomar uma cerveja?

A caminhada era curta, porém íngreme, por trás dos fundos do mercado ao ar livre. Homens transportando bandejas prateadas de chá e azeitonas surgiram no sentido oposto e todos pousaram os olhos em Christine. Um sofá alaranjado situava-se inexplicavelmente na calçada oposta. O cheiro de



pão ázimo quente preenchia as ruas estreitas. Em meio a tudo isso, repousava uma casa muito antiga, muito bonita, com sacadas e venezianas mediterrâneas.

— A casa de Breitner. Você vai gostar da mulher dele. Christine estava certa. Rob de fato gostou da mulher de Franz,

Derya: era uma mulher animada, mundana, inteligente, de 30 e poucos, vinda de Istambul, não usava véu e possuía um inglês excelente. Quando não estava provocando Franz com respeito a sua calva ou sua obsessão por monumentos pré-históricos, estava servindo Rob e Christine, e os outros arqueólogos, que haviam se reunido para o jantar festivo. E a comida estava excelente: um esplêndido bufê de embutidos frios de carneiro, arroz em folhas de videira, deliciosos bolos de nozes, pedaços grossos e viscosos de baclavá e arcos rosa-esverdeados da mais fresca melancia. Ainda melhor, e bem como prometera Christine, havia grande quantidade de cerveja turca gelada — e um bom vinho tinto da Capadócia. Duas horas depois, Rob sentia-se bastante relaxado, sociável e feliz, satisfeito em ouvir os arqueólogos discutirem sobre Gobekli.

A discussão acontecia basicamente em inglês em função da presença dele, suspeitava Rob, já que três dos quatro homens eram alemães e o outro, russo. E Christine, meio francesa.

Enquanto mordiscava sua terceira fatia de baclavá e dava mais um gole em sua cerveja Efes, Rob tentava acompanhar o debate. Um dos arqueólogos, Hans, questionava Franz sobre a ausência de restos ósseos.

—Se é um complexo funerário, onde estão os ossos?

Franz sorriu.

—Nós vamos encontrá-los! Eu já disse.

—Mas você disse isso na última temporada.

— E na anterior — disse um segundo sujeito, de pé ao lado deles com um prato de azeitonas verdes e queijo de cabra branco.

— Eu sei — Franz deu de ombros alegremente. — Eu sei!

O diretor da escavação estava sentado na maior poltrona de couro em sua sala de estar. Atrás dele, as janelas em estilo antigo abriam-se para as ruas de Sanliurfa. Rob podia ouvir a vida noturna da cidade lá fora. Um homem estava gritando com seus filhos na casa do outro lado da rua. Uma televisão retumbava no café mais à frente: provavelmente apresentando futebol turco, a julgar pelas aclamações e impropérios dos clientes. Talvez o Galatasaray contra o time local, o Dyarbakir. Turcos contra curdos. Como a rivalidade entre Real Madrid e Barcelona, mas muito mais venenosa.

Derya ofereceu-lhes mais baclavá direto da caixa de papelão prateada da confeitaria. Rob perguntou-se se morreria de tanto comer. Franz gesticulava na direção de seus subordinados.

— Mas se não for uma capela ou complexo funerário, então o que é? Jai Não há colonização, nenhum sinal de domesticação, nada. Tem que ser um templo, todos concordamos com isso. Mas um templo a que, se não aos ancestrais? Com certeza em honra aos caçadores mortos. Não? Os outros dois especialistas deram de ombros.

Franz acrescentou:

—E para que servem os nichos, senão para guardar os ossos?

—Eu concordo com Franz—disse Christine, juntando-se a eles. — Acho que cadáveres de caçadores eram levados para lá e descarnados...

Rob arrotou muito educadamente.

— Desculpem. Descarnados?

Franz explicou.

— Limpos. Os zoroastristas ainda fazem isso. E algumas pessoas pensam que o zoroastrismo se originou por aqui.

— Praticamente todas as religiões se originaram por estas bandas — disse Christine. — A escarnação é um processo funerário pelo qual o corpo é levado para um local especial e abandonado para ser devorado por animais selvagens, ou abutres e aves de rapina. Como disse Franz, ainda se pode ver isso em religiões zoroástricas, na Índia. Isso se chama funeral a céu aberto... os cadáveres são deixados para os deuses celestes. Na realidade, muitas das antigas religiões mesopotâmicas adoravam deuses iguais a estes falcões e águias. Como o demônio assírio que vimos no museu.

— É muito higiênico. Como costume funerário. A escarnação.

— A interrupção partiu de Ivan, o paleobotânico, o mais jovem dos especialistas.

Franz assentiu vivamente e declarou:

— De qualquer maneira, quem sabe, talvez os ossos tenham sido levados depois. Ou talvez tenham sido transferidos quando a própria Gobekli foi enterrada. Isso poderia explicar a ausência de esqueletos no sítio.

Rob estava confuso.

—O que você está querendo dizer? "A própria Gobekli foi enterrada?"

Franz pousou seu prato sobre o assoalho encerado. Quando ergueu os olhos, exibia o sorriso satisfeito de alguém prestes a revelar uma deliciosa fofoca.

—Esse, meu amigo, é o maior mistério de todos! E ele não foi mencionado no artigo que você leu!

Christine riu.

— Você conseguiu sua exclusiva, Rob!

— Em 8.000 a.C., ou por volta disso — Franz fez uma pausa para causar impressão —, toda Gobekli Tepe foi enterrada. Sepultada. Completamente coberta de terra.

— Mas... como você sabe?

— As elevações são artificiais. O solo não tem um crescimento aleatório. Todo o complexo do templo foi deliberadamente encoberto com toneladas de terra e lama por volta de 8.000 a.C. Ele foi escondido.

— Uau. Isso é bárbaro.

— O que torna o fato ainda mais surpreendente é quanto trabalho isso deve ter dado. E conseqüentemente, o quanto isso foi sem sentido.

— Por quê?

— Em primeiro lugar, pense no esforço para erguer tudo aquilo! Erigir os círculos de pedra de Gobekli e cobri-los de entalhes, frisos e esculturas deve ter sido um processo que levou décadas, talvez até mesmo séculos. E isso em uma época em que a expectativa de vida era de vinte anos. — Franz limpou a boca com um guardanapo. — Imaginamos que os caçadores-coletores devem ter vivido em tendas na região, tendas de couro, enquanto construía o local. Subsistindo do

gado local. Geração após geração. E tudo isso sem olaria, sem agricultura e sem ferramentas, à exceção dos sílices...

Christine aproximou-se um pouco mais.

—Acho que eu talvez já tenha entediado Rob com isso. Rob ergueu uma das mãos.

—Não, nem um pouco, não é entediante. De verdade! — Ele estava sendo sincero: seu artigo estava crescendo a cada dia.

— Continue, Franz, por favor.

—*Jawohl*. Bem, então você vê que nós temos um mistério, um profundo mistério. Se essas pessoas, que mal eram humanas, levaram centenas de anos para construir um templo, um santuário para os mortos, um complexo funerário, por que diabos o enterraram sob toneladas de terra dois mil anos mais tarde? Em primeiro lugar, deslocar toda essa terra deve ter sido uma tarefa quase tão hercúlea quanto construir Gobekli. Não é?

—É. Então por que eles fizeram isso?

Franz bateu com ambas as mãos no alto das coxas.

—É isso! Nós não sabemos! Ninguém sabe. Comprovamos isso somente este mês, então não tivemos chance de pensar. — Ele sorriu. — Fantástico, *ja?*

Derya ofereceu a Rob outra garrafa de cerveja Efes. Ele a aceitou e agradeceu. Estava se divertindo. Nunca imaginara que arqueologia fosse divertida, tampouco imaginara que ela pudesse ser enigmática. Rob pensou a respeito do mistério do templo enterrado. Então viu Christine conversando com seus colegas no outro lado da sala e sentiu uma minúscula e absurda pontada de ciúme, que reprimiu de imediato.

Ele estava aqui para escrever uma reportagem — não para se apaixonar de forma patética e gratuita. E a história estava se mostrando muito mais excitante do que ele esperara. O mais antigo templo do mundo. Descoberto junto à mais antiga cidade do mundo. Construído por homens anteriores à roda: construído por homens das cavernas da Idade da Pedra, com o curioso dom de uma imensa habilidade artística...

E então a imensa catedral neolítica, aquela Carnac curda, aquela Stonehenge turca — a essa altura Rob estava imaginando seu artigo, escrevendo os parágrafos em sua cabeça —, então todo o maldito templo fora deliberadamente enterrado sob toneladas de pó ancestral, escondido para todo o sempre, como o mais terrível dos segredos. E ninguém sabe por quê.

Ele ergueu os olhos. Perdera-se em devaneios jornalísticos talvez por dez minutos. Deixara-se levar por seu trabalho. Gostava de seu trabalho. Ele era um homem de sorte.

O pequeno jantar festivo estava chegando ao seu apogeu. Alguém puxou um velho violão e todos cantaram algumas canções. Em seguida o áraque circulou, à guisa de saideira, depois novamente e Rob percebeu que estava ficando bêbado demais. Antes que se envergonhasse e adormecesse sobre o chão de madeira, decidiu que deveria voltar para casa — então foi até a janela para respirar um pouco de ar puro e preparar-se para se desculpar e sair.

Lá fora, as ruas estavam muito menos barulhentas. A cidade de Sanliurfa ficava acordada até altas horas, pois dormia ao longo da tarde quente — mas eram quase duas da manhã. Até mesmo Sanliurfa estava adormecida. Na realidade, o único

som vinha diretamente de baixo. Havia três homens na rua, justo sob as elegantes janelas de Franz Breitner. Eles cantavam uma estranha canção em tom grave, quase como um cântico. Muito estranhamente, havia uma pequena mesa dobrável diante deles: uma mesa arrumada com três velas gotejantes.

Talvez por meio minuto, Rob observou os homens e as chamas das velas. Então se virou e viu Christine de pé no canto mais distante da sala de estar de Franz, conversando com Derya. Rob acenou para que ela se aproximasse.

Christine se debruçou na janela, viu os homens cantando e nada disse.

— É agradável, não é? — Rob perguntou baixinho. — É algum tipo de hino ou canção religiosa?

Mas quando se virou para olhar para ela, viu que seu rosto estava pálido e bastante tenso.

Ela parecia apavorada.

## 9

Rob despediu-se e Christine o acompanhou.

Do lado de fora, os três homens haviam apagado as velas, guardado a mesa dobrável e começavam a descer a rua. Um deles olhou para trás, para Christine. A expressão em seu rosto era inescrutável.

Ou talvez, pensou Rob, fosse apenas a ausência de postes de iluminação que tornasse difícil ver o que o sujeito estava pensando. Um cão latiu ao longe, cumprindo seu próprio

ritual solitário. A lua estava alta sobre o minarete mais próximo. Rob sentiu cheiro de esgoto não tratado.

Passando seu braço pelo dele, Christine os guiou pela ruela escura e rumo a uma rua mais larga e um pouco mais bem-iluminada. Rob estava esperando que ela explicasse, mas eles continuaram em silêncio. Para além dos prédios mais distantes, Rob apenas vislumbrava o deserto. Misterioso, interminável, antigo e imóvel.

Ele pensou nos pilares de Gobekli, despídos ao luar, era algum lugar por ali: expostos pela primeira vez em 10 mil anos; sentiu frio pela primeira vez desde que chegara a Sanliurfa.

O silêncio prolongara-se por tempo demais.

—OK— disse ele, desvencilhando seu braço do de Christine.

— O que era aquilo? Os cânticos? — Rob sabia que estava sendo ríspido, mas sentia-se cansado, irritado e com uma ponta de dor de cabeça. — Christine. Me conta. Parece que você... viu o demônio assírio do vento.

Aquilo era para ter sido uma brincadeira, para aliviar o clima. Não funcionou. Christine franziu as sobrancelhas.

—Pulsa Dinura.

—O quê?

—Era o que os homens estavam cantando. Uma reza.

—Pulsa... di...

—Nura. Chicotadas de fogo. Aramaico.

Rob estava mais uma vez impressionado.

—Como você sabe ?

—Eu falo um pouco de aramaico.

Eles haviam descido ao nível dos tanques de peixes. A velha mesquita estava sombria e apagada. Nenhum casal percorria



as trilhas. Rob e Christine viraram à esquerda, dirigindo-se ao hotel dele e ao apartamento dela pouco adiante.

— Então eles estavam cantando um hino aramaico, legal. Cantores de rua!

— Não era um hino. E eles não eram cantores de porra de rua nenhuma.

A súbita veemência dela o surpreendeu.

— Desculpe, Christine...

— Pulsa Dinura é uma maldição antiga. Uma bruxaria do deserto. Dos desertos mesopotâmios. Está em algumas versões do Talmude, o livro sagrado dos judeus, escrito na época do cativeiro da Babilônia. Quando os judeus eram cativos no Iraque. Rob, o cântico é muito perverso e muito antigo.

— OK... — Ele não sabia como reagir. Eles estavam se aproximando de seu hotel. — E o que ele faz? Pulsa di Nura.

— Sua intenção é convocar o anjo da destruição. Os chicotes de fogo. Eles deviam ter Franz como alvo. Se não, por que fazer isso sob a janela dele?

Rob sentiu a irritação novamente.

— Então estão enfeitiçando ele. E daí? É justo. Provavelmente ele não lhes paga shekels suficientes. Qual o problema... é tudo a maior bobagem! Certo? — Então ele lembrou-se da cruz no pescoço de Christine. Estaria ele insultando-a de alguma forma? Até que ponto ela era religiosa? Até que ponto era supersticiosa? Rob era firmemente ateu. Considerava as crenças religiosas e a irracionalidade supersticiosa difíceis de aceitar e por vezes profundamente irritantes; ainda assim adorava o Oriente Médio, terra natal de todas aquelas religiões irracionais e crenças do deserto. E gostava bastante

das paixões e debates gerados por essas religiões. Um estranho paradoxo.

Christine estava silenciosa. Rob tentou novamente:

— O que isso importa?

Ela virou-se para encará-lo.

— Importa muito para algumas pessoas. Em Israel, por exemplo.

— Continue.

— Pulsa Dinura foi usada algumas vezes em anos recentes, por judeus.

— Certo...

— Alguns rabinos ultraortodoxos, por exemplo. Eles invocaram o anjo da morte contra Yitzhak Rabin, o líder israelense, em outubro de 1995. — Ela se calou. Rob estava tentando entender o significado da data. Christine chegou lá antes dele. — E Rabin foi assassinado um mês depois.

— OK. Uma coincidência interessante.

— Outros rabinos usaram Pulsa Dinura contra Ariel Sharon, o primeiro-ministro seguinte, em 2005. Alguns meses mais tarde ele entrou em coma, depois de uma hemorragia cerebral.

— Sharon tinha 77 anos. E era gordo.

Ela olhou direto nos olhos de Rob.

— Claro. É só... coincidência.

— É. É isso.

Eles achavam-se no saguão do hotel de Rob. Estavam quase discutindo. Rob lamentou o fato. Gostava de Christine. Muito. Não queria ofendê-la. Ofereceu-se — entusiasticamente — para caminhar o meio quilômetro

seguinte com ela até seu prédio de apartamentos, mas ela — gentilmente — recusou. Eles se entreolharam. Então deram um rápido abraço. Antes de partir, ela declarou:

—Para você, Robert, é só uma coincidência. Mas os curdos acreditam que funciona. Muita gente no Oriente Médio acredita que Pulsa Dinura funciona. É algo infame. Procura no Google. Se eles estão usando a prece... significa que certas pessoas realmente querem Franz Breitner morto.

Depois disso, ela girou e afastou-se.

Rob pôs-se a observá-la por alguns instantes. Seu vulto desaparecendo. Então estremeceu novamente. A noite estava ficando mais fria à medida que o vento do deserto varria a cidade.

## 10

O inspetor-chefe Forrester recostou-se no sofá. Achava-se em uma aconchegante sala de estar próxima a Muswell Hill, no suburbano norte de Londres. Fora ver sua terapeuta.

De certa forma, aquilo era um clichê. O policial neurótico, o tira fodido. Mas não se importava. As sessões ajudavam.

—Então, como foi a sua semana?

Sua terapeuta, a dra. Janice Edwards, tinha 60 e poucos anos. Elegante, no bom sentido. Forrester apreciava o fato de ela ser mais velha. Significava que podia simplesmente soltar a língua, obter algum alívio, conversar sem distrações emocionais. E ele precisava falar. Mesmo que custasse cinquenta libras por hora. Às vezes conversava sobre o trabalho, às vezes sobre sua mulher e às vezes sobre outras

coisas. Coisas mais tenebrosas. Coisas sérias. Embora nunca tivesse de fato chegado ao âmago da questão. Sua filha. Talvez um dia ele chegasse lá.

—Então — tornou a pedir a dra. Edwards, de algum lugar atrás da cabeça de Forrester. — Conte a sua semana...

Fitando a janela com ar inexpressivo, as mãos sobre o estômago, Forrester começou a contar a sua terapeuta o caso da Craven Street. O zelador, a mutilação, a estranheza do caso.

—Não temos nenhuma testemunha. Eles escaparam sem obstáculos. Usaram luvas de couro, mas os peritos não conseguem encontrar traços de DNA. Do ferimento a faca não deu para concluir nada. Uma lâmina comum. Não encontramos uma única impressão digital. — Ele coçou a cabeça. A terapeuta demonstrou seu interesse com um murmúrio. Ele prosseguiu. — Cheguei a ficar entusiasmado quando descobri que o porão que eles escavaram já havia... bom, anos atrás encontraram lá alguns ossos antigos..., mas não era realmente uma pista, foi só uma coincidência, acho. Mas ainda não faço ideia do que eles estavam procurando. Talvez tenha sido uma brincadeira, só uma brincadeira de estudantes que deu errado, talvez estivessem drogados... — Forrester percebeu que estava divagando, mas não se preocupou muito com isso. — E é onde estou. Tenho um sujeito sem língua no hospital e as pistas esfriaram e... bem, seja como for, foi essa a minha semana, uma merda de semana, e isso tudo na verdade é... você sabe... — Ele emudeceu.

Às vezes, era isso o que ocorria na terapia. O paciente não dizia nada de muito importante e então o assunto se esgotava. Mas nesse momento, Forrester sentiu — do nada — uma onda de tristeza e raiva. Talvez fosse a escuridão caindo do lado de fora, talvez fosse o silêncio no aposento. Talvez fosse a lembrança do pobre homem espancado e maltratado. Mas agora ele de fato desejava conversar sobre um assunto muito mais profundo, muito mais sombrio. A verdadeira questão. Estava na hora. Talvez fosse hora de contar a respeito de Sarah.

Mas o silêncio preencheu a sala. Forrester pensou na filha. Fechou os olhos. Descansou. E pensou em Sarah. Nos olhos azuis confiantes. Em sua risada exultante. Suas primeiras palavras. Maçã. Ma-çan. A primeira filha deles. Uma linda filha. E então...

E então. Sarah. Ai, Sarah.

Ele esfregou os olhos. Não conseguia conversar sobre aquilo. Ainda não. Consequia pensar no assunto: pensava no assunto o tempo todo. Mas não conseguia conversar a respeito. Ainda. A menina tinha 7 anos. Simplesmente saíra de casa no escuro, numa noite de inverno. Saíra porta afora, só isso, ninguém estava prestando atenção. E eles procuraram incansavelmente, a polícia, os vizinhos, todos procuraram...

E a acharam. No meio da rua, sob a ponte da via expressa. E ninguém soube se foi assassinato ou se ela só caíra da ponte. Pois o corpo estava totalmente esmagado. Atropelado por vários carros no escuro. Os motoristas dos caminhões e automóveis provavelmente pensaram que estavam passando por cima de um pneu.

Forrester transpirava. Não pensava em Sarah com tamanha intensidade havia meses, talvez anos. Sabia que precisava desabafar. Colocar aquilo para fora. Mas não conseguia. Girou ligeiramente o corpo e desculpou-se:

—Sinto muito, doutora. Simplesmente não consigo. Ainda penso nisso a cada hora do dia, sabe? Mas... — Ele engoliu em seco. As palavras não saíam, embora seus pensamentos estivessem acelerados. Todos os dias, até mesmo naquele instante, ele se perguntava: será que alguém a encontrou e estuprou e então a atirou da ponte ou ela só caiu — mas se ela tivesse só caído, como havia acontecido? Às vezes ele achava que sabia. Às vezes, no fundo do seu coração, ele suspeitava que ela devia ter sido assassinada. Ele era policial. Sabia essas coisas. Mas não houve testemunhas, nenhuma prova. Talvez eles nunca descobrissem. Ele suspirou e olhou para a terapeuta. Ela estava serena. Serena aos 65 anos, os cabelos grisalhos e sorrindo em silêncio.

—Não tem importância — disse ela. — Algum dia... Forrester assentiu. Sorriu ao ouvir a frase característica dos dois.

*Talvez algum dia.*

—É só que tem horas em que fica difícil. Minha mulher fica deprimida e me dá as costas à noite. Entra mês, sai mês, a gente nunca faz sexo. Mas pelo menos estamos vivos.

—E vocês têm seu filho.

—É. Temos nosso filho. Às vezes acho que a gente precisa ser grato pelo que tem, e não pelo que não tem. Quer dizer... O que os alcoólatras dizem no AA? Há que fingir para conseguir. Essa porra toda. Acho que isso é o que eu preciso fazer. Só isso. Fingir estar bem às vezes. — Ele emudeceu de

novo e o silêncio ecoou pela sala de estar aquecida. Por fim, sentou-se. Sua hora havia acabado. Tudo que conseguia ouvir era o trânsito, abafado pela janela e pelas cortinas.

— Obrigado, dra. Edwards.

— Por favor. Como eu disse, me chame de Janice. Você vem aqui há seis meses.

— Obrigado, Janice.

Ela sorriu.

— Vejo você na semana que vem?

Ele pôs-se de pé. Trocaram um educado aperto de mãos. Forrester sentiu-se purgado e ligeiramente mais leve de espírito.

Ele voltou a Hendon tranquilo e agradavelmente reflexivo. Mais um dia. Ele havia atravessado mais um dia. Sem beber nem gritar.

A casa estava repleta dos ruídos de seu filho quando ele enfiou a chave na porta. Sua mulher estava na cozinha assistindo ao noticiário na TV. O aroma de macarrão e molho pesto pairava no ar. Estava tudo bem. As coisas estavam bem. Na cozinha, a mulher o beijou, ele disse que fora a uma sessão de terapia e ela sorriu e pareceu relativamente satisfeita.

Antes do jantar, Forrester foi até o jardim e enrolou um minúsculo cigarro de maconha. Não sentiu a menor culpa ao fazê-lo. Fumou a erva de pé em seu pátio, exalando a fumaça azulada na direção do céu estrelado e sentiu o nó dos músculos do pescoço se desfazer. Então tornou a entrar em casa e se deitou no chão da sala de estar para ajudar o filho com um quebra-cabeça. E então houve um telefonema.

Na cozinha, sua mulher escorria o penne. Vapor quente. Cheiro de molho pesto.

—Alô?

—Inspetor-chefe?

Forrester reconheceu de imediato o leve sotaque finlandês de seu subordinado.

—Boijer, estou quase começando a comer.

—Sinto muito, senhor, mas recebi uma ligação estranha...

—O que foi?

—Aquele amigo meu... o Skelding, sabe, Niall.

Forrester pensou por um instante, então se lembrou: o sujeito alto que trabalhava no banco de dados de homicídios do Ministério do Interior. Eles haviam todos saído para beber certa vez.

—Sim, estou lembrado. Skelding. Trabalha no HOLMES.

—Isso mesmo. Bem, ele acabou de me ligar e disse que eles têm um novo homicídio na ilha de Man.

—E?

—Um sujeito foi assassinado. Coisa escabrosa. Em uma casa enorme.

—A ilha de Man é longe pacas...

Boijer concordou. Forrester viu a mulher temperar o macarrão com o molho pesto verde vivo. Parecia um pouco com bile; mas o cheiro estava bom. Forrester tossiu impaciente.

—Como eu disse, Boijer, minha mulher acabou de preparar um ótimo jantar e eu...



—Sim, desculpe, senhor, mas a questão é que, antes do cara ter sido assassinado, os agressores gravaram um símbolo no peito dele.

—Você quer dizer...

—Sim, senhor. Isso mesmo. Uma Estrela de Davi.

## 11

No dia seguinte ao jantar de Franz, Rob ligou para a casa de sua ex--mulher. Sua filha Lizzie atendeu o telefone. Ela ainda não sabia usar o telefone direito. Rob gritou no aparelho:

—Querida, use a outra ponta.

—Alô, papai. Alô.

—Queri...

O simples fato de ouvir Lizzie falar produziu em Rob um agudo sentimento de culpa. E também o absoluto e básico prazer de ter uma filha. E um furioso desejo de protegê-la. E então a sensação de culpa adicional por não estar lá, na Inglaterra, protegendo-a.

Mas protegendo-a de quê? Ela estava segura num subúrbio de Londres. Estava ótima.

Depois de Lizzie entender qual era a ponta certa do fone, eles se falaram por uma hora e Rob prometeu enviar jpegs de onde estava. Então desligou o telefone, relutantemente, e decidiu que era hora de começar a trabalhar. Ouvir a filha provocava com frequência aquela reação: era como um instinto, uma coisa genética. A lembrança de seus deveres familiares energizava seu retorno ao trabalho — vá ganhar dinheiro para alimentar a prole. Hora de escrever o artigo.

Mas Rob achava-se em uma situação difícil. Transferindo o telefone de sua cama de hotel para o chão, ele deitou-se e pôs-se a pensar. Difícil. A história era muito mais complexa do que ele imaginara. Complexa e interessante. Primeiro havia o aspecto político: a rivalidade curdo/turca. Havia ainda o clima na escavação e entre a gente do lugar: seu ressentimento — e aquela oração da morte... E as escavações clandestinas de Franz tarde da noite? Qual a razão daquilo?

Rob levantou-se e caminhou até a janela. Estava no último andar do hotel. Ele abriu a janela e ouviu a voz de um muezim chamando de uma mesquita de algum lugar nas redondezas. A canção era pungente, bárbara mesmo — ainda assim, de certa forma hipnótica. O inimitável som do Oriente Médio. Mais vozes juntaram-se ao cântico emergente. A convocação para as orações ecoou pela cidade.

Então, o que ele iria escrever para o jornal? Uma parte sua desejava ficar e investigar mais. Chegar ao fundo da história. Mas na realidade, qual era o sentido disso? Isso não seria simplesmente ceder ao próprio desejo? Ele não tinha todo o tempo do mundo. E se incluísse todas aquelas coisas estranhas e intrigantes, alteraria ou talvez até mesmo arruinasse seu artigo. No mínimo, aquilo complicava a narrativa — e, portanto, a comprometia. O leitor ficaria confuso e possivelmente insatisfeito.

Então, o que deveria escrever? A resposta era óbvia. Se se ativesse apenas aos fatos históricos, que já eram impressionantes por si sós, estaria bem. Descoberto o Templo Mais Antigo do Mundo. *Misteriosamente enterrado dois mil anos depois...*

Aquilo bastava. Era uma excelente reportagem. E com algumas fotos impactantes das pedras e esculturas, de um curdo furioso, de Franz com seus óculos e Christine com suas calças caqui elegantes, também ficaria ótima.

Christine. Rob perguntou-se se seu mal-contido desejo de permanecer e investigar a história mais a fundo era na realidade por causa dela. O mal-contido desejo que sentia por ela. Perguntou-se se ela estaria ciente dos sentimentos dele. Provavelmente. As mulheres sempre sabiam. Rob, entretanto, nunca tinha a menor idéia. Ela ao menos gostava dele? Houvera aquele abraço... E o modo como ela entrelaçara o braço no dele na noite anterior...

Aquilo já estava de bom tamanho. Pegando sua mochila e atirando dentro dela canetas, blocos de notas e óculos escuros, Rob deixou o quarto do hotel. Queria visitar a escavação uma última vez, fazer mais algumas perguntas, e então teria material suficiente. Já estava ali havia cinco dias. Era hora de seguir em frente.

Diante do hotel, Radevan apoiava-se em seu táxi, como sempre discutindo futebol ou política com os outros taxistas. Ergueu os olhos e sorriu quando Rob saiu e caminhou em direção à luz do sol. Rob acenou. A essa altura, os taxistas entretinham-se em uma pequena lenga-lenga.

— Quero ir para o lugar ruim.

Radevan riu:

— O lugar ruim? Certo, sr. Rob.

Radevan bancou o chofer abrindo a porta do carro e Rob pulou para dentro, sentindo-se dinâmico e decidido. Fizera a escolha certa. Escrever o artigo, enviar a fatura a seus editores

— então voltar a Londres e insistir em passar um tempo decente com a filha.

A viagem até Gobekli foi tranquila. Radevan futucou o nariz e queixou-se em voz alta dos turcos. Rob cravou os olhos no deserto, na direção do Eufrates e dos montes Taurus ao longe. Passara a gostar do deserto, ainda que este o intimidasse. Tão antigo, tão esgotado, tão maligno, tão desolado. O deserto dos demônios do vento. O que mais se escondia sob suas colinas baixas? Um estranho pensamento. Rob fitou a imensidão.

Eles chegaram rápido. Com um guincho dos pneus carecas, Radevan estacionou. Ele se debruçou na janela enquanto Rob dirigia-se à escavação.

— Três horas, sr. Rob?

Rob riu.

— É.

A escavação estava frenética naquele dia, mais movimentada do que Rob já a vira. Novos fossos estavam sendo abertos. Profundos sulcos nas encostas, que exibiam ainda mais pedras. Rob deduziu que a temporada de escavação estava chegando ao fim e Franz estava louco para explorá-la ao máximo. A temporada de escavação era consideravelmente curta — o sítio tornava-se simplesmente quente demais no auge do verão e exposto demais no inverno. E de qualquer maneira, os cientistas aparentemente necessitavam de nove meses de exegese e trabalho de laboratório para processar o que haviam descoberto nos três meses de verdadeira escavação. Este era o ano arqueológico: três meses de escavações e nove meses de reflexões. Bastante tranquilo, na verdade.

Franz, Christine e o paleobotânico — Ivan — estavam discutindo na área das barracas. Cumprimentaram Rob com um aceno, ele sentou--se e mais chá foi servido. Rob gostava da infinita linha de produção do chá turco, o tilintar ritual das colheres e dos copos em forma de tulipa, o sabor do *çay*, açucarado e misterioso. E o chá-preto quente era estranhamente refrescante sob o sol seco do deserto.

Enquanto tomava o primeiro copo de chá, Rob contou as novidades. Que estava finalizando seu trabalho, que aquela era sua última visita. Observou o rosto de Christine ao dizer isso. Será que vira uma centelha de pesar? Talvez. Seu humor melhorou um pouco. Mas então se lembrou de seu trabalho. Precisava fazer mais algumas perguntas, suas últimas dúvidas. Por isso estava ali. Por nenhuma outra razão.

Sua demanda jornalística era contextualizar a escavação. Andara lendo mais alguns livros de história — livros sobre a pré-história — e desejava situar Gobekli em algum ponto nessa história. Ver como se encaixava Gobekli, como sobressaía no mosaico da história humana mais ampla — a evolução do homem e da civilização.

Franz ficou feliz em atendê-lo.

— Esta região — ele acenou na direção das colinas amareladas para além das tendas com as laterais abertas — foi onde tudo começou. A civilização humana. A primeira linguagem escrita é cuneiforme e começou não muito longe daqui. A fundição do cobre é originalmente mesopotâmica. E as primeiras verdadeiras cidades foram construídas na Turquia. Isobel Previn poderia lhe contar tudo a esse respeito.

Rob ficou confuso. Então se lembrou do nome — a tutora de Christine em Cambridge. Isobel Previn. Ele também vira o nome em diversos livros de história — Previn havia trabalhado com o grande James Mellaert, o arqueólogo inglês que escavara Çatalhöyük. Rob gostara de ler sobre Çatalhöyük — em especial por ter sido escavado tão rápido. Três anos de escavação voraz e o sítio fora quase completamente descoberto. Aquela havia sido a época heróica, hollywoodiana da arqueologia. Nos dias atuais, até onde sabia Rob, as coisas haviam desacelerado. Agora havia tantos especialistas em campos distintos — arqueometalúrgicos, zooarqueólogos, etno-historiadores, geomorfologistas — que tudo se tornara complicado demais. Um sítio complexo poderia levar décadas para ser desvendado.

Gobekli Tepe era um sítio similar. Franz estava escavando Gobekli desde 1994; Christine insinuara que ele passaria o resto de sua vida profissional ali. Toda uma vida profissional em um único sítio! Mas por outro lado, era o sítio arqueológico mais fascinante do mundo. Razão pela qual Franz parecia tão orgulhoso a maior parte do tempo. Nesse instante ele sorria — explicando a Rob os primórdios da história da olaria e da agricultura, ambos tendo surgido após a construção de Gobekli. Ambos também haviam se originado perto dali.

—Os primeiros sinais de agricultura podem ser encontrados na Síria. Gordon Childe chamou isso de Revolução Neolítica e aconteceu ao sul daqui, não muito longe. Abu Hureyra, Tell Aswad, lugares assim. Então veja que aqui é realmente o

berço. Os trabalhos em metal, a olaria, a agricultura, a fundição, a escrita, tudo isso começou perto de Gobekli. *Ja?*

Christine acrescentou:

—Isso mesmo, embora, na verdade, haja evidências do cultivo de arroz na Coreia em 13.000 a.C., mas isso é pouco explicado.

Ivan, que até então se mantivera silencioso, entrou na conversa:

—E há alguns indícios estranhos de que a olaria talvez tenha começado e então parado antes disso, na Sibéria.

Rob virou-se.

—Como é? — Franz parecia ligeiramente irritado com a interrupção de seus colegas, mas Rob estava intrigado. — Fala mais.

Ivan corou.

—É que... há indícios na Sibéria oriental, talvez no Japão, de uma civilização ainda mais antiga. Um povo do norte. Eles possivelmente se extinguíram, porque as evidências desapareceram. Nós não sabemos. Não temos ideia de para onde foram.

Franz parecia irritado.

— *Ja, ja, ja*, Ivan. Mas ainda assim! Essa região aqui é onde tudo de fato aconteceu. O Oriente Próximo! Aqui. — Deu um tapa na mesa para salientar o fato, o que fez as colheres de chá chacoalharem. — Tudo. Tudo começou aqui. Os primeiros fornos para fazer panelas. Isso ocorreu na Síria e no Iraque. Os hititas foram os primeiros a trabalhar o ferro. Na Anatólia. Os primeiros porcos domesticados surgiram em Çayonu, os

primeiros vilarejos, na Anatólia, e... e é claro que o primeiro templo...

—Gobekli Tepe!

Todos riram. A paz fora restabelecida e a conversa evoluiu. Rob passou dez compenetrados minutos copiando suas anotações, enquanto os arqueólogos conversavam entre si a respeito da domesticação dos animais primitivos e a distribuição de "micrólitos". Foi uma discussão técnica e obscura; Rob não se importou. Possuía as últimas peças do quebra-cabeça. Não era o panorama completo — os mistérios permaneciam —, mas era um bom retrato, cativante, e isso já estaria bom. Além do mais, ele era jornalista, não historiador. Não estava ali para acertar tudo, estava ali para conseguir uma impressão eloquente, rápida. Como era chamado o jornalismo? "O primeiro rascunho da história." Era isso o que ele estava fazendo e tudo que se propusera a fazer: ele estava escrevendo o primeiro rascunho, um texto bruto.

Rob ergueu os olhos. Já fazia meia hora que estava fazendo anotações. Os cientistas o haviam deixado entregue ao trabalho; haviam se dispersado pela escavação para fazer o que quer que de fato fizessem quando não estavam discutindo. Estavam analisando poeira e selecionando pedras antigas. Ou sentados em suas barracas tendo outras discussões. Rob levantou-se, esfregou o pescoço enrijecido e decidiu perambular pelo local antes de bater em retirada. Então ergueu a mochila e contornou a elevação mais próxima, evitando as áreas cercadas e as pedras.

Para além da principal área da escavação, havia um vasto campo nu, com pedras dispersas. Christine mostrara-lhe o



lugar em sua visita anterior. Na ocasião, Rob ficara surpreso ao ver tantos pedaços de sílice de 12 mil anos de idade, talhados por homens da Idade da Pedra, simplesmente espalhados. Literalmente milhares deles. Qualquer um podia se ajoelhar e, após uma rápida pesquisa, recolher um machado antigo, uma ponta de flecha ou um instrumento de corte.

Rob decidiu fazer exatamente isso: gostava de suvenires. O sol estava quente em suas costas quando ele se ajoelhou no pó. Em poucos minutos, a sorte lhe sorriu. Ele examinou seu achado, girando-o com cuidado entre os dedos. Era uma ponta de flecha, habilmente, até mesmo primorosamente, talhada. Rob imaginou o homem que a criara havia 12 mil anos. Trabalhando ao sol, vestindo apenas uma tanga. Com um arco pendurado em suas costas musculosas. Um homem primitivo. No entanto, alguém que havia construído um grande templo, esculpido com verdadeiro talento artístico. Aquilo era um paradoxo. Os homens das cavernas que haviam construído uma catedral! Era também uma boa introdução para o artigo de Rob. Uma imagem interessante e eloquente.

Ele pôs-se de pé e fez a ponta de flecha deslizar para dentro de um bolso lateral de sua mochila. Provavelmente estava infringindo centenas de leis turcas ao roubar artefatos antigos, mas Gobekli Tepe não careceria de pedaços de sílice da Idade da Pedra tão cedo. Arremessando a mochila às costas, Rob lançou um último olhar às planícies ondulantes e descampadas, queimadas pelo sol implacável. Pensou no Iraque, em algum lugar por ali. Não muito distante. Se entrasse no carro e pedisse a Radevan que o levasse, em poucas horas estaria na fronteira do Iraque.

E então a imagem de Bagdá cruzou-lhe de relance a mente. O rosto do terrorista que lançara a bomba. Rob engoliu em seco. Não era uma sensação agradável. Ele virou-se e começou a voltar, e então ouviu. O mais terrível dos gritos.

Parecia um animal torturado. Um macaco sendo estripado. Horrível.

Rob acelerou o passo. Ouviu mais gritos. O que estaria acontecendo? Então alguém gritou novamente. Rob correu, a mochila golpeando-lhe as costas.

Afastara-se mais do que imaginava. Onde ficava a parte principal da escavação? As colinas pareciam todas iguais. As vozes se propagavam longe no ar puro do deserto. E não apenas vozes: gritos e choro. Deus do céu. Alguma coisa estava de fato acontecendo. Rob virou à esquerda, então à direita e correu sobre o topo de uma encosta. E lá estava a escavação. Uma multidão de pessoas reunira-se em torno de uma das áreas cercadas: o novo fosso. Os trabalhadores empurravam uns aos outros.

Suas botas de deserto escorregando na terra e no cascalho, Rob arrastou-se até ficar lado a lado com a multidão e abriu caminho aos trancos, farejando suor e medo. Empurrando grosseiramente para o lado o último homem, alcançou a borda do fosso e olhou para baixo. Todos estavam olhando para baixo.

Na extremidade do fosso, havia uma nova estaca de aço, uma das traves de aparência letal usadas para suspender as lonas. Franz Breitner estava espetado na trave, o rosto voltado para baixo. A trave diretamente cravada na parte superior esquerda de seu peito. O sangue gotejava da ferida. Christine

estava ao lado dele, falando com ele. Ivan achava-se atrás dos dois, gritando frenético em seu celular. Dois trabalhadores tentavam desesperadamente arrancar a trave da terra.

Rob fitou Franz. Ele parecia estar vivo, mas o ferimento era brutal, tendo possivelmente atravessado os pulmões. Um trespasse violento. Rob vira muitas feridas no Iraque. Vira feridas exatamente como aquela — explosões que lançavam vigas e traves que trespassavam as pessoas no peito e na cabeça; perfurando-as a sangue-frio.

Rob sabia que Franz não iria sobreviver. Uma ambulância demoraria pelo menos uma hora para chegar até lá. Provavelmente não havia helicópteros médicos entre o sítio e Ancara. Franz Breitner morreria ali, em um fosso. Cercado pelas silenciosas pedras de Gobekli Tepe.

## 12

Nos tanques de Abraão, as carpas agitavam-se frenéticas, clamando pelos pedacinhos de pão árabe que ele lançava na água. Rob as observava, hipnotizado. O furor desesperado dos animais era uma visão repulsiva.

Ele fora até lá para se acalmar — era o único espaço verde tranquilo que conhecia na cidade apinhada. Mas a tranquilidade não estava funcionando. Enquanto observava os peixes debatendo-se, Rob continuava a revirar na mente os acontecimentos do dia anterior. A repugnante visão de Franz cravado na trave. As frenéticas chamadas de celular. A inevitável decisão, no final, de serrar a trave ao meio e levar

Franz — ainda empalado — para Sanliurfa no carro de Christine.

Rob os acompanhara com Radevan. O Toyota maltratado seguiu o Land Rover pelas encostas e planícies até o hospital da Universidade de Harã, na parte nova da cidade. Lá, Rob esperou nos corredores parcialmente deteriorados com Christine, Ivan e a mulher de Franz, que estava aos prantos. Ele continuava lá quando os médicos saíram com a notícia inevitável: Franz Breitner havia morrido.

A essa altura, as carpas lutavam pelos últimos pedacinhos de pão. Mordendo-se umas às outras. Rob desviou o olhar. Ele viu um soldado turco que carregava um fuzil automático passeando perto de um jipe estacionado na ponta da área verde. O soldado o olhou de cara feia.

A cidade estava especialmente tensa — e isso nada tinha a ver com a morte de Breitner. Ocorrera um atentado suicida em Dyarbakir, a cidade curdo-turca 320 poeirentos quilômetros a leste, o epicentro do separatismo curdo. Ninguém havia morrido, mas dez pessoas ficaram feridas e o fato agravara mais uma vez a tensão na região. A polícia e o exército eram visíveis por toda parte naquela tarde.

Rob suspirou, cansado. Às vezes a violência parecia ser universal. Inescapável. E Rob desejava escapar.

Atravessando uma pequena ponte de madeira sobre um diminuto canal, ele sentou-se a uma mesa. O garçom da casa de chá se aproximou, secando as mãos na toalha que trazia pendurada à cinta, e Rob pediu água, chá e azeitonas. Precisava de fato evitar pensar em Franz por algum tempo.

Na visão do sangue no carro de Christine. Na trave projetando-se de forma obscena do tronco de Franz...

—Senhor?

O garçom trouxera o chá de Rob. A colher de chá tilintou. O torrão de açúcar dissolveu-se no líquido vermelho-escuro. O sol brilhava através das árvores do pequeno parque. Um garotinho usando uma camisa do Manchester United brincava com uma bola de futebol do outro lado do gramado. A mãe estava coberta por uma túnica preta.

Rob terminou seu chá. Precisava tomar algumas iniciativas. Verificando a hora em Londres, pegou seu celular e discou.

— Sim? — A irritação normal de Steve.

— Oi, é o...

— Robbie! Meu correspondente arqueológico. Como vão as pedras?

O divertido sotaque *cockney* de Steve melhorou um pouco o humor de Rob. Ele pensou se deveria arruinar o clima contando a Steve o que havia acontecido. Antes que conseguisse decidir, Steve anunciou:

— Gostei das anotações que você mandou. Estou ansioso para ver o artigo. Qual é o seu prazo final?

— Bom, é amanhã, mas...

— Bom garoto. Mande o arquivo por volta das cinco.

— Tudo bem, mas...

— E me mande alguns jpegs! Belas fotos da...

— Steve, tem um problema.

Enfim, a linha ficou silenciosa do outro lado. Rob agarrou a oportunidade e começou a explicar. Contou tudo. Os estranhos mistérios e dificuldades que envolviam a escavação,

o ressentimento dos trabalhadores, o estranho cântico fúnebre, a política local corrompida, as bizarras escavações noturnas. Ele explicou a seu editor que não mencionara nada daquilo por não estar seguro de sua importância. Steve retrucou:

—E agora é importante?

—É. Porque... — Rob olhou para o castelo sobre o penhasco, com sua enorme bandeira turca vermelha. Respirou fundo. Então contou a Steve a terrível história da morte de Franz. Ao fim da qual, Steve simplesmente declarou:

—Pelo amor de Deus. Como você está?

—Como assim?

—Despachei você para essa escavação porque achei que estava precisando de uma trégua. Em algum lugar bonito e tranquilo. Com algumas pedras de merda. Sem drama. Sem Lurtrell Metido cm. Confusão.

—É, acho que... e...

—E você acaba no meio de uma guerra civil com um bando de sacerdotes diabólicos e então um huno acaba virando um kebab. — Steve riu. — Desculpe, companheiro, não deu para pegar leve. Deve ter sido uma merda. Mas o que você quer fazer agora?

Rob pensou bem. O que desejava fazer? Não sabia.

—Sei lá... Acho que estou realmente precisando de orientação editorial. — Ele levantou-se, o telefone ainda pressionado ao ouvido. — Steve, você é o chefe. Eu estou confuso. Me diga o que fazer... que eu faço.

—Confie no seu instinto.

—O que você está querendo dizer?

— Confie em si mesmo. Você tem um faro incrível pra reportagens. Você é um tremendo cão de caça. — A voz de Steve mantinha-se firme. — Então me fala. Você acha que isso dá matéria?

Rob sabia muito bem a resposta. Virou-se, olhou para o garçom e fez sinal para que ele trouxesse a conta.

— Dá. Eu acho que dá.

— Então é isso aí. Vá em frente. Pode investigar e ficar por aí mais duas semanas, no mínimo.

Rob fez que sim. Sentia a motivação profissional — mas contaminada pela tristeza. A morte de Breitner fora deprimente demais. E ele estava ansioso para ir para casa e ver a filha. Decidiu admitir o fato.

— Mas, Steve, eu quero ver a Lizzie.

— Sua filhinha?

— É.

— Coração mole. — Steve riu. — Ela está com quantos anos agora?

— Cinco.

O editor calou-se. Rob olhou de relance para a velha mesquita do outro lado do reluzente tanque de peixes. Christine lhe contara que antes a construção havia sido uma igreja — uma igreja dos cruzados.

— Tudo bem, Rob. Se você fizer isso por mim, a gente te traz pra casa logo depois. Classe executiva, OK?

— Obrigado.

— Gostamos de estimular a boa paternidade aqui no Times. Mas vou precisar que você faça uma coisa nesse meio-tempo.

— O quê?

—Me passa o básico da matéria sobre as pedras. Preciso de uma cópia pra quinta-feira. Mas vou fazer um pouco de suspense, sugerir que vem mais coisa por aí. Podemos transformar isso em uma série. Do nosso correspondente na Idade da Pedra. Com os demônios no deserto.

Rob riu, a despeito de si mesmo. Steve sempre tinha o dom de alegrá-lo com seu árido cinismo da Fleet Street,<sup>3</sup> seu humor implacável.

—Tchau, Steve.

Ele tornou a guardar o telefone no bolso, sentindo-se muito melhor. Tinha um trabalho a fazer, uma reportagem a escrever, uma pista a investigar. E então poderia voltar e ver a filha.

Deixando o sossego do parque, Rob voltou para a rua curda. Onde os taxistas gritavam uns com os outros. Onde um sujeito arrastava um jumento enquanto este puxava uma carroça empilhada de melancias até o alto. A rua estava tão movimentada e barulhenta que Rob mal conseguiu ouvir o telefone. Em vez disso, sentiu o aparelho vibrar.

—Sim?

—Robert?

Christine. Ele parou sobre a calçada empoeirada. Pobre Christine. Ela tivera de levar Franz ao hospital. Não permitiria que ninguém mais o fizesse. Rob vira sangue por todo lado no carro, o sangue do amigo dela. Macabro e assustador.

—Você está bem? Christine?

---

<sup>3</sup> Rua onde se localizam as redações de jornais em Londres. (N. da T.)



—Estou, estou, obrigada. Eu estou bem...

Ela não parecia bem. Rob tentou entabular uma conversa simpática; não sabia o que mais fazer. Christine não estava interessada. Sua fala estava entrecortada, como se ela estivesse reprimindo a emoção.

—Você ainda vai embora hoje à noite?

—Não — respondeu Rob. — Tenho mais coisas a escrever. Vou ficar mais uma ou duas semanas pelo menos.

—Que bom. Você pode me encontrar? Na hospedaria?

Rob estava perplexo.

—OK, mas...

—Agora?

Ainda confuso, Rob concordou. O telefone ficou mudo. Virando à esquerda, Rob tornou a subir a encosta, penetrando em cheio no tumulto do mercado coberto.

O souk era um clássico mercado árabe, do tipo que estava rapidamente desaparecendo do Oriente Médio. Repleto de passagens obscuras, ferreiros imundos, vendedores de tapetes acenando e entradas para mesquitas diminutas. A luz resplandecente do sol descia em feixes pelos orifícios no telhado de zinco. Em cantos escuros e envelhecidos, amoladores de facas lançavam chispas douradas no ar cheirando a tempero. E em meio a tudo aquilo, lá estava uma genuína hospedaria antiga: um pátio fresco e amplo, com mesas de café e belas arcadas de pedra. Um local para o comércio e a bisbilhotice, um local onde mercadores vinham regateando a seda e homens, casando seus filhos, pelos últimos mil anos.

Entrando na movimentada praça aberta, ele esquadrinhou as diversas mesas e grupos de pessoas. Não foi difícil ver Christine. Era a única mulher.

Seu rosto estava exausto. Rob sentou-se diante dela. Ela o olhou fundo nos olhos, como se procurasse alguma coisa. Rob não fazia idéia do quê. Ela estava calada; estranhamente calada.

— Olha, Christine, sinto muito por Franz, sei que vocês eram chegados e...

— Por favor. Não. — Christine estava olhando para baixo. Contendo as lágrimas, a raiva, ou alguma outra coisa. — Chega. É muito gentil da sua parte. Mas chega. — Ela ergueu os olhos novamente e Rob, pouco confortável, deu-se conta do castanho-topázio dos olhos dela. Profundo e sensual. Belo e repleto de lágrimas. Ela tossiu para limpar a garganta. E então disse:

— Acho que o Franz foi assassinado.

— O quê?

— Eu estava lá, Rob. Eu vi. Houve uma discussão.

O som das asas dos pombos, que voavam para longe, encheu a hospedaria. Os homens sorviam seu café turco sentados em tapetes vermelho-vivo. Rob tornou a virar-se na direção de Christine.

— Uma discussão não quer dizer assassinato.

— Eu vi, Rob. Ele foi empurrado.

— Meu Deus.

— Exatamente. E não foi acidente: eles o empurraram de propósito bem em cima daquela trave.

Rob franziu a testa.

—Você já foi à polícia?

Christine afastou a idéia com um aceno, como se se tratasse de uma mosca irritante.

—Já. Eles não querem saber.

—Tem certeza?

—Fui praticamente expulsa da delegacia. Sou só uma mulher, sabe?

—Babacas.

—Não deixam de ser. — Christine forçou um sorriso. — Mas é difícil pra eles também. Os trabalhadores são curdos, a polícia é turca. As implicações políticas são impraticáveis. E ontem houve um atentado a bomba em Dyarbakir.

—Eu vi no noticiário da TV.

—Portanto — disse Christine —, entrar e sair prendendo um bando de curdos por assassinato... não é tão simples agora. Ah, meu Deus... — Ela apoiou a testa sobre os braços cruzados.

Rob perguntou-se se ela iria chorar. Atrás dela, um minarete erguia-se sobre as arcadas da hospedaria. Grandes alto-falantes negros haviam sido instalados no topo, mas no momento eles estavam em silêncio.

Christine recuperou-se e tornou a erguer o tronco.

—Eu quero... meio que investigar.

—O que você quer dizer?

—Quero saber tudo. Por que ele fazia escavações à noite, por que quiseram matá-lo. Franz era meu amigo. Então quero saber por que ele morreu. Você vem comigo? Quero ir a Gobekli e examinar as anotações do Franz, os materiais dele, os trabalhos...

—Mas com certeza levaram tudo isso, não? A polícia turca?

— Ele mantinha muita coisa em segredo — disse Christine. — Mas eu sei onde. Em um pequeno armário na barraca dele no sítio. — Ela se inclinou para a frente, como se estivesse fazendo uma confissão. — Rob, a gente precisa invadir e roubar esse material.

## 13

O voo para a ilha de Man, do outro lado do mar da Irlanda, foi turbulento, porém breve. No aeroporto de Ronaldsway, Forrester e Boijer foram recebidos no terminal de desembarque pelo subcomissário de polícia e um sargento uniformizado. Forrester sorriu e os cumprimentou com um aperto de mão. Os quatro policiais disseram seus nomes: o subcomissário de polícia chamava-se Hayden.

Eles dirigiram-se ao estacionamento. Forrester e Boijer trocaram olhares — e discretamente apontaram um para o outro com a cabeça o estranho capacete branco do sargento manes. Bem diferente de qualquer coisa no continente.

Forrester estava ciente do status especial da ilha de Man. Colônia da Coroa, com seu próprio parlamento, sua própria bandeira, um histórico de antigas tradições vikings, e a sua própria força policial, Man oficialmente não fazia parte do Reino Unido. O açoitamento fora abolido fazia bem pouco tempo. O investigador sênior de Forrester, em Londres, o instruíra cuidadosamente quanto aos protocolos um tanto atípicos que uma visita à ilha comportava.

O estacionamento estava frio, com um indício de chuva no ar; os quatro homens caminharam rápido até o imenso carro de

Hayden. Em silêncio e a grande velocidade, atravessaram terras cultiváveis até os subúrbios da principal cidade, Douglas, na costa oeste. Forrester baixou a janela e olhou para fora, tentando familiarizar-se com o lugar: ter uma noção de onde estava.

Os campos verdes exuberantes, os úmidos bosques de carvalho e as capelas, pequenas e tristes, pareciam bem britânicos e celtas. Do mesmo modo, ao chegarem a Douglas, as casas amontoadas ao longo da praia e os prédios de escritórios chamativos lembraram Forrester das Hébridas escocesas. A única indicação de que eles estavam fora do Reino Unido era a bandeira manesa; a imagem de um homem com três pernas sobre fundo vermelho-vivo, que ondulava ao vento chuvoso em vários prédios.

O silêncio no carro era quebrado por conversas ocasionais. A certa altura, Hayden virou-se, olhou para Forrester e informou:

—É claro que mantivemos o corpo na cena. Não somos amadores.

Era um comentário estranho. Forrester desconfiou que aqueles policiais, provenientes daquela minúscula força — duzentos agentes ou menos —, talvez se ressentissem de sua presença. O figurão da Polícia Metropolitana. O londrino intrometido.

Mas Forrester tinha uma importante tarefa nas mãos; estava bastante ansioso para ver a cena do crime. Desejava começar a trabalhar de imediato. Com ou sem protocolos.

O carro desviou para fora da cidade e percorreu uma estrada mais estreita, com altos bosques à direita e o agitado mar da

Irlanda à esquerda. Forrester viu um cais, um farol, alguns barcos pequenos oscilando sobre as ondas acinzentadas e uma encosta. E então o carro atravessou portões bastante imponentes e deslizou até uma imensa construção branca, antiga e encastelada.

—Este é o Forte St. Anne — disse Hayden. — Agora são escritórios.

O lugar estava isolado com a fita da polícia. Forrester viu que uma barraca fora erguida no gramado dianteiro e vislumbrou um policial entrando no prédio com uma antiga câmera de impressões digitais da Kodak. Saltando do carro, questionou-se quanto à capacidade da polícia local. Quando fora o último homicídio deles? Há cinco anos? Cinquenta? Eles provavelmente passavam a maior parte do tempo prendendo maconheiros. E menores com bebidas. E gays. Não era ali que a homossexualidade ainda era ilegal?

Eles entraram direto na casa, pelas portas principais. Dois jovens usando máscaras antiputrefação olharam de relance para Forrester. Um deles segurava uma lata de pó de alumínio. Eles entraram em outra sala. Forrester ia seguir os peritos forenses, mas Hayden tocou-lhe o braço.

—Não — disse ele —, o jardim.

A casa era enorme, embora o interior fosse comum. O imóvel fora brutalmente convertido em escritórios: alguém havia arrancado a decoração antiga e instalado lâmpadas fluorescentes e divisórias cinza, arquivos e computadores. Havia maquetes de barcos e barcaças sobre algumas mesas. Um par de cartas náuticas pendia de uma das paredes;

aparentemente os escritórios pertenciam a uma empresa de navegação ou de projetos navais.

Seguindo o subcomissário, Forrester penetrou em um saguão onde grandes portas de vidro abriam-se para um amplo jardim traseiro, cercado de todos os lados por altas sebes, com uma elevação de madeira bem ao fundo. O jardim havia sido grosseiramente escavado em vários locais; no meio daquela grama verde triturada, havia uma grande tenda forense amarela, o zíper da aba fechado, ocultando o que quer que tivesse no interior.

Hayden abriu as portas de vidro e eles percorreram os poucos metros até a tenda amarela. Ele virou-se para os dois policiais londrinos.

—Vocês estão prontos?

Forrester sentia-se impaciente.

—Estamos, claro.

Hayden afastou a aba.

—Putá merda — disse Forrester.

O cadáver pertencia a um homem na casa dos 30 anos, Forrester conjecturou. As costas estavam voltadas para eles; e o sujeito estava totalmente nu. Mas não foi isso que o fizera praguejar. A cabeça do homem havia sido enterrada no gramado, o alto do crânio para baixo — o restante do corpo projetado para fora. A posição era, a um só tempo, cômica e profundamente inquietante. Forrester adivinhou de imediato que a vítima devia ter asfixiado. Os assassinos deviam ter cavado um buraco, forçado a cabeça do sujeito para dentro, então colocado terra ao redor, sufocando-o. Uma forma

repugnante, estranha e fria de morrer. Por que diabos alguém faria isso?

Boijer contornava o cadáver, parecendo chocado. Embora a tenda parecesse mais fria do que o jardim exposto ao vento do lado de fora, um cheiro marcante emanava do corpo. Forrester desejou estar usando uma das máscaras para bloquear o cheiro de decomposição.

—Aqui está a estrela — disse Boijer.

Ele estava certo. Forrester circundou o corpo e examinou a frente do cadáver. Uma Estrela de Davi havia sido entalhada no peito do homem; o ferimento parecia ainda mais profundo e repugnante do que a tortura infligida ao zelador.

—Putá merda — disse Forrester novamente.

De pé ao lado dele, Hayden sorriu pela primeira vez naquela manhã.

—Bem — disse ele. — Fico satisfeito de você se sentir da mesma maneira. Pensei que fôssemos só nós.

Três horas mais tarde, Forrester e Boijer tomavam café em copos plásticos na grande barraca diante da mansão. Os policiais locais estavam organizando uma entrevista coletiva à imprensa no "forte". Os dois oficiais da Polícia Metropolitana de Londres estavam sozinhos. O cadáver fora finalmente transferido, 36 horas depois, para o laboratório do legista na cidade.

Boijer olhou para Forrester.

—Não me parece que os locais sejam muito amistosos. Forrester riu.



—Acho que eles falavam uma língua só deles até... ano passado.

—E gatos — disse Boijer, soprando seu café. — Este não é o lugar onde eles têm aqueles gatos sem rabo?

—Gatos Manx. É aqui.

Boijer olhou para fora pela entrada aberta da tenda da polícia, que batia com o vento, na direção da grande construção branca.

—O que essa quadrilha estaria fazendo aqui?

—Só Deus sabe. E por que o mesmo símbolo?— Forrester tomou de um só trago mais um pouco de café. — O que mais nós sabemos sobre a vítima? Você falou com o cara da cena do crime?

—Ele era designer de iates. Estava trabalhando lá em cima.

—No domingo?

Boijer fez que sim com a cabeça.

—É. Normalmente o lugar fica deserto nos fins de semana. Mas ele estava trabalhando na folga.

—Então ele só deu azar?

Boijer afastou o cabelo louro finlandês dos olhos azuis finlandeses.

—Como o sujeito da Craven Street. Deve ter ouvido um barulho.

—E descido. E aí nossos adoráveis assassinos decidiram retalhar ele e enfiar a cabeça dele no chão como um aro de croqué. Até ele morrer.

—Nada agradável.

—E quanto às câmeras do circuito fechado de TV?

— Nada. — Boijer deu de ombros. — O policial de serviço disse que das câmeras não saiu pista nenhuma. Nada de nada.

— É claro. E não vão conseguir nada de digitais e nem de pegadas. Esses caras são loucos, mas não são burros. Muito pelo contrário, aliás.

Forrester saiu da barraca e ergueu os olhos para a casa, piscando para afastar a leve garoa que caía a essa altura. O prédio era de um branco ofuscante. Recém-pintado. Um belo ponto de referência para os navegadores locais. Alto, branco e encastelado, bem acima do quebra-mar e do porto. Ele analisou as ameias e esquadrinhou as janelas de guilhotina. Estava tentando descobrir o que ligava uma casa do século XVIII em Londres com o que parecia ser uma casa do século XVIII na ilha de Man. Mas então percebeu uma coisa. Talvez não fosse nada. Ele apertou bem os olhos. O prédio tinha alguma coisa errada. Não era autêntico — Forrester entendia de arquitetura o suficiente para suspeitar disso. A alvenaria estava bem cuidada demais, as janelas eram todas recentes — não mais do que dez ou vinte anos. A construção era evidentemente um plágio, e não dos melhores. E, decidiu ele, talvez os assassinos soubessem disso. O interior moderno da casa moderna achava-se completamente intacto. Apenas os jardins haviam sido cavados. A quadrilha estava obviamente à procura de alguma coisa, mais uma vez. Mas eles não procuraram na casa. Só no jardim. Aparentemente, sabiam onde não procurar.

Aparentemente, sabiam muita coisa.

Forrester ergueu a gola do casaco para se proteger da garoa fria.

## 14

Já estava ficando escuro quando eles entraram no Land Rover de Christine. Hora do rush. Poucas centenas de metros depois, o carro havia parado por completo. Preso no engarrafamento.

Christine reclinou-se e suspirou. Ligou o rádio e depois desligou. Então olhou para Rob.

— Me fala mais sobre Robert Luttrell.

— Como por exemplo?

— Emprego. Vida. Você sabe...

— Não é assim tão interessante.

— Experimenta.

Ele concedeu-lhe um breve resumo de sua última década. A forma como ele e Sally precipitaram-se para o casamento e a paternidade; a descoberta de que ela estava tendo um caso; o subsequente e inevitável divórcio.

Christine ouviu com atenção.

— Você ainda está zangado com isso?

— Não. Fui eu, também. Quer dizer, a culpa foi minha em parte. Eu estava sempre longe. E ela se sentia sozinha... E eu ainda a admiro, de certa forma.

— Como assim?

— Sally — disse ele. — Ela está estudando Direito. Isso requer estômago. Além de cérebro. Mudar de profissão aos 30. Eu admiro isso. Portanto, não a odeio ou coisa parecida... — Ele

deu de ombros. — Nós só... não vimos as coisas da mesma forma. E casamos cedo demais.

Christine assentiu e então perguntou sobre sua família americana. Ele esboçou seus antecedentes escoceses-irlandeses, a imigração para Utah nos anos 1880. O mormonismo.

O Land Rover por fim avançou. Rob olhou para ela.

—E você?

O trânsito estava realmente diluindo. Ela pisou fundo no acelerador.

—Judia francesa.

Rob adivinhara isso pelo nome. Meyer.

—Metade da minha família morreu no Holocausto. Mas metade sobreviveu. Os judeus franceses se saíram bem na guerra, comparativamente.

—E sua mãe e seu pai?

Christine explicou que sua mãe era acadêmica em Paris e o pai, afinador de pianos. Morrera havia 15 anos.

—Na verdade — acrescentou ela —, não tenho certeza se ele afinava muitos pianos mesmo quando estava vivo. Ele só ficava sentado de braços cruzados no apartamento em Paris. Reclamando.

—Parece o meu pai. Só que o meu pai também era um filho da puta.

Christine olhou de relance para ele. O céu atrás dela, emoldurado pela janela do carro, exibia tons púrpura e safira. Um espetacular crepúsculo do deserto. Eles estavam bem longe de Sanliurfa agora.

—Você disse que seu pai era mórmon?

—Ele é.

—Fui a Salt Lake City uma vez.

—Mesmo?

—Quando estava no México, trabalhando em Teotihuacán, tirei férias nos Estados Unidos.

Rob riu.

—Em Salt Lake City?

—Utah. — Ela sorriu. — Sabe o Parque Nacional de Canyonlands e o de Arches?

—Ah. — Ele assentiu com um movimento de cabeça. — Isso faz mais sentido.

—Uma vista maravilhosa. De qualquer maneira, o voo passava por Salt Lake City...

—A cidade grande mais chata dos Estados Unidos.

Um caminhão do exército ultrapassou o Land Rover, com tropas turcas despreocupadamente penduradas atrás, indistintas ao anoitecer.

Um dos soldados acenou e sorriu com ar malicioso quando viu Christine, mas ela o ignorou.

—Não era nenhuma Nova York, mas gostei bastante.

Rob pensou em Utah e em Salt Lake City. Suas únicas lembranças de Salt Lake City eram os domingos tristes, a ida até a grande catedral mórmon. O Tabernáculo.

—É engraçado — acrescentou Christine. — As pessoas riem dos mórmons. Mas quer saber?

—O quê?

—Salt Lake City é a única cidade grande dos Estados Unidos onde me senti completamente segura. Você pode andar na

rua às cinco da manhã e ninguém te assalta. Os mórmons não agriDEM as pessoas. Eu gosto disso.

—Mas comem uma comida horrível... e usam calças de poliéster.

—Tudo bem. E em algumas cidades em Utah sequer se consegue comprar café. A bebida do diabo. — Christine sorriu em silêncio. O ar do deserto entrava quente pela janela aberta do Land Rover. — Mas estou falando sério. Os mórmons são ótimos. Simpáticos. A religião os deixa assim. Por que os ateus zombam das pessoas de fé, se a fé nos torna melhores?

—Você é religiosa, não é?

—Sou.

—Eu não.

—Foi o que eu imaginei.

Eles riram.

Rob recostou-se, analisando o horizonte. Eles estavam passando por um casebre de concreto que ele havia visto antes, repleto de pôsteres de políticos turcos.

—Não estamos perto do desvio?

—Estamos. E logo adiante.

O carro reduziu a velocidade quando eles se aproximaram do cruzamento. Rob estava pensando nas crenças de Christine. Ela dissera que era católica. Aquilo ainda o confundia. Muitas coisas a respeito de Christine Meyer ainda o confundiam: por exemplo, sua paixão por Sanliurfa, apesar da atitude local bastante patriarcal com relação às mulheres.

O Land Rover saiu do asfalto. Agora eles chacoalhavam pela estrada repleta de cascalho, em total escuridão. Os faróis

destacavam arbustos ocasionais e rochas escassas. Possivelmente uma gazela saltando no escuro. Ura minúsculo vilarejo, iluminado por luzes dispersas, cintilava à margem de uma encosta. Rob mal conseguiu distinguir a ponta de um minarete na penumbra envolvente. A lua começara a subir. Rob perguntou sem rodeios a Christine o que ela achava do islamismo. Ela explicou que admirava certos aspectos dessa religião. Sobretudo o muezim.

—Sério? — perguntou Rob. — Aquela lamentação toda? Às vezes acho aquilo tudo intrusivo. Quer dizer, não detesto, mas ainda assim... às vezes...

—Eu acho comovente. O choro da alma, implorando a Deus. Você deveria ouvir com mais atenção!

Eles pegaram a segunda saída depois de um último e silencioso vilarejo curdo. Mais alguns quilômetros, e veriam os contornos das baixas colinas de Gobekli ao luar. O Land Rover rugiu quando Christine fez a última curva. Depois do acidente, Rob não sabia o que esperar na escavação. Viaturas de polícia? Barreiras? Nada?

Havia de fato uma nova barreira, de um lado a outro da pista. Dizia Polícia, E Entrada Proibida. Em turco e em inglês. Rob saltou do carro e afastou a barreira azul para o lado. Christine a ultrapassou e estacionou.

O sítio estava deserto. Rob sentiu um grande alívio. O único indício de que a escavação era agora a cena de uma morte suspeita era a nova lona, erguida sobre o fosso onde Franz havia sido empurrado — isso e a sensação de vazio na área das tendas. Muita coisa havia sido levada. A imensa mesa fora

removida ou desmontada. A temporada de escavação havia sem dúvida terminado.

Rob olhou de relance para as pedras. Perguntara-se antes qual seria a sensação de estar no meio delas à noite. Naquele instante, de forma bastante inesperada, lá estava ele. Elas pareciam misteriosas nas áreas cercadas. A lua subira completamente e lançava uma sombra esbranquiçada na paisagem. Rob sentiu o estranho desejo de descer até os cercados. De tocar os megálitos. De pousar o rosto no frescor das pedras antigas. Passar os dedos pelos entalhes. Na realidade, sentira vontade de fazer isso na primeira vez que as vira.

Christine aproximou-se por trás dele.

— Está tudo bem?

— Está!

— Então vamos. Rápido. Este lugar... me assusta um bocado à noite.

Rob reparou que ela evitava olhar para a trincheira. A trincheira onde Franz fora assassinado. Percebeu o quanto aquela visita devia ser difícil para ela.

Eles percorreram rápido a elevação. A esquerda havia uma cabine de plástico azul: o escritório particular de Franz. A porta havia sido recém-trancada a cadeado.

Christine suspirou.

— Droga.

Rob pensou um instante. Então correu até o Land Rover, abriu a porta traseira e bateu na escuridão. Voltou com o macaco. A brisa do deserto soprava quente e o luar cintilava



no cadeado. Ele enfiou o macaco na tranca, girou-o e o cadeado abriu com um estalido.

O interior da cabine era pequeno e estava bastante vazio. Christine iluminou o lugar com uma lanterna. Um par de óculos sobressalentes repousava sobre uma prateleira vazia. Alguns livros acadêmicos estavam espalhados a esmo sobre uma mesa de trabalho com uma grossa camada de poeira. A polícia havia levado quase tudo.

Christine ajoelhou-se e suspirou novamente.

— Eles levaram o maldito armário.

— Sêrio?

— Estava escondido aqui embaixo. Perto da geladeirinha. Sumiu. Rob sentiu uma aguda decepção.

— Então é isso ? — Havia sido uma viagem perdida.

Christine parecia profundamente triste.

— Vamos — disse ela. — Vamos embora antes que alguém nos veja. Já invadimos uma cena de crime.

Rob recolheu o macaco. Mais uma vez, enquanto passava pelas cavidades sombrias rumo ao carro, sentiu o estranho desejo de tocar as pedras. De deitar-se ao lado delas.

Christine abriu a porta do motorista no Land Rover. A luz interna se acendeu. Rob abriu ao mesmo tempo a porta traseira para guardar o macaco. E, ato contínuo, ele o viu: a luz cintilava sobre um pequeno bloco brilhante. Aninhado no banco de trás; preto, mas de aparência cara. Ele o pegou. Ao abrir a capa, viu o nome Franz Breitner — em caligrafia pequena e elegante.

Rob contornou o automóvel e debruçou sobre a porta do passageiro para mostrar a Christine sua descoberta.

—Meu Deus! — gritou ela. — É isso! É o bloco de Franz! Era atrás dele que eu estava. Era onde ele escrevia... tudo.

Rob o entregou. Com expressão decidida, Christine folheou as páginas, e murmurou:

—Ele anotava tudo aqui. Eu o vi fazendo isso. Às escondidas. Esse era o grande segredo dele. Muito bem!

Rob acomodou-se no banco do passageiro.

—Mas o que ele está fazendo no seu carro? — Assim que fez a pergunta, sentiu-se meio idiota. A resposta era óbvia. Devia ter caído do bolso de Franz quando Christine o levava para o hospital. Isso, ou Franz sabia que estava morrendo, enquanto sangrava no banco de trás, e o retirara do bolso e deixara ali. Intencionalmente. Sabendo que Christine o encontraria.

Rob balançou a cabeça. Estava se tornando um teórico da conspiração. Precisava entender. Esticando o braço à esquerda, ele bateu a porta, fazendo o carro sacudir.

—Opa! — disse Christine.

—Desculpa.

—Alguma coisa caiu.

—O quê?

—Quando você bateu a porta do carro. Alguma coisa caiu do bloco.

Christine tateava o chão no espaço para os pés e correu a mão para um lado e outro por baixo dos pedais. Então ergueu o tronco, segurando alguma coisa entre os dedos.

Era um talo seco de grama. Rob fitou-o.

—Por que diabos Franz guardaria isso?

Mas Christine estava olhando para o talo de grama. Fixamente.

Christine dirigiu ainda mais rápido do que de costume na volta para a cidade. Na periferia, onde os vestígios do deserto se encontravam com os primeiros prédios cinza de concreto, eles viram um arremedo de café de beira de estrada, com mesas de plástico brancas enfileiradas no lado de fora, e alguns motoristas de caminhão bebendo cerveja. Eles tinham um ar culpado.

— Cerveja? — perguntou Rob.

Christine olhou para o outro lado.

— Boa idéia.

Ela virou à direita e estacionou. Os motoristas ficaram espiando enquanto Christine saltava do carro e ziguezagueava até uma das mesas.

Era uma noite quente; moscas e outros insetos voavam ao redor das lâmpadas expostas penduradas do lado de fora do café. Rob pediu duas cervejas Efes. Eles conversaram sobre Gobekli. De vez em quando, passava algum caminhão imenso retumbando pela estrada, os faróis brilhando, a caminho de Damasco, Riad ou Beirute, abafando a conversa dos dois e fazendo as lâmpadas tremerem e saltarem. Christine folheou as páginas do bloco de notas. Estava absorta, quase exaltada. Rob deu um gole em sua cerveja quente no copo arranhado e a deixou entregue a sua atividade.

Agora ela folheava as páginas em todas as direções, com ar melancólico. Por fim, lançou-o sobre a mesa e suspirou.

— Não sei... está uma bagunça. Rob pôs na mesa o copo de cerveja.

— Como ?

— Está caótico. — Ela fez um muxoxo. — O que é estranho. Porque o Franz não era descuidado. Era meticoloso. "Eficiência teutónica", como ele a chamava. Era rigoroso e preciso. Sempre... Sempre... — Seus olhos castanhos enevoaram-se por um segundo. Com ar determinado, ela estendeu a mão para pegar sua cerveja, deu um gole e disse: — Dá uma olhada.

Rob analisou as páginas iniciais.

— Pra mim parece tudo bem.

— Aqui — disse ela, apontando. — É verdade, ele começa de forma bastante ordenada. Diagramas das escavações. Micrólitos registrados. Mas aqui... veja...

Rob folheou mais algumas páginas até que ela o interrompeu.

— Veja, a partir daqui tudo degringola. A caligrafia vira garrancho. E os desenhos e pequenos rabiscos, caóticos. E aqui, o que são todos esses números?

Rob examinou com mais atenção. As anotações estavam quase todas em alemão. A caligrafia a princípio era muito elegante; mas tornava-se cada vez mais garranchada no final. Havia uma lista de números na última página. Então um comentário sobre alguém chamado Orra Keller. Rob lembrou-se de uma garota que conhecera na Inglaterra chamada Orra. Uma judia. Então, quem seria aquela Orra Keller? Ele perguntou a Christine; ela deu de ombros. Ele interpelou-a quanto aos números. Ela tornou a dar de ombros — mais enfaticamente. Rob notou que também havia um desenho no bloco: um esboço de um campo e algumas árvores.

Ele devolveu o bloco a Christine.

—O que dizem as anotações? Sei muito pouco alemão.

—Bem, a maior parte é ilegível. — Ela abriu o bloco perto do fim. — Mas aqui ele fala sobre trigo. E um rio. Que se transforma em outros rios. Aqui.

—Trigo? Mas por quê?

—Só Deus sabe. E esse desenho parece ser um mapa. Eu acho. Com montanhas. Está escrito montanhas com um ponto de interrogação. E rios. Ou talvez sejam estradas. Está uma verdadeira bagunça.

Rob terminou sua cerveja e gesticulou para o dono do bar, pedindo mais duas. Outro imenso caminhão prateado retumbou ao passar pela estrada de Damasco. O céu negro sobre Sanliurfa exibia faixas alaranjadas enevoadas.

—E o talo de grama?

Christine balançou a cabeça.

—É, é estranho. Por que guardar aquilo?

—Você acha que ele estava assustado? É por isso que as anotações estão tão... bagunçadas?

—É possível. Você se lembra do Pulsa Dinura?

Rob estremeceu.

—É difícil de esquecer. Você acha que ele sabia sobre aquilo?

Christine removeu um inseto da borda de sua cerveja. Então encarou Rob com olhar firme.

—Acho que sabia. Deve ter ouvido os cantores diante da janela. E ele era especialista em religiões mesopotâmicas. Os demônios e as maldições. Era uma das especialidades dele.

—Então ele estava ciente de que corria perigo?

—Provavelmente. O que poderia explicar o caos dessas anotações. Puro medo. Mas ainda assim... — Ela segurou o

bloco fechado nas mãos, como se calculasse seu peso. — O trabalho de toda uma vida...

Rob podia sentir sua tristeza.

Christine soltou o bloco novamente.

— Esse lugar é horrível. Não me interessa que tenha cerveja. Podemos ir?

— Com prazer.

Deixando algumas moedas sobre um pires, eles dirigiram-se ao Land Rover e dispararam estrada afora. Depois de algum tempo, Christine declarou:

— Não acredito que fosse só medo, não faz sentido. — Ela girou o volante para que eles ultrapassassem um ciclista, um velho com vestimentas árabes. Sentado na frente do ciclista, atravessado na barra, havia um menininho de pele escura. O menino acenou para o Land Rover, sorrindo para a mulher ocidental branca.

Rob percebeu que Christine estava pegando ruas laterais. Aquele não era o caminho mais óbvio de volta ao centro da cidade. Por fim, ela disse:

— Franz era aplicado e meticoloso. Não creio que uma maldição o tirasse dos eixos. Nada o deixaria tão perturbado assim.

— Então o que foi? — perguntou Rob.

Eles estavam agora numa parte mais nova da cidade, de aspecto quase europeu. Prédios bonitos e limpos. Mulheres passeavam pelas ruas à noite, nem todas com lenços na cabeça. Rob viu um supermercado vivamente iluminado anunciando queijo em alemão e em turco. Vizinho a ele,

havia um cibercafé repleto de monitores acesos com as silhuetas escuras de cabeças diante deles.

—Acho que ele devia ter alguma teoria. Ele costumava se entusiasmar com teorias.

—Eu percebi.

Christine sorriu, olhando para a frente.

—Acho que ele tinha alguma teoria a respeito de Gobekli. É isso que as anotações me dizem.

—Uma teoria que tem a ver com o quê?

—Talvez ele tenha descoberto por que Gobekli foi enterrada. Afinal de contas, esse é o grande mistério. Ele ficaria bastante agitado se achasse que estava perto de uma solução.

Rob não se satisfez com aquilo.

—Mas por que ele simplesmente não anotou, ou contou a alguém? O carro havia parado. Christine tirou a chave da ignição.

—Boa pergunta — disse ela, olhando para Rob. — Muito boa pergunta. Vamos descobrir. Vem.

—Onde?

—Tenho um amigo aqui. Talvez ele consiga ajudar.

Eles estavam estacionados diante de um prédio novo de apartamentos, em cuja entrada um enorme pôster vermelho anunciava a Turku Cola. Christine subiu os degraus correndo e apertou um botão numerado. Eles esperaram, e então soou uma campainha, liberando-lhes a entrada. O elevador conduziu-os ao décimo andar. Eles subiram em silêncio.

Havia uma porta semiaberta do outro lado do corredor. Rob seguiu Christine. Olhou para dentro do apartamento — e

então deu um pulo: logo atrás da porta estava Ivan, o paleobotânico, aquele da festa. Semi-escondido ali.

Ivan cumprimentou-os educadamente com um aceno de cabeça, mas sua expressão era claramente pouco amistosa. Quase suspeita. Ele os conduziu para a sala principal de seu apartamento. Era austero, só tinha montes de livros e algumas fotos. Sobre uma escrivaninha, um laptop exibia uma proteção de tela com os megálitos de Gobekli. Havia um pequeno e bonito objeto de pedra sobre o console da lareira semelhante a um dos demônios do vento mesopotâmicos. Rob pegou-se conjecturando se Ivan o teria roubado.

Eles sentaram-se. Calados. Ivan não ofereceu nem chá nem água, só sentou diante deles, olhou fixo para Christine e perguntou:

—E então?

Ela sacou o bloco e o depositou sobre a mesa. Ivan contemplou-o. Ergueu os olhos na direção de Christine. Seu rosto jovem e eslavo era o retrato da frieza. Como alguém que estivesse reprimindo a emoção. Ou alguém acostumado a reprimir emoções.

Então Christine enfiou a mão no bolso, retirou o talo de grama e pousou-o muito gentilmente sobre o livro. Rob ficou prestando atenção ao rosto de Ivan o tempo todo. Não fazia ideia do que estava acontecendo ali, mas sentia que a reação de Ivan era crucial. Ivan teve um ligeiro sobressalto ao ver o talo de grama. Rob não conseguiu mais suportar o silêncio.

—Gente? Por favor? O que é isso? O que está havendo?

Christine olhou de relance para ele como se pedisse tenha paciência. Mas Rob não estava a fim de ser paciente. Queria



saber o que estava acontecendo. Por que eles haviam ido até lá, tarde da noite? Para ficar sentados em silêncio contemplando uma porção de mato?

—Trigo *monoccocum* — disse Ivan.

Christine sorriu.

—E, não é? Trigo *monoccocum*.

Ivan balançou a cabeça.

—Você precisava de mim para dizer isso, Christine?

—Bom... eu não tinha certeza. Você é o especialista.

—Então agora você tem certeza. E eu estou muito cansado.

Christine recolheu a erva.

—Obrigada, Ivan.

—De nada. — Ele já estava de pé. — Até logo.

Eles foram rapidamente escoltados até a porta. Na entrada, Ivan olhou de relance para a esquerda e para a direita no corredor, como se esperasse ver alguém indesejado. Então bateu a porta.

—Bem amigável isso aí — disse Rob.

—Mas conseguimos o que queríamos.

Eles chamaram o elevador e desceram. Rob estava irritado com todo aquele mistério.

—OK — disse ele quando aspiraram o ar quente cheirando a diesel da rua. — Vamos lá, Christine. Trigo *monococum*.

Que diabo é isso?

Sem se virar para encará-lo, ela respondeu:

—É a espécie de trigo mais antiga do mundo. O trigo original, o primeiro cereal de todos os tempos, se você quiser chamar assim.

—E?

—Ele só cresce por aqui. E foi fundamental para a mudança rumo à agricultura. Foi quando o homem começou a cultivar a terra.

—E?

Christine virou-se. Os olhos castanhos brilhavam.

—Franz achava que fosse uma pista. Tenho certeza de que ele achou que fosse uma pista. E nesse caso, eu acho que é uma pista.

—Uma pista de quê?

—Talvez explique por que eles enterraram o templo.

—Mas como um pedaço de capim pode fazer isso?

—Mais tarde. Vamos. Você viu o jeito como Ivan estava vigiando a porta. Vamos. Agora.

—Você acha que estamos sendo... seguidos?

—Não exatamente seguidos. Talvez observados. Sei lá. Pode ser paranóia.

Rob lembrou-se de Franz, fincado na trave. Saltou para dentro do carro.

## 16

Forrester acordou com um suor quase febril. Piscou, encarando as cortinas encardidas de seu quarto de hotel em Douglas. Por um momento, o pesadelo se prolongou, conferindo um caráter diabólico palpável, ainda que absurdo, à mobília do hotel: a porta do armário achava-se semiaberta, mostrando a escuridão no interior; a televisão espreitava, atarracada e feia, a um canto.

O que ele havia sonhado? Esfregou o rosto para afastar o sono e lembrou-se: sonhara com o de sempre, claro. Um corpinho. Uma ponte. Então o bump-bump-bump dos carros passando por cima de um pneu .

Bump bump bump.

Bump bump bump.

Ele se levantou, caminhou até a janela e abriu as cortinas. Para sua surpresa estava claro: bastante claro. O céu estava branco e inexpressivo e as ruas estavam movimentadas; *ele ia se atrasar para a entrevista coletiva.*

Ele chegou bem a tempo. O salão, de bom tamanho, já estava tumultuado. A polícia local requisitara a maior sala no Forte de St. Anne. A um punhado de jornalistas locais reunira-se uma dezena de freelancers de todo o Reino Unido. Duas equipes de televisão com câmeras digitais, grandes fones de ouvido e longos microfones cinza matavam o tempo nos fundos da sala. Forrester avistou uma cabeleira loura familiar: era a correspondente londrina da CNN. Ele a vira em várias outras ocasiões.

A CNN? Era óbvio que alguém havia informado a mídia de Londres sobre a natureza macabra do assassinato. Do fundo do salão, ele inspecionou o lugar. Havia três policiais sentados na frente: o subcomissário Hayden no meio, ladeado por dois sujeitos mais jovens. Uma imensa tela azul diante deles dizia Força Policial da Ilha de Man.

O subcomissário de polícia ergueu uma das mãos.

—Se pudermos começar... — Ele explicou aos jornalistas as circunstâncias do crime, mencionando a descoberta do corpo

e descrevendo laconicamente à forma como a cabeça do homem havia sido enterrada no solo.

Um dos jornalistas ficou boquiaberto.

Elayden fez uma pausa, dando tempo para que os jornalistas assimilassem o detalhe macabro. Em seguida fez um apelo para que possíveis testemunhas procurassem a polícia. Tendo concluído a exposição, correu os olhos pela sala.

—Alguma pergunta?

Várias mãos dispararam para o alto.

—A jovem ao fundo.

—Angela Darvill, CNN. O senhor acha que há alguma ligação entre este assassinato e o caso recente em Covent Garden?

Aquilo foi inesperado. Hayden estremeceu visivelmente, então olhou de relance para Forrester, que deu de ombros. O agente da Scotland Yard não soube o que dizer. Se a mídia já tinha conhecimento da ligação, ninguém podia fazer nada a respeito. Eles teriam de pedir à mídia para manter o sigilo, a fim de que os assassinos não soubessem que a polícia relacionara os casos; mas era impossível desdizer o que alguém havia dito de forma clara.

O subcomissário retribuiu o gesto de Forrester, então tornou a olhar para a jornalista americana.

—Srta. Darvil!, há certas peculiaridades em comum. Mas qualquer coisa, além disso, é mera especulação neste momento. Eu não gostaria de tecer outros comentários. Nós agradeceríamos sua descrição a este respeito, e estou certo de que a senhorita compreende o porquê. — Em seguida, correu os olhos pela sala, para pedir a próxima pergunta. Mas Angela Darvill ergueu a mão novamente.

—O senhor acha que há um fator religioso?

—Perdão?

—A Estrela de Davi. A gravação no peito. Em ambos os casos. Os jornalistas locais viraram-se para encarar Angela Darvill. A pergunta os desconcertara; ela havia deixado a sala inteira agitada. Hayden não havia mencionado o "desenho" dos cortes.

A sala aquietou-se quando Hayden respondeu.

—Srta. Darvill. Temos um crime brutal e muito sério para investigar. O tempo está passando. Portanto, eu acho que deveria responder mais algumas perguntas dos... outros. Certo?

—Brian Deeley, The Douglas Star. — O freelancer local especulou sobre as possíveis causas e Hayden declarou que no momento eles as desconheciam. Depois de mais uma leva de perguntas de Deeley, a que Hayden respondeu, um jornalista de fora da ilha de Man ergueu-se e perguntou sobre quem era a vítima. Hayden informou que se tratava de um homem querido, com mulher e filhos, e um hábil navegador. O subcomissário contemplou a sala, encarando um rosto de cada vez.

—Talvez alguns de vocês conheçam o barco dele, o Manatee. Ele costumava navegar com o filho Jonny. — Hayden sorriu com ar abatido. — O menino tem apenas 10 anos de idade. Por alguns segundos, ninguém falou.

A polícia da ilha de Man estava fazendo um bom trabalho, pensou Forrester. A emoção explícita fora uma tática habilidosa. Era assim que se fazia com que testemunhas se apresentassem: apelando para o coração, não para a cabeça. E

eles realmente precisavam de testemunhas. Porque não tinham nenhuma prova, nenhum DNA, nenhuma impressão digital. Nada.

Hayden gesticulava na direção de um sujeito calvo usando um casaco com capuz.

— O amigo no canto? Sr...?

— Harnaby. Alisdair. Rádio Triskel.

— Sim?

— O senhor acha que o crime está ligado à história atípica do prédio?

Os dedos de Hayden tamborilaram sobre o tampo da mesa.

— Não estou ciente de nenhuma história atípica.

— Estou me referindo à maneira como o castelo foi construído. Talvez seja importante. O senhor sabe, todas as histórias...

Os dedos do policial pararam de tamborilar.

— Neste momento, sr. Harnaby, estamos seguindo todas as linhas de investigação. Mas espero que não estejamos indo atrás de lendas. E isso é tudo que posso lhe dizer. Agora — ele ergueu-se —, acho que temos trabalho a fazer, portanto peço licença aos senhores. Creio que há café na barraca lá na frente.

Forrester olhou em torno. A coletiva havia sido boa, profissional: mas ele ainda estava preocupado. Alguma coisa o estava incomodando. Ele olhou para Harnaby. A que aquele sujeito estava se referindo? A "história atípica" do prédio? Aquilo fez soar uma campainha nos pensamentos de Forrester. Havia alguma coisa errada ali. A arquitetura, o efeito pastiche do imóvel: alguma coisa estava errada.

Alisdair Harnaby estendeu a mão para pegar um saco plástico azul de compras sobre sua cadeira.

—Sr. Harnaby?

O homem virou-se, os óculos de aro fino brilhando sob as lâmpadas.

—Sou o inspetor-chefe Forrester, da Polícia Metropolitana. Harnaby pareceu confuso. Forrester acrescentou:

—Scotland Yard. O senhor tem um minuto?

O homem arriou sua sacola plástica e Forrester sentou-se ao lado dele.

—Estou interessado no que o senhor disse. Sobre a história atípica do prédio. O senhor pode explicar isso com mais detalhes?

Harnaby assentiu, olhos piscando. Correu os olhos pelo salão vazio.

—O que o senhor está vendo hoje é na verdade uma cópia grosseira do prédio anterior.

—Certo, então...

—O forte original, o Forte de St. Anne, foi demolido em 1979. Também era conhecido como a Extravagância de Whaley.

—E foi construído por?

—Jerusalém Whaley. Um devasso.

—Um devasso ?

—Um garanhão, um fanfarrão, um criminoso de classe alta. O senhor conhece o tipo.

—Uma espécie de playboy?

—Sim e não. — Harnaby sorriu. — Estamos falando aqui de várias gerações de verdadeiro sadismo.

— Por exemplo?

— O pai de Whaley foi Richard Chappell Whaley. Mas os irlandeses o chamavam de Burnchapel<sup>4</sup> Whaley.

— Porque...

— Ele era membro da aristocracia anglo-irlandesa. Era protestante. E tinha o costume de incendiar igrejas católicas irlandesas. Com os fiéis dentro.

— Pergunta idiota, a minha.

— É. Sim. — Harnaby sorriu. — Aquilo era repulsivo! E Burnchapel Whaley também era membro do Hellfire Club<sup>5</sup> da Irlanda. Eram uns bandidos, até pelos padrões da época.

— OK. E quanto a Jerusalém Whaley, o filho?

Harnaby franziu a testa. A sala achava-se tão silenciosa a essa altura que Forrester podia ouvir o tamborilar da garoa nas altas janelas de guilhotina.

— Tom Whaley? Outro garanhão. Tão violento e temerário quanto o pai. Mas então houve uma coisa. Ele voltou à Irlanda depois de uma longa viagem ao Oriente, a Jerusalém. Daí o apelido: Jerusalém Whaley. Quando voltou, a viagem parecia tê-lo mudado. A viagem o derrotou.

Forrester franziu o cenho.

— Como?

— Só o que sabemos é que Jerusalém Whaley voltou um homem muito diferente. Construiu este castelo estranho: o Forte de St. Anne. Escreveu suas memórias. Um livro

---

<sup>4</sup> O nome Burnchapel é a união do verbo to bum, queimar, incendiar, com o substantivo chapel, que significa capela, santuário. (N. da T.)

<sup>5</sup> Nome dado a várias sociedades secretas do século XVIII, na Inglaterra e na Irlanda, que reuniam cavalheiros, ou "homens de bem", dispostos a cometer atos imorais. Havia rumores de que seus membros eram adoradores do diabo. (N. da T.)



surpreendentemente cheio de remorso. E então morreu. Deixando para trás o castelo e muitas dívidas. Mas foi uma vida fascinante! Absolutamente fascinante. — Harnaby fez uma pausa. — Desculpe, sr. Forrester, se falo demais. Às vezes eu me empolgo. O folclore local é uma pequena paixão minha. Tenho um programa de rádio sobre história local, entende?

— Não se desculpe. Isso é muito interessante. Eu na verdade só tenho mais uma pergunta. Sobrou alguma coisa do imóvel antigo?

— Ah, não. Não, não, não. Foi tudo demolido. — Harnaby suspirou. — Isso foi nos anos 70! Eles teriam demolido a Catedral de St. Paul se pudessem. De verdade. É uma pena. Alguns anos mais tarde e o prédio teria sido conservado.

— Então não sobrou nada?

— Não. Se bem que... — O rosto de Harnaby se ensombreceu.

— Tem uma coisa...

— O quê?

— Eu sempre tive curiosidade de saber... Existe mais uma lenda. Bastante estranha na verdade. — Harnaby agarrou sua sacola plástica.

— Vou mostrar ao senhor!

O velho cambaleou rumo à porta e Forrester seguiu-o até o jardim da frente. Em meio à brisa, ao frio e à garoa, Forrester olhou para a esquerda: viu Boijer ao lado da tenda da polícia. A garota da CNN estava passando com sua equipe. Forrester apontou para Angela Darvill e disse em silêncio a Boijer, mexendo os lábios sem emitir som: fale com ela, descubra o que ela sabe. Boijer fez que sim com a cabeça.

Harnaby atravessou com dificuldade os jardins encharcados diante da casa encastelada. Onde os jardins davam lugar a cercas-vivas e muralhas, o velho ajoelhou-se como se estivesse prestes a cuidar do jardim.

—Olhe!

Forrester agachou-se ao lado dele e examinou a terra molhada e escura.

Harnaby sorriu.

—Olhe! Está vendo? O solo é mais escuro aqui do que aqui.

Era verdade. O solo parecia mudar ligeiramente de cor. A terra do jardim do castelo era claramente mais adubada e escura do que a mais afastada da casa.

—Não estou entendendo. O que é isso?

Harnaby balançou a cabeça.

—É irlandês.

—Perdão?

—O solo. Não é daqui. Talvez seja da Irlanda.

Forrester piscou. Estava chovendo novamente e mais forte dessa vez. Mas ele não prestou atenção ao fato. As engrenagens do caso giravam em sua mente. Giravam bem rápido.

—Por favor, explique.

—Buck Whaley era um homem impulsivo. Certa vez apostou com alguém que conseguia pular de uma janela do segundo andar sobre um cavalo e sobreviver. Foi o que ele fez, mas o cavalo morreu! — Harnaby riu. — Seja como for, o boato é o de que ele se apaixonou por uma irlandesa, pouco antes de vir para cá. Para Man. Mas isso criou um problema.

— Qual?

—O contrato de casamento da noiva dizia que ela só poderia viver em solo irlandês. Mas isso foi em 1786 e Whaley havia acabado de comprar a casa. Ele estava decidido a trazer a mulher para cá, apesar do contrato. — Os olhos de Harnaby brilhavam.

Forrester pensou a respeito daquilo.

—O senhor está querendo dizer que ele deslocou toneladas de terra irlandesa para morar em cima dela? Para que ela vivesse em solo irlandês?

—Em poucas palavras, sim. E isso. Ele deslocou um imenso carregamento de terra para a ilha de Man e, com isso, cumpriu sua promessa. E o que dizem...

Forrester pousou a palma da mão sobre a terra escura e úmida, agora pontilhada de pre<sup>o</sup> por causa da chuva.

—Então o prédio inteiro foi construído sobre este mesmo solo irlandês. Este solo aqui?

—É bem provável.

Forrester levantou-se. Ficou pensando se os assassinos conheciam aquela história bizarra. Tinha a forte sensação de que sim. Porque eles haviam ignorado o prédio e, em vez disso, ido direto ao único possível vestígio autêntico da Extravagância de Whaley. O solo sobre o qual o imóvel fora construído.

Forrester tinha mais uma pergunta.

—OK, sr. Harnaby, de onde teria vindo este solo?

—Ninguém sabe ao certo. Mas — e o jornalista tirou os óculos para secar a chuva das lentes. — Eu já tive uma teoria. De que veio da Casa Montpelier.

—Que vem a ser...?

Harnaby piscou.

—A sede do Hellfire Club irlandês.

## 17

Rob e Christine voltaram para o bairro onde ela morava. Estacionaram, com um solavanco, na esquina da rua dela. Quando saltou do Land Rover, Rob olhou para a esquerda e para a direita. No fim da rua havia uma mesquita, com minaretes esguios e altos, banhados pela luz verde fantasmagórica de um holofote. Dois homens de bigode e terno discutiam nas sombras mais adiante, ao lado de um grande BMW preto. Os homens olharam rapidamente para Rob e Christine, e então voltaram à sua discussão inflamada.

Christine conduziu Rob ao saguão empoeirado de um prédio moderno. O elevador não aparecia — talvez estivesse quebrado —, de forma que eles subiram três lances de escada. O apartamento era grande, arejado e iluminado — e quase desprovido de mobília. Havia pilhas impecáveis de livros amontoados sobre o piso de madeira polida, e mais outras arrumadas às centenas nas prateleiras ao longo de uma parede. Uma grande mesa de aço e um sofá de couro ocupavam um dos lados da sala de estar. Uma cadeira de vime descansava no canto oposto.

—Detesto bagunça — disse ela. — Uma casa é uma máquina de morar.

—Le Corbusier.

Ela sorriu e assentiu. Rob sorriu também. Gostara do apartamento. Era muito... Christine. Simples, intelectual,

elegante. Ele examinou uma imagem na parede: era a fotografia grande e lúgubre de uma torre bastante estranha. Uma torre de tijolos laranja-dourados, circundada por ruínas aleatórias, com vastas extensões de terra deserta mais além.

Os dois sentaram-se lado a lado no sofá de couro e Christine pegou o bloco novamente. Enquanto ela folheava mais uma vez as páginas rabiscadas de Breitner, Rob teve de perguntar:

—Então. Trigo monoccocum ?

Mas Christine não estava ouvindo: ela segurava o bloco bem próximo ao rosto.

—Esse mapa — disse consigo mesma. — Esses números... e isso aqui... essa mulher, essa Orra Keller... Talvez...

Rob esperou uma resposta. Não houve resposta. Ele sentiu a brisa na sala: as janelas estavam abertas. Rob ouviu vozes — lá fora, na rua. Foi até a janela e olhou para baixo.

Os sujeitos de bigode ainda estavam por ali, só que agora bem debaixo do prédio de Christine. Outro homem, de casaco escuro e acolchoado com capuz, espreitava na entrada da loja em frente, um imenso showroom de motocicletas Honda. Os dois homens de bigode olharam para cima quando Rob debruçou-se na janela. Eles o encararam em silêncio. Ficaram só olhando para ele. O sujeito do casaco com capuz também olhava para cima. Três homens olhando Rob no olho. Aquilo intimidava bastante. Mas Rob concluiu que devia estar ficando paranóico. Era impossível que Sanliurfa inteira estivesse atrás deles; aqueles caras eram só... uns caras. Era coincidência. Ele se afastou da janela e correu os olhos pela sala.

Talvez um dos inúmeros livros nas prateleiras pudesse ajudar. Ele correu o dedo por alguns títulos. O epipaleolítico sírio... Moderna microanálise do elétron... Antropologia pré-colombiana... Não eram exatamente best-sellers. Ele viu um livro mais geral, Enciclopédia de arqueologia. Puxando-o para fora da prateleira, ele saltou direto para o índice e encontrou de imediato. *Triticum monoccocum*, página 97.

Com a brisa noturna de Sanliurfa enchendo a sala e Christine examinando o bloco em silêncio, Rob analisou e digeriu a informação.

Trigo *monoccocum* era uma espécie de erva silvestre. Segundo o livro, crescia naturalmente no sudeste da Anatólia. Ele estudou um pequeno mapa na página oposta da enciclopédia, que mostrava que o *monoccocum* era nativo da área ao redor de Sanliurfa. Na realidade, ele parecia crescer em muito poucas outras regiões. Rob continuou a ler.

O trigo *monoccocum* era aparentemente uma erva do sopé dos morros e de montanhas baixas. Fora crucial para o início da agricultura e a transformação do homem de caçador em cultivador. Junto com o trigo farro, foi provavelmente a "primeira forma de vida domesticada pelo homem". E isso ocorrera no sudeste da Anatólia e arredores. Ali pelas imediações de Sanliurfa.

A página que ele estava lendo o conduziu a outro artigo, sobre as origens da agricultura. A julgar pelo trigo *monoccocum*, era um assunto importante para todo o mistério de Gobekli — portanto Rob ocupou--se também desse artigo. Fez leitura dinâmica das páginas. Porcos e galinhas. Cães e gado. Farro e

monococum. Mas então os parágrafos finais chamaram sua atenção.

"O grande mistério dos primórdios da agricultura não é o Como, e sim o Porquê. Há provas mais que suficientes de que a transição para a agricultura causou grandes tribulações aos primeiros fazendeiros, ao menos se comparada com o estilo de vida relativamente livre e generoso dos caçadores-coletores. Restos ósseos mostram que esses fazendeiros iniciais estavam sujeitos a mais doenças do que os seus ancestrais caçadores e tinham vidas mais curtas e mais difíceis. Os animais domésticos nos estágios iniciais da agricultura possuem, igualmente, porte mais magro do que seus predecessores selvagens..."

Rob pensou no pequeno talo de trigo e continuou a ler.

"Antropólogos contemporâneos atestam ainda que os caçadores-coletores levavam vidas relativamente tranquilas, trabalhando não mais do que duas ou três horas por dia. Os agricultores, no entanto, precisavam trabalhar a maior parte das horas em que havia luz do dia, sobretudo na primavera e no verão. Grande parte da agricultura primitiva era extenuante e monótona." O artigo concluía: "Foi tamanha a mudança de condições que alguns pensadores viram certa decadência trágica no começo da agricultura, da liberdade edênica do caçador ao trabalho diário do agricultor. Tais especulações encontram-se claramente além do escopo da ciência e deste artigo, embora..."

Rob fechou o livro. Podia ouvir a brisa nas cortinas. O vento frio e ligeiramente fúnebre do deserto estava de fato aumentando agora. Rob colocou o livro de volta na prateleira

e fechou os olhos por um momento. Estava cansado novamente. Queria dormir, embalado por aquele vento agradável. Por seu lamento manso e delicado.

—Robert! — Christine examinava minuciosamente a última página do bloco.

—O quê?

—Estes números. Você é jornalista. Sabe reconhecer uma matéria. O que você acha?

Rob sentou-se ao lado de Christine e olhou para as últimas páginas do bloco. Lá estava o "mapa" mais uma vez. Uma linha incerta transformava-se em quatro, que talvez parecessem rios. As linhas irregulares pareciam montanhas. Ou o mar. Provavelmente montanhas. E então havia o desenho grosseiro de uma árvore — indicando uma floresta talvez? Ao lado, havia algum tipo de animal. Um cavalo ou um porco. Breitner definitivamente não era nenhum Rembrandt. Rob inclinou-se mais para perto. Os números eram estranhos. Em uma página havia uma lista simples de dígitos. Mas muitos desses mesmos números repetiam-se na página com o mapa. Acima do mapa havia o desenho de uma bússola com o número 28 perto da seta que apontava para o leste. Depois 211, próximo a uma das linhas incertas. Estava escrito 29 ao lado do símbolo da árvore. E havia mais: 61, 62 — e alguns números muito mais altos: 1.011, 1.132. E então aquela última linha sobre Orra Keller. Não havia mais números depois disso. Mais nada. O bloco terminava de forma abrupta — no meio de uma página.

O que queria dizer aquilo? Rob começou a somar os números. Então parou, pois aquilo lhe pareceu sem sentido.



Talvez se relacionassem à escavação — talvez os números fossem um código para as descobertas e esses sinais mostrassem os locais onde os achados haviam sido escavados. Rob já havia conjecturado que o mapa era um mapa de Gobekli. Era a solução óbvia. Mas ele não parecia se encaixar. Havia apenas um rio perto de Gobekli — o Eufrates, e este ficava a uns bons 50 quilômetros de distância. O mapa, além disso, não possuía nenhum símbolo para a própria Gobekli — nada que indicasse os megálitos.

Rob percebeu que se perdera em pensamentos durante vários minutos. Christine estava olhando para ele.

— Você está bem?

Ele sorriu.

— Estou intrigado. Isso é intrigante.

— Não é? Como um quebra-cabeça.

— Eu estava me perguntando, será que os números representam os achados? Coisas que vocês descobriram em Gobekli? Lembro de ter visto números escritos em algumas daquelas sacolas que vocês... onde vocês colocam as pontas de flecha e outros troços.

— Não. É uma ótima ideia, mas não. Os achados são numerados quando vão para as câmaras, no museu. Eles têm letras junto aos números.

Rob sentiu que a havia desapontado.

— Ah, bom. Era só uma teoria.

— Teorias são boas. Mesmo que estejam erradas.

Rob bocejou novamente. Já fizera o bastante por um dia.

— Você tem alguma coisa para beber?

A simples pergunta teve um efeito revigorante na francesa.

—Meu Deus. — Ela pôs-se de pé. — Mil desculpas. Não estou sendo muito hospitaleira. Você quer um uísque ?

—Seria fantástico.

—Single malti

—Melhor ainda.

Ele ficou observando enquanto ela desaparecia dentro da cozinha. Momentos mais tarde, ela voltou com uma bandeja que sustentava uma caneca cheia de gelo, dois espessos copos de vidro e uma garrafa de água mineral ao lado de uma alta garrafa de scotch. Pousou os copos sobre a mesa e destampou a garrafa de Glenlivet, servindo dois dedos caprichados de uísque. A bebida escura e tigrada brilhou sob a luz indireta.

—Gelo?

—Água.

—Comme les brittaniques.

Ela serviu um pouco de água da garrafa plástica, entregou a Rob o copo e sentou-se ao lado dele. O copo estava gelado, como se tivesse sido mantido na geladeira. Ele ainda ouvia as vozes lá fora. Os homens estavam discutindo havia uma hora. Sobre o quê? Ele suspirou e pressionou o copo gelado contra a testa, rolando-o para um lado e outro.

—Você está cansado?

—Estou. Você não?

—Estou. — Ela fez uma pausa. — E então? Você quer dormir aqui? O sofá é muito bom.

Rob pensou sobre a proposta. Sobre os dois homens de bigode na rua. Sobre a silhueta escura parada na entrada da loja. E de repente sentiu um forte desejo de não ficar sozinho;

realmente não sentia a menor vontade de caminhar os 800 metros até seu hotel.

—Quero, se isso não for problema.

—É claro que não é. — Ela engoliu rapidamente o restante do uísque, então percorreu o apartamento, providenciando para ele um edredom e alguns travesseiros.

Rob estava tão cansado que pegou no sono no instante em que Christine apagou a luz. E assim que dormiu, sonhou. Sonhou com números, sonhou com Breitner e um cachorro. Um cachorro preto correndo por uma trilha sob o sol quente. Um cachorro. Um rosto.

Um cachorro.

E então seus sonhos foram interrompidos por uma explosão. Ele fora acordado por uma explosão bem alta.

Pulou do sofá. Estava claro. Por quanto tempo dormira? O que era aquele barulho? Sonolento, verificou seu relógio. Eram nove da manhã. O apartamento em si estava silencioso. Mas aquela explosão repetida, o que era?

Ele correu para a janela.

## 18

Rob debruçou-se na janela. A cidade zumbia. Vendedores de pão desfilavam pelas ruas movimentadas, carregando na cabeça grandes tabuleiros de bolos, pãezinhos e pretzels com gergelim. Ciclomotores passeavam pelas calçadas, esquivando-se de estudantes de pele morena que carregavam mochilas.

Rob ouviu a explosão de novo. Observou o panorama. Um sujeito cortava baclavá com um fatiador de pizza em uma loja do outro lado da rua. E mais uma vez: Bangl

Então Rob viu a motocicleta: uma British Triumph velha, preta, coberta de óleo. O cano de descarga explodindo. O dono havia saltado e agora chutava furioso a máquina com o pé esquerdo. Rob estava prestes a voltar para dentro quando viu outra coisa.

A polícia. Havia três policiais saltando de dois carros mais adiante na rua. Dois deles usavam uniformes manchados de suor, o terceiro, um vivo terno azul e uma gravata rosa-clara. Os policiais dirigiram-se à entrada do predio de Christine, 20 metros abaixo, e pararam. Em seguida apertaram um botão.

A campainha no apartamento de Christine soou, muito alta.

Christine já saíra do quarto, completamente vestida.

—Christine, a polícia está...

—Eu sei, eu sei! — disse ela. — Bom dia, Robert! — Seu rosto parecia tenso, mas não assustado. Ela foi até o interfone e abriu a porta.

Rob vestiu as botas. Segundos depois a polícia estava no apartamento — na sala de estar — diante de Christine.

O sujeito de terno vivo era cortês, bem-falante, ligeiramente sinistro e tinha pouco mais que 30 anos. Olhou para Rob com ar curioso.

—Você deve ser?

—Rob Luttrell.

—O jornalista inglês?

—Americano, na verdade, mas moro em Londres...

—Perfeito. Isso vem a calhar. — O oficial sorriu como se tivesse recebido um cheque inesperadamente alto. — Estamos aqui para conversar com a srta. Meyer sobre o terrível assassinato do amigo dela, Franz Breitner. Mas também gostaríamos de conversar com o senhor. Pode ser logo depois? Rob assentiu. Ele já imaginava que haveria algum encontro com a polícia, mas sentia uma estranha culpa por ter sido encurralado ali, no apartamento de Christine, às nove da manhã. O policial talvez estivesse se aproveitando disso: exibia um sorriso insinuante e cheio de superioridade. Ele avançou até a mesa e lançou outro olhar presunçoso na direção de Rob.

—Sou o agente Kiribali. Como nós queremos conversar com a srta. Meyer primeiro, em particular, seria conveniente que o senhor se ausentasse mais ou menos por uma hora.

—OK então...

—Mas não vá longe. Só por uma hora. E aí conversamos com o senhor. — Outro sorriso tortuoso. — Dá para ser assim, sr. Luttrell?

Rob olhou para Christine. Ela assentiu com um melancólico aceno de cabeça. Rob sentiu mais culpa por deixar Christine sozinha com aquele sujeito repugnante. Mas não tinha escolha. Pegando sua jaqueta, deixou o apartamento.

Ele passou a hora seguinte sentado numa quente cadeira de plástico de um cybercafé barulhento, tentando ignorar o velho resfolegante à sua direita, que vestia macacão de padeiro e acessava abertamente pornografia lésbica.

Rob dedicou-se aos números do bloco de Breitner, jogando-os em todos os mecanismos de busca possíveis, manipulando-os,

reorganizando-os. O que seriam aqueles números? Certamente, uma pista, talvez uma solução. Uma probabilidade era que fossem números de páginas. Mas de que livro? E a numeração era meio alta demais para isso. Página 1.013?

O padeiro turco terminara a navegação. Esbarrou em Rob de passagem, com expressão petulante. Rob deu uma olhada na tela dele e reorganizou os números novamente. O que representava tudo aquilo? Seriam coordenadas geográficas? Anos? Datações por carbono 14? Rob não fazia idéia.

Ele estava se dando conta de que o melhor método de desvendar um quebra-cabeça como aquele era deixá-lo assentar, deixar o subconsciente trabalhar como um computador zumbindo no quarto dos fundos. A idéia tinha matriz sólida. Rob lera certa vez sobre um cientista chamado Kekule, que se empenhara para determinar a estrutura molecular do benzeno. Kekule trabalhou durante meses sem sucesso. Mas então, certa noite, sonhou com uma cobra com a cauda na boca: um símbolo antigo chamado uróboro.

Então Kekule acordou, lembrou-se do sonho e percebeu que sua mente inconsciente estava falando com ele: a molécula do benzeno era um anel, um círculo, como uma cobra mordendo a cauda. Como o uróboro. Kekule correu para o laboratório para testar a hipótese. A solução que sonhara estava correta em tudo.

Era essa a medida do poder do inconsciente. Portanto, talvez Rob tivesse de deixar o problema no porão mental por algum tempo, deixado fermentar. E a solução para os números de Breitner talvez surgisse em sua mente enquanto estivesse

pensando em outra coisa. Quando estivesse tomando banho, fazendo a barba, dormindo ou dirigindo. Ou sendo interrogado pela polícia...

A polícia! Kob olhou o relógio. Uma hora havia se passado. Empurrando a cadeira para trás, pagou ao proprietário do cibercafé e dirigiu--se rapidamente ao apartamento de Christine.

Um dos policiais uniformizados abriu a porta. Christine estava sentada no sofá, enxugando os olhos. O outro policial lhe estendia lenços de papel. Rob se enfureceu.

— Não se preocupe, sr. Luttrell. — O agente Kiribali sentava-se à mesa, as pernas elegantemente cruzadas na altura dos tornozelos. Seu tom de voz era negligente e arrogante. — Nós aqui não somos iraquianos. Mas a srta. Meyer achou bastante... embaraçoso conversar sobre a morte do amigo dela.

Christine olhou o policial com ar desconfiado e Rob detectou bastante mágoa em seu rosto. Então ela foi para seu quarto e bateu a porta.

Kiribali agitou seus punhos ofuscantemente brancos e ergueu uma das mãos manicuradas na direção do sofá, indicando a Rob que se sentasse. Os outros dois policiais estavam de pé no outro lado da sala. Mudos e vigilantes. Kiribali sorriu para Rob.

— Então o senhor é escritor.

— Sou.

— Fascinante. Eu raramente tenho a oportunidade de conhecer autores de verdade. Esta cidade é muito primitiva. Porque, o senhor sabe, os curdos... — ele suspirou — ... não

são exatamente sábios. — Ele deu pancadinhas com a caneta no queixo. — Estudei literatura inglesa em Ancara. E meu prazer secreto, sr. Luttrell.

— Bom, eu sou só um jornalista.

— Hemingway era só um jornalista!

— E sério. Eu sou só um freelancer.

— Mas o senhor é modesto demais. O senhor é um homem de letras. E letras inglesas, ainda por cima. — Os olhos de Kiribali eram de um azul bem escuro. Rob perguntou-se se ele não estaria usando lentes de contato coloridas. Escorria vaidade dele. — Sempre gostei dos poetas americanos. As mulheres em particular. Emily Dickinson. E Sylvia Plath? O senhor as conhece? — Ele olhou para Rob com uma expressão inescrutável no rosto. — "Uma locomotiva, uma locomotiva, em vapores me leva como judia... Acho que bem posso ser judiai"— Kiribali sorriu educadamente. — Estes não são alguns dos versos mais apavorantes da literatura?

Rob não soube o que dizer. Não desejava discutir poesia com um policial.

Kiribali suspirou.

— Outra hora, talvez. — Ele balançou a caneta entre os dedos.

— Tenho só algumas perguntas. Estou ciente de que o senhor não testemunhou o suposto assassinato. Consequentemente...

E assim prosseguiu a entrevista. Foi breve a ponto de ser negligente. Quase sem sentido. Kiribali mal registrou as respostas de Rob, um dos policiais ligava e desligava um gravador, com ar indiferente. Então Kiribali concluiu com mais algumas perguntas pessoais. Parecia mais interessado no relacionamento de Rob com Christine.



—Ela é judia, não é?

Rob fez que sim com um aceno de cabeça. Kiribali sorriu satisfeito, como se seu maior problema tivesse sido resolvido, em seguida pousou a caneta, alinhando-a exatamente com a beirada da mesa. Estalou os dedos, os policiais sonolentos se moveram, e os três encaminharam--se à porta. Parando na soleira, Kiribali pediu a Rob que informasse a Christine que eles poderiam precisar dela para mais perguntas, em "algum momento no futuro". E então partiu, com um derradeiro odor abominável de colônia.

Rob girou. Christine estava de pé na porta do quarto, parecendo calma e relaxada novamente, vestindo blusa branca e calça caqui.

—Que completo babaca.

Christine deu de ombros, concordando.

—Peut-être. Ele estava só fazendo o trabalho dele.

—Ele fez você chorar.

—Falando sobre Franz. E... Eu não fazia isso há alguns dias.

Rob pegou seu casaco. Então o largou. Contemplou o bloco de Breitner sobre a mesa. Não sabia o que fazer àquela altura. Não sabia para onde estava se encaminhando ou que direção a matéria estava tomando; só sabia que estava envolvido e talvez até em perigo. Ou aquilo era paranóia? Rob contemplou a foto na parede. A torre incomum. Christine acompanhou seu olhar.

—Harã.

—Onde fica?

—Não é muito longe, a mais ou menos uma hora. — Os olhos dela cintilaram. — Sabe, eu estou com uma idéia. Você

gostaria de ver isso? Sair de Urfa de novo? Eu preferiria estar em algum outro lugar. Em qualquer lugar que não fosse aqui. Rob concordou entusiasticamente com um aceno de cabeça. Quanto mais permanecia na Turquia curda, mais se sentia atraído pelo deserto. A simplicidade das sombras do deserto, o silêncio nos vales desocupados: gostava de tudo. E, naquele exato momento, o vazio do deserto era preferível à alternativa: um dia movendo-se furtivamente na quente e vigilante Sanliurfa.

—Vamos.

Foi uma longa viagem de carro: a paisagem ao sul de Urfa era ainda mais selvagem que o deserto ao redor de Gobekli. Grandes planícies amarelas estendiam-se até horizontes pardos e trêmulos; o deserto arenoso assediava o vilarejo curdo estranhamente dilapidado. O sol queimava. Rob baixou a janela do carro o máximo possível, mas a brisa continuou quente, como se um grupo de maçaricos tivesse sido acionado no Land Rover.

—No verão pode chegar a 50°C aqui — disse Christine, mudando ruidosamente a marcha. — Na sombra.

—Acredito.

—Não foi sempre assim, é claro. O clima mudou há 10 mil anos. Como disse Franz...

Por cerca de 50 quilômetros eles conversaram a respeito do bloco de Breitner: o mapa e os rabiscos e, é claro, os números. Mas nenhum dos dois teve qualquer nova idéia. O subconsciente de Rob estava de férias. Sua teoria envolvendo Kekule não havia funcionado.

Eles passaram por um bloqueio do exército na estrada. A bandeira vermelho-sangue do Estado turco pendia frouxa sob o sol do meio-dia. Um dos soldados ergueu-se, verificou o passaporte de Rob com ar cansado, lançou um breve olhar de soslaio para Christine pela janela do carro, então acenou para que seguissem pela estrada escaldante.

Meia hora depois, inesperadamente, Rob viu a estranha torre se aproximar. Era uma coluna quebrada em uma construção de tijolos de barro cozido de sete andares de altura, mas destruída no topo. Era imensa.

—O que é isso?

Christine saiu da estrada principal rumo à torre.

—Ela pertence à mais antiga universidade islâmica do mundo. Harã. Tem pelo menos mil anos de idade. Está abandonada agora.

—Parece a torre nas cartas de taro. A torre atingida por um raio.

Christine concordou com ar distante, olhando pela janela enquanto estacionava; contemplava uma fileira de pequenas casas com cúpulas de barro à guisa de telhado. Três crianças chutavam uma bola de futebol feita de trapos, no quintal vizinho às minúsculas casas. Cabras baliavam no calor.

—Tá vendo aquilo?

—As casas de barro? A-hã?

—Talvez elas estejam aqui desde o terceiro milênio a.C. Harã é tremendamente antiga. Segundo a lenda, Adão e Eva devem ter vindo para cá depois de terem sido expulsos do Paraíso.

Rob pensou a respeito do nome: Harã. Aquilo estava despertando alguma memória profunda de seu pai, lendo a Bíblia.

— E é mencionada no Gênesis.

— O quê?

— O Livro do Gênesis — repetiu Rob. — Capítulo 2, versículo 54. Abraão vivia aqui. Em Harã.

Christine sorriu.

— Estou impressionada.

— Eu não. Preferia não ter lembrado nada dessa porcaria. Seja como for — acrescentou ele —, como eles podem ter certeza?

— De quê?

— Como podem ter certeza de que é a cidade onde Adão e Eva viveram depois da Queda? Por que não Londres? Ou Hong Kong?

— Não sei... — Ela sorriu ante o sarcasmo de Rob. — Mas está bastante claro, como você diz, que as antigas tradições abraâmicas se originaram nesta área. Abraão está fortemente relacionado a Sanliurfa. E, sim, Harã foi onde Abraão recebeu o chamado de Deus.

Rob bocejou, saltou do carro e contemplou a paisagem poeirenta. Christine reuniu-se a ele. Juntos, eles viram uma cabra preta imunda esfregar-se contra um velho ônibus enferrujado; o ônibus, inexplicavelmente, tinha sangue em uma das laterais. Rob desconfiou que os fazendeiros locais o usassem como matadouro improvisado. Aquele era um lugar estranho.

—Então — disse ele — já estabelecemos que foi daqui que veio Abraão. E ele foi o fundador das... três religiões monoteístas, certo?

—Certo. Judaísmo, cristianismo e islamismo. Ele iniciou todas elas. E quando deixou Harã, foi para a terra de Canaã, difundindo a nova palavra de Deus, o Deus único da Bíblia, do Talmude e do Corão.

Rob ouviu aquilo com uma vaga mas insistente sensação de desconforto. Recostou-se no carro e refletiu; estava tendo mais flashbacks de sua infância. Seu pai lendo o Livro dos Mórmons. Seus tios citando o Eclesiastes. Regozija-te, pois, ó jovem, na tua mocidade. Aquele era o único versículo da Bíblia de que Rob realmente já gostara. Recitou-o e então acrescentou:

—E quanto ao sacrifício? O assassinato do filho? — Ele perscrutou o rosto inteligente de Christine, buscando confirmação. — Eu lembro de uma história que dizia respeito a Abraão e ao filho dele, certo?

Christine assentiu.

—O sacrifício de Isaac. O profeta Abraão ia sacrificar o próprio filho, um sacrifício ordenado por Jeová. Mas Deus deteve a faca.

—É isso. Bastante decente da parte do velho.

Christine riu.

—Você quer ficar aqui ou te levo pra algum lugar ainda mais estranho?

—Vamos lá, estamos no embalo!

Eles tornaram a entrar no carro. Christine engatou a marcha e os dois saíram em disparada. Rob recostou-se, observando a

paisagem turvar-se em razão da poeira. De quando em quando, as encostas em decomposição eram pontuadas por uma ruína estranha, ou um castelo otomano caindo aos pedaços. Ou um redemoinho de pó, zumbindo em sua trajetória solitária através do deserto. E então, inacreditavelmente, a desolação se intensificou. A estrada tornou-se mais pedregosa. Até mesmo o azul do céu do deserto pareceu se aprofundar, tornando-se um púrpura taciturno. O calor era quase insuportável. O carro chacoalhava em torno de promontórios amarelos esbranquiçados e ao longo das pistas quentes e repletas de sulcos. Raras vezes uma árvore interrompia a interminável esterilidade.

—Sogmatar — disse Christine por fim.

Eles aproximavam-se de um minúsculo vilarejo, apenas alguns barracos de concreto perdidos em um vale silencioso e nu, em meio a um esturricado e imenso vazio.

Havia um grande jipe incongruentemente estacionado diante de um dos barracos e outros poucos carros, mas as ruas e quintais achavam-se desprovidos de gente; aquilo fez com que Rob se lembrasse instantaneamente de Los Angeles. Carros grandes, o brilho interminável do sol — e nada de gente.

Como uma cidade atingida pela peste.

—Alguns moradores ricos de Urfa têm uma segunda casa aqui —disse Christine. — Assim como os curdos.

—Por que diabos alguém moraria aqui?

—O lugar tem bastante personalidade. Você vai ver.

Eles deixaram o carro rumo à câmara de calor poeirento. Christine liderou o caminho, saltando velhos muros

deteriorados, passando por blocos de mármore dispersos. Estes últimos pareciam capitéis romanos.

—Sim — disse Christine, intuindo a pergunta seguinte de Rob.

—Os romanos estiveram aqui, assim como os assírios. Todo mundo veio pra cá.

Eles aproximaram-se de uma grande e escura abertura em uma construção estranha e achatada: era um prédio literalmente escavado na superfície da rocha. Penetraram na estrutura rebaixada. Os olhos de Rob levaram alguns segundos para se adaptar.

No interior, o cheiro de merda de cabra era opressivo. Pungente, úmido e opressivo.

—Isto é um templo pagão. Para os deuses da Lua — disse Christine. Ela apontou na direção de imagens grosseiramente esculpidas nas paredes do interior sombrio. — O deus da Lua está aqui, dá para ver os chifres... olha... a curva da lua nova.

A efígie bastante carcomida possuía uma espécie de capacete: dois chifres semelhantes à lua crescente equilibravam-se sobre sua cabeça. Rob passou a mão sobre a superfície da rocha. Era quente e estranhamente viscosa. Ele recolheu a mão. As imagens decadentes dos deuses mortos contemplavam-no com olhos carcomidos. O local era muito silencioso: Rob podia ouvir as batidas de seu próprio coração. Os sons do mundo exterior mal eram perceptíveis: apenas os sinos tilintantes das cabras e o turbulento vento do deserto. A luz quente do sol chamejava na entrada, tornando o aposento escuro ainda mais escuro.

—Você está bem?

—Ótimo. Eu estou ótimo...

Ela encaminhou-se à parede oposta.

—O templo data do segundo século d.C. O cristianismo dominava a região, mas aqui eles ainda cultuavam os velhos deuses. Os que têm chifres. Eu adoro esse luar.

Rob olhou em volta.

—Muito legal. Você devia comprar um apartamento aqui.

—Você é sempre sarcástico quando se sente desconfortável?

—Dá para a gente conseguir um café com leite?

Christine riu.

—Tenho mais um lugar para te mostrar. — Ela o conduziu para fora do templo e Rob sentiu um verdadeiro alívio quando eles deixaram a escuridão viscosa e fétida. Escalaram uma encosta de pedriscos e terra quente. Girando um instante para tomar fôlego, Rob viu uma criança encarando-os de uma das casas miseráveis. Um pequeno rosto escuro em uma janela quebrada.

Christine arrastou-se até o topo de uma última elevação.

—O templo de Vênus.

Rob escalou os metros finais do caminho de cascalho para ficar ao lado dela. O vento soprava forte lá em cima, embora ainda queimasse. Ele conseguia enxergar por quilômetros. Era uma paisagem extraordinária. Quilômetros e quilômetros de desolação interminável, ondulante, anêmica, colinas agonizantes de pedra sem vida. As montanhas achavam-se cobertas pelas cavidades negras das cavernas. Deviam ser, presumiu Rob, mais templos e santuários pagãos, cada um mais abandonado que o outro. Ele contemplou o piso sobre o qual se encontravam, o piso de um templo a céu aberto.



—E tudo isso foi construído quando?

—Possivelmente pelos assírios ou cananeus. Ninguém sabe ao certo. É muito antigo. Foi tomado pelos gregos, depois pelos romanos. Era com certeza um local de sacrifício humano. — Ela apontou para algumas ranhuras na rocha entalhada sob eles. — Veja. Isso era para deixar o sangue escoar.

—OK...

—Todas essas religiões levantinas eram muito propensas ao sacrifício.

Rob contemplou os montes do deserto e o pequeno vilarejo. O rosto da criança havia desaparecido; a janela quebrada estava vazia. Um dos carros achava-se em movimento: estava pegando a estrada do vale, saindo de Sogmatar. A estrada corria ao longo do velho leito seco de um rio. O curso de um rio morto.

Rob imaginou-se sendo sacrificado ali. As pernas amarradas com cordas ásperas, as mãos atadas às costas, o hálito fétido do sacerdote no rosto; e então a pontada enquanto a faca penetrava entre suas costelas...

Ele respirou fundo e limpou o suor da testa com o pulso. Sem dúvida era hora de partir. Ele gesticulou na direção do carro. Christine concordou com um aceno de cabeça e eles desceram a encosta rumo ao Land Rover. Mas no meio do declive, Rob parou. Contemplou a encosta.

E de repente, ele entendeu. Havia descoberto o que significavam os números.

Os números no bloco de anotações de Breitner.

O tempo continuava implacável. O céu cinza-chumbo estava tão sombrio quanto os campos verdes expostos ao vento sob ele. Boijer, Forrester e Alisdair Harnaby achavam-se em um grande carro escuro, acelerando rumo ao sul da ilha de Man. A frente deles havia outro comprido carro preto: com o subcomissário Hayden e seus companheiros.

Forrester sentia a ansiedade. O tempo estava passando: fugindo de seu controle. E cada minuto que perdiam aproximava-os mais do próximo horror. O próximo assassinato inevitável.

Ele suspirou com pesar. Quase raiva. Mas agora ao menos eles tinham alguma coisa, uma pista decente a seguir. Um fazendeiro avistara algo estranho em um canto remoto da ilha, bem ao sul, próximo a Castletown. Forrester persuadira Alisdair Harnaby a acompanhá-los na entrevista, pois percebia que o sujeito poderia ser útil com mais informações. O ponto de vista histórico. Parecia importante.

Mas primeiro Forrester desejava saber o que a mulher da CNN havia dito: Boijer estava louco para revelar. O sargento finlandês explicou que Angela Darvill tomara conhecimento do caso da Craven Street "através de um trila do Evening Standard".

— Então ela ligou um caso ao outro — disse Forrester. — Faz sentido.

— Exato, senhor. Mas ela disse outra coisa. Aparentemente houve um caso semelhante nos Estados Unidos. Na Nova Inglaterra.

— Semelhante como?

— O mesmo tipo de tortura elaborada.

— Estrela de Davi?

Boijer disse que não e então acrescentou:

— Mas gravações na pele, sim. E esfolamento. Ela disse que foi um dos casos mais terríveis que já cobriu.

Forrester recostou-se e olhou pela janela. Colinas baixas, úmidas e austeras estendiam-se por todos os lados. Pequenas fazendas e pequenas árvores encurvadas, com seus galhos bruscamente desbastados e bizarramente arqueados pelos ventos reinantes, pontilhavam o vazio rural. O cenário o fazia lembrar-se das férias que certa vez passara em Skye. Havia uma beleza melancólica na paisagem, uma beleza melancólica que beirava uma tristeza verdadeira e pungente. Forrester afastou o pensamento de sua filha da mente e perguntou:

— Quem cometeu os assassinatos?

— Nunca descobriram. Mas é estranho: a semelhança, digo...

Diante deles a estrada reduziu-se a pouco mais que uma pequena trilha que conduzia, por entre sebes fustigadas pelo vento, a uma fazenda. Os dois carros estacionaram. Os cinco policiais e o historiador amador percorreram o caminho rumo à casinha branca. Boijer olhou para os sapatos, encharcados de barro a essa altura, e deixou que a vaidade dos mais jovens o invadissem.

— Droga. Olha só pra isso.

— Você devia ter trazido suas galochas, Boijer.

— Eu não sabia que íamos fazer caminhada, senhor. Posso pedir reembolso?

Forrester alegrou-se de ter do que rir.

—Vou ver o que posso fazer.

Um dos policiais com capacete branco que acompanhava Hayden bateu à porta da casa e por fim esta foi aberta por um homem surpreendentemente jovem. Forrester perguntou-se por que a palavra "fazendeiro" sempre trazia à mente a imagem de um senhor de meia-idade brandindo uma enxada ou uma espingarda. Aquele fazendeiro era bonito e não tinha mais do que 25 anos.

—Olá, olá. O...?

—Subcomissário — completou Hayden. — Isso mesmo. E você deve ser Gary?

—Isso. Sou Gary Spelding. Nós nos falamos por telefone. Pode entrar, gente. Que dia terrível!

Eles amontoaram-se no interior da cozinha de madeira quente e acolhedora da casa. Havia biscoitos arrumados sobre um prato. Boijer pegou um com entusiasmo.

De repente Forrester se deu conta do tamanho do grupo. Cinco era demais. Mas todos desejavam informar-se sobre a pista, sobre o que Spelding vira. Entre dois bules de chá oferecidos por sua risonha mulher, ele contou sua história. Na tarde do assassinato, ele estava consertando um portão. Estava prestes a voltar para casa, com o serviço concluído, quando viu "uma coisa estranha". Forrester deixou seu chá esfriar enquanto ouvia.

—Era um carro grande, com tração nas quatro rodas. Um utilitário.

Hayden debruçou-se sobre a mesa da cozinha, entusiasmado.

—Onde exatamente?

— Na estrada no final da fazenda. Em Balladoole.

Harnaby o interrompeu.

— Eu conheço.

— Claro que de vez em quando aparecem uns turistas por lá. A praia fica logo ali adiante. Mas esses caras eram diferentes...

— Spelding girou sua xícara de chá e sorriu para Hayden. — Cinco jovens. Vestindo macacões da companhia telefônica.

— Como é? — disse Boijer.

Spelding virou-se para o subordinado de Forrester.

— Eles todos estavam usando macacões verdes, com o emblema da companhia telefônica Manx. Uma empresa de telefonia celular.

Forrester assumiu o interrogatório.

— E o que eles estavam fazendo?

— Só perambulando pelos meus campos. E eu achei isso estranho. Bem estranho. E, sim. — Spelding bebericou seu chá. — Principalmente porque não tem antena por aqui, nenhuma recepção. É uma área morta pra celulares. Então me perguntei o que eles estavam fazendo. E todos eram jovens. Rapazes. Mas estava escurecendo e muito frio, de modo que não eram surfistas.

— Você conversou com eles?

Spelding corou ligeiramente.

— Eu ia fazer isso. Estavam andando pela minha fazenda, pra início de conversa. Mas o jeito que eles olharam pra mim quando me aproximei...

— Foi?

— Feio. Sabe? — O rubor no rosto do fazendeiro se acentuou.

— Bem feio. Me encarando. Então achei que ser prudente era

a melhor opção. Foi bem covarde, desculpem. Aí eu vi a entrevista coletiva no noticiário e comecei a me perguntar...

O subcomissário Hayden acabou com o resto de seu chá.

Olhou para Forrester e então novamente para Spelding.

Ao longo da meia hora seguinte, eles obtiveram as informações restantes de Gary Spelding. Descrições detalhadas dos sujeitos: todos altos e jovens. Descrições do carro: um Toyota Land Cruiser preto, embora Spelding não conseguisse se lembrar do número da placa. Mas era ao menos uma pista. Um ponto de partida. Forrester sabia que aqueles provavelmente eram os homens que estavam procurando. Fazerem-se passar por funcionários da telefônica era um bom disfarce. Havia antenas de telefone por toda parte; todos queriam cobertura de telefonia móvel, 24 horas por dia, sete dias por semana. Eles podiam trabalhar até tarde da noite sem despertar suspeitas, com a desculpa de "estamos com uma avaria na rede".

Mas o grupo fora para uma área sem recepção de celular. Por que eles haviam feito isso? Teria sido esse, por acaso, seu primeiro erro? Forrester sentiu suas esperanças crescerem. Era preciso ter sorte nesse trabalho. Talvez esse tivesse sido seu golpe de sorte.

A entrevista estava terminada. O bule de chá estava vazio. Lá fora, a cobertura de nuvens cinzentas erguera-se parcialmente. Raios de sol enviesados brilhavam sobre os campos molhados. Os policiais suspenderam as calças por causa da lama enquanto caminhavam com o fazendeiro até a estrada para Balladoole.

—Foi bem por aqui — disse Spelding. — Foi aqui que eu os vi.

Todos ficaram olhando para o campo irregular e lamacento, ladeado pela estradinha. Uma vaca triste encarou Boijer. Depois da vaca havia uma longa curva de areia cinzenta, e então o mar gelado e pardo, iluminado por raios de sol ocasionais.

Forrester indicou a estrada.

— Para onde vai ela?

— Para o mar. Só.

Forrester saltou a última cancela, seguido por Boijer e os demais, que se mostraram bem menos dispostos. Parou exatamente onde o carro havia estado. Era um local estranho para parar, caso o grupo se dirigisse à baía. Estava a 800 metros da praia. Por que estacionar ali, então? Por que não percorrer de carro os últimos 800 metros? Será que haviam sentido vontade de dar uma caminhada? Claro que não. Deviam estar procurando outra coisa.

Forrester tornou a escalar a cancela e ficou em cima. Achava-se quase a 3 metros do chão. Olhou em torno. Apenas campos, muros de pedra e prados arenosos. E o mar triste. O único ponto de interesse era o campo mais próximo. Que, da posição em que Forrester se encontrava, exibia algumas ondulações superficiais e pedras isoladas. Ele desceu da cancela e virou-se para Harnaby, que ofegava em razão da caminhada.

— O que são? — perguntou Forrester. — Aquelas ondulações?

— Bom... — Harnaby exibia um sorriso inseguro. — Eu ia mencionar. Poucas pessoas sabem, mas aquele era o cemitério de Balladoole. Vikings. Do século XI. Ele foi escavado nos anos 1940. Eles encontraram broches e coisas parecidas. E... mais outra coisa também...

— O quê?

— Eles também encontraram um corpo.

Harnaby explicou em detalhes. Mencionou a importante escavação durante a guerra, quando cientistas do continente haviam escavado um navio viking inteiro, enterrado com suas jóias e espadas. E o corpo de um guerreiro.

— E também havia indícios de sacrifício humano. Aos pés do guerreiro, os arqueólogos encontraram o corpo de uma adolescente. Provavelmente uma vítima de sacrifício.

— Como eles sabem?

— Porque ela foi enterrada sem bens tumulares.<sup>6</sup> E foi estrangulada. Os vikings eram bem chegados a sacrifícios. Matavam jovens escravas para honrar os homens mortos.

Forrester sentiu a aproximação de uma idéia. Olhou para Boijer. Olhou para as ondas cinzentas a distância. Tornou a olhar para Boijer.

— Sacrifício ritual — disse por fim. — É isso. Sacrifício ritual humano. Boijer! E isso!

Boijer pareceu confuso. Forrester explicou:

— Pense nisso. Um homem enterrado vivo com a cabeça enfiada no solo. Um homem com a cabeça raspada... e a língua extirpada. Entalhes rituais em ambos os corpos...

---

<sup>6</sup> Itens pessoais dos mortos, enterrados junto com seus corpos, como oferendas aos deuses, uma prática comum em várias culturas. (N. da T.)



— E agora Balladoole — disse Harnaby.

Forrester fez que sim, entusiasmado. Saltando urna segunda cancela, atravessou o terreno na direção das ondulações e das pedras. Seus sapatos estavam arruinados devido à lama, mas ele não estava nem aí. Ouvia o som das ondas vindo da praia; sentia o gosto do sal. Debaixo dele, vikings haviam enterrado uma jovem, uma mulher que havia sido vítima de um assassinato ritual. E aqueles sujeitos, os assassinos, haviam se reunido ali antes de perpetrar a sua própria execução ritual, apenas algumas horas mais tarde.

As engrenagens zuniam. A máquina estava em funcionamento. Forrester inalou o ar quente e úmido. Rastros de nuvens cinzentas precipitavam-se, procedentes do agitado mar da Irlanda.

## 20

O Land Rover disparava pela estrada empoeirada, afastando-se de Sogmatar rumo à estrada principal para Sanliurfa, ladeando por 20 quilômetros o antigo riacho. Christine mantinha os olhos à frente, concentrada na estrada, a mão firme sobre o câmbio. Eles viajavam em silêncio.

Rob não lhe contara o que acreditava ter descoberto sobre os números. Primeiro queria provar a descoberta a si mesmo. E para isso precisava de um livro e, talvez, de um computador.

Quando retornaram à cidade, faltava uma hora para o pôr do sol e Sanliurfa estava particularmente agitada. Assim que chegaram ao centro, foram direto para o apartamento de Christine, jogaram seus casacos cobertos de pó sobre a cadeira

de vime e desabaram sobre o Sofá. E então Christine perguntou, inesperadamente e a troco de nada:

—Você acha que eu deveria voltar para casa?

—O quê? Por quê?

—A escavação terminou. Meu salário vai ser suspenso daqui a um mês. Eu poderia voltar para casa agora.

—Sem descobrir o que aconteceu com Franz?

—Exato. — Ela olhou pela janela. — Ele está... morto. Será que eu não deveria simplesmente aceitar isso?

O sol agonizava do lado de fora. Os muezins convocavam as preces por toda a velha cidade de Urfa. Rob levantou-se, foi até a janela, abriu-a e olhou para fora. O vendedor de pepinos passou de bicicleta pela calçada apregoando sua mercadoria. Mulheres cobertas por véus agrupavam-se diante da loja da Honda, falando ao celular por sobre os xadores negros que as ocultavam. Elas pareciam sombras, pareciam fantasmas. Noivas enlutadas da morte.

Ele voltou ao sofá e fitou Christine.

—Acho que você não deveria ir. Ainda não.

—Por que não?

—Acho que sei o que os números significam.

O rosto dela estava impassível.

—Me mostra.

—Você tem uma Bíblia? Em inglês?

—Naquela prateleira.

Rob marchou até a prateleira e examinou a lombada dos livros: arte, poesia, política, arqueologia, história. Mais arqueologia. Ali. Ele puxou uma grande e velha Bíblia negra. Uma perfeita versão autorizada.

Ao mesmo tempo, Christine pegou o bloco de Breitner sobre a mesa.

—Então — disse Rob. — Espero que eu esteja certo. Eu acho que estou. Mas aí vai. Lê os números. E me diz ao lado de que eles estão na página.

—OK, vamos lá... 28. Ao lado de uma bússola, apontando para o leste.

—Não, lê como se os dois números estivessem separados: 2, 8. Christine olhou para Rob, perplexa. Talvez até mesmo divertida.

—OK, 2, 8. Ao lado de uma seta apontando para o leste.

Rob abriu a Bíblia no Gênesis, folheou as páginas finas, quase translúcidas, até achar a correta. Passou o dedo pelas densas colunas de texto.

—Capítulo 2, versículo 8. Gênesis 2:8. "E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado." — Rob esperou.

Christine fitava a Bíblia. Pouco depois, murmurou:

—Na banda do Oriente?

—Lê outro.

Christine examinou o bloco.

—2,9. Perto da árvore.

Rob dirigiu-se à mesma página na Bíblia e recitou:

—Livro do Gênesis. Capítulo 2, versículo 9. 2:9. "E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal."

Christine disse em voz baixa:

—2, 1, 0; 2, 10. Perto do rio rabiscado.

—A linha que se transforma em quatro rios?

—Isso.

Rob baixou os olhos para a Bíblia.

—Capítulo 2, versículo 10: "E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços."

—Meu Deus — disse Christine. — Você está certo!

—Vamos tentar mais um, para ter certeza. Um diferente, um dos números grandes.

Christine voltou ao bloco.

—OK. Aqui estão alguns números maiores, no final: 11, 31?

Rob percorreu as páginas e recitou, sentindo-se como um vigário

em seu púlpito:

—Gênesis. Capítulo 11, versículo 31: "E tomou Terá a Abraão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e a Sara, sua nora, mulher de seu filho Abraão, e saiu com eles de Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaã; e vieram até Harã e habitaram ali."

—Harã?

— Harã. — Rob fez uma pausa, sentando-se ao lado de Christine. — Vamos tentar mais um, mais um dos outros, um dos números perto de um desenho.

—Aqui está um número perto de um desenho, parece um cachorro ou um porco... ou coisa assim.

—Qual o número?

—Duzentos e dezenove, Então, 2, 19?

Rob encontrou a passagem pertinente:

— "Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo animal do campo e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria..."

O silêncio preencheu o apartamento. Rob ainda ouvia os gritos do vendedor de pepinos subindo das ruas poeirentas abaixo. Christine o olhou fixo.

— Breitner achava que estava escavando...

— Isso. O Jardim do Éden.

Eles olharam um para o outro sobre o sofá.

## 21

Forrester estava pesquisando sacrifícios humanos em seu escritório em Londres. Seu café repousava sobre a escrivaninha, ao lado de uma foto de seu filho segurando uma bola de praia, e outra de sua filha com os cabelos louros quase brancos, sorridente e feliz. A foto fora batida pouco antes de sua morte.

Por vezes, quando o cão negro da depressão estava em seus calcanhares, Forrester virava a foto para baixo sobre a escrivaninha. Simplesmente porque era doloroso demais, lancinante demais. Às vezes, pensar na filha provocava em Forrester uma aguda dor no peito, como se uma costela quebrada lhe penetrasse os pulmões. Era uma dor tão física que ele quase podia verbalizá-la.

Mas na maior parte do tempo, não era tão ruim assim. Em geral, ele era capaz de enxergar para além de sua dor — e perceber a dor de outras pessoas. Naquela manhã a foto permaneceu ignorada sobre a mesa, o sorriso feliz e ainda

vivo da filha, branco e exultante. Forrester achava-se petrificado diante da tela de seu computador, pesquisando "sacrifício humano".

Estava lendo sobre os judeus: os antigos israelitas, que queimavam seus filhos. Vivos. Eles faziam isso, descobriu Forrester, em um vale pouco mais ao sul de Jerusalém — Ben-Hinnom. A Wikipedia informou ao inspetor-chefe que o vale também era conhecido como Geena. O vale de Geena era o Inferno para os cananeus, o "vale da sombra da morte".

Forrester continuou a ler. Segundo historiadores, nos tempos antigos as mães e pais israelitas levavam seus primogênitos para o vale, fora dos portões de Jerusalém, e depositavam seus bebês, aos berros, no estômago de bronze vazado de uma enorme estátua dedicada ao deus demônio cananeu, Moloch. A cavidade de bronze no centro da imensa estátua de Moloch também funcionava como braseiro. Uma vez que os bebês e as crianças se achassem na cavidade de bronze, fogueiras eram acesas sob a estátua, o que aquecia o bronze e tostava as crianças até a morte. Enquanto as crianças gritavam para que as salvassem, os sacerdotes tocavam enormes tambores para abafar os gritos e poupar as mães do sofrimento imerecido de ter de ouvir seus filhos sendo queimados vivos.

Forrester recostou-se, o coração batendo como os tambores de um ritual israelita. Como alguém era capaz de fazer tal coisa? Como alguém podia sacrificar o próprio filho? Inesperadamente, Forrester pensou nos próprios filhos, em sua filha, sua filha morta. A primogênita da família.

Esfregando os olhos, percorreu mais algumas páginas.

O sacrifício do primogênito era um tema comum na história antiga, ao que parecia. Todos os tipos de povos — os celtas, os maias, os godos, os vikings, os escandinavos, os hindus, os sumérios, os citas, os ameríndios, os incas e muitos outros — sacrificavam seres humanos, e muitos deles, o primeiro filho. Muitas vezes isso ocorria como um suposto "sacrifício de fundação", quando uma estrutura estrategicamente importante ou sagrada estava sendo construída: antes que a construção principal começasse, a comunidade sacrificava uma criança, normalmente um primogênito, e o corpo era enterrado sob uma abóbada, uma pilastra ou uma porta.

Forrester respirou fundo e clicou em outro link. O céu lá fora estava claro com o brilho do fim de primavera. O inspetor-chefe achava-se concentrado demais em sua tarefa macabra para perceber ou se importar.

Os sacrifícios astecas eram especialmente sanguinários. Os homossexuais eram ritualmente mortos, tendo os intestinos arrancados pelo reto. Os guerreiros inimigos tinham o coração arrancado com vida da cavidade torácica, por sacerdotes cujas cabeças achavam-se emplastadas com as vísceras humanas de suas vítimas anteriores.

Forrester continuou a ler. Supostamente a Grande Muralha da China havia sido construída sobre milhares de cadáveres: mais sacrifícios de fundação. Os japoneses, em outros tempos, veneravam a hitobashira — um pilar humano —, sob a qual virgens eram enterradas vivas. Enormes dolinas, ou cisternas, eram usadas pelos maias do México como lagos de afogamento de virgens e crianças. E havia mais. Os celtas pré-romanos apunhalavam o coração da vítima e então

adivinham o futuro a partir dos espasmos de morte do corpo golpeado. Os fenícios mataram literalmente milhares de bebês à guisa de expiação e os enterraram em "tofetes" — imensos cemitérios de bebês.

E isso prosseguia interminavelmente. Forrester recostou-se, sentindo-se um tanto nauseado. Ainda assim, percebeu que estava fazendo progressos. O assassinato ritual na ilha de Man e a tentativa de assassinato em Craven Street tinham de estar relacionados a sacrifícios, sobretudo porque os assassinos haviam se reunido no local de um sacrifício historicamente provado. Mas o que os vinculava?

Ele respirou fundo, como alguém prestes a mergulhar em um lago muito frio, e pesquisou no Google "estrela de davi".

Depois de quarenta minutos vasculhando a história judaica, encontrou o que precisava. Estava num site americano maluco, talvez satanista. Mas loucura era exatamente o que Forrester estava investigando. O site o informou que a estrela de davi também era conhecida como estrela de salomão, pois o antigo rei judeu supostamente a usara como emblema mágico. Autoridades rabínicas modernas haviam renunciado ao símbolo por suas associações ocultas. Existiam relatos de que Salomão teria usado a estrela em um templo que erguera em homenagem a Moloch, o demônio cananeu, onde perpetrava sacrifícios animais e humanos.

Forrester leu a página de novo. E de novo. E pela terceira vez. Não era a Estrela de Davi que os assassinos estavam gravando em suas vítimas. Eles estavam entalhando a Estrela de Salomão. Um símbolo estreitamente associado a sacrifícios humanos.



E a cabeça raspada?

Em três minutos, o Google deu a resposta.

Em muitas culturas, as vítimas de sacrifício eram purificadas de diversas maneiras antes do ritual. Eram banhadas ou obrigadas a jejuar, por vezes tinham todos os pelos do corpo raspados. Algumas tinham a língua cortada.

A hipótese de Forrester foi confirmada. Os assassinos estavam obcecados ou empenhados na ideia de sacrifício humano. Mas por quê?

Ele levantou-se e massageou os músculos do pescoço. Estava lendo fazia três horas. Sua mente zunia com o pulsar da tela do computador. Até aí tudo bem. Mas eles não tinham pistas reais da quadrilha de assassinos. Todos os portos da ilha estavam sob observação. O aeroporto estava sendo vigiado. Mas ele tinha pouca esperança de que fossem capturar a quadrilha dessa forma: eles certamente haviam se separado e escapado da ilha no ato. Dezenas de barcos, balsas e aviões partiam de Man todos os dias, a toda hora; o mais provável era que tivessem deixado Douglas antes mesmo de o corpo ter sido descoberto. A única verdadeira esperança era procurar por imagens do Toyota preto em câmeras e circuitos fechados de TV. Mas poderia levar semanas até que as imagens disponíveis fossem analisadas.

Forrester sentou-se novamente e aproximou a cadeira giratória da tela. Tinha mais três coisas a pesquisar.

Jerusalém Whaley era sócio daquele clube de aristocratas encenqueiros, o Hellfire Club irlandês, segundo lhe contara o historiador. Mas qual seria a ligação disso com os sacrifícios? E os assassinatos? Haveria alguma ligação?

E os ossos em Craven Street, na Casa de Benjamin Franklin, o que significava tudo aquilo?

Essas duas questões conduziam à terceira pergunta: por onde quer que passasse, a quadrilha desenterrava alguma coisa. O que eles estariam procurando?

A sua pesquisa inicial foi simples e deu frutos imediatamente. Forrester digitou Benjamin Franklin e Hellfire, e o primeiro resultado forneceu-lhe a resposta: Benjamin Franklin, patriarca da América, era amigo íntimo de Sir Francis Dashwood, e Sir Francis Dashwood fora o fundador do Hellfire Club. Na verdade, segundo algumas fontes, o próprio Benjamin Franklin era membro do Hellfire Club.

O quebra-cabeça estava se desvendando. Obviamente, o Hellfire Club era crucial. Mas quem ou o que eram eles, exatamente?

Pelo que Forrester podia deduzir a partir do Google, o Hellfire Club, tanto na Irlanda quanto na Inglaterra, era uma sociedade secreta de arruaceiros de classe alta. Mas isso era tudo. Talvez fossem depravados e perigosos, é certo que eram mimados e hedonistas; mas será que eram satanistas e homicidas? A maioria dos historiadores considerava-os pouco mais do que um clube de bêbados, que por vezes caía na vulgaridade. Os boatos de satanismo sempre eram amplamente descartados.

Dito isso, havia um especialista que discordava. Forrester rabiscou o nome em um bloco. Um tal de professor Hugo De Savary, da respeitada Universidade de Cambridge, considerava os Hellfires verdadeiros ocultistas. Embora tivesse sido ridicularizado por suas opiniões.

Mas mesmo que De Savary estivesse certo, aquilo não respondia ao resto das perguntas difíceis. O que a quadrilha estava procurando? Por que desenterravam coisas? Como esse fato relacionava-se aos Hellfires? Qual era o propósito de revolver gramados e porões? Estariam eles à procura de um tesouro? De quinquilharias satânicas? Ossos antigos? Diamantes amaldiçoados? Crianças sacrificadas? A mente de Forrester fervilhava — um pouco além da conta. Ele havia feito o suficiente para uma manhã. Fizera um bom trabalho. Era como se tivesse finalmente reunido todas as principais peças do quebra-cabeça, ou como se alguém as tivesse despejado todas em seu colo. O único problema era que ele havia perdido a caixa e não podia ver a tampa. Portanto, não sabia o que as peças do quebra-cabeça representavam, não fazia ideia da imagem que estava tentando recriar. Ainda assim, ao menos tinha as peças...

Reprimindo um bocejo, Forrester retirou o casaco das costas da cadeira giratória e enfiou os braços em suas mangas. Era hora do almoço. Ele merecia um bom almoço — comida italiana talvez. Penne allarrabiata na trattoria da esquina. Com um bom tiramisu para completar e uma boa e longa leitura do caderno de esportes do jornal.

Ao sair do escritório, olhou de relance para sua escrivaninha. A filha lhe sorriu em resposta, o rosto inocente cintilando. Forrester parou, sentindo uma pontada por dentro. Olhou para a foto do filho, e então novamente para a foto da filha. Pensou na voz dela. Dizendo suas primeiras palavras de verdade.

Maçã. Ma-çan. Ma-çan papai! Ma-çan...

A dor era aguda. Ele pousou a foto na horizontal sobre a mesa e saiu porta afora.

A primeira coisa que viu foi Boijer, ofegante e agitado.

— Senhor, eu acho que conseguimos alguma coisa!

— O quê?

- O Toyota. O Toyota preto.

- Onde?

- Heysham, senhor. Em Lancashire.

- Quando...

- Dois dias atrás.

## 22

Rob e Christine estavam sentados na casa de chá ao lado dos tanques de Abraão. As harmoniosas pedras da mesquita Mevlid Halil brilhavam à luz da manhã: seus matizes suaves refletiam-se placidamente na água do tanque de peixes.

Eles haviam passado a noite anterior pesquisando separadamente a teoria do Éden, Christine no laptop em seu apartamento, Rob em um cibercafé: repartindo o tempo para conseguir mais informações de forma mais rápida. E agora haviam se encontrado para discuti-las. Tinham ido para lá em busca do anonimato: parecia mais seguro estar em meio à multidão. Gente passeando, soldados de folga, crianças comendo almôndegas de carneiro com uma das mãos enquanto as mães contemplavam as carpas. A única nota dissonante era o carro de polícia discretamente estacionado do lado de fora.

Rob lembrou-se de como chegara àquela solução. Eles haviam discutido o Gênesis quando estavam em Sogmatar e Harã. E Christine também mencionara o mito de Adão e Eva. Tal combinação, Rob deu-se conta, disparara lembranças de seu pai lendo a Bíblia; então ele percebeu de que forma os números podiam ser lidos. Capítulo x, versículo y. Dígito seguido de dígito. Mas agora eles precisavam examinar de forma mais profunda essa solução e comparar suas anotações sob a lógica subjacente.

— OK. — Ele tomou um gole de chá. — Vamos repassar isso de novo. A gente sabe que a agricultura começou aqui, o primeiro lugar do mundo, nos arredores imediatos de Gobekli. Em algum momento por volta de 8.000 a.C., certo?

— Certo. Sabemos aproximadamente quando e onde o cultivo teve início...

— Por causa das provas arqueológicas: "a domesticação é um choque no sistema". Li isso no livro no seu apartamento. Os esqueletos das pessoas mudam, ficam menores e menos saudáveis...

— Ceeerto — concordou Christine, hesitante. — A medida que o corpo humano se adapta a uma dieta menos rica em proteínas e a um estilo de vida mais árduo, com certeza há uma mudança no tamanho do esqueleto e na robustez da constituição física. Isso eu observei em muitos sítios.

— Muito bem. A domesticação primitiva é um desafio. Os animais recém-domesticados ficam igualmente mais magros.

— Certo.

—Mas... — Rob inclinou-se para a frente. — Quando essa domesticação ocorreu, em 8.000 a.C., foi também a época em que a paisagem local começou a se alterar perto daqui, não é?

—Certo, as árvores foram cortadas, o solo começou a lixiviar e a região se tornou muito árida. Como é agora. Ao passo que antes ela era... paradisíaca. — Ela sorriu com ar pensativo. — Lembro do Franz comentando como Gobekli devia ter sido. Ele disse que antigamente ela era uma prachtvolle Schaffereion... uma região pastoril magnífica. Era uma região de florestas e prados, rica em caça e vegetação silvestre. E então o clima mudou à medida que a agricultura predominava. E a região se esgotou... e o trabalho ficou ainda mais duro.

Rob puxou seu bloco e recitou:

—Como Deus disse a Adão: "Maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida." Gênesis, capítulo 3, versículo 17: 3, 17.

Christine esfregou as têmporas com as pontas dos dedos. Parecia cansada, o que não era comum. Mas então se animou e foi em frente.

—Já ouvi essa teoria antes: que a descrição do Eden é uma memória popular e uma alegoria.

—Tipo uma metáfora, é o que você quer dizer?

—De acordo com algumas pessoas, sim. Se você examinar por um único prisma, a narrativa do Eden descreve o nosso passado de caçadores-coletores, quando a gente tinha tempo pra perambular em meio às árvores, colher frutos e plantas silvestres... como Adão e Eva, nus no paraíso. E então nós

descambamos pra agricultura e a vida ficou mais difícil. E fomos expulsos do Eden.

Rob olhou para dois homens de mãos dadas, atravessando a ponte sobre o regato; a ponte que conduzia à casa de chá.

—Mas por que nós efetivamente começamos a cultivar a terra? Christine deu de ombros.

—Ninguém sabe. É um dos grandes mistérios. Mas certamente começou aqui. Nesse canto da Anatólia. Os primeiros porcos foram domesticados em Çayönü, que fica só a 110 quilômetros de distância. O gado foi domesticado em Catalhöyük, a oeste.

—Mas corno Gobekli se encaixa nisso exatamente?

—Essa é uma pergunta difícil. E um milagre que caçadores tenham criado um lugar como aquele. Mesmo assim, ele demonstra que a vida antes do cultivo da terra era bastante tranquila. Esses homens, esses caçadores, tinham tempo para aprender as artes, esculpir, produzir entalhes delicados. Foi um enorme salto adiante. E no entanto eles não sabiam fabricar panelas. — O crucifixo prateado de Christine brilhava à luz do sol enquanto ela falava. — E estranho. E é claro que a sexualidade também se desenvolveu. Há muitas imagens eróticas em Gobekli. Animais e homens com falos enormes. Entalhes de mulheres, mulheres arreganhadas e nuas...

—Talvez eles tenham comido da árvore do conhecimento — disse Rob.

Christine sorriu educadamente.

—Talvez.

Eles ficaram um momento em silêncio. Christine se virou alarmada para a esquerda enquanto um policial de tez escura fazia a ronda com o rádio zunindo. Rob perguntou-se por que ambos estavam tão paranóicos. Nenhum dos dois fizera nada de errado. Mas o agente Kiribali havia sido tão sinistro. E quanto aos sujeitos olhando para cima, para o apartamento? O que significava tudo aquilo? Ele descartou seus medos. Ainda havia chão a percorrer.

—Por outro lado, há a geografia?

—É. — Christine assentiu. — A topografia. Isso também é importante.

—Não existem quatro rios perto de Gobekli.

—Não. Só um. Mas é o Eufrates.

Rob lembrou-se do que havia lido no cibercafé.

—E os estudiosos sempre calcularam que o Eden, se estivesse em algum lugar, devia estar em alguma parte entre o Tigre e o Eufrates. O crescente fértil. O primeiro sítio da civilização. E o Eufrates de fato é mencionado no Gênesis como nascendo no Éden.

—É. E nós também temos as montanhas no mapa.

—As Taurus.

—A nascente do Eufrates, a leste do Éden — declarou Christine.

—Existem lendas de peso que afirmam que o Éden é resguardado por montanhas a leste. Gobekli tem os montes Taurus a leste.

Christine abriu seu próprio bloco: e leu algumas de suas anotações.



—OK, tem mais. Alguns textos assírios antigos mencionam uma Beth Eden, uma suposta Morada do Éden.

—Que é?

—Ela é, ou melhor, era, um pequeno Estado aramaico. Localizado na curvatura do Eufrates, ao sul de Carquemish. Que fica a 80 quilômetros de Sanliurfa.

Rob concordou, impressionado. A pesquisa de Christine fora melhor que a dele.

—Você encontrou mais alguma coisa?

—Temos conhecimento de Adão e Eva em Harã. Mas o Éden não é descrito só no Gênesis, ele também é mencionado no Livro dos Reis.

—Ela folheou seu bloco até a página e leu a citação:

—"Porventura as livraram os deuses das nações, a quem destruíram, como a Goza e a Harã e a Rezefe e aos filhos de Éden, que estavam em Telassar?"

—Harã de novo?

—É. Harã — Ela deu de ombros. — E Telassar provavelmente é uma cidade chamada Rusafah, no norte da Síria.

—Ela fica a que distância?

—A 320 quilômetros, a sudoeste.

Rob fez que sim, entusiasmado.

—O que situa Gobekli a leste. À leste no Éden. E quanto ao nome? A palavra Éden em si? Significa leite em hebraico...

—Mas a raiz suméria é, na verdade, "eddin". Uma estepe, ou platô, ou planície.

—Como... a planície de Harã?

—Exatamente! Como a planície de Harã. Onde fica...

—Gobekli Tepe. — Rob sentiu a comichão do suor em suas costas. Era uma manhã muito quente, mesmo no frescor dos jardins da casa de chá. — OK então, o último ponto é a relação com a Bíblia.

—Acredita-se que Abraão tenha vivido aqui. Ele certamente está ligado a Harã no Livro do Gênesis. A maioria dos muçulmanos acredita que Urfa é a Ur dos caldeus. E isso também é mencionado no Gênesis. Essa regiãozinha tem mais ligações com o Gênesis do que qualquer outro lugar no Oriente Médio.

—Então é isso. — Rob sorriu, sentindo-se satisfeito. — Levando em conta as ligações bíblicas, a história e os mitos, mais a topografia da região e as provas de domesticação antiga... e, é claro, os dados do próprio sítio, a gente tem a solução. Certo? Temos, no mínimo, a solução do Franz... — Rob ergueu as mãos, como um mágico prestes a realizar um truque. — Gobekli Tepe é o Jardim do Éden!

Christine sorriu.

—Metaforicamente.

—Metaforicamente. Mas ainda assim, é convincente. Foi aqui que ocorreu a Queda do Homem. Da liberdade da caça ao trabalho árduo da agricultura. E essa é a história registrada no Gênesis.

Eles permaneceram em silêncio por um momento. Então Christine contrapôs:

—Embora uma maneira melhor de colocar isso seja dizer que Gobekli Tepe é... um templo em uma paisagem edênica. E não o verdadeiro Jardim do Eden.

— Claro. — Rob sorriu. — Não se preocupe, Christine, eu não acho que Adão e Eva tenham andado mesmo por Gobekli comendo pêssegos. Mas eu acho sim que o Franz supôs que tivesse descoberto o jardim. Metaforicamente.

Ele contemplou o outro lado dos tanques, sentindo-se muito mais feliz. A conversa estava ajudando; e, de mais a mais, ele estava bastante entusiasmado com o potencial jornalístico do tema. Mesmo que fosse extravagante, era surpreendente e certamente valia a pena ser lido. Um cientista que pensava estar escavando o Éden, ainda que metafórica e alegoricamente? Daria uma manchete de página dupla. Fácil. Christine não parecia tão feliz com o êxito da hipótese deles. Seus olhos se embaçaram por um instante: um traço de emoção que passou ligeiro.

— Tudo bem... Vamos dizer que você esteja certo. Provavelmente está. Isso com certeza explica os números. E o comportamento misterioso dele no final, escavando coisas à noite. Removendo-as. Ele devia estar muito excitado. Estava muito apreensivo pouco antes... pouco antes do ocorrido.

Rob comoveu-se com a disposição de ânimo dela; recriminou a si mesmo. Lá estava ele pensando em seu trabalho mas, apesar disso, ainda havia um assassinato não solucionado.

Christine franziu a testa.

— Ainda restam muitas perguntas.

— Por que ele foi assassinado?

— Exatamente.

Rob pensou em voz alta.

—Bom, cacete. Talvez... talvez os evangelistas americanos tenham descoberto o que ele estava fazendo. Escavando o Éden, quero dizer.

Christine riu.

—E contrataram um assassino profissional? Certo. Esses metodistas são tão sensíveis, né?

Nada restara no copo de chá de Christine. Ela o ergueu e baixou, então disse:

—Outro problema é o seguinte: por que os caçadores enterraram Gobekli? A teoria do Éden não explica esse fato. Eles devem ter levado décadas pra enterrar um templo inteiro. Por que fazer isso ?

Rob ergueu os olhos para o céu azul de Urfa em busca de inspiração.

—Por ter sido o local da Queda? Talvez simbolizasse, mesmo naquele estágio inicial, o erro da humanidade. A queda rumo ao cultivo da terra. O começo da escravidão do salário. Então eles o esconderam por vergonha, raiva, ressentimento ou...

Christine fez beicinho, como se não estivesse nem um pouco impressionada.

—OK. — Rob sorriu. — E uma merda de teoria. Mas por que eles fizeram isso?

Um encolher de ombros.

—*C'est un mystère.*

Novo silêncio caiu sobre a mesa dos dois. A poucos metros, em meio às roseiras, crianças pequenas apontavam excitadas para os peixes no tanque. Rob olhou para uma das meninas: tinha cerca de 11 anos, com cachos dourados luminosos. Mas sua mãe achava-se coberta por véus e túnicas negros: um

xador completo. Ele sentiu tristeza: logo aquela menina encantadora estaria escondida como a mãe. Coberta de preto para sempre.

E então um lampejo de verdadeira culpa cruzou-lhe a mente. Um lampejo de culpa por sua filha. Por um lado, ele estava deleitando-se com aquele mistério — contudo, por dentro, ainda desejava ir para casa. Ansiava ir para casa. Para ver Lizzie.

Christine estava abrindo o bloco de Breitner e pousando-o sobre a mesa, ao lado de suas próprias anotações. Sombras do sol, coroadas pelas tílias da casa de chá, tremeluziam de lado a lado da mesa acanhada.

—Um último ponto. Tem uma coisa que eu não contei antes. Você se lembra da última frase no bloco dele? — Ela apontou para uma frase escrita a mão, virando o bloco para que Rob pudesse ver.

Era a frase a respeito do crânio. Dizia *Cayonu Skulls<sup>7</sup> cf Orra Keller*.

—Não mencionei antes porque era confuso demais. Não me pareceu relevante. Mas agora... Bom, dá uma olhada. Eu tenho uma idéia...

Ele inclinou-se para ler, mas as palavras continuaram incompreensíveis.

—Mas quem é Orra Keller?

—Não é um nome! — disse Christine. — Nós só imaginamos que fosse um nome porque está em maiúsculas. Mas acho que o Franz estava só misturando línguas.

---

7 Crânios de Cayonu. (N. da T.)

— Ainda não estou entendendo.

— Ele está misturando inglês e alemão. E...

Rob olhou repentinamente por sobre o ombro de Christine.

— Meu Deus.

Christine retesou-se.

— O que foi?

— Não olha agora. É o agente Kiribali. Ele nos viu e está vindo cá.

## 23

Kiribali parecia estar sozinho, embora Rob ainda visse o carro de polícia parado, em silêncio e à espera, na extremidade dos Jardins Golbasi.

O detetive turco vestia outro terno elegante; dessa vez de linho creme. Usava uma gravata bem inglesa, listrada de verde e azul. Enquanto atravessava a pequena ponte e se aproximava da mesa deles, exibia um sorriso amplo e reptiliano.

— Bom dia. Meus agentes me informaram que vocês estavam aqui. — Ele inclinou-se, beijou a mão de Christine e puxou uma cadeira. Então virou-se para um garçom ao lado e sua atitude mudou: de cortês para autoritária. — Lokoum! — O garçom deu um pulo, assustado, e assentiu. Kiribali sorriu. — Pedi delícia turca! Vocês precisam experimentá-la aqui em Golbasi. É a melhor de Sanliurfa. A verdadeira delícia turca é fenomenal. Claro que vocês conhecem a história dessa invenção.

Rob respondeu que não. Kiribali pareceu gostar disso e se inclinou para a frente, pressionando as mãos de unhas bem cuidadas sobre a toalha de mesa.

—A história é de que um xeique otomano estava cansado das esposas que viviam discutindo. O harém estava um caos. Ele então pediu ao confeitiro da corte que inventasse um doce tão gostoso que faria com que as mulheres se calassem. — Kiribali recostou-se enquanto o garçom pousava o prato de doces polvilhados de açúcar sobre a mesa. — Funcionou. A delícia turca apaziguou as mulheres e o harém voltou a ser um lugar tranquilo. Mas as concubinas ficaram tão gordas com aqueles doces tão calóricos que o xeique tornou-se impotente na presença delas. Então... o xeique mandou castrar o confeitiro. — Kiribali riu alto da própria história, ergueu o prato e ofereceu-o a Christine.

Rob sentiu, e não era a primeira vez, uma estranha ambivalência com relação a Kiribali. O policial era agradável, mas também havia nele um traço muito ameaçador. Sua camisa era um pouco limpa demais; a gravata, inglesa demais, a eloquência, estudada, pensada demais. No entanto, era bastante óbvio que ele era muito esperto. Rob ficou imaginando se Kiribali estaria próximo de uma solução para o assassinato de Brcitner.

A delícia turca estava maravilhosa. E Kiribali continuava com o papo;

—Vocês devem conhecer os livros de Nárnia.

Christine assentiu; Kiribali continuou:

—Certamente a mais famosa referência literária à delícia turca. Quando a Feiticeira Branca oferece os doces...

—*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa.*

—Isso mesmo! — Kiribali riu alto, então bebeu reverentemente de seu copinho de chá. — Não raro eu me pergunto por que os ingleses são tão versados em literatura infantil. É um dom especial do povo da ilha.

—Comparado aos americanos, você quer dizer?

—Comparado a toda e qualquer pessoa, sr. Luttrell. Pense. As mais famosas histórias infantis. Lewis Carroll, Beatrix Potter, Roald Dahl. Tolkien. Até o odioso Harry Potter. Todos ingleses.

Uma brisa agradável insinuava-se por sobre as roseiras de Golbasi. Kiribali justificou:

—Eu acho que é porque os ingleses não têm medo de assustar as crianças. E as crianças adoram ser assustadas. Algumas das melhores histórias infantis são verdadeiramente macabras, vocês não acham? Um chapeleiro psicótico envenenado por mercúrio. Um fabricante de chocolates solitário que emprega negros em miniatura.

Rob ergueu uma das mãos.

—Agente Kiribali...

—O quê?

—Você veio até aqui conversar conosco por algum motivo especial?

O policial limpou os lábios femininos com a extremidade limpa de seu guardanapo.

—Quero que vocês vão embora. Os dois. Agora.

Christine mostrou-se desafiadora.

—Por quê?



—Para o seu próprio bem. Porque estão se envolvendo em coisas que não compreendem. Este é... — Kiribali ergueu uma das mãos na direção dos penhascos atrás deles, um gesto que abarcou a fortaleza, as duas colunas coríntias no topo, as cavernas escuras embaixo. — Este é um lugar muito antigo. Existem segredos demais aqui. Inquietações obscuras, que vocês não conseguem entender. Quanto mais se envolverem, mais perigoso vai ficar.

Christine balançou a cabeça.

—Eu não vou sair corrida daqui.

Kiribali olhou de cara feia.

—Vocês são uma gente muito tola. Acostumada a... Starbucks... laptops e... sofás-camas. A vidas confortáveis. Esse é o Oriente antigo. Está além da compreensão de vocês.

—Mas você disse que pode querer nos interrogar...

—Vocês não são suspeitos! — O detetive encarava-os com uma expressão sombria. — Não necessito de vocês.

Christine manteve-se imperturbável.

—Lamento, mas eu não vou acatar ordens. Nem suas, nem de ninguém.

Kiribali voltou-se para Rob.

—Então preciso apelar para a lógica masculina. Nós sabemos como são as mulheres...

Christine endireitou o corpo na cadeira.

—Eu quero saber o que há nas câmaras. No museu!

A explosão dela silenciou o detetive turco. Uma inusitada expressão de perplexidade surgiu em seu rosto. Então seu olhar carrancudo tornou-se ainda mais sombrio. Ele olhou em torno como se esperasse que um amigo se juntasse a eles. Mas

o terraço da casa de chá estava vazio. Restavam apenas dois sujeitos gordos de terno, fumando seu narguilé em um canto escuro. Eles olharam languidamente para Rob e sorriram. Kiribali pôs-se de pé. Repentinamente. Retirou algumas liras turcas de uma elegante carteira de couro e pousou o dinheiro com cuidado sobre a toalha da mesa.

—Vou dizer isso de forma bastante clara para que vocês entendam. Vocês foram vistos invadindo o sítio, em Gobekli Tepe. Na semana passada.

Um tremor de apreensão percorreu o corpo de Rob. Se Kiribali tinha conhecimento daquilo, eles estavam metidos em confusão. O turco prosseguiu.

—Eu tenho amigos nos vilarejos curdos.

Christine tentou explicar.

—Estávamos só procurando por...

—Vocês estavam só procurando pelo demônio. Uma judia deveria se cuidar mais.

Kiribali disse a palavra, judia com tamanha sibilância que fez Rob pensar em uma cobra.

—A minha tolerância... não é infinita. Se vocês não saírem de Sanliurfa até amanhã, vão se ver na cela de uma prisão turca. Lá talvez descubram que alguns dos meus colegas do sistema judiciário da república de Atatürk não compartilham da minha atitude humanitária com relação ao bem-estar de vocês. — Ele sorriu da forma mais insincera possível e então partiu, roçando as rosas encorpadas, que balançaram e perderam algumas pétalas escarlates.

Por um minuto Rob e Christine permaneceram ali sentados. Rob sentia a iminência de confusão: podia quase ouvir os

alarmes disparando. No que eles estavam se metendo? Era uma boa matéria jornalística, mas valia a pena se meter em perigo real? Esse fio de raciocínio conduziu Rob, automaticamente, de volta ao Iraque. Ele lembrou-se da mulher-bomba em Bagdá. Ainda conseguia ver o rosto dela. Era uma linda jovem, com longos cabelos escuros e lábios exuberantes, cobertos por um batom vermelho-vivo. Uma terrorista suicida de batom. E então ela sorria para ele, com ar quase sedutor: enquanto estendia a mão na direção do botão que mataria a todos.

Rob estremeceu com a recordação. Mas aquela terrível lembrança também lhe deu uma certa determinação: ele já estava cheio de ser ameaçado. De ser afugentado. Será que dessa vez não deveria ficar e superar seus medos?

Christine certamente não tinha dúvidas.

—Eu não vou embora.

—Ele vai nos prender.

—Por quê? Por dirigir à noite?

—Nós invadimos a escavação.

—Ele não pode nos atirar na prisão por isso. É um blefe total.

Rob hesitou.

—Bom, eu não tenho tanta certeza disso. Eu... sei lá...

—Mas ele é tão afetado... Isso deve ser só um jogo...

—Afetado? Kiribali? — Rob balançou a cabeça firmemente.

— Não, isso ele não é. Pesquisei um pouco a respeito dele.

Andei perguntando. Ele é respeitado, até mesmo temido.

Dizem que é um exímio atirador. Não é um bom inimigo para se ter.

—Mas nós não podemos ir embora ainda. Não até que eu saiba mais!

—Você está se referindo àquela história das câmaras? Do museu? O que foi aquilo?

O garçom estava ali por perto, esperando que saíssem. Mas Christine pediu outros dois copos do doce *çay*, com cor de rubi. E então declarou:

—A última linha do bloco. *Cayonu Skutts, cf Orra Keller*. Você se lembra dos crânios de Çayönü?

—Não — confessou Rob. — Me explica.

—Çayönü é outro sítio arqueológico famoso. Quase tão antigo quanto Gobekli. Fica mais ou menos 160 quilômetros ao norte. Foi onde se domesticaram porcos pela primeira vez.

O garçom pousou mais dois copos sobre a mesa e duas colheres de prata. Rob perguntou-se se dava para ser intoxicado por chá, por excesso de chá.

Christine continuou:

—Çayönü está sendo escavado por uma equipe de americanos. Há alguns anos eles encontraram uma camada de crânios e esqueletos desmembrados sob um dos espaços centrais do sítio.

—Crânios humanos?

Christine fez que sim.

—E ossos de animais também. Os testes também demonstraram que muito sangue humano foi derramado. O local agora é chamado de Câmara dos Crânios. Franz era fascinado por Çayönü.

—E daí?

—As evidências em Çayönü apontam para alguma espécie de sacrifício humano. Isso é controverso. Os curdos não querem acreditar que seus ancestrais tivessem... sede de sangue. Nenhum de nós quer acreditar nisso! Mas a maioria dos especialistas agora acredita que os ossos na câmara dos crânios sejam um remanescente de muitos sacrifícios humanos. A população de Çayönü construiu suas casas sobre fundações feitas de ossos, os ossos das suas próprias vítimas.

—Legal.

Christine colocou um pouco de açúcar em seu chá.

—Daí a última linha do bloco. A Câmara de Edessa.

—Como é?

—É esse o nome que os curadores do Museu de Sanliurfa dão aos arquivos mais obscuros do museu, dedicados às ruínas pré-islâmicas. A seção é chamada de Câmara de Edessa.

Rob fez uma careta.

—Desculpe, Christine, mas você está me deixando confuso. Christine explicou.

—Sanliurfa teve muitos, muitos nomes. Os cruzados a chamavam de Edessa, como os gregos. Os curdos a chamam de Riba. Os árabes, de al-Rüha. A cidade dos profetas. Orra é outro nome. É uma transi iteração do nome grego. Portanto Edessa significa Orra.

—E Keller?

—Não é um nome! — sorriu Christine, triunfante. — É a palavra alemã para cofre, porão ou câmara. Franz a escreveu com maiúscula porque os alemães fazem isso, escrevem os substantivos com letra maiúscula.

—Então... eu acho que estou entendendo...

—Quando ele escreveu "Orra Keller", estava basicamente se referindo à Câmara de Edessa. No subsolo do museu de Urfa! Christine recostou-se e Rob se inclinou para a frente.

—Então ele está nos dizendo que há alguma coisa na Câmara de Edessa. Mas nós já não sabíamos disso?

—Mas por que colocar isso no bloco? A não ser que ele estivesse deixando um lembrete para si mesmo. A respeito de alguma coisa especial. E depois... o que significa "cf"?

—Conseguir fatos... ha... conseguir....

—Vem do latim. Confer. Significa comparar ou confrontar. É uma forma abreviada acadêmica. Cf. Ele está dizendo para comparar os famosos Crânios de Çayönü com alguma coisa nas câmaras do museu. Mas não existe, ou não existia, nada de significativo lá embaixo. Eu mesma examinei os arquivos quando cheguei aqui. Mas lembre-se — ela balançou um dedo com jeito professoral —, Franz estava escavando coisas em Gobekli secretamente, à noite... pouco antes de ser assassinado. — Seu rosto estava rubro de excitação, talvez até mesmo raiva.

—E você acha que ele colocou lá as descobertas dele? Nas câmaras dos pré-islâmicos?

—É o lugar ideal. A parte mais empoeirada do subsolo do museu, o canto mais distante dos porões. É seguro, escondido e está praticamente esquecido.

—OK — disse Rob. — Mas ainda é uma teoria muito maluca. Frágil.

—Talvez. Só que...

Rob começou a entender.

—Você estava testando o Kiribali.

—E você viu como ele reagiu! Eu estava certa. Há alguma coisa naqueles porões.

O chá estava quase frio. Rob esvaziou seu copo e olhou por sobre a mesa. Christine possuía profundezas ocultas. Uma perspicácia oculta.

—Você quer ir até lá para dar uma olhada?

Ela assentiu.

—Quero, mas o lugar fica trancado. E a porta é codificada.

—Outra invasão? É perigoso demais.

—Eu sei disso.

O vento sussurrou entre as limeiras. Sobre a ponte, uma mulher vestindo xador completo segurava seu bebê e beijava-lhe os dedos gordos e rosados, um a um.

—Por que você quer fazer tudo isso, Christine? Por que ir tão longe? Por causa de uma suspeita?

—Quero saber como e por que ele morreu.

—Eu também. Mas eu estou sendo pago pra isso. Esse é o meu trabalho. Estou no meio de uma matéria. Você está correndo sérios riscos.

—Estou fazendo isso... — ela suspirou. — Estou fazendo isso porque... ele teria feito o mesmo por mim.

O sentido daquilo começou a se formar sobre a cabeça de Rob.

—Christine, me perdoe. Você e o Franz... alguma vez...?

—Se nós fomos amantes? Fomos. —A francesa desviou os olhos, como se escondesse suas emoções. — Alguns anos atrás. Ele me deu minha primeira chance verdadeira na arqueologia. Esse sítio incrível. Gobekli Tepe. Na época não tinha ossos. Ele não precisava de um osteoarqueólogo. Mas

me convidou porque admirava meu trabalho. E alguns meses depois que eu cheguei nós... nos apaixonamos. Mas então terminou. Eu me senti culpada. A diferença de idade era grande demais.

— Foi você quem terminou?

— Fui eu.

— Ele ainda gostava de você?

Christine assentiu e corou.

— Acho que sim. Ele foi generoso e educado a respeito. Nunca deixava que essa questão interferisse. Podia ter me pedido que fosse embora, mas não fez isso. Deve ter sido bem difícil pra ele. Eu ainda aqui e ele sentindo o que sentia. Ele era um ótimo arqueólogo, mas um homem ainda melhor. Um dos melhores homens que já conheci. Quando conheceu a esposa dele ficou mais fácil, graças a Deus.

— Então você acha que deve isso a ele?

— Acho.

Eles ficaram sentados em silêncio por vários minutos. Os soldados estavam alimentando as carpas no tanque. Rob viu um barqueiro sobre um jumento, galopando por uma trilha. Mas então teve uma ideia.

— Acho que eu sei como você pode conseguir o código.

— Como?

— Os curadores. No museu. Os seus amigos.

— Casam? Beshet? Os curdos?

— Isso. Principalmente o Beshet.

— Mas...

— Ele tem uma tremenda queda por você.

Ela corou de novo, dessa vez intensamente.



— Não é possível.

— É, é possível. Totalmente. — Rob debruçou sobre a mesa.

— Confie em mim, Christine, eu sei como funciona a adoração masculina patética. Eu vi como ele olha pra você, como um cachorrinho... — Christine parecia envergonhada. Rob riu. — Eu acho que você não percebe o impacto que causa nos homens.

— Mas que importância tem isso?

— Procura ele! Pede o código! Aposto que ele vai te dar.

A mulher de xador havia parado de beijar o bebê. O garçom da casa de chá os encarava, querendo a mesa para novos clientes. Rob depositou algum dinheiro sobre a toalha.

— Então você vai até ele e consegue o código. Depois nós vamos ao museu pra ver o que tem por lá. Se não tiver nada, vamos embora. De acordo?

Christine fez que sim com a cabeça.

— De acordo. — Então acrescentou: — Amanhã é feriado.

— Melhor ainda.

Eles se levantaram. Mas Christine parecia hesitante e preocupada.

— O que foi? — disse Rob. — O que foi agora?

— Eu estou com medo, Robert. O que poderia ser tão importante para que Franz escondesse nas câmaras sem nos contar? O que poderia ser tão aterrorizante que precisasse ser escondido? O que seria tão terrível que devesse ser comparado com os crânios de Çayönü?

Estariam muito atrasados? Teriam deixado os homens escaparem de novo?

O inspetor Forrester olhou para além do círculo de pedras, na direção dos terrenos pantanosos marrom-esverdeados da Cúmbria ao longe. Lembrou-se de outro caso no qual ocorrera uma busca por pistas em local como aquele. Um assassino que havia enterrado a mulher nas charnecas da Cornualha. Fora um homicídio macabro: a cabeça nunca fora encontrada. E ainda assim, até mesmo aquele crime horrível não tinha algumas características sinistras deste mistério de agora. Aquela quadrilha sacrificial representava perigo de verdade: violência psicopática aliada a inteligência refinada. Uma mistura perigosa.

Passando por um baixo degrau de madeira, Forrester concentrou-se nas mais recentes provas. Sabia que a quadrilha fugira da ilha de Man — poucas horas depois do assassinato. Sabia que tinham pego o primeiro ferryboat de Douglas para Heysham, no litoral de Lancashire, muito antes que qualquer alerta fosse enviado aos portos e aeroportos. Sabia de tudo isso porque um estivador atento em Heysham lembrara-se de ter visto um Landcruiser preto da Toyota passar de balsa de manhã bem cedo dois dias antes e reparara nos cinco jovens que haviam saltado do carro no estacionamento do terminal. Os homens foram tomar café juntos. O estivador entrara para fazer o mesmo e sentara-se ao lado da quadrilha na lanchonete.

Forrester aproximou-se de um elegante megálito acinzentado, delicadamente recoberto de musgo verde-lima. Enfiou a mão no bolso para pegar seu bloco e folheou os registros da entrevista com o estivador. Os homens eram todos altos e jovens. Usavam roupas caras. Tinha alguma coisa errada com eles. A estranheza da situação despertara a curiosidade do jovem estivador. O percurso de Douglas a Heysham não era das rotas marítimas mais ativas. O ferry que partia de Douglas de manhã cedo em geral levava fazendeiros, um ou outro empresário, talvez alguns turistas. Cinco jovens silenciosos, altos, em um Landcruiser preto caríssimo? Então o estivador tentara conversar com eles enquanto comiam seus ovos com bacon. Não teve muita sorte.

Forrester continuou a examinar as anotações. Eles não queriam papo. Um deles deu um bom-dia rápido. Talvez tivesse sotaque estrangeiro. Francês ou algo assim. Italiano de repente, sabe lá. Um deles tinha sotaque inglês grã-fino. Aí se levantaram e saíram. Como se eu tivesse estragado o café deles.

O estivador não anotara a placa do carro. Mas ouvira um deles dizer uma palavra parecida com "Castleyig" quando saíram do café rumo ao carro que os aguardava, sob a pálida luz da manhã. Forrester e Boijer haviam pesquisado rapidamente Castleyig. Não foi surpresa para ninguém que o lugar não existisse. Mas havia uma Castlerigg, não muito longe de Heysham. E era bem conhecida.

No fim das contas, Castlerigg era um dos mais bem preservados círculos de pedras da Grã-Bretanha. Continha 38 pedras de tamanhos e formatos variados e suspeitava-se que

datasse de 3.200 a.C. Também era conhecido por um grupo de dez pedras formando um cerco retangular, cujo propósito era "desconhecido". Em seu escritório da Scotland Yard, Forrester havia pesquisado no Google "Castlerigg" e "sacrifício humano" e encontrara uma longa tradição associando os dois. Um machado de pedra fora descoberto no sítio de Castlerigg nos anos 1880. Havia quem dissesse que fora usado em rituais sacrificiais druídicos. E claro que isso foi contestado por vários cientistas. Antiquários e folcloristas sustentaram que também não havia provas de que não fosse o caso. E a tradição de retalhamento sagrado era antiga. Na década de 1880, fora citada inclusive por Wordsworth, famoso poeta local. Com a brisa da Cúmbria às suas costas, Forrester leu a estrofe do poema. Copiara-o na biblioteca de Heysham:

Ao meio-dia, precipitei-me rumo a clareiras tristes  
Bosques religiosos e sombras escuras  
Onde a superstição taciturna encontrou  
Um frio e abominável horror  
Enquanto com braço negro e cabeça inclinada  
Ela tecia uma estola de fio de zibelina  
E ouça, a harpa que escuto tocar  
E veja! Surgem seus filhos druidas  
Por que pousar em mim seus olhos penetrantes  
Por que me escolher para o sacrifício?

Era ura dia quente de primavera no alto dos montes da Cúmbria, o sol de fins de abril brilhando radiante sobre as verdes e austeras colinas ao redor, sobre a relva orvalhada,

sobre os bosques de abetos longínquos. Ainda assim, alguma coisa naquele poema fez Forrester estremecer.

— "Ao meio-dia, precipitei-me rumo a clareiras tristes" — disse Forrester.

Boijer, percorrendo a passos largos o terreno gramado, parecia confuso.

— Senhor?

— É um poema de Wordsworth.

Boijer sorriu.

— Ah, sim. Tenho que admitir... não reconheci.

— Nem eu — disse Forrester, fechando seu bloco. O inspetor lembrou-se dos tempos de escola, do jovem e esforçado professor de inglês tentando enfiar o Macbeth de Shakespeare pela goela de um bando de garotos mais interessados em encher a cara, ouvir reggae e roubar lojas. Um esforço totalmente sem sentido. Melhor ensinar latim a astronautas.

— Belo lugar — disse Boijer.

— É.

— O senhor tem certeza de que eles vieram pra cá? É aqui mesmo?

— Tenho — disse Forrester. — Pra onde mais teriam ido?

— Liverpool talvez.

— Não.

— Blackpool?

— Não. E se eles tivessem ido pra qualquer outro lugar teriam pego a balsa pra Birkenhead. Dá direto na via expressa. Mas eles foram pra Heysham. Heysham não leva praticamente a lugar nenhum, com exceção do Distrito dos Lagos e daqui. Não acredito que eles estejam flanando pelos Lagos, fazendo

turismo. Eles foram a um cemitério viking em Man associado com sacrifícios. E depois pra cá, pia Castlerigg, outro lugar associado com sacrifícios. E, além disso, o estivador escutou a conversa. Eles vieram pra cá.

Boijer e Forrester aproximaram-se de um dos mais altos menires. A pedra achava-se matizada e parcialmente coberta de líquenes. Um sinal de ar puro. Forrester pressionou a palma aberta da mão contra a pedra antiga. A pedra achava-se levemente quente ao toque. Aquecida pelo sol da montanha, e antiga, muito antiga: 3.200 a.C.

Boijer suspirou.

— Mas afinal o que é que atrai esses caras pra esses círculos e ruínas? Qual é o objetivo disso?

Forrester resmungou. Era uma boa pergunta. Uma pergunta que ele ainda estava por responder. Mais abaixo, no vale ao longo do rio, sob o alto platô de Castlerigg, Forrester viu os carros da polícia da Cúmbria; quatro deles estacionados ao sol, perto de uma área de piquenique, dois outros percorrendo a estreita estrada lacustre, rastreando as fazendas e vilarejos locais para verificar se alguém avistara a quadrilha. Até então, não haviam tido sorte. Absolutamente nada. Mas Forrester tinha certeza de que o grupo visitara Castlerigg. Aquilo se encaixava perfeitamente. O círculo era um local particularmente envolvente. E energético. Quem quer que tivesse construído o alto e solitário círculo naquele berço aplainado entre os montes entendia muito de estética. Até mesmo de feng shui. O círculo inteiro, erguendo-se do platô de relva orvalhada, ficava em uma espécie de anfiteatro. Um teatro circular. As colinas onduladas eram os balcões; a

plateia, as arquibancadas. E o círculo de pedra em si era o palco, o altar, a *mise en scène*. Mas um cenário construído para quê?

O rádio de Boijer crepitou. Ele pressionou o botão e conversou com um dos policiais. Forrester ficou na escuta. Estava claro, pela expressão de Boijer e suas palavras de agradecimento pro forma, que a polícia cumbriana não obtivera sucesso. Talvez a quadrilha, no final das contas, não tivesse ido para lá.

Forrester continuou a andar. Uma raposa esgueirou-se sobre a campina e margeou lentamente um bosque no outro lado do vale mais próximo; uma mancha furtiva de felpa vermelha. Mas a raposa virou para trás e olhou direto para Forrester, mostrando o medo e a crueldade do animal selvagem. E então se foi, disparando rumo ao matagal.

O céu estava ficando nublado: ao menos parcialmente. Manchas negras deslizavam através das colinas nas terras pantanosas.

Boijer alcançou Forrester.

—Sabe, senhor, tivemos um caso estranho na Finlândia há alguns anos. Talvez seja pertinente.

—Caso de quê?

—Era chamado de Assassinato do Aterro Sanitário.

—Por que enterraram o corpo num depósito de lixo?

—Mais ou menos. Começou em outubro de 1998. Se eu me lembro bem, a perna esquerda de um sujeito foi encontrada num depósito de lixo perto de uma cidadezinha chamada Hyvinkaa. Ao norte de Helsinque.

Forrester ficou confuso.

—Você já não tava vivendo na Inglaterra nessa época?

—Sim, mas eu acompanhava o noticiário de lá. Como o senhor faz. Especialmente os homicídios macabros.

Forrester assentiu.

—O que aconteceu?

—Bom, a princípio a polícia não conseguiu nada. A única pista que tinham era a perna. Mas então, de repente, vieram... bom, todas aquelas manchetes... A polícia alegou que havia prendido três pessoas suspeitas do assassinato e disse que havia indícios de adoração satânica.

O vento estava aumentando. Assoviando através do círculo antigo.

—Em abril de 1999, o caso foi a julgamento e voltou às manchetes. Três garotos bem jovens foram acusados. O estranho foi que o juiz ordenou que os autos do processo fossem mantidos em segredo por quarenta anos e todos os detalhes ficassem sob sigilo. Isso é raro na Finlândia. Mas, ainda assim, alguns detalhes acabaram vindo à público. Uma coisa horrível. Tortura, mutilação, necrofilia, canibalismo. Havia de tudo.

—E quem era a vítima?

—Um sujeito de 23 anos mais ou menos. Foi torturado e assassinado por três amigos dele. Acho que todos tinham pouco mais de 20 anos ou estavam no final da adolescência.

— Boijer franziu a testa, tentando lembrar. — A garota tinha 17... era a mais nova. De qualquer modo, o assassinato ocorreu depois de uma sessão de bebedeira. Dias de bebedeira. Aguardente caseira. *Brennivín*. É o nome que dão na Islândia. A Peste Negra.



Forrester estava interessado.

—Me descreve esse assassinato.

—Ele foi mutilado lentamente, com facas e tesouras. Morto ao longo de muitas horas. Pedacos dele foram sendo cortados. O juiz chamou aquilo de sacrifício humano prolongado. Depois que a vítima morreu, os três amigos abusaram sexualmente do corpo, ejacularam na boca do sujeito e por aí vai. Então cortaram a cabeça dele e acho que as pernas e os braços também. E removeram alguns órgãos internos, os rins e o coração. Eles basicamente desmembraram o garoto. E comeram algumas partes do corpo.

Forrester estava observando um fazendeiro, que percorria uma estrada rural a 800 metros de distância.

—E o que isso te diz? Quer dizer, que associação você faz com esse caso de agora? — perguntou.

Seu subordinado deu de ombros.

—Os garotos eram todos adoradores do diabo, fãs de death metal. E tinham um histórico de profanações. Queimar igrejas. Violar túmulos, esse tipo de coisa.

—E?

—E gostavam de paganismo, sítios antigos. Lugares como este.

—Apesar de eles terem enterrado o corpo num depósito de lixo, não em Stonehenge.

—É. A gente não tem um Stonehenge na Finlândia.

Forrester fez que sim. O fazendeiro havia sumido atrás de uma elevação na paisagem. Os velhos menires tornavam-se cada vez mais cinzentos e escuros à medida que as nuvens cobriam o sol. O clima típico do Distrito dos Lagos — do sol

brilhante de primavera a um frio melancólico de inverno em meia hora.

—Como eram os assassinos? Qual o perfil sociológico?

—Eram de classe média. Garotos ricos até. Certamente não eram da periferia. — Boijer fechou seu casaco com capuz contra o frio crescente. — Filhos da elite.

Forrester mascou um talo de grama e encarou seu subordinado. O casaco vermelho-vivo de Boijer trouxe uma imagem violenta e repentina à mente de Forrester: um corpo estripado, aberto, o sangue vermelho jorrando. Forrester cuspiu o talo de grama.

—Você sente saudades da Finlândia, Boijer?

—Não. Às vezes... Talvez um pouco.

—Do que você sente saudade?

—Das florestas desertas. De saunas decentes. E eu sinto falta de... amoras silvestres.

—Amoras silvestres?

—A Finlândia não é muito interessante, senhor. Lá tem 10 mil palavras pra descrever um porre. Os invernos são frios demais, então tudo o que se faz é beber. — O vento soprou o cabelo louro do finlandês sobre seu olho, ele o penteou para trás. — Tem inclusive uma piada que os suecos contam sobre o quanto os finlandeses bebem.

—Fala.

—Um sueco e um finlandês combinam de se encontrar pra beberem juntos. Levam várias garrafas de vodea finlandesa bem forte. Sentam um na frente do outro no mais completo silêncio e se servem de vodea, sem dizer nada. Depois de três horas, o sueco enche os dois copos e diz "Saúde". O finlandês

olha pra ele indignado e pergunta: "A gente veio aqui pra beber ou pra conversar?"

Forrester riu. Perguntou se Boijer estava com fome e o assistente deixou bem claro que sim; com a permissão de Forrester, Boijer afastou--se para comer seu habitual sanduíche de atum no carro.

O inspetor continuou a caminhar sozinho, pensativo, inspecionando os arredores. As florestas ali perto eram de propriedade do governo: plantações da Comissão Florestal. Rígidos quadrados de abetos estéreis marchando através da paisagem como regimentos napoleónicos. Pelotões de bétulas marchando silenciosa e inadvertidamente. Ele pensou na história de Boijer. O Assassinato do Aterro Sanitário de Hyvinkaa. Seria possível que a Quadrilha do Sacrifício estivesse enterrando cadáveres, ossos ou objetos, e não desenterrando coisas? Mas nada parecia ter sido enterrado em Craven Street. E nada fora enterrado no Forte St. Anne. Mas será que eles haviam verificado corretamente?

Forrester alcançara a borda do círculo de pedra. Os menires, cinzentos e silenciosos, curvavam-se para longe dele em ambos os lados. Alguns pareciam estar dormindo: inclinados e caídos, como imensos guerreiros assassinados. Outros se mostravam tesos e desafiadores. Forrester lembrou-se do que lera a respeito de Castlerigg: a respeito de um local mais para quadrado de "finalidade importante, porém desconhecida". Se alguém tivesse feito todo aquele percurso para enterrar alguma coisa, certamente o teria feito naquele local — na parte mais simbólica do sítio. Se Castlerigg fosse importante para alguém, aquele seria o alvo dessa pessoa.

O detetive esquadrinhou o círculo. Não demorou muito para encontrar a área cercada: um sítio retangular assinalado por pedras mais baixas, ao lado dos megálitos mais erodidos.

Por vinte minutos, Forrester examinou as tais pedras mais baixas. Percorreu e golpeou o solo úmido e escuro, e a relva encharcada e ácida. A suave chuva do Distrito dos Lagos começou a cair. Forrester sentiu os pingos frios no pescoço. Talvez estivesse se encaminhando a outro beco sem saída.

Então distinguiu alguma coisa no gramado extenso e molhado: uma pequena linha de terra segmentada. Terra escura revolvida, então recolocada, praticamente invisível a olho nu — a não ser que a pessoa soubesse o que estava procurando. Ele ajoelhou-se e escavou o gramado com as próprias mãos. Pouco científico — a equipe forense ficaria horrorizada, mas ele precisava saber.

Segundos depois seus dedos tocaram um objeto frio e rijo — mas não era uma pedra. Ele desalojou o objeto de sua pequena sepultura e limpou a terra. Era um pequeno frasco de vidro. E dentro dele havia um líquido incandescente da cor de rum vermelho-escuro.

## 25

As ruas estavam vermelhas de sangue. Rob caminhava pela cidade velha para se encontrar com Christine na hospedaria. Estava anoitecendo. Para onde quer que olhasse, via imensas manchas de sangue — subindo as paredes, ao longo das calçadas, no exterior da agência da Vodafone. Os moradores estavam abatendo cabras e ovelhas — e o faziam

publicamente, nas ruas. Rob desconfiava que aquilo fizesse parte do feriado que Christine mencionara, mas ainda assim era inquietante.

Ele parou na esquina, perto de uma torre de relógio, e pôs-se a observar enquanto um sujeito lutava para prender uma cabra branca entre as pernas. O homem vestia largas pantalonas pretas — o traje tradicional curdo. Pousando o cigarro aceso em uma banqueta ao lado dele, o sujeito pegou uma faca longa e reluzente e enterrou a lâmina na parte inferior do estômago da cabra.

O animal berrou. O homem não se abalou. Virou-se, pegou o cigarro, deu outra tragada, pousou-o novamente. O sangue escorria do estômago da cabra ferida. O homem inclinou-se mais, fez uma careta, então puxou a faca para o alto com força no ventre trêmulo e esbranquiçado da cabra. O sangue jorrou do animal, banhando a rua em frente. A cabra já não gritava ou lutava, mas choramingava de modo sensual. Suas pálpebras com longos cílios piscavam rapidamente enquanto ela morria. O homem abriu com força o imenso corte e as vísceras resvalaram para fora, os órgãos em tons pastéis caindo asseadamente dentro de uma rasa tigela de plástico sobre a calçada.

Rob continuou a andar. Encontrou Christine ao lado da passagem arcada que conduzia à hospedaria. A expressão de surpresa e perplexidade no rosto dele obviamente dizia tudo.

— Kurban Bayram — disse ela. — O último dia do Hajj.

— Mas por que as cabras?

— E as ovelhas. — Christine entrelaçou o braço no dele enquanto caminhavam pelas ruas fechadas do bazar. O cheiro

de comida pairava no ar. Cabra assada e ovelha grelhada. — Chama-se Feriado do Sacrifício. Em honra da memória de Abraão e Isaac, o quase sacrifício de Isaac.

—Kurban Bayram, é claro. Também existe no Egito e no Líbano; sei muito bem: se chama Eid... Mas — ele balançou a cabeça — eles não matam animais na rua! Fazem isso em lugares fechados e cortam as gargantas deles.

—É verdade — concordou ela. — Aqui em Urfa eles tratam o evento como uma data especial só deles. Porque Abraão é daqui. — Ela sorriu. — E é bem... sangrento.

Eles haviam chegado a uma pequena praça com casas de çay e cafés, onde os homens fumavam narguilés. Muitos estavam usando longas calças curdas pretas e largas, em função do Kurban Bayram. Outros vestiam túnicas especiais bordadas. Suas mulheres estavam cobertas de jóias brilhantes ou ostentando véus enfeitados com prata. Algumas tinham tatuagens de hena, as mãos e os pés generosa e primorosamente pintados; os véus sustentavam bugigangas prateadas. A cena era bastante colorida.

Mas eles não estavam ali para passear.

—Lá está. — Christine indicou com a cabeça uma casinhola em uma rua escura. — A casa do Beshet.

O calor do dia escoava das ruas como água após uma enchente. Rob apertou a mão de Christine.

—Boa sorte.

Christine atravessou a rua e bateu à porta. Rob perguntou-se quão pouco ortodoxo e inquietante seria para Beshet ter uma mulher branca ocidental indo à sua casa. Quando Beshet abriu a porta, Rob examinou--lhe a expressão do rosto e viu

surpresa e ansiedade, e também, mais uma vez, aquela languidez de cachorrinho. Rob estava certo de que Christine conseguiria o código.

Ele voltou para a praça e esquadrinhou a cena. Algumas crianças, carregando bombinhas, cumprimentaram-no.

— Ei, você aí, americano!

— Oi...

— Feliz Bayram!

As crianças riram, como se tivessem mexido com um animal exótico e um tanto assustador no zoológico; então se espalharam pela rua. As calçadas ainda estavam vermelhas de sangue, mas o abate havia chegado ao fim. Curdos de bigode, fumando seus narguilés nas mesas de café, cumprimentaram-no com um sorriso. Rob chegou à conclusão de que Sanliurfa era o mais estranho dos lugares. Era implacavelmente exótico e, de certa maneira, hostil; no entanto, as pessoas eram as mais amistosas que Rob já encontrara.

Ele mal reparou em Christine quando esta se aproximou dele e disse:

— Oi.

Ele se virou alarmado.

— Você conseguiu?

— Consegui. Ele não queria... mas me deu o código.

— OK, então...

— Vamos esperar até que esteja escuro.

Uma rápida caminhada conduziu-os à rua principal, fora da cidade velha. Um táxi os levou ao apartamento de Christine, onde passaram algumas horas tensas, navegando na internet, tentando não se preocupar, mas preocupados. Às 11 horas eles

deslizaram para fora do prédio e caminharam até o museu. As ruas estavam muito mais silenciosas a essa altura. O sangue havia sido lavado; o feriado estava quase acabado. Uma lua em forma de cimitarra brilhava acima deles. Estrelas cintilavam como tiaras em redor do cume dos minaretes.

Nos portões do museu, Rob olhou para um lado e outro da rua. Não havia ninguém por perto. Ele ouvia vozes em turco provenientes da TV de uma casa de venezianas fechadas um quarteirão abaixo. Fora isso, reinava o silêncio. Rob empurrou o portão, que se abriu. À noite, o jardim era um local particularmente atraente. A luz da lua cobria de prata as asas de Pazuzu, o demônio do deserto. Havia bustos de imperadores romanos, quebrados e decadentes; e comandantes assírios, imobilizados no mármore, para sempre engajados em suas caçadas aos leões. A história de Sanliurfa estava ali, naquele jardim, sonhando à luz da lua. Os demônios sumérios gritavam silenciosos, seus bicos de pedra abertos havia 5 mil anos.

—Eu preciso de dois códigos — disse Christine. — Beshet me deu os dois.

Ela aproximou-se da porta principal do museu. Rob ficou para trás, certificando-se de que estivessem sós.

Eles estavam sós. Havia um carro estacionado sob as figueiras, mas parecia estar imóvel havia alguns dias. Figos podres manchavam o pára-brisa. Uma sujeira de geléia e sementes.

A porta produziu um estalido. Rob girou e descobriu que a porta da frente se achava aberta. Subiu os degraus e juntou-se a Christine no interior. O ar dentro do museu estava quente: não havia ninguém ali para abrir janelas nem portas. E não



havia ar-condicionado. Rob enxugou o suor da testa. Estava usando uma jaqueta para carregar tudo de que precisavam: lanternas, telefones, blocos. Na sala principal, a mais antiga estátua do mundo brilhava tênue na escuridão, com seus tristes olhos de obsidiana contemplando as sombras melancólicos.

—Aqui embaixo — disse Christine.

Rob viu, na penumbra, uma pequena porta no canto mais afastado da sala. Mais adiante havia um lance de escadas, que conduzia ao andar de baixo. Ele entregou uma lanterna a Christine e acendeu a sua. Os dois feixes de luz tremularam na escuridão poeirenta à medida que eles desciam as escadas.

As câmaras eram surpreendentemente grandes. Muito maiores do que o museu acima. Portas e corredores conduziam a todas as direções. Prateleiras de antiguidades brilhavam com luz tênue quando Rob moveu o feixe de luz da lanterna em um e outro sentido sobre cerâmica quebrada, blocos de gárgulas, lanças, sílices e vasos.

—Isso é enorme.

—É. Sanliurfa foi construída sobre antigas cavernas e as cavernas foram convertidas em porões.

Rob inclinou-se e examinou uma estatueta quebrada deitada de costas, que parecia resmungar na direção da prateleira de cima.

—O que é isso?

— O monstro Asag. O demônio que provoca as doenças. É sumério.

— OK... — Rob estremeceu, apesar do calor sufocante. Queria que aquilo acabasse: o frio temor do que eles se

achavam prestes a fazer estava crescendo. — Vamos nos apressar, Christine. Onde está a Câmara de Edessa?

—Aqui embaixo.

Eles dobraram em outro corredor, passaram por uma coluna romana, brutalmente arrancada, e mais prateleiras de jarros e potes. A poeira era densa e sufocante; Christine os estava conduzindo para a parte mais antiga do complexo de grutas.

Mas então uma grande porta de aço barrou o caminho. Christine teclou às cegas o código.

—Merda. — Suas mãos tremiam.

Rob equilibrou a lanterna de forma que ela pudesse enxergar melhor enquanto digitava os números; por fim a fechadura se abriu com um estalido. Eles foram recebidos por uma lufada de ar quente quando a Câmara de Edessa expirou. Havia perversidade no ar. Alguma coisa indefinível e remota, mas orgânica e desagradável. E antiga.

Rob tentou ignorá-la. Eles entraram no porão. Severas prateleiras de aço conduziam à imensa caverna. A maior parte das antiguidades achava-se em grandes caixas de plástico com nomes e números rabiscados. Mas algumas haviam sido deixadas em estado natural. Christine mencionou-as enquanto caminhavam. Deusas sírias ou acádias; uma grande cabeça de Anzu; parte de um nu helênico. Mãos e asas fantasmagóricas estendidas na penumbra.

Christine caminhava para um lado e outro das prateleiras.

—Não tem nada aqui. — Ela parecia quase aliviada. — São as mesmas coisas que eu vi antes.

—Então é melhor nós irmos...

—Espera.

—O quê?

Christine gesticulava na escuridão.

—Aqui. Isso é de Gobekli.

Rob parou. Estava sentindo os maus presságios novamente. A terrorista suicida no Iraque. Ele nunca esqueceria o rosto da mulher--bomba, encarando-o, pouco antes da explosão.

Rob sentiu uma urgente necessidade de sair. Sair dali. Naquele instante.

Christine pediu:

—Fecha a porta.

Relutantemente, Rob fechou a porta atrás de si. Eles estavam sozinhos na câmara mais distante, com o que quer que Franz tivesse encontrado. O que quer que estivesse sentindo, deveria equiparar-se ao horror dos Crânios de Çayönü.

—Rob, vem dar uma olhada.

A luz da lanterna dela iluminava uma estátua extraordinária. Uma mulher, de pernas abertas: a vagina profundamente entalhada e obscenamente grande. Como a ferida aberta no pelo da cabra.

Ao lado da mulher havia uma trinca de animais: javalis, talvez. Todos com o pênis ereto e pronunciado; e circundavam a mulher estendida — como se aquilo fosse um estupro grupai.

—Isso é de Gobekli — sussurrou Christine.

—É o que estávamos procurando?

—Não. Eu lembro de quando encontramos isso. Franz pôs aqui. Devia estar armazenando as... descobertas mais estranhas num só lugar. Portanto, o que quer que ele tenha encontrado deve estar por aqui. Em algum lugar.

Rob deslocou sua lanterna para a esquerda, para a direita e para a esquerda novamente. O pó redemoinhava na escuridão. Rostos de deuses melancólicos e olhares atravessados de demônios o saudavam, então enegreciam à medida que ele avançava. Rob não conseguia enxergar nada; nem sabia o que estava procurando. Era impossível. Então sua lanterna iluminou uma grande caixa de poliestireno com a palavra Gobekli escrita a caneta. Rob sentiu o coração bater.

—Christine — sussurrou.

A caixa estava alojada nos fundos de uma prateleira de aço, próxima à parede da gruta. Era obviamente grande e pesada; Christine lutou com ela. Pousando a lanterna na prateleira atrás de si, Rob estendeu o braço e a ajudou. Juntos eles puxaram a caixa para fora da prateleira e a depositaram no chão.

Rob pegou sua lanterna, o coração disparado, e manteve o facho alto enquanto Christine abria a caixa. Dentro, havia quatro jarros cor de oliva antiquados, de cerca de meio metro de comprimento, embrulhados em plástico-bolha. Rob sentiu uma surda pontada de decepção.

Um lado seu teria gostado de encontrar alguma coisa obscena e horripilante. O lado jornalístico. Seu lado juvenil, talvez. Christine puxou um dos jarros para fora.

—É de Gobekli?

—Com certeza. E se for, deve ter 10 mil anos de idade. Então eles realmente tinham cerâmica...

—Está incrivelmente bem preservado.

—Está. — Manuseando o jarro com imenso cuidado, Christine virou-o. Havia um curioso desenho em um dos

lados. Uma espécie de galho com um pássaro no topo. — Já vi isso em algum lugar — disse ela, baixinho.

Rob pegou seu celular e bateu uma rápida série de fotos. O flash da câmera do aparelho pareceu invadir a triste escuridão da gruta. Gênios e imperadores franziram o cenho no breve clarão de mau gosto.

Enfiando o celular no bolso, Rob estendeu as mãos para o interior da caixa e pegou um dos longos jarros. Era surpreendentemente pesado. Ele desejava saber o que havia dentro. Algum tipo de líquido? Grãos? Mel? Ele o inclinou e examinou o topo. Estava tampado e lacrado.

— Devemos abrir?

— Cuidado...

O aviso dela chegou tarde demais. Rob sentiu o jarro subitamente escapar de suas mãos: inclinara-o demasiado rápido. O gargalo pareceu suspirar e o jarro caiu no chão: então a fenda no gargalo se abriu mais, prolongando-se até o corpo da velha cerâmica apodrecida. O jarro estava se esfarelando nas mãos de Rob. Simplesmente se esfarelando. Os cacos espalharam-se pelo chão, alguns deles transformando-se instantaneamente em pó.

— Meu Deus! — O cheiro era repugnante. Rob cobriu o nariz com uma das mangas da camisa.

Christine iluminou com a lanterna o conteúdo do jarro.

— Puta merda!

Um minúsculo corpo jazia no chão. Um corpo humano: um bebê, forçado na posição fetal. O corpo achava-se metade mumificado, metade transformara-se em um líquido viscoso. Ainda se decompondo depois de tantos séculos. O mau cheiro

atingiu o rosto de Rob e ele sentiu ânsia de vômito. Golfadas de líquido fluíam do crânio.

- Olha o rosto! – Gritou Christine. – Olha o rosto!

Rob iluminou o rosto do bebê com a lanterna. Estava imobilizado em um grito silencioso. O grito de uma criança moribunda, ecoando através de 12 mil anos.

De repente, luzes encheram a sala. Luzes, ruídos, vozes. Rob girou e viu: um grupo de homens na parte de trás da câmara. Homens com armas e facas, vindo na direção deles.

## 26

Hugo De Savary era elegante demais para um professor. Forrester esperava alguém desleixado: remendos de couro nos cotovelos, excesso de caspa sobre os ombros. Mas o professor de Cambridge era enérgico, alegre, bastante jovem, positivamente esbelto, irradiando uma aparência confiante de prosperidade.

Provavelmente, isso se devia ao fato de seus livros — abordagens populares sobre satanismo, cultos, canibalismo, uma lista completa de temas góticos — serem comercialmente tão bem-sucedidos. O que o levava a ser rechaçado pelos membros mais rabugentos da comunidade acadêmica, ou assim imaginava Forrester, a julgar pelas críticas que havia lido.

Fora De Savary que sugerira que eles almoçassem no badalado restaurante japonês perto do Soho. Por e-mail, Forrester havia pedido um encontro na próxima vez que o professor estivesse na cidade. De Savary concordara alegremente e se oferecera

até mesmo para pagar, o que era bom, já que o restaurante que havia escolhido decerto não era o tipo de lugar que Forrester normalmente frequentasse quando solicitava alguma informação, sendo possivelmente cinco vezes mais caro.

De Savary estava dando cabo de seu pequeno prato de bacalhau negro com missô com grande entusiasmo. Eles estavam sentados em um banco de carvalho diante de um balcão que circundava uma cozinha central provida de uma imensa grelha negra, supervisionada por chefs japoneses carrancudos e brutais, retalhando vegetais desconhecidos com facas assustadoramente grandes. Ele virou-se para Forrester.

— Como a equipe forense sabia que o elixir era damu?

O professor estava se referindo ao líquido no frasco proveniente de Castlerigg. Forrester tentou pegar um pedaço de lula crua com seus pauzinhos e fracassou.

— Tivemos vários assassinatos com mutilações em Londres, sacrifícios de crianças seguindo tradições africanas. Portanto, os rapazes do laboratório já tinham topado com damu antes.

— O tronco sem cabeça daquela pobre criança encontrada no Tamisa?

— Isso. — Forrester deu um gole em seu saque morno. — Esse tal damu é aparentemente o sangue concentrado de vítimas de sacrifício. Foi o que a patologia me informou.

— Sim, eles estão certos. — Diante deles, um corpulento chef japonês destripava um peixe rosa-claro a grande velocidade.

— O sacrifício ritual é algo repugnante. Centenas de crianças morrem todos os anos na África negra. Você sabe exatamente o que eles fazem com as crianças?

— Eu sei que eles decepam os membros...

— É. Mas fazem isso enquanto as crianças estão vivas. E eles cortam os genitais também. — De Savary deu um gole em sua cerveja. — Os gritos das vítimas vivas teoricamente aumentam a potência do sacrifício. Será que devemos pegar um pouco daquele filé de albacora?

— Perdão?

Ao que parecia, a ideia daquele restaurante ultrabadalado era a de que os clientes fossem pedindo pequenas porções de comida. O cliente não pedia tudo no início: continuava pedindo até estar satisfeito. Era divertido. Forrester nunca estivera em nenhum lugar assim. Perguntou-se quem podia arcar com os preços. Sushi de caranguejo de casca mole, importado do Alasca. Toro com aspargos e caviar sevruga. O que era toro?

— A tempura de camarão é maravilhosa — disse De Savary.

— Vamos fazer o seguinte — disse Forrester —, você pede. E então me diz o que acha da quadrilha...

De Savary sorriu sobriamente.

— Sim, claro. Minha palestra é às três. Portanto, mãos à obra.

— Então, o que você acha?

— A sua quadrilha parece obcecada pelo sacrifício humano.

— Isso nós sabemos.

— Mas é um acervo de práticas original.

— Como é?

— Eles estão realizando sacrifícios de diferentes culturas. A excisão da língua talvez seja nórdica, o enterro da cabeça é japonês, ou israelita.



A raspagem dos cabelos é claramente asteca. A Estrela de Davi, você me diz que é salomônica.

Uma jovem garçonne tailandesa aproximou-se e De Savary fez seu pedido. A garçonne fez uma pequena reverência e afastou-se. De Savary encarou Forrester novamente.

—E agora nós temos o damu, enterrado em um local dedicado ao sacrifício. E o que fazem os curandeiros africanos antes de uma grande matança sacrificial. Enterram o damu em solo sagrado. E então realizam o sacrifício.

—Então... você acha que eles vão tornar a matar?

—Evidentemente. Você não acha?

Forrester suspirou e assentiu. Claro que a quadrilha ia atacar novamente.

—E esse negócio do Hellfire? Como isso se encaixa?

—Não tenho muita certeza. Eles estão, é óbvio, procurando alguma coisa que tem a ver com os Hellfires. O que isso poderia ser já não é tão óbvio.

Três pratos foram colocados sobre o balcão de carvalho diante deles. O aroma era delicioso. Forrester desejava ardentemente que lhe concedessem uma colher.

De Savary prosseguiu.

—O que posso explicar agora é como esses cultos satânicos funcionam, a psicologia desse grupinho. Eles tendem a se originar da classe média ou até mesmo das classes mais altas. Manson e seus seguidores não eram pobretões desprezíveis, eram garotos ricos. São os ricos entediados e inteligentes que cometem os crimes mais terríveis. É possível traçar um paralelo com a quadrilha terrorista do Baader Meinhof na

Alemanha. Filhos e filhas de banqueiros, milionários, homens de negócios. Filhos da elite.

—E também Bin Laden...

—Exato! Bin Laden é o filho inteligente e carismático de um famoso bilionário, e ainda assim foi atraído para a vertente mais niilista e psicopata do islamismo.

—Então você vê um paralelo com o Hellfire Club?

Com destreza, De Savary pegou um pedaço de albacora com os pauzinhos. Forrester fez o mesmo com dificuldade. O peixe estava incrivelmente delicioso.

—Certo de novo. O Hellfire Club forneceu o modelo, por assim dizer, para os cultos mortais bon chic, bon genre de hoje. Um grupo de aristocratas ingleses, muitos deles bastante talentosos (escritores, estadistas, cientistas), que, no entanto, se deixam atrair por atos deliberadamente transgressivos. Para épater les bourgeois, talvez?

—Mas algumas pessoas dizem que o Hellfire Club era só um clube de bêbados. Uma associação de gozadores.

De Savary sacudiu a cabeça.

—Sir Francis Dashwood era um dos melhores acadêmicos religiosos do tempo dele. Foi para o Extremo Oriente em busca dos seus interesses mais secretos... esoterismo religioso. Essa não é a postura de um diletante. E Benjamin Franklin era uma das melhores mentes do século.

—De modo que eles não se reuniram só para beber gim e pular amarelinha pelados.

—Não, acho que não. — De Savary riu. O chef japonês diante deles estava usando duas facas de uma só vez. Cortando em filés e em cubos uma enguia comprida e escorregadia. O

corpo da enguia dançava sobre a tábua de cortar à medida que era fatiado, como se ela estivesse viva. Talvez estivesse viva. — É uma questão polêmica o que eles faziam, o Hellfire Club inglês. Nós sabemos que os Hellfires irlandeses eram terrivelmente violentos. Costumavam derramar álcool em gatos e botar fogo neles. Os gritos dos animais queimando acordavam meia Dublin na época. E assassinaram um empregado doméstico da mesma maneira. Por causa de uma aposta. — Ele fez uma pausa. — Acho que o Hellfire Club e outros cultos satânicos que a gente vê na Europa podem nos ajudar a entender essa sua quadrilha. Era termos hierárquicos, motivacio-nais, psicológicos. Deve haver um líder absoluto. Carismático e muito inteligente. Provavelmente alguém muito bem-nascido.

—E os seguidores?

—Amigos próximos; personalidades mais fracas. Mas ainda assim inteligentes. Seduzidas pelo fascínio satânico do líder do culto. E provável que eles também tenham vindo de um ambiente privilegiado.

—Isso se ajusta às descrições, vozes elegantes etc.

De Savary pegou um prato sobre o balcão. Pensou por um momento, fitando a comida, então prosseguiu:

—Mas acho que o líder da sua quadrilha é completamente maluco.

—Perdão?

—Não esqueça do que ele está fazendo. A mescla-histórica de elementos sacrificiais. Na verdade, a própria idéia de sacrifício... é visível que é insana. Se ele está procurando alguma coisa ligada aos Hellfires, poderia ter feito isso de

maneira bem mais discreta em vez de ficar circulando pelas ilhas britânicas retalhando pessoas. Sim, os crimes deles são de fato planejados e executados com uma certa sutileza, eles cobrem seus rastros, como você está dizendo, mas por que matar... se a sua intenção é principalmente resgatar? Descobrir alguma coisa escondida? — De Savary deu de ombros. — Et voilà. Ele não é nenhum Francis Dashwood vulgar, ainda que racional, ele é mais tipo Charles Manson. Um psicótico. Um gênio, mas psicótico.

— E isso quer dizer...

— Você é o detetive. Acho que isso quer dizer que ele vai acabar indo longe demais. Eles vão cometer algum erro nessa loucura. A única pergunta é....

— Quantas pessoas eles vão matar antes?

— Exatamente. Agora você precisa provar esse nabo. É parecido com rabanete. É o paraíso.

De volta à Scotland Yard, Forrester ressuscitou o almoço com um feliz arroteio. Então se sentou em sua cadeira giratória e pôs-se a girar, como uma criança. Ele estava ligeiramente bêbado do saque. Mas podia justificar o fato. O almoço fora bastante útil. Com seu novo amigo Hugo. Forrester pegou o telefone e ligou para Boijer.

— Sim, senhor?

— Boijer, preciso de uma busca. Um rastreamento.

— Do quê?

— Liga para os melhores colégios.

— OK...

—Comece com Eton. Winchester. Westminster. Nada abaixo de Millfield. Inclua Harrow. Verifique a lista com a Associação de Diretores.

—Certo. E... o que eu pergunto a eles?

—Sobre garotos ausentes. Alunos dos quais não têm notícia. E tente as melhores universidades também. Qxbridge, Londres, St. Andrews. Durham. Você conhece o rol.

—Bristol.

—Por que não? E Exeter. E a faculdade agrícola em Cirencester. Precisamos descobrir estudantes que desistiram recentemente, sem mais nem menos. Quero garotos ricos. Com problemas.

## 27

O corpo apodrecido e parcialmente mumificado do bebê jazia no chão. O mau cheiro de decomposição antiga empestava o ar. Lâmpadas nuas tremeluziam sobre os monumentos e prateleiras da câmara do museu. Os homens que se aproximavam eram grandes, estavam armados e pareciam furiosos. Rob pensou ter reconhecido alguns da escavação. Curdos. Eles pareciam curdos.

Só uma porta conduzia à câmara. E o caminho até a porta achava-se repleto de vultos ameaçadores. Oito ou nove homens. Alguns deles portavam armas: uma pistola antiga; uma espingarda; um rifle de caça novo em folha. O restante carregava grandes facas, uma delas tão grande que parecia um machete. Rob lançou um funesto olhar de desculpas a

Christine. Ela sorriu, melancólica e irremediavelmente. E então se aproximou, estendeu a mão e apertou a de Rob.

Eles foram capturados e separados. Os homens agarraram Rob pelo colarinho e Christine pelos braços. Rob viu quando o maior deles, o aparente líder, contemplou o corredor lateral, a urna quebrada e o patético corpinho com o líquido estranho e pungente escorrendo ao redor. Ele assoviou para os colegas e imediatamente dois curdos separaram-se do grupo principal e percorreram o corredor lateral, possivelmente para se ocupar das provas, para fazer alguma coisa com o montinho obscuro de carne apodrecida.

Rob e Christine foram conduzidos para fora da câmara. Um dos sujeitos que dominavam Rob pressionou com força uma pistola contra seu rosto. A boca fria da arma cheirava a graxa. Outros dois homens agarraram violentamente Christine pelos braços nus. O sujeito alto com o rifle de caça permaneceu na retaguarda, com um par de ajudantes.

Para onde os estariam levando? Rob percebeu que os curdos também estavam assustados: talvez tão assustados quanto ele e Christine. Mas aqueles homens também eram decididos. Eles arrastaram Rob e Christine através das longas fileiras de antiguidades, para além dos monstros do deserto, dos generais romanos e dos deuses da tempestade cananeus. Passando por Anzu, Ishtar e Nimrud.

Eles subiram as escadas rumo à câmara principal do museu. Christine praguejava corajosamente em francês. Rob sentiu um impulso protetor — em relação a ela — e uma onda de vergonha — por si mesmo. Ele era o homem ali. Deveria ser capaz de fazer alguma coisa. De ser ousado. De chutar as facas

das mãos dos curdos, virar-se e lançar seus raptos ao chão: agarrar a mão de Christine e salvá-la, arrastá-la para a liberdade radiante.

Mas ávida não era assim. Eles estavam sendo conduzidos, como animais capturados, lenta, porém, seguramente, a seu inequívoco destino. E esse destino seria... exatamente o quê? Eles estavam sendo sequestrados? Aquilo era uma farsa? Aqueles sujeitos eram terroristas? O que estava acontecendo? De certa forma, Rob esperava que os curdos fossem policiais. Mas tinha quase certeza de que não eram. Não podiam ser. Aquilo não parecia uma captura. Aqueles caras pareciam furtivos, culpados — e tinham jeito de assassinos. Imagens de decapitações inundaram-lhe a mente. Todos aqueles pobres coitados no Iraque, no Afeganistão e na Chechênia. Seguros contra o chão. A faca serrando a cartilagem e a traquéia. As exalações gasosas enquanto o corpo decapitado drenava ar e sangue e então tombava ao chão. Allahu Akhbar. Allahu Akhbar. As imagens granuladas na internet. O horror. Um sacrifício humano ao vivo na rede.

Christine continuava a praguejar. Rob lutava e se contorcia, mas os homens o seguravam firmemente. Ele não podia ser herói. Podia tentar gritar.

—Christine? — chamou. — Christine?

Ele ouviu à sua retaguarda:

—O que foi?

—Você está bem? O que...

Um punho golpeou a boca de Rob. Ele sentiu seu palato se encher de sangue, salgado e quente. A dor foi avassaladora: seu corpo cedeu.

O líder aproximou-se para encará-lo. Ergueu o rosto ensanguentado de Rob e disse:

—Sem conversa! Sem falar!

O rosto do líder não era cruel. Sua expressão era mais... resignada. Como se aquilo fosse uma coisa que precisassem fazer, mas não necessariamente desajassem. Uma coisa verdadeiramente terrível...

Como uma execução.

Rob observou enquanto um dos curdos abria, devagar e com cuidado, a porta principal do museu. A visão da porta acionou um desfile de lembranças. As insólitas horas anteriores de sua vida: as ovelhas sendo abatidas nas ruas de Urfa; os homens vestindo suas pantalonas pretas de festa; o ingresso furtivo dos dois no museu. E então o grito silencioso do bebê. Enterrado vivo 12 mil anos antes.

O curdo à porta acenou com a cabeça na direção de seus compadres. Ao que parecia, a barra estava limpa.

—Entra! — o líder gritava para Rob. — Entra carro!

Os homens escoltaram Rob com violência através do estacionamento sufocante, iluminado pela luz da lua. Três outros veículos haviam se juntado ao carro manchado de figos. Eram automóveis velhos: veículos locais amassados — estava claro que não eram carros de polícia. Rob sentiu a última centelha de esperança desaparecer.

A intenção dos sujeitos era obviamente levar Rob e Christine a algum lugar distante. Fora da cidade talvez. Para alguma casa de fazenda abandonada. Onde seriam acorrentados aos seus assentos. Rob imaginou o som da faca rasgando-lhe a garganta. *Allahu Akhbar*. Balançou a cabeça para afastar



aquele pensamento. Precisava manter-se lúcido. Salvar Christine. Salvar a si mesmo, por sua filha.

Sua filha!!

A culpa dilacerou o coração de Rob como uma adaga de vidro. Sua filha Lizzie! Prometera-lhe, justo no dia anterior, que dentro de uma semana estaria em casa. Talvez nunca tornasse a vê-la. Estúpido estúpido estúpido estúpido.

A mão de um dos sujeitos pressionava a cabeça de Rob. Eles queriam que Rob se inclinasse: que entrasse no banco traseiro mofado do carro. Rob resistiu, sentindo-se levado para a morte. Virou-se e viu Christine poucos passos atrás, com uma faca no pescoço. Estava sendo arrastada para o outro carro: não havia nada que pudesse fazer.

E então:

—Parem!

O tempo parou. Luzes brilhantes ofuscaram o estacionamento.

—Parem!

As luzes eram completamente ofuscantes. Rob agora sentia a presença de muitos homens mais. Inúmeras sirenes. Luzes azuis e vermelhas. Luz e ruído por toda parte. A polícia. Seria a polícia? Ele puxou um dos braços da mão de seu captor, protegeu o rosto e contemplou a luz ofuscante...

Era Kiribali, com vinte ou trinta policiais. Eles estavam correndo para o estacionamento. Agachando-se. Tomando posição. Fazendo pontaria. Mas aqueles não eram policiais comuns. Usavam trajes pretos, quase paramilitares, e portavam fuzis automáticos.

Kiribali estava gritando com os curdos em turco. E os curdos estavam recuando. O que se achava mais perto de Rob soltou a velha pistola, então ergueu as mãos. Rob viu Christine lutar para se libertar de seus captores e correr pelo estacionamento em direção à segurança da polícia.

Rob libertou o segundo braço e atravessou o estacionamento até Kiribali, cujo rosto se achava inexpressivo ao ponto do desprezo. O policial esbravejou:

—Venham comigo.

Rob e Christine foram bruscamente conduzidos a um BMW novo e avantajado, fora da área do museu. Kiribali ordenou que Rob e Christine entrassem atrás: ele entrou no banco da frente, então se virou e olhou para eles.

—Estou levando vocês para o aeroporto.

—Mas... — começou Rob. Seu rosto latejava de dor onde fora golpeado.

Kiribali o fez calar a boca.

—Fui ao apartamento, ao seu hotel. Vazio! Ambos vazios. Eu sabia que vocês deviam ter vindo pra cá. Vocês são muito idiotas. Gente muito idiota! — O BMW seguia às pressas pela rua ampla e iluminada por postes. Kiribali dirigiu-se ao motorista em um turco acelerado; o motorista respondeu docilmente.

Então o agente encarou Rob com um sombrio olhar de desdém.

—As malas de vocês estão lá atrás, com os passaportes e os laptops. O resto dos pertences de vocês, a gente manda depois. Vocês vão sair da Turquia esta noite. — Ele atirou

dois envelopes no banco traseiro. —As passagens. Pra Istambul, e depois Londres. Só de ida. Esta noite.

Christine protestou, mas o protesto foi hesitante e sua voz soou trêmula. Kiribali fitou-a com infinito desdém, então ele e o motorista trocaram mais algumas palavras. A essa altura, o carro achava-se na periferia da cidade. O início do deserto era silencioso à noite, da cor de prata manchada sob o luar.

Quando chegaram ao aeroporto, o motorista entregou a bagagem que estava no porta-malas. No interior do minúsculo aeroporto, Kiribali ficou vigiando enquanto eles faziam o check-in. Então apontou para o portão de embarque.

—Espero não ver nenhum dos dois novamente. Se voltarem, os curdos provavelmente vão matar vocês. Se não fizerem isso, meto os dois na cadeia. Por muito tempo. — Ele bateu os calcanhares como um oficial prussiano obedecendo ordens, então lançou outro olhar de raiva e desdém e se foi.

Rob e Christine passaram pela segurança e embarcaram no avião. A aeronave taxiou e decolou. Rob afundou na poltrona, o corpo inteiro latejando de dor e da adrenalina. Naquele instante, ele realmente sentiu tudo: a onda de emoção, o medo; a fúria abrasadora. O mesmo sentimento que experimentara depois do atentado suicida no Iraque. Rob trincou e afrouxou os músculos da mandíbula. O lábio ainda doía, um dos dentes estava quebrado. Ele tentou relaxar. Sua mente estava a toda, quase doía. A matéria não estava terminada. Ele era jornalista. Um bom jornalista. Era só o que ele era — mas podia usar isso. Ele precisava canalizar a raiva, aquela raiva impotente, sua masculinidade humilhada. Se eles achavam que conseguiriam afugentá-lo com armas e facas,

estavam enganados. Ele obteria a matéria. Não se deixaria assustar. Precisava relaxar, embora sentisse vontade de gritar. Ele olhou para Christine.

E então, pela primeira vez desde que a urna do bebê se quebrara, ela dirigiu-se a ele diretamente. Baixinho, mas nitidamente, ela disse:

— Cananeus.

— O quê?

— Era o que os antigos cananeus faziam. Eles enterravam os filhos. Vivos. — Ela virou-se e olhou para a frente. — E em jaras.

## 28

Rob desligou o telefone e deu uma olhada na enfadonha agitação do aeroporto de Istambul. Passara uma hora conversando com a filha: uma hora de conversa divertida, ávida, deliciosa. Passara então dez minutos ligeiramente inquietos e irritantes conversando com a mãe dela. Sua ex-mulher, ao que constatou, estava levando sua filha Lizzie para o campo por duas semanas, a começar daquele dia. Mesmo que ele voasse para casa naquele exato minuto, não iria encontrá-la.

Rob esfregou o rosto para afastar o cansaço. Eles haviam chegado no meio da noite e caído no sono exaustos nas cadeiras do aeroporto. Não fora o suficiente para aliviar o estresse. Que 24 horas incríveis haviam sido aquelas. Que bizarra cadeia de eventos. E o que ele iria fazer agora?

—Ei, soldado. — Christine agitava duas latas de Coca Diet. — Achei que você podia querer uma dessas.

Rob pegou a lata, agradecido, e abriu-a com um estalido; a Coca gelada machucou seu lábio partido.

—Está tudo bem em casa, Robert?

—Está... — Ele observava um empresário chinês dar uma senhora escarrada dentro de uma lata de lixo. — Não. Não está, não. Coisas de família...

—Ah. — Ela corria o olhar pelo terminal. — Olha isso. Tudo tão normal. Starbucks, McDonald's... Mal dá pra acreditar que nós quase fomos sequestrados ontem à noite mesmo.

Rob sabia o que ela queria dizer. Suspirou e fitou, ressentido, o painel das partidas. O voo deles para Londres ainda levaria muitas horas para decolar. Ele realmente não queria estar ali, matando tempo. Mas também não queria voltar para Londres se sua filha não iria estar lá. Para quê? O que queria fazer era terminar a matéria, resolver aquela história. Já falara com seu editor e lhe contara uma versão ligeiramente suavizada dos últimos acontecimentos. Steve havia praguejado, duas vezes, e então perguntado a Rob se ele se sentia seguro. Rob havia dito que, apesar de tudo, sentia-se ótimo. Então Steve concordara, um tanto hesitante, que Rob continuasse — "desde que você evite tomar um tiro na cabeça". Prometera até mesmo colocar um pouco mais de dinheiro na conta de Rob, para ajudar nas despesas. Portanto a bússola estava apontando em uma direção. Não desista. Não se dê por vencido. Vá em frente. Consiga a matéria.

Mas havia um grande problema com ir em frente: Rob não sabia como Christine se sentia. A experiência no museu fora

extremamente assustadora. Ele tinha a sensação de que conseguia lidar com o que havia acontecido, pois estava habituado ao perigo. Enfrentara o que havia acontecido no Iraque. Com dificuldade. Mas poderia esperar que Christine fosse igualmente estóica? Não seria exigir demais dela? Ela era uma cientista, não uma jornalista. Ele terminou a Coca e procurou uma lata de lixo para jogar a lata. Quando voltou, Christine inspecionou-o com um débil sorriso.

—Você não quer voltar para casa, quer?

—Como você adivinhou?

—Pela cara feia que você faz para o painel de partidas, como se fosse o seu pior inimigo.

—Desculpe.

—Eu estou me sentindo exatamente da mesma forma, Robert. Tem muita coisa pendente. A gente não pode simplesmente fugir, pode?

—Então... o que a gente faz?

—Vamos visitar a minha amiga, Isobel Previn. Ela mora aqui.

Meia hora mais tarde, eles faziam sinal para um táxi do aeroporto; dez minutos depois, percorriam a via expressa a toda velocidade, a caminho da confusão de Istambul. No caminho, Christine repassou os antecedentes de Isobel Previn.

—Ela viveu em Konya por muito tempo. Trabalhando com James Mellaert. Em Çatalhöyük. E foi minha tutora em Cambridge.

—Certo. Estou lembrado de você ter comentado sobre isso.

Rob olhou pela janela do táxi. Para além das passarelas e conjuntos habitacionais, viu uma enorme cúpula rodeada por quatro minaretes imponentes: Santa Sofia, a grande catedral de Constantinopla. Mil e quinhentos anos de idade.

Istambul, ao que parecia, era um lugar curioso e dinâmico. Muros antigos contrastavam com arranha-céus reluzentes. As ruas achavam-se repletas de gente de aparência ocidental: garotas de saias curtas, homens vestindo ternos elegantes — mas por vezes eles passavam, acelerados, por um bairro levantino, com ferreiros sujos, mãos encobertas por véus e vivas cordas de roupa lavada. E ao redor de tudo isso, visível entre os prédios de apartamentos e arranha-céus, estava o poderoso Bósforo, o grande arco aquático que separava a Ásia da Europa e o Ocidente do Oriente. E, dependendo do lado em que se vivia, os bárbaros da civilização.

Christine ligou para sua amiga Isobel. Rob deduziu, pela conversa entreouvada, que Isobel ficou feliz ao ter notícias de sua ex-aluna. Esperou que a ligação terminasse, então perguntou:

—Onde ela mora?

—Ela tem uma casa em uma das ilhas Príncipe. Nós podemos pegar uma balsa no porto. — Christine sorriu. — E muito bonita. E ela nos convidou para passar a noite.

Rob concordou alegremente.

Christine acrescentou:

—Ela pode muito bem ser capaz de nos ajudar com os... mistérios arqueológicos.

A horripilante mumiazinha na ânfora: o jarro cor de oliva. Enquanto o motorista de táxi gritava para os caminhões, Rob perguntou a Christine mais sobre os cananeus.

—Eu já trabalhei em Tell Gezer — disse Christine. — É um sítio nos montes da Judeia, a meia hora de Jerusalém. Uma cidade canaanita.

A essa altura, o carro descia a encosta. Eles haviam deixado a estrada e avançavam lentamente por ruas apinhadas e movimentadas.

—Os cananeus costumavam enterrar os seus primogênitos, vivos, em jarras. Encontramos alguns no sítio. Bebês em jarros, iguais aos da câmara do museu. Acho que foi isso o que encontramos no porão. Um sacrifício.

A pavorosa imagem do rosto do bebê preencheu os pensamentos de Rob. O grito terrível e silencioso no rosto do bebê. Rob estremeceu. Quem diabos enterraria uma criança viva? Em um jarro? Por quê? Qual era o propósito evolutivo daquilo? O que levaria alguém a fazer algo assim? Que espécie de Deus exigiria aquilo? O que tinha acontecido em Gobekli? Outro pensamento lhe ocorreu enquanto o carro virava na direção do mar batido.

—Abraão não estava ligado aos cananeus?

—Estava — respondeu Christine. — Quando deixou Harã e San-liurfa, ele desceu para a terra dos cananeus. Em todo caso, é o que diz a Bíblia. Ei, acho que chegamos.

Eles estavam diante do terminal das barcas. A afluência aumentava, com crianças, garotas de bicicleta e homens carregando caixas de biscoito de gergelim. Rob mais uma vez percebeu a linha divisória da civilização passando direto pela



cidade: aquilo era quase esquizofrênico. Homens de jeans ao lado de outros com profusas barbas muçulmanas; meninas de vestido curto, rindo no celular, perto de outras mudas em seus xadores negros.

Eles compraram os bilhetes e dirigiram-se ao convés superior. Passeando pela balaustrada, Rob sentiu seu humor melhorar. A água, a luz do sol, o ar e a brisa fresca. Ele sentira muita falta daquilo. Sanliurfa era tão terrivelmente afastada do mar, fervendo na cumbuca do Curdistão.

O barco partiu fazendo barulho. Christine chamou atenção para algumas das atrações turísticas de Istambul. O Chifre de Ouro. A Mesquita Azul. O Palácio Topkapi. O bar onde ela e Isobel certa vez tomaram um tremendo porre de raki.<sup>8</sup> Passou então a relembrar Cambridge e os tempos de faculdade. Rob riu das histórias. Christine aprontara bastante. Antes que ele se desse conta, o apito da balsa soou: eles haviam chegado à ilha.

O pequeno píer estava lotado de turcos, mas Christine avistou Isobel de imediato. Não foi difícil. A anciã de cabelos prateados era claramente visível no meio dos rostos mais escuros. Ela usava uma roupa esvoaçante. Um lenço de seda laranja. E lorgnettes.

Eles desceram a prancha de desembarque. As duas mulheres se abraçaram e Christine apresentou Rob. Isobel sorriu, graciosamente, e advertiu Rob de que sua casa ficava a meia hora de caminhada.

---

<sup>8</sup> A bebida nacional da Turquia, feita à base de anis. (N. da T.)

—Sinto informar que não há carros nas ilhas. É proibido. Graças a Deus.

Enquanto eles percorriam o caminho, Christine contou a Isobel toda a extraordinária história das últimas semanas. O terrível assassinato. As incríveis descobertas. Isobel assentia. Compadeceu-se por Franz. Rob detectou uma relação quase que de mãe e filha entre as duas mulheres. Era comovente.

Pensar naquilo o fez lembrar-se de Lizzie novamente. Lizzie gostaria da ilha, concluiu. O local era bonito, ainda que um tanto misterioso, com suas casas de madeira e juníperos, suas igrejas bizantinas decadentes e gatos dormindo ao sol. Água reluzente cercava-os por todos os lados, e ao longe se via a famosa silhueta de Istambul. Era deslumbrante. Rob decidiu que um dia a traria até ali.

A casa de Isobel era encantadoramente antiga: um fresco retiro de verão para príncipezinhos otomanos. A casa branca de pedra ficava ao lado de uma praia com bastante sombra e tinha vista para algumas das outras ilhas. Eles sentaram-se em sofás forrados e Christine terminou a história de Gobekli e das últimas semanas. A casa estava em completo silêncio enquanto ela concluía o relato com seu ultrajante epílogo, o quase sequestro no museu.

O silêncio embalava o ar. Rob ouvia o som das ondas do outro lado das persianas semiabertas e o crepitar dos pinheiros ao sol.

Isobel brincou languidamente com suas lorgnettes. Eles terminaram o chá. Christine deu de ombros na direção de Rob como se dissesse, talvez Isobel não possa ajudar. Talvez o quebra-cabeça seja difícil demais.

Rob suspirou, sentindo-se cansado. Mas então Isobel endireitou o corpo, alerta, com os olhos brilhando. Pediu a Rob que lhe mostrasse a foto em seu celular do símbolo na jarra.

Rob procurou no bolso, pegou o telefone e encontrou a imagem. Isobel contemplou a foto.

—É, como eu imaginava. É um sanjak. Um símbolo usado pelo Culto dos Anjos.

—O culto do quê?

—O Culto dos Anjos, os iazidis... — Ela sorriu. — É melhor eu explicar. Aquela parte remota do Curdistão perto de Sanliurfa é um viveiro de crenças impressionante. Cristianismo, judaísmo e islamismo, todos têm fortes raízes lá. Mas existem outros credos, ainda mais antigos, que habitam as terras curdas, como o iarsanismo, o alevismo e o iazidismo. Juntos eles são chamados de Culto dos Anjos. Essas religiões talvez tenham 5 mil anos de idade, talvez mais. São exclusivas dessa parte do mundo. — Ela fez uma pausa. — E o iazidismo é a mais antiga e mais estranha de todas.

—Em que sentido?

—Os costumes dos iazidis são muito peculiares. Eles reverenciam árvores sagradas. As mulheres não podem cortar o cabelo. Eles se recusam a comer alface. Evitam usar azul-escuro, porque alegam que essa cor é sagrada demais. São divididos em castas rígidas, que não casam umas com as outras. As castas superiores são polígamas. Qualquer um dessa religião que se case com alguém que não seja iazidi corre o risco do ostracismo, ou pior. Então eles nunca se casam com alguém de fora. Nunca.

Christine a interrompeu.

—O Culto dos Anjos não está praticamente extinto na Turquia?

—Quase. Os últimos angélicos estão quase todos no Iraque, e são mais ou menos meio milhão. Mas ainda existem alguns milhares de iazidis na Turquia. E eles são ferozmente perseguidos em toda parte, é claro. Por muçulmanos, cristãos, ditadores...

Rob perguntou:

—Mas eles acreditam no quê?

—O iazidismo é sincrético: combina elementos de diversas crenças. Como os hindus, eles acreditam em reencarnação. Como os antigos mitraístas, eles sacrificam touros. Acreditam no batismo, como os cristãos. Quando rezam, se voltam para o sol, como os zoroastristas.

—Por que você acha que o símbolo na jarra é um símbolo iazidi?

—Vou mostrar a você. — Isobel dirigiu-se à estante de livros na parede mais afastada e voltou com um exemplar. No meio do livro eles encontraram uma imagem que mostrava um curioso bastão de cobre com um pássaro equilibrado no topo. O livro dizia que o símbolo era um "sanjak iazidi". Era exatamente o mesmo símbolo inscrito nos jarros.

Isobel fechou o livro e perguntou a Christine:

—Agora me diz os nomes completos dos trabalhadores do sítio. E o sobrenome do Beshet, do museu.

Chrisitine fechou os olhos, tentando lembrar: hesitando um pouco, recitou uma lista de meia dúzia de nomes. Depois mais alguns. Isobel confirmou com um movimento de cabeça.

— Eles são iazidis. Os trabalhadores no seu sítio. São iazidis. Assim como o Beshet. E desconfio que os homens que sequestraram vocês eram iazidis também. Eles estavam protegendo aquelas jarras no museu.

— Isso faz sentido — disse Rob, repassando rápido na mente a questão. — Se a gente analisar a sequência dos eventos. O que eu quero dizer é: quando Christine foi procurar Beshet para pedir o código, ele entregou. Mas então deve ter chamado os outros iazidis e contado a eles o que a gente estava fazendo. E então eles foram ao museu. Eles foram avisados!

Christine o interrompeu.

— Claro. Mas por que os iazidis estariam tão preocupados com alguns jarros antigos? Por mais que o conteúdo deles fosse terrível? O que isso tem a ver com eles agora? Por que diabos estavam tão desesperados para nos impedir?

— Esse é o x da questão — disse Isobel.

A persiana havia parado de estalar. O sol cintilava sobre as águas plácidas fora da janela.

— Tem mais uma coisa — disse Isobel. — Os iazidis têm um deus muito estranho. Ele é representado por um pavão.

— Eles adoram uma ave?

— E a chamam de Melek Taus. O pavão-anjo. Outro dos nomes é... Moloch. O deus maligno adorado pelos cananeus. E um outro nome dele é Satã. De acordo com os cristãos e muçulmanos.

Rob estava confuso.

— Você está querendo dizer que os iazidis são satanistas?

Isobel assentiu entusiasticamente.

—Shaitan, o demônio islamita. O terrível deus do sacrifício.  
— Ela sorriu. — Da maneira como nós compreendemos, sim: os iazidis adoram o diabo.

## 29

Cloncurry. Esse era o último nome e a melhor esperança que tinham. Forrester examinou os papéis e fotos sobre seu joelho enquanto a chuva respingava no pára-brisa. Ele e Boijer estavam em um carro alugado no norte da França e iam para o sul, saídos de Lille. Boijer dirigia, Forrester lia. Rápido. E esperando que por fim estivessem na pista certa. Ela parecia boa, certamente.

Eles haviam passado os últimos dias conversando com diretores, reitores e orientadores educacionais, telefonando para médicos relutantes em clínicas universitárias. Um bom número de prováveis candidatos surgira. Um desistente da Christ Church, em Oxford. Dois expulsos de Eton e Marlborough. Um aluno esquizofrênico que sumira da St. Andrews. Forrester chocara-se com o número de alunos diagnosticados como esquizofrênicos. Centenas, por todo o país.

Mas todos os candidatos haviam sido descartados, de um jeito ou de outro. O elegante desistente de Oxford estava em um hospital psiquiátrico. O estudante de St. Andrews estava sabidamente na Tailândia. O que fora expulso de Eton morrera. No final, sobrara apenas um nome: Jamie Cloncurry. Ele possuía todas as credenciais. Sua família era extremamente rica e de descendência aristocrática. Fora

dispendiosamente educado em Westminster, onde seu comportamento, segundo o responsável pelos alunos residentes, era excêntrico, chegando às raias da violência. Ele havia espancado outro aluno e corria sério risco de expulsão. Mas seu brilhantismo acadêmico lhe valera uma segunda chance.

Cloncurry fora, em seguida, para a Imperial College, em Londres, para estudar matemática. Uma das melhores universidades científicas do mundo. Mas essa magnífica oportunidade não resolvera seus problemas; na realidade, seu descontrole só se intensificara. Ele se envolvia com drogas pesadas e fora pego com prostitutas em seu dormitório. Uma delas denunciara-o à polícia por brutalidade, mas o Ministério Público retirara as acusações, tendo por base uma pouco provável condenação: ela era uma prostituta, ele um aluno promissor de uma universidade de elite.

O que era mais crucial, Cloncurry parecia ter reunido em torno de si alguns amigos bastante próximos — italianos, franceses e americanos. Um de seus colegas de faculdade afirmara que o círculo social de Cloncurry era "uma panelinha estranha. Aqueles caras idolatravam ele". E, como Boijer e Forrester confirmaram, nas últimas duas ou três semanas o grupo tinha desaparecido. Não eram vistos nas aulas. Uma irmã preocupada dera parte do sumiço do irmão. Havia pôsteres dele no bar do grêmio da faculdade. Um garoto italiano: Luca Marsinelli.

Os jovens não haviam deixado rastros. Seus aposentos não forneciam provas. Ninguém sabia para onde tinham ido e nem demonstrava se importar. Ninguém gostava da

panelinha. Era espantoso o quão vagos os conhecidos e vizinhos foram. "Estudantes vão e vêm o tempo todo." "Pensei que ele tinha voltado para Milão." "Ele só disse que estava saindo de férias."

Conseqüentemente, eles, na Scotland Yard, haviam sido obrigados a tomar algumas decisões difíceis. A equipe de Forrester não podia seguir todas as pistas com igual zelo. O tempo estava se esgotando. O Landcruiser da Toyota havia sido encontrado, abandonado, nos arredores de Liverpool, a quadrilha tendo obviamente percebido que o carro era um inconveniente. A quadrilha havia se entocado, mas Forrester sabia que eles atacariam novamente, e em breve. Mas onde? Não havia tempo para especulações. De modo que Forrester ordenara a sua equipe que se concentrasse em Cloncurry, o suposto líder.

Ao que se constatou, a família Cloncurry vivia na província de Picardia, no norte da França. Possuíam uma casa muito antiga em Sussex, um imenso apartamento em Londres e até mesmo uma mansão em Barbados. Mas por algum motivo moravam no meio da Picardia. Perto da comuna de Albert. Razão pela qual Forrester e Boijer haviam pegado o primeiro Eurostar naquela manhã, saindo de Londres, do terminal St. Pancras, rumo a Lille.

Forrester inspecionou os campos imensos e ondulantes, os bosques acanhados; o céu cinzento e pesado do norte da França. De quando em quando, aparecia numa encosta um cemitério britânico do tempo da guerra: um poético, mas melancólico desfile de modestas lápides de mármore. Milhares e milhares de túmulos. Era um espetáculo de-



primente, para o qual a chuva não contribuía. Era maio e as árvores floresciam, mas mesmo esse desabrochar esmorecia e se desarmava sob a implacável garoa.

—Não é bem a parte mais atraente da França, não é, senhor?

—E horrível — respondeu Forrester. — Todos esses cemitérios.

—Houve muitas guerras aqui, não foi?

—Foi. E está cheio de indústrias decadentes. Isso não ajuda.

— Ele parou, então acrescentou: — A gente costumava vir para cá nas férias.

Boijer riu.

—Bela escolha.

—Não, não aqui. Oque eu quero dizer é que costumávamos acampar no sul da França quando eu era criança. Mas como não tínhamos dinheiro pra vir de avião, então tínhamos que atravessar a França inteira de carro. Desde Le Havre. E passávamos por aqui, pela Picardia. E por Albert, por Somme e o resto todo. E todas as vezes eu chorava. Porque era feio demais. Os vilarejos são tão feios por terem sido reconstruídos depois da Primeira Guerra Mundial. Em concreto. Milhões de homens morreram nesses campos molhados, Boijer. Milhões. Nos Campos de Flandres.

—É, imagino.

—Acho que os finlandeses ainda viviam em iglus nessa época.

—Sim, senhor. Comendo musgo.

Os dois homens riram, de um jeito bem masculino. Forrester precisava de algum alívio. A viagem no Eurostar fora igualmente deprimente: eles haviam usado o tempo para revisar mais uma vez os relatórios da patologia. Para ver se

havam deixado passar algo. Mas nada lhes saltara aos olhos. Era exatamente a mesma fria análise científica dos ferimentos. Hemorragia extensa. Ferimento com arma cortante na quinta intercostal. Morte por asfixia traumática.

—Acho que é aqui — disse Boijer.

Forrester fitou a placa: Ribemont-sur-Ancre. 6 km.

—Você está certo. Esta é a saída.

O carro desviou para a via de acesso, cruzando as poças de água de chuva. Forrester perguntou-se por que chovia tanto no nordeste da França. Lembrou-se de histórias dos soldados da Primeira Guerra Mundial afundando na lama, literalmente se afogando às centenas e milhares. Que maneira de morrer.

—E pega a direita aqui.

Ele verificou o endereço dos Cloncurry. Havia telefonado para a família e obtido seu consentimento para uma entrevista apenas na véspera. A voz da mãe soou fria e ligeiramente trêmula ao telefone. Mas ela lhe dera as indicações. Passe a rua Voltaire. Siga por mais um quilômetro. Então pegue a esquerda, em direção a Albert.

—Vira à esquerda...

Boijer girou o volante e o carro alugado vacilou ruidosamente numa profunda poça; a estrada era praticamente uma trilha de burro.

Então eles viram a casa. Grande e imponente, fechada, com janelas projetando-se do telhado muito inclinado, em estilo francês. Mas também era triste, escura e opressiva. Um estranho lugar para se viver.

A mãe de Jamie Cloncurry estava esperando por eles no final do amplo e sinuoso acesso de veículos. Sua inflexão de voz era

friamente elegante. Bastante inglesa. O marido achava-se logo após a entrada, vestindo um caro casaco de tweed e calças de veludo. As meias eram de tom vermelho-vivo.

Na sala de estar, uma empregada serviu café. A sra. Cloncurry sentou-se diante deles, com os joelhos firmemente unidos.

—Então, inspetor Forrester. O senhor quer falar sobre meu filho Jamie...

A entrevista foi difícil. Formal, trabalhosa. Os pais alegaram ter perdido o controle sobre Jamie no meio da adolescência. Quando o filho chegou à universidade, eles também haviam perdido todo e qualquer contato. A boca da mãe crispava-se, muito de leve, enquanto discutia os "problemas" de Jamie.

Ela culpava as drogas. E os amigos. Confessou que também culpava a si mesma, pois eles o haviam mandado para um internato — para ser interno em Westminster. O que intensificara o isolamento do jovem na família.

—E então ele se afastou de nós. E foi isso.

Forrester sentiu-se frustrado. Sabia no que aquela entrevista ia dar. Os pais não sabiam de nada: haviam praticamente renunciado ao filho.

Enquanto Boijer fazia as perguntas, o inspetor examinava a grande e silenciosa sala de estar. Havia muitas fotos de família — da filha, a irmã de Jamie. Fotos dela em férias, montada em um pônei, ou em sua formatura. No entanto, nem uma foto do filho. Nem uma. E havia retratos de família também. Um militar: um Cloncurry do século XIX. Um visconde no exército indiano. E um almirante. Gerações de antepassados ilustres os contemplavam da parede. E agora possivelmente — provavelmente — havia um assassino na família. Um

homicida psicótico. Forrester podia sentir a vergonha dos Cloncurry. Podia sentir a dor da mãe. O pai ficara praticamente em silêncio durante a entrevista.

As duas horas passaram com extrema lentidão. Ao final, a sra. Cloncurry os acompanhou até a porta. Seus penetrantes olhos azuis fitaram Forrester, não ele, mas dentro dele. Seu rosto aquilino batia com a foto de Jamie Cloncurry que Forrester obtivera dos arquivos estudantis da Imperial College. O rapaz era bonito e possuía as maçãs do rosto elevadas. A mãe devia ter sido bonita em outros tempos; ainda era magra como uma modelo.

—Inspetor — disse ela, enquanto permaneciam à porta. — Eu gostaria de poder dizer que Jamie não fez essas... essas coisas terríveis. Mas..., mas... — Ela calou-se. O marido ainda rondava a mulher, as meias vermelhas brilhando na penumbra do corredor.

Forrester assentiu e apertou a mão dela. Ao menos haviam praticamente confirmado suas suspeitas. Mas nem por isso estavam mais perto de encontrar Jamie Cloncurry.

Eles caminharam de volta ao carro pelo caminho de cascalho. A chuva havia por fim abrandado, ao menos um pouco.

—Então nós sabemos que é ele — disse Forrester, saltando para dentro do carro.

Boijer acionou o motor.

—Calculo que sim.

—Mas onde diabos ele está?

—O carro afundou no saibro molhado da estrada sinuosa. Eles tiveram de transpor as estreitas ruas do vilarejo para chegar à auto-estrada. E a Lille. Passando por Rilermont,

Forrester avistou um pequeno café, uma humilde lanchonete: as luzes pareceram convidativas na garoa cinzenta.

— Vamos almoçar?

— Vamos, por favor.

— Eles estacionaram na Place de la Révolution. Um enorme e mórbido monumento aos mortos da Primeira Guerra Mundial dominava a praça silenciosa. O minúsculo vilarejo, calculou Forrester, devia ter ficado bem no meio do fogo cruzado durante a guerra. Ele imaginou o local no auge da ofensiva do Somme. Praças vagabundeando pelos bordéis. Ambulâncias apressadas levando feridos para os hospitais de campanha. O trovejar incessante do bombardeio, a poucos quilômetros de distância.

— É um lugar estranho para se viver — disse Boijer. — Não é? Quando se é tão rico. Por que viver aqui?

— Eu estava me perguntando a mesma coisa. — Forrester contemplou a nobre figura agonizante de um soldado francês, imortalizada em mármore. — Seria de se esperar que, se quisessem morar na França, morassem na Provença, ou em algum outro lugar. Na Córsega. Em Cannes. Algum lugar ensolarado. Não nesse lixo.

— Eles encaminharam-se ao café. Quando empurraram a porta, Boijer declarou:

— Eu não acredito naquilo.

— O que você quer dizer?

— Não engoli aquela pose de mãe sofredora. Acho que eles sabem mais do que estão dizendo. Tem alguma coisa estranha nisso tudo.

— O café estava praticamente deserto. Um garçom se

aproximou, limpando as mãos em uma toalha encardida.

— Filé com fritas? — indagou Forrester, que sabia de francês só o bastante para pedir comida. Boijer fez que sim e Forrester sorriu para o garçom. — Deux steak frites, s'il vous plaît. Et un bière pour moi, et un...?

— Boijer suspirou.

— Pepsi.

O garçom disse um breve *merci*. E desapareceu.

Boijer checou alguma coisa no Blackberry. Forrester sabia quando seu subordinado estava tendo ideias brilhantes porque colocava a língua para fora como um colegial fazendo contas. O inspetor bebericou sua cerveja enquanto Boijer pesquisava no Google. Por fim o finlandês recostou-se.

—Aqui! Isso é interessante.

—O quê?

—Digitei no Google os nomes Cloncuny e Ribemont-sur-Ancre. E depois fiz a mesma coisa, mas só com Ancre.

—OK...

Boijer deu um sorriso forçado, com uma insinuação de vitória no rosto.

—Olha isso, senhor. Um lorde Cloncurry foi general na Primeira Guerra Mundial. E ficou baseado perto daqui. Em 1916.

—Nós sabemos que a família tem um histórico militar...

—É, mas... — O sorriso de Boijer se ampliou. — Escuta isso.

— Ele leu uma anotação que havia rabiscado na toalha de papel da mesa. — "Durante o verão de 1916, lorde Cloncurry era notório por seus ataques ridiculamente ineficientes a posições alemãs inexpugnáveis. Morreram mais tropas sob seu

comando, proporcionalmente, do que sob o comando de qualquer outro general inglês por toda a guerra. Cloncurry ficaria conhecido como o Açougueiro de Albert".

Aquilo era mais interessante. Forrester fitou seu subordinado. Boijer ergueu um dedo e continuou a ler: "Tamanha foi a carnificina sob a liderança de Cloncurry, que enviava leva após leva de soldados para as impiedosas rajadas de metralhadora da bem-treinada e bem-equipada Divisão Hanover, que as suas táticas foram comparadas por vários historiadores à futilidade do... sacrifício humano."

No café reinava um silêncio sepulcral. Então a porta bateu quando um freguês entrou, sacudindo a água de seu guarda-chuva.

—Tem mais — disse Boijer. — Nessa página existe um link. Com um resultado curioso. Está na Wikipedia.

O garçom pousou dois pratos de filé com fritas sobre a mesa. Forrester ignorou a comida. Olhou fixo para Boijer.

—Continua.

—Aparentemente, durante a guerra, enquanto eles cavavam trincheiras ou coisa parecida, ou talvez covas coletivas, sei lá... bom, eles descobriram outro sítio de sacrifício humano. Um sítio da Idade do Ferro. De tribos célticas. Encontraram oitenta esqueletos. — Boijer leu de novo: — "Todos decapitados, os esqueletos achavam-se empilhados e emaranhados, juntamente com armas." — Boijer ergueu os olhos na direção de seu chefe. — E os corpos estavam contorcidos, em posições anormais. Aparentemente, é o maior sítio de sacrifício humano na França.

—Onde fica?

—Aqui, senhor. Bem aqui. Ribemont-sur-Ancre.

## 30

Rob se mexeu. Christine estava ao seu lado, ainda dormindo. À noite, ela havia chutado metade dos lençóis. Ele observou seu bronzado brilhante, acariciou-lhe o pescoço, beijou seu ombro nu. Ela murmurou o nome dele, girou; e roncou gostosamente.

Era quase meio-dia. A luz do sol jorrava pela janela. Rob saiu da cama e dirigiu-se ao banheiro. Enquanto lavava o sono do rosto e do cabelo, pensou em Christine, em como aquilo havia acontecido. Eles; os dois; ele e ela.

Rob nunca vivera um romance como aquele: os dois pareciam ter passado de amigos a segurar as mãos, a beijar e a dormir juntos como se fosse a coisa mais óbvia e natural do mundo. Uma evolução simples e esperada. Lembrou-se de quando se sentia ansioso com relação a ela, relutante em demonstrar seus sentimentos. Agora aquilo parecia ridículo.

Mas mesmo que o relacionamento deles parecesse óbvio, continuava a ser, de forma paradoxal, admiravelmente estranho e maravilhoso. Talvez a melhor comparação, concluiu Rob, fosse com uma música nova fantástica que ouvimos no rádio pela primeira vez. A melodia das grandes músicas parece tão perfeita que te faz dizer: Ah, claro, é isso, por que ninguém nunca pensou nessa canção genial antes? Só era preciso que alguém pusesse as notas no papel.

Rob enxaguou o rosto e estendeu o braço às cegas para pegar a toalha. Enxugou-se e saiu do chuveiro. Olhou para a



esquerda. A janela do banheiro estava completamente aberta, de modo que ele podia contemplar, através do mar de Mármara, as outras ilhas Príncipe. Yassiadi. Sedef Adasi, com os vilarejos e florestas da Anatólia a distância. Iates de velas brancas deslizavam, lânguidos, pelo azul. O cheiro de pinheiros, aquecidos pelo sol, enchia o pequeno banheiro.

Estar ali, naquela casa, sem dúvida ajudara o romance dos dois: o orientara e desenvolvera. A ilha era um oásis paradisíaco, um vívido contraste com a exasperante e violenta Sanliurfa. E a casa otomana de Isobel era tão silenciosa. Tão cativante e tranqüila. Iluminada pelo sol e dormitando ao sabor das ondas de Mármara; sequer havia carros que perturbassem aquela paz.

Por dez dias, Rob e Christine recuperaram-se ali. E também exploraram as outras ilhas. Viram a sepultura do primeiro embaixador inglês no Império Otomano, enviado por Elizabeth I. Assentiram quando um guia local mostrou a casa de madeira onde viveu Trotski. Deram risada bebendo café turco nos cafés à beira da praia em Buyukada e beberam esmagadores copos de raki com Isobel em seu jardim recendendo a rosas, enquanto o sol se punha na distante Tróia.

E fora em uma dessas noites quentes e agradáveis, sob o brilho de jóias espalhadas das estrelas de Mármara, que Christine se inclinara e o beijara. E ele correspondera. Três dias depois, Isobel, polida e sutilmente, pediu à empregada que colocasse as toalhas dos hóspedes em um único quarto.

Rob circulou pelo quarto. As persianas rangiam à brisa de verão. Christine continuava adormecida, seu cabelo escuro

espalhado sobre a franja de algodão egípcio. Ele cruzou, descalço, o piso de parque, vestiu suas roupas e suas botas e desceu silenciosamente para o andar de baixo.

Isobel estava no telefone. Sorriu, acenou para Rob e indicou-lhe a cozinha, onde Andrea, a empregada, estava preparando o café. Rob puxou uma cadeira sob a mesa da cozinha e agradeceu a empregada pelo café. Então se sentou, distraído, mas feliz, olhando para fora pela porta escancarada da cozinha, para as rosas, azaléias e buganvílias do jardim.

Ezekiel, a gata — "Ezzy", como Isobel a chamava —, perseguia uma borboleta pelo chão da cozinha. Rob provocou a gata por alguns indolentes minutos. Então se recostou, pegou um jornal, o Financial Times da véspera, e leu a respeito de terroristas suicidas curdos em Ancara.

Largou o jornal de novo. Não queria saber de nada daquilo. Não queria tomar conhecimento de violência, perigo ou política. Queria que aquele idílio durasse; queria permanecer ali para sempre com Christine e levar Lizzie para lá também.

Mas o idílio não poderia durar: Steve, seu editor, estava impaciente. Ele queria ou a reportagem pronta ou Rob em outra missão. Rob havia entregado um par de notícias turcas para manter as coisas sob controle no escritório, mas todo mundo sabia que esse estado de graça era temporário.

Rob dirigiu-se ao jardim e contemplou o mar. Havia outra alternativa. Ele poderia simplesmente abrir mão de seu emprego. Ficar ali com Christine. Fretar um barco, prestar serviços para os turistas. Tornar-se um pescador de lulas, como os gregos em Burgazada. Associar-se aos proprietários armênios dos cafés em Yassiada. Vagabundear pelo jardim de

Isobel. Simplesmente desistir de tudo e passar seus dias ao sol. E, de alguma maneira, levar Lizzie para lá também. Com a filha ali, rindo na praia, ele se veria cercado das mulheres que amava, e a vida seria perfeita...

Rob suspirou e sorriu ante seus delírios. O amor estava confundindo seu cérebro. Ele tinha um emprego, precisava de dinheiro, tinha de ser prático.

Rob observou um catamarã a distância. O contorno da vela branca parecia um cisne cruzando a extensão de água.

Um ruído interrompeu seus devaneios. Rob virou-se e lá estava Isobel, saindo da cozinha.

— Acabei de receber um telefonema dos mais intrigantes de um velho amigo em Cambridge. Professor Hugo De Savary. Já ouviu falar dele?

— Não...

— Escreve bastante. Faz programas de TV. Mas é um excelente acadêmico apesar de tudo. Christine conhece. Acho que ela cursou um período na turma dele na Kings. Na verdade, acho que eles eram amigos... — Isobel abriu um sorriso. — Onde está Christine, por falar nisso?

— Ainda dormindo profundamente.

— Ah, o amor jovem! — Ela pegou Rob pelo braço. — Vamos descer para a praia. Vou te contar o que Hugo disse.

A praia era pedregosa e acanhada, mas linda e quase totalmente isolada. Eles sentaram-se sobre um banco de pedra e ela lhe contou o telefonema de De Savary. O historiador de Cambridge relatara a Isobel tudo o que lhe informara a polícia, e acrescentara o que ele mesmo inferira dos terríveis homicídios na Grã-Bretanha. A quadrilha de assassinos. A

ligação com o Hellfire Club e com o sacrifício humano nos assassinatos.

—Por que De Savary telefonou para você?

—Nós somos velhos amigos. Eu também era de Cambridge, está lembrado?

—Eu sei, mas o que estou querendo dizer é, como isso está ligado a tudo que descobrimos?

—Hugo sabe que eu sou meio que uma especialista na Antiguidade suméria e turca, em religiões antigas do Oriente Médio. Como, por exemplo, os iazidis. Ele queria saber a minha opinião sobre uma teoria relacionada a eles. Uma estranha coincidenciazinha. Ou talvez não. — Ela fez uma pausa. — Hugo acredita que essa quadrilha, os assassinos, esteja procurando alguma coisa intimamente ligada ao Hellfire Club.

—Certo. Estou entendendo... eles estavam escavando locais relacionados ao clube. Mas o que eles estão procurando? E onde se encaixam os iazidis?

—É pura especulação. Hugo sequer contou à polícia. Mas acha que isso pode estar relacionado ao Livro Negro. Talvez seja isso o que a quadrilha está procurando...

—O Livro Negro? Dá pra explicar?

Isobel contou rapidamente a história de Jerusalém Whaley: como amiga de Hugo De Savary, ouvira muitas histórias picantes sobre o Hellfire Club. Infinitas histórias de depravação.

—Quando voltou da Terra Santa, Thomas Whaley, ou Jerusalém Whaley, como ficou conhecido depois, trouxe uma coisa escondida. Uma caixa. Uma espécie de tesouro...

—O que era?

—O seu palpite vale quase tanto quanto o meu. Mas sabemos que ele valorizava imensamente esse achado, acreditava ter provado uma teoria. Ele o chamou de "prova importante" nas muitas cartas que escreveu para os amigos. E supostamente recebeu esse material de um antigo sacerdote iazidi. Os iazidis têm uma casta de sacerdotes, sacerdotes cantores, que transmitem a tradição oral deles. Porque não existe uma grande tradição literária.

—E ele se encontrou com um desses sacerdotes em Jerusalém? Que entregou a ele alguma coisa?

—Provavelmente. Não dá pra ter certeza porque as memórias de Whaley são irritantemente vagas. Mas alguns estudiosos acreditam que possa ser o Livro Negro dos iazidis. O livro sagrado dos angélicos.

—Eles têm uma bíblia?

—Não mais. Mas as tradições orais deles dizem que havia, em outros tempos, um grande acervo de escritos sagrados e místicos, que continha mitos e crenças dos iazidis. As lendas contemporâneas também dizem que o único exemplar foi levado por um inglês há centenas de anos. Será que um sacerdote exilado poderia ter entregue a Whaley o Livro Negro? Para mantê-lo seguro? Os iazidis sempre se sentiram atacados. Talvez quisessem conservar o seu objeto mais precioso em lugar seguro. Como a Inglaterra, tão longe. Buck Whaley certamente trouxe consigo alguma coisa extraordinária quando voltou do Levante. Além disso, esse item, o que quer que fosse ele, acabou por torná-lo um homem arruinado.

—OK. Onde está ele agora? O Livro Negro? Se for isso mesmo?

—Desapareceu. Pode ter sido destruído. Pode estar escondido. Os pensamentos de Rob começaram a acelerar. Ele esquadrinhou

os olhos cinzentos e serenos da mulher mais velha. Então perguntou:

—Como a gente descobre o que a quadrilha está mesmo procurando? Como a gente investiga essa ligação com os iazidis?

—Lalesh — respondeu Isobel. — É o único lugar onde você pode conseguir respostas verdadeiras. A capital sagrada dos iazidis. *Lalesh*.

Rob sentiu um calafrio de inquietação. Sabia que precisava ir a esse lugar, Lalesh: para obter respostas, concluir a matéria. Steve estava fazendo pressão para que ele redigisse o segundo e último artigo, e para redigi-lo corretamente, Rob precisava amarrar as pontas soltas, saber mais sobre esse "Livro Negro". Mas Rob também sabia onde ficava Lalesh. Já ouvira outros jornalistas mencionarem o local. Ele fora exibido nos noticiários mais de uma vez nos últimos anos. Por todas as razões erradas.

—Eu conheço Lalesh — disse ele. — Fica no Curdistão, não é? Ao sul da fronteira?

Com ar sério, Isobel confirmou com um aceno de cabeça.

—Isso. Fica no Iraque.

Naquela noite, Rob anunciou a Christine que precisava ir a Lalesh, e explicou-lhe o porquê.

Ela olhou para ele sem dizer nada. Ele explicou-lhe, mais uma vez, que Lalesh era o local óbvio para concluir sua matéria. As respostas para grande parte de seus quebra-cabeças residiam nos iazidis. A capital sagrada era o único lugar em que ele conseguiria encontrar iazidis verdadeiramente instruídos. Estudiosos capazes de desvendar o enigma. E óbvio, o mais lógico seria que Rob fosse sozinho. Ele conhecia o Iraque. Conhecia os riscos. Tinha contatos naquele país. O jornal cobriria a gigantesca conta de seu seguro, mas não pagaria por Christine. De modo que ele tinha de ir para Lelash — e tinha de ir sozinho.

Christine pareceu consentir. E então, virou-se e dirigiu-se ao jardim, sem uma palavra.

Rob hesitou. Deveria juntar-se a ela? Deixá-la sozinha?

Sua ladainha de indecisão foi interrompida por Isobel, cantarolando uma canção enquanto passava pela cozinha. A senhora olhou de relance para Rob e então para a silhueta sentada no jardim.

— Você contou pra ela?

— Ela pareceu estar de acordo, mas ao mesmo tempo... Isobel suspirou.

— Ela era assim em Cambridge. Quando está angustiada, não fica atirando coisas nas paredes. Ela simplesmente reprime tudo.

Rob estava arrasado. Odiava deixar Christine angustiada, mas a viagem era uma necessidade: ele era correspondente estrangeiro. Não podia escolher o local para onde suas reportagens o levavam.

—Sabe, eu estou um pouco surpresa — disse Isobel.

—Com o quê?

—Que ela tenha se apaixonado por você. Ela normalmente não se interessa por homens como você. Com rosto bonito e olhos azuis. Aventureiros arrojados. Normalmente são homens mais velhos. Você sabe que ela perdeu o pai quando era jovem, não sabe? Ela é como qualquer garota que tenha passado por isso. Sempre se sentiu atraída pela figura paterna desaparecida. Conselheiros. Tutores. — Isobel olhou Rob nos olhos. — Protetores.

Das águas, soou a buzina de uma balsa. Rob ouviu o eco ricocheteiar. Então cruzou o portal da cozinha, penetrando no jardim.

Christine estava sozinha no banco do jardim, contemplando os pinheiros iluminados pela lua. Sem se virar, disse:

—Isobel tem muita sorte. Essa casa é tão linda...

Ele sentou-se ao lado dela e tomou-lhe a mão. A luz da lua tornava muito brancos os dedos dela.

—Christine, preciso de um favor.

Ela virou-se para encará-lo.

Ele explicou.

—Enquanto eu estiver em Lalesh... — Ele fez uma pausa. — Lizzie. Toma conta dela um pouco. Pode ser?

O rosto de Christine cobrira-se de sombras. Uma nuvem passageira obscurecera a lua.



—Não estou entendendo. Lizzie está com a mãe.

Rob suspirou.

—Sally trabalha muito. Tem os estudos. As provas de Direito. Só o que eu quero é que alguém em quem eu confio de verdade... fique de olho nela. Você vai ficar com a sua irmã, não vai? Em Camden?

Christine assentiu.

—Então, é a mais ou menos 5 quilômetros da casa da Sally. Saber que você está lá, ou ali por perto, tornaria tudo bem mais fácil pra mim. Talvez você pudesse se comunicar comigo por e-mail. Ou telefonar. Vou dar uma ligada pra Sally pra me certificar de que ela saiba quem você é. Talvez a ajuda seja até bem-vinda. Talvez...

Os pinheiros murmuraram; Christine fez que sim.

—Eu vou até lá pra ver ela. Tudo bem. E vou me comunicar com você por e-mail, todos os dias... enquanto você estiver no Iraque.

Quando Christine disse a palavra "Iraque", Rob sentiu um calafrio de medo. Era essa a verdadeira razão por que queria que ela visse e conhecesse sua filha: porque estava preocupado consigo mesmo. Será que ele voltaria dessa viagem? Será que voltaria e seria um pai decente? A terrorista suicida de Bagdá atormentava-lhe as lembranças. Ele tivera sorte daquela vez; talvez não tivesse tanta sorte novamente. E se ele não voltasse — bem, então desejava que a filha conhecesse a mulher que havia amado.

Iraque. Rob estremeceu mais uma vez. A palavra parecia resumir todo o perigo que estava prestes a enfrentar. As cidades da morte. O local das decapitações. A província de

homens que entoavam lamentos, de pedras antigas e terríveis descobertas. E mulheres-bomba que usavam batom vermelho-vivo.

Christine apertou a mão dele.

Na manhã seguinte, Rob se levantou sem despertar Christine. Deixou um bilhete sobre a mesinha de cabeceira. Então se vestiu, despediu-se de Andrea, abraçou Isobel, acariciou a gata e tomou o caminho ensolarado até o píer.

Vinte e quatro horas mais tarde, depois de uma viagem de barca, uma corrida de táxi, duas viagens de avião e uma penosa corrida de táxi pirata a partir do aeroporto de Mardin, ele alcançou o ruidoso tumulto do posto de fronteira entre o Iraque e a Turquia em Habur. Era um caos de caminhões e tanques do exército estacionados, homens de negócios impacientes e pedestres desnorteados carregando sacolas de compras.

Foram cinco horas de suadouro para que ele cruzasse a fronteira. Durante duas dessas horas, foi interrogado por tropas turcas. Quem era ele? Por que desejava ir ao Iraque? Ele tinha ligações com os rebeldes curdos? Ia entrevistar o PKK, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão? Era só um idiota? Um turista aventureiro? Mas eles não podiam barrá-lo para sempre. Ele tinha o visto, os documentos, o fax de seu editor — e por fim conseguiu passar. Uma barreira ergueu-se e ele cruzou a linha invisível. A primeira coisa que observou foi uma formidável bandeira vermelha e verde, com um símbolo que representava o sol e seus raios, agitando-se nas alturas: a bandeira do Curdistão livre. A bandeira havia sido

proibida no Irã e desfraldá-la na Turquia era de fato motivo de prisão. Mas ali, na província autônoma do Iraque curdo, ela tremulava orgulhosa e livre, adejando absoluta contra o céu azul abrasador.

Rob olhou para o sul. Um sujeito desdentado o encarou em um banco de madeira. Um cão urinou em um pneu velho. A estrada adiante deslizava através de encostas amareladas e queimadas de sol, serpeando rumo às planícies mesopotâmicas. Colocando a mala no ombro, Rob aproximou-se de um táxi azul desbotado e coberto de ferrugem.

O motorista com a barba por fazer ergueu na direção dele um olhar estrábico. O único meio de transporte disponível era um taxista caolho. Rob sentiu vontade de rir. Em vez disso, debruçou-se sobre a janela do motorista e disse:

— *Salaam aleikum*. Quero ir para Lalesh.

## 32

Hugo De Savary pegou um táxi na pequena estação. Em poucos minutos, percorria a toda velocidade os belíssimos campos de Dorset no pleno esplendor de maio. Com pilriteiros floridos e macieiras desalinhadas. Nuvens grossas em um céu quente e risonho.

O táxi desceu uma estrada de acesso particular flanqueada por faias e parou diante de um magnífico solar com alas irregulares e graciosas chaminés de pedra. Em todo o contorno da casa, policiais de macacão vasculhavam os gramados atrás de provas; outros saíam pela porta principal retirando suas luvas de borracha. Ele pagou o taxista, saltou

do carro e olhou de relance para a placa diante do prédio: Canford School. A partir da pesquisa feita às pressas no trem, ele sabia que não fazia muito tempo que o prédio funcionava como escola: ao menos pelos padrões de sua própria história.

A propriedade em si datava da época saxônica, quando abrangia grande parte de Canford Magna, a cidade vizinha. Mas só a igreja normanda e a cozinha do século XIV de João de Gante haviam sobrevivido desde aquela época. O restante do prédio era de fins do século XVIII ou início do século XIX. Mas, ainda assim, era bonito. O solar, convertido em escola nos anos 1920, situava-se em um magnífico parque ao lado do rio Stour. De Savary sentiu o frescor do ar, apesar do calor daquele dia lindo: o rio obviamente estava muito perto.

—Professor De Savary! — Era o inspetor Forrester. — Que ótimo que o senhor tenha podido vir em prazo tão curto.

De Savary deu de ombros.

—Não tenho certeza de que eu possa ser de muita utilidade. Forrester sorriu, embora, como observou De Savary, o policial parecesse muito cansado.

De Savary estava curioso para saber qual o grau de perversidade daquele homicídio. Ao telefone, naquela manhã, tudo que Forrester havia dito fora que havia "alguns elementos sacrificiais", razão pela qual o professor concordara em ir. O interesse profissional de De Savary fora despertado: ele perguntava-se, vagamente, se o tema — o sacrifício humano contemporâneo — poderia produzir outro livro. Ou talvez até mesmo uma série de TV.

—Quando o corpo foi descoberto? — perguntou.

—Ontem. Por pura sorte. É época de férias, a escola está fechada. A única pessoa aqui era o zelador. A vítima. Mas houve uma entrega... equipamentos esportivos, algo assim. Um guri intrometido achou que tinha algo acontecendo e resolveu sair fuxicando.

—Ele é que encontrou o corpo?

—Pobre coitado. Ainda está com os psicólogos. — Forrester encarou o professor. — Sr. De Savary...

—Me chame de Hugo.

—Isso vai ser desagradável pra caramba de se ver. Eu sou policial investigador, já vi alguns assassinatos terríveis, mas esse...

—Ao passo que eu sou só um inocente das alamedas da academia? — De Savary sorriu. — Por favor, Mark, estudo cultos satânicos e impulsos psicóticos há mais de uma década. Estou habituado a lidar com coisas bem perturbadoras. E tenho uma constituição consideravelmente forte, espero. Cheguei até a comer um sanduíche de camarão da Southwest Trains no caminho para cá.

O policial não riu. Ou sequer sorriu. Apenas balançou a cabeça, com olhar inexpressivo. De Savary notou de novo a expressão angustiada no seu rosto. O detetive vira alguma coisa terrível. De Savary captou um indício de apreensão.

O policial limpou a garganta:

—Eu não contei o que você está prestes a ver porque não quero sugestioná-lo. Quero sua opinião honesta sobre o que acha que está havendo. Sem nenhuma ideia preconcebida...

Um policial prestativo abriu a porta da frente. O interior assemelhava-se bastante à entrada normal de uma escola

pública inglesa, com quadros de honra da guerra, listas de rapazes que haviam dado suas vidas. Havia troféus, quadros de notícias e antiguidades aleatórias, bastante arranhadas e danificadas por gerações de alunos agitados que passavam correndo, com suas botas de rúgbi penduradas sobre os ombros juvenis. Era nostálgico para De Savary. Ele lembrou-se de seus próprios dias de escola em Stowe.

O hall de entrada era dominado por uma grande porta no final. A porta estava fechada e guardada por outro policial. Forrester baixou os olhos para os pés de De Savary. E entregou-lhe galochas de plástico.

— Há muito sangue — disse calmamente o investigador-chefe e então gesticulou para o policial de pé ao lado das grandes portas internas. O policial fez uma espécie de saudação e abriu a porta, permitindo-lhes que entrassem.

Do outro lado havia um espaço bastante aristocrático. Paredes revestidas em madeira e brasões heráldicos: um pastiche vitoriano do salão de um nobre medieval. Mas era muito benfeito, pensou De Savary. Ele podia imaginar os menestréis de um lado, na varanda do primeiro andar, fazendo serenatas nos banquetes do duque, que se sentaria acima da mesa alta no outro extremo. Mas o que havia do outro lado? A polícia erguera uma imensa tela.

Forrester guiou-o através do assoalho barulhento. Quanto mais se aproximavam, mais ruído seus passos produziam: mas agora já não eram rangidos, e sim o som de pés chapinhando. Isso, percebeu De Savary, porque estavam caminhando sobre nódoas de sangue. O chão de madeira encerada parecia pegajoso das manchas de sangue.

Forrester afastou a tela móvel do caminho e De Savary arfou. Diante dele havia uma baliza de futebol portátil. Uma moldura portátil de madeira, trazida do campo de esportes do lado de fora. Estirado entre as traves do gol, amarrado à trave superior e às laterais por tiras de couro, havia um homem.

Ou melhor, o que restara de um homem. A vítima nua achava-se suspensa de cabeça para baixo na estrutura, pelos tornozelos. Os braços estavam esticados e amarrados a cada uma das traves pelos pulsos. A terrível careta de dor no rosto do homem, lá embaixo, próximo às tábuas ensanguentadas, mostrava o tormento pelo qual havia passado.

Ele fora esfolado. Esfolado vivo, ao que parecia, muito lenta e diligentemente, a pele descascada, ou raspada, pedaço a pedaço, de ponta a ponta, do corpo do homem, em um processo sofrido. A carne esfolada e palpitante fora descoberta a cada estágio, revelando massas de gordura amarelada; embora por vezes essa gordura tenha sido arrancada, expondo os músculos vermelhos e esfolados embaixo. Era possível, de fato, ver órgãos e ossos em certos lugares.

De Savary tampou o nariz com o dedo indicador. Sentia o cheiro do corpo, dos músculos e da gordura lustrosa. Via os músculos do pescoço retesados da agonia, os pulmões cinza e brancos, o traçado curvo das costelas. Parecia uma ilustração dos músculos e tendões do corpo humano em um livro didático de biologia. Os genitais estavam ausentes, como seria de se esperar. Uma abertura escura e escarlate fora deixada onde deveriam estar o pênis e os testículos. De Savary supôs que eles tivessem sido forçados dentro da boca da vítima: ela provavelmente fora obrigada a comê-los.

Ele caminhou pelo local. Parecia trabalho de mais de uma pessoa. Para fazer aquilo escrupulosamente, sem matar a vítima de uma vez, era necessário cuidado e habilidade. Uma pessoa corretamente esfolada viveria por horas, à medida que os músculos e órgãos secavam e enrugavam devagar. Por vezes a vítima desmaiaria de dor, imaginou De Savary, mas era possível fazê-la voltar a si antes de começar de novo. Ele não queria reconstituir a cena. Mas precisava fazê-lo. O zelador apavorado sendo levado para dentro. Sendo amarrado de cabeça para baixo. Pendurado na trave pelos pés. E então amarrado pelos braços a cada uma das traves laterais. Como uma crucificação invertida.

E depois — e De Savary pôs-se a imaginar — o terrível horror que devia ter acometido a vítima quando percebeu o que eles estavam fazendo: a raspagem inicial da carne no tornozelo ou nos pés. Então a dor abrasadora à medida que a pele era arrancada, deixando a polpa exposta ao frio e ao calor. Se alguma coisa tivesse tocado a carne esfolada, a dor teria sido praticamente insuportável. Ele devia ter gritado à medida que a quadrilha descia ao longo do corpo trêmulo e agonizante, trabalhando como açougueiros experientes, transformando sua pele em couro. Talvez tivesse gritado alto demais em determinado momento, então eles haviam cortado seus genitais, dobrado o punhado ensanguentado de carne e enfiado tudo dentro da boca que berrava, a fim de fazê-lo calar.

E aí a parte principal do esfolamento: o peito, os braços. Tecnicamente bem difícil. Eles deviam ter praticado antes, em ovelhas, cabras, talvez gatos. Para aprender.



Ele desviou os olhos, tremendo.

Forrester colocou o braço em torno do ombro do acadêmico.

—É, eu sinto muito.

—Quantos anos ele tinha? É difícil saber quando não há... pele no rosto.

—Estava na casa dos quarenta — disse Forrester. — Vamos lá para fora?

—Por favor.

O policial guiou-o. Assim que saíram, eles dirigiram-se ao banco do jardim. De Savary sentiu-se grato por sentar-se.

—Simplesmente medonho — disse.

O sol ainda estava quente. Forrester retirou as galochas com um grunhido. Eles permaneceram sentados ali, em um pesado silêncio. A doçura do ar de início de verão parecia doentia a essa altura.

Pouco depois, De Savary anunciou:

—Eu acho que posso ajudar.

—Pode?

De Savary reformulou:

—Quer dizer, eu acho que entendo qual pode ter sido a psicologia deles...

—E então?

—Existem claros temas astecas. Os astecas tinham... muitos métodos de sacrifício humano. O mais famoso, é claro, é a excisão do coração vivo. O sacerdote mergulhava a faca de obsidiana no peito, rasgava a cavidade torácica e arrancava o coração palpitante.

Ambos viram um carro de polícia parar no acesso de veículos. Dois policiais saltaram, carregando valises de metal. Lançaram a Forrester uma ligeira saudação, e este acenou em resposta.

—É a patologia — disse Forrester. — Continue, Hugo, os astecas...?

—Eles atiravam pessoas aos jaguares. Sangravam gente até a morte. Atiravam pequenas flechas nos guerreiros até que eles morressem.

Mas um dos métodos mais elaborados era o esfolamento. Eles tinham até um dia para isso, a Festa do Esfolamento dos Homens.

—Um dia especial para o esfolamento?

—Eles tiravam a pele dos prisioneiros inimigos. E então dançavam pelas ruas da cidade, vestindo as peles esfoladas. Os nobres astecas usavam bastante as peles esfoladas das suas vítimas: o que eles consideravam uma honra para a vítima. Existe, na realidade, uma história de que certa vez eles capturaram uma princesa inimiga, então algumas semanas mais tarde convidaram o pai dela, o rei inimigo, para um banquete, para fazer as pazes. O rei presumiu que eles devolveriam sua filha, viva, como parte da reconciliação. Mas o imperador asteca bateu palmas depois do jantar e um sacerdote entrou, vestindo a pele da princesa assassinada. Os astecas achavam que aquilo era uma grande honra para o rei inimigo. Acho que a proposta de paz não fez muito sucesso. Forrester havia ficado muito pálido.

—Você acha que eles estão usando essa pele? Que o Cloncurry está dirigindo por aí usando a porra da pele desse cara?

—E bem possível. E isso o que os astecas fariam. Usariam a pele humana das vítimas, como um terno, até que literalmente apodrecesse e caísse. O fedor devia ser pavoroso.

—Nós ainda não encontramos a pele. Já chamamos a unidade de cães.

—Foi uma boa idéia. Considero absolutamente possível que eles estejam usando a pele. Já que estão seguindo o método asteca tão à risca.

Ambos ficaram em silêncio de novo. De Savary contemplou o parque repleto de ondulações, as árvores imponentes arqueadas sobre o rio, o belo cenário de tranquila e bucólica inglesice. Era difícil conciliá-lo com aquela... aquela coisa suspensa na estrutura de madeira, a poucos metros de distância. O cadáver rosado, de ponta-cabeça, com sua abominável careta de dor.

O detetive levantou-se.

—E aí, o que eles estavam procurando? A quadrilha. Andei investigando. Não existe absolutamente nenhuma ligação com o Hellfire Club.

—Não — disse De Savary. — Mas há uma curiosa ligação entre esta escola e o Oriente Médio.

—E qual seria?

De Savary sorriu, de forma bastante hesitante.

—Se bem me lembro, pelo que li no trem, a lanchonete deve ser por aqui. — Ele percorreu a frente do prédio, com Forrester atrás. No extremo da ala sul havia um curioso prédio com telhado de duas águas, adjacente à construção principal. Parecia uma capela. De Savary parou.

Forrester fitou o desenho vermelho e preto das esplêndidas portas, cujo tema eram leões alados de metal.

—O que é aquilo?

—É o Pórtico de Nínive. Tem uma profunda ligação com o Iraque e a Suméria. Vamos ver se os nossos rapazes estiveram neste canto?

Forrester assentiu.

De Savary empurrou a porta de metal e esta se abriu facilmente. O interior, à exceção de algumas janelas de vitral peculiares, assemelhava-se ao de uma lanchonete normal de escola rica. Havia uma máquina de Pepsi. Uma caixa registradora. E caixas de salgadinhos e batatas fritas caoticamente espalhadas pelo chão. Mas as caixas estavam espalhadas muito ao acaso. O local, às escuras, fora saqueado. A um exame mais minucioso, o revestimento de madeira ao longo de uma das paredes havia sido arrancado; uma janela estava quebrada. Alguém estivera ali, decididamente procurando alguma coisa. Se a havia levado era outro assunto. De Savary achava que não. A disposição dos itens espalhados pela lanchonete demonstrava cólera: frustrada e malsucedida. Eles saíram rumo à pacífica luz do sol e puseram-se a caminhar pela trilha. O pólen flutuava languidamente no ar doce e ensolarado enquanto De Savary contava a história do Pórtico de Nínive.

—O pórtico foi encomendado por Lady Charlotte Guest e seu marido Sir John por volta de 1850. Foi construído a partir do projeto do arquiteto Charles Barry, melhor conhecido como o arquiteto das...

—Das Casas do Parlamento — disse Forrester. E sorriu timidamente. — A arquitetura é o meu hobby secreto.

—Exatamente! As Casas do Parlamento. Seja como for, o Pórtico de Nínive era uma galeria particular, construída com o propósito expresso de abrigar alguns relevos assírios famosos reunidos nas explorações vitorianas da Mesopotâmia. Daí as portas bastante incomuns, com os leões assírios.

— Certo.

— Esses relevos, guardados no pórtico, foram escavados por Austen Henry Layard, um primo de Lady Charlotte Guest. Os relevos eram importantes e consideráveis. Cada um pesava várias toneladas. Originalmente, decoravam umbrais de portas importantes em Nimrud.

— E Layard e Barry os colocaram aqui?

— Colocaram. E eles permaneceram aqui, junto com vários outros relevos no Pórtico de Nínive, até pouco depois da Primeira Guerra Mundial. Então toda a coleção foi posta à venda.

— E não sobrou nada?

— Espera um pouco! As antiguidades no pórtico foram substituídas por moldes humildes. Em 1923, o próprio Canford Hall foi vendido pela família Guest e se tornou uma escola para meninos. A essa altura, o Pórtico de Nínive, agora privado dos seus tesouros antigos, foi transformado em lanchonete. Vendendo sanduíches e barras de chocolate.

— Então nossos caras deviam saber disso. Que não sobrou nada. Por que vir para cá novamente?

— Essa história tem um final meio estranho. Em 1992, dois acadêmicos vieram pra cá. Ambos especialistas em

assiriologia. Estavam a caminho de uma conferência em Bournemouth, mas tinham algum tempo, então decidiram fazer uma rápida peregrinação a esse lugar tão importante para a disciplina deles. Eles não esperavam encontrar nada. Mas examinaram as janelas de vitrais, com as suas imagens da Suméria, e admiraram os detalhes vagamente assírios da arquitetura. E então espiaram atrás da máquina da Pepsi... e encontraram um relevo original.

— Você está brincando.

— Não. Só os moldes deveriam ter permanecido. Mas, pasmel, havia sobrado mais uma peça. Foi identificada como verdadeira, apesar de estar coberta por camadas de emulsão branca de vinil. O relevo foi removido e conduzido a Londres, onde foi levado a leilão pela Christie's. Foi comprado por um negociante japonês, que aparentemente agia em nome de uma seita religiosa. Acho que o preço ficou em torno de 8 milhões de libras. A mais alta quantia já paga por uma antiguidade em qualquer lugar do mundo. *Et voilà*.

Eles haviam alcançado a margem do rio. O ligeiro rio Stour achava-se diante deles; a luz do sol matizava as águas, coroadas pelo arco de folhas acima.

— Ainda não estou entendendo — disse Forrester. Pegou um graveto e o atirou no rio. — O que liga tudo isso à questão do Hellfire?

— Está lembrado do que eu disse ao telefone no outro dia?

— A respeito dos iazidis e do Livro Negro ? Como se talvez fosse isso o que eles estão procurando?

— Exatamente. Veja, Austen Henry Layard foi dos primeiros ocidentais a conhecer os iazidis, em 1847. Estava fazendo

escavações no norte do Iraque, em Ur e Nínive. Os primeiros anos da arqueologia moderna. Então ele ouviu falar de uma estranha seita que vivia perto de Mosul, nos arredores de Dahuk. Layard fez contato com os iazidis. Depois foi convidado a ir até sua capital sagrada, Lalesh. Nas montanhas. É um lugar perigoso, hostil até hoje.

— O que ele fez por lá?

— Essa é a questão. Sabemos que ele foi convidado para assistir a algumas das cerimônias mais secretas deles. Um privilégio, até onde sei, que não foi concedido a mais ninguém antes ou desde então.

— Eles deram a ele o Livro Negro?

De Savary sorriu.

— Detetive! Trabalho de primeira. E, essa é uma das teorias. Alguns estudiosos especularam que Layard deve ter tido um relacionamento muito próximo com os iazidis, para ser tratado da maneira que foi. Alguns acham que pode ter trazido com ele o Livro Negro. Dando origem às lendas deles de que o livro veio para a Inglaterra.

— De modo que, se ele tivesse trazido o livro, teria trazido pra cá, para o prédio projetado para as melhores antiguidades, as que ele guardou para si mesmo. Certo?

— Vraiment!

Forrester franziu a testa.

— Mas eu pensei que nós tivéssemos estabelecido que Jerusalém Whaley já tinha o Livro Negro. Como Layard foi envolvido?

De Savary deu de ombros.

—Quem sabe? Talvez Jerusalém Whaley achasse que estava de posse do Livro, mas não estava. Talvez tenha devolvido o livro aos iazidis e Layard foi pegá-lo novamente, um século mais tarde. Um vai e volta! Meu palpite pessoal, se vale de alguma coisa, é o de que Jerusalém

Whaley tinha o livro o tempo todo, e Laya rd nada mais é do que uma manobra pra desviar a atenção.

—Mas o principal é que podemos presumir que é disso que a quadrilha está atrás. Caso contrário, eles não teriam vindo até aqui. Portanto, não c necessariamente alguma coisa relacionada ao Hellfire Club em si. A quadrilha na realidade está atrás do Livro Negro dos iazidis. Esse é o verdadeiro tesouro deles.

—Certo.

Forrester assobiou, quase alegremente. Deu um tapa nas costas de De Savary.

—Obrigado por ter vindo, Hugo.

De Savary sorriu, embora tenha se sentido culpado ao fazê-lo. O cheiro da carne exposta do homem ainda não havia deixado totalmente suas narinas.

Um grito devastou o silêncio da floresta.

—Angus! Angus!

Alguma coisa estava acontecendo. Outro grito ecoou no parque. O grito estava se aproximando.

De Savary e Forrester escalaram a elevação. Um policial corria pelos gramados, perseguindo alguma coisa. Gritando o nome Angus.

—Aquele é o adestrador de cães — disse Forrester. — Perdeu o cachorro. Ei, Johnson! Onde está o cão?



—Senhor! Senhor! — O policial continuava a correr. — Acabou de passar pelo senhor. Lá!

De Savary virou-se e viu um imenso cão galopando na direção dos prédios da escola. Corria com dificuldade, pois estava arrastando alguma coisa. Alguma coisa comprida, escorregadia e de ura cinza lúgubre. O que era aquilo? Parecia bastante estranho. Por um instante, o professor teve a impressão surreal e repugnante de que o cão estivesse arrastando uma espécie de fantasma. Correu até ele. O animal rosnou quando De Savary se aproximou.

O professor estremeceu ao baixar os olhos. O cão estava babando sobre um longo e malcheiroso envoltório, desfiado em faixas e tiras.

Era uma pele humana completa.

### 33

Rob estava em Dahuk fazia dez dias. O taxista de Habur recusara-se a passar dali.

A princípio Rob ficara razoavelmente satisfeito com isso. Dahuk era uma cidade curda agradável e animada: mais pobre do que Sanliurfa, mas sem a sensação pesada da vigilância turca. Dahuk também o atraía porque os iazidis eram uma presença visível. Havia até mesmo um centro cultural iazidi — uma grande e antiga casa otomana nas cercanias da cidade, decrépita e barulhenta. Rob passou os primeiros dias perambulando pelo centro. Era repleto de belas garotas de cabelos escuros com sorrisos tímidos e longos vestidos

bordados, e rapazes sorridentes com camisas do Barcelona F.C.

Na parede interna do hall do centro, havia uma impressionante imagem do pavão-anjo, Melek Taus. Quando a viu pela primeira vez, Rob contemplou-a por uns bons dez minutos. Era uma representação estranhamente serena, o deus-demônio, o anjo caído, com sua esplêndida cauda de esmeralda e água-marinha. A cauda dos mil olhos.

Os iazidis no centro eram desconfiados, mas não tão hostis. Os homens, todos de bigode, serviam-lhe chá e pistache. Uns poucos falavam um inglês macarrônico, um bom número deles falava alemão. Explicaram-lhe que aquilo se devia à forte presença iazidi na Alemanha.

— Fomos destruídos em qualquer outra parte, não temos nenhum futuro aqui, agora só vocês cristãos podem nos ajudar...

O que os iazidis não faziam era discutir as questões mais delicadas de sua fé. Assim que Rob começou a perguntar sobre o Livro Negro, Sanliurfa, o sanjak ou o culto a Melek Taus, as fisionomias transformaram-se em carrancas raivosas, ou desdenhosas, ou em um ar defensivo de incompreensão. E então os homens de bigode se irritaram e pararam de oferecer pratos de pistache.

O outro ponto polêmico era a própria Lalesh. Ao que Rob constatou — e irritou-se consigo mesmo por sua falta de informação prévia, por ter se atirado precipitadamente àquela busca —, ninguém vivia de fato em Lalesh. Era uma cidade sacra no mais verdadeiro sentido da expressão — uma cidade fantasma para os anjos, uma cidade para coisas

exclusivamente santas: espíritos sagrados, textos antigos, santuários veneráveis. Os vilarejos nas imediações eram cheios e opressivos, mas os iazidis só iam a Lalesh propriamente dita para rezar, ou para os festivais, o que tornaria flagrante qualquer forasteiro.

Além disso, ao que parecia, o simples fato de chegar a Lalesh era uma tarefa difícil e até mesmo perigosa para um não iazidi. Obviamente, ninguém queria levar Rob. Nem mesmo ganhando cem dólares de propina. Rob tentou mais de uma vez. Os motoristas de táxi só olhavam desconfiados para o dinheiro e diziam um breve La!

Na décima noite, Rob sentiu vontade de desistir. Estava deitado na cama em seu quarto de hotel. A cidade lá fora estava barulhenta, fervilhante. Ele foi até a janela aberta e contemplou os telhados de concreto e as vielas escuras e sinuosas. O quente sol iraquiano punha-se sobre a cordilheira de Zagros, com sua coloração cinza-dourada. Velhas com véus cor-de-rosa na cabeça lavavam roupa perto de imensas antenas parabólicas. Rob avistou várias torres de igreja entre os minaretes. Igrejas dos gnósticos talvez. Ou dos mandeístas. Dos cristãos assírios. Dos caldeus. Havia muitas seitas ancestrais ali.

Fechando a janela para abafar o chamado noturno para as orações, Rob voltou para a cama e pegou o celular. Encontrou uma boa operadora curda e ligou para a Inglaterra. Depois de alguns longos toques, Sally atendeu. Rob esperava que sua ex-mulher fosse breve, porém educada, como de costume. Mas Sally foi estranhamente calorosa e entusiástica: depois explicou por quê. Contou a Rob que conhecera a "nova

namorada" dele e realmente gostara dela, bastante. Sally disse a Rob que aprovava Christine e que ele devia por fim ter recuperado o juízo, já que havia começado a namorar mulheres de verdade, não as louras burras atrás das quais normalmente corria.

Rob riu e disse que nunca achara que ela, Sally, fosse isso; houve uma pausa e então Sally também riu. Era o primeiro riso que trocavam desde o divórcio. Eles conversaram um pouco mais, como não conversavam havia um bom tempo. E então ela passou o telefone para a filha deles. Rob sentiu uma aguda tristeza quando ouviu a voz da filha. Lizzie contou ao pai que havia ido ao zoológico para ver "nanimais". Disse que conseguia erguer os braços bem acima da cabeça. Rob ouviu com uma mistura de alegria e pesar, disse que a amava e Lizzie exigiu que o papai voltasse para casa. Então ele perguntou se ela havia conhecido a moça francesa, Christine. Lizzie respondeu que sim, que gostara muito dela e que a mãe tinha gostado também. Rob disse que aquilo era ótimo e mandou um beijo para a filha, que não parava de rir. E desligou. Era um tanto estranho, sua nova namorada e sua ex-mulher tornarem-se amigas. Mas era melhor do que a hostilidade mútua. E aquilo significava que havia mais pessoas cuidando de sua filha enquanto ele estava ausente.

Mas então lhe ocorreu que talvez fosse hora de estar "presente": talvez fosse hora de voltar para casa. Talvez devesse simplesmente se demitir. A matéria não corria como ele esperava. Não conseguira sequer chegar a Lalesh, mas, fosse como fosse, aquilo não parecia fazer sentido. Os iazidis eram fechados demais. Rob não falava árabe ou curdo o

bastante para superar seu obscurantismo antigo. Como podia ter esperanças de desvendar os segredos de uma crença de 6 mil anos de idade só de perambular por uma cidade antiga dizendo "Salaam"? Achava-se tolhido; suas esperanças minguavam a cada hora. Às vezes era assim. Às vezes você não conseguia a matéria.

Rob pegou a chave da porta e deixou o seu quarto de hotel. Estava com calor, irritado e precisava de uma cerveja. E havia um ótimo bar na esquina da rua. Rob desmoronou sobre sua habitual cadeira de plástico diante do Suleiman Café. Rawaz, proprietário do café, portanto seu amigo temporário, serviu-lhe uma cerveja turca gelada e um prato de azeitonas verdes. A vida fluía nas ruas de Dahuk. Rob pousou a testa nas mãos e tornou a pensar no artigo. Pensando novamente sobre seu resolutivo e impulsivo entusiasmo na casa de Isobel, ele se perguntou o que de fato desejava: que algum sacerdote misterioso lhe explicasse tudo, talvez em um templo secreto, com esculturas grosseiras nas paredes. À luz das chamas tremeluzentes de lâmpadas a óleo. E, é claro, um par de adoradores do diabo por perto, felizes em ser fotografados. Mas em lugar de concretizar seu ingênuo sonho jornalístico, Rob estava bebendo cerveja Efes e ouvindo pop curdo cafona vindo da loja de discos ao lado. Bem podia estar em Sanliurfa. Ou Londres.

—Olá!

Rob ergueu os olhos. Um rapaz ligeiramente hesitante estava de pé ao lado da mesa. Vestia jeans limpo e camisa bem passada. Tinha o rosto redondo. Tinha um jeito de acadêmico.

Quase de nerd. Mas próspero e agradável. Rob pediu ao sujeito que se sentasse. Seu nome era Karwan.

Karwan sorriu.

— Eu sou iazidi.

— OK...

— Hoje eu vai ao centro cultural iazidi e algumas mulheres contaram do senhor. Um jornalista americano. Querendo saber sobre Melek Taus.

Rob assentiu, ligeiramente constrangido.

Karwan prosseguiu:

— Elas disseram que o senhor está ficando aqui. Mas que deve partir logo porque não estava feliz.

— Eu não estou infeliz. Só estou... frustrado.

— Por quê?

— Porque estou escrevendo um artigo. Sobre a religião iazidi. Sobre quais são as suas crenças de fato, sabe? E para um jornal inglês. Mas ninguém me diz nada, então é um pouco frustrante.

— O senhor precisa entender por que isso. — Karwan inclinou-se para a frente com uma expressão séria. — Por muitos milhares de anos, senhor, temos sido assassinados e atacados pelo que acreditamos. O que as pessoas dizem que nós acreditamos. Os muçulmanos nos matam, os hindus, os tártaros. Todos dizem que nós adoramos Shaitan, o diabo. Eles nos matam e nos expulsam. Até Saddam nos matou, até nossos companheiros curdos nos mataram, os sunitas e os xiitas, todos eles nos matam. Todo mundo.

—Mas é por isso que eu quero escrever o meu artigo. Para contar a verdadeira história. No que os iazidis de fato acreditam.

Karwan franziu a testa, como se estivesse tomando uma decisão. Permaneceu em silêncio por mais de um minuto. Então declarou:

—Tudo bem, OK. E que eu acho que vocês americanos, a grande águia, vocês ajudaram os curdos e protegeram o povo iazidi. Eu vejo os soldados americanos, eles são bons. Eles realmente tentam ajudar. Então... agora eu vou ajudar. Porque você é americano.

—Vai?

—Vou. Vou ajudar o senhor porque estudei um ano nos Estados Unidos, na Universidade do Texas. E por isso que meu inglês não é tão ruim. Os americanos, eles foram bons para mim.

—Você esteve na UT?

—Estive, sabe? Os chifres de vaca. Em Austin.

—Ótima música em Austin.

—E. Um bom lugar. A não ser — Karwan mordiscou uma azeitona —, a não ser porque as mulheres no Texas têm as bundas mais enormes. Isso é problema para mim.

Rob riu.

—O que você estudou na UT?

—Antropologia religiosa. Então, sabe, eu posso contar tudo que o senhor precisa saber. E então o senhor pode ir embora e informar todo mundo que nós não somos... satanistas. Vamos começar?

Rob estendeu a mão para pegar seu bloco; pediu mais duas cervejas. E por uma hora, encheu Karwan de perguntas. A maior parte das informações ele já sabia, a partir de Isobel e da própria pesquisa. As origens do iazidismo e do Culto dos Anjos. Rob ficou ligeiramente decepcionado. Mas então Karwan disse uma coisa que o fez endireitar o corpo, atento.

—A narrativa sobre a origem dos iazidis vem do Livro Negro. Claro que agora o Livro Negro desapareceu, mas a história continua a ser transmitida. Ela conta que nós temos uma linhagem... distinta, mostra como somos diferentes de todas as outras raças.

—De que maneira?

—Talvez se expresse melhor num mito, mito iazidi. Em uma das nossas lendas da criação, havia 72 Adões, cada Adão mais perfeito que o anterior. Então o septuagésimo segundo Adão casou com Eva. E Adão e Eva depositaram sua semente em duas jarras.

Rob o interrompeu, a caneta equilibrada sobre o bloco.

—Duas jarras?

Karwan assentiu com um aceno de cabeça.

—Essas jarras foram seladas por nove meses. Quando foram abertas, a jarra que continha a semente de Eva estava cheia de insetos e coisas terríveis, cobras e escorpiões. Mas quando a jarra de Adão foi aberta, eles encontraram um belo menino pequeno. — Karwan sorriu. — O menino foi chamado de Shahid ibn Jayar, "o Filho da Jarra". E esse nome também é usado para os iazidis. Veja: nós somos os Filhos da Jarra. Essas crianças de Adão se tornaram os ancestrais dos iazidis. Adão é



nosso avô. Enquanto todas as outras nações descendem de Eva.

Rob terminou de rabiscar suas anotações. Um Chevrolet branco das Nações Unidas contornava o cruzamento em frente ao café. Karwan disse, precipitadamente:

—OK. É isso! Agora tenho que ir. Mas, senhor, os iazidis no centro eles me dizem também que o senhor quer ir a Lalesh. Certo?

—Certo. Eu quero! Mas todo mundo diz que é perigoso. Ninguém me leva até lá. Posso conseguir isso?

Os lábios de Karwan curvaram-se em um sorriso. Ele mordiscava discretamente outra azeitona; cobriu a boca com a mão em concha e depositou o caroço da azeitona na borda do cinzeiro.

—Posso levar o senhor até lá. Tem um festival. Não é tão perigoso assim.

—Quando?

—Amanhã. Às cinco da manhã. Encontro o senhor aqui. E depois trago de volta. E então o senhor pode escrever sobre nós naquele jornal famoso da Inglaterra, The Times.

—Ótimo. Fantástico. Shukran!

—Bom. — O jovem inclinou-se e apertou a mão de Rob. — Amanhã nos encontramos. Cinco da manhã. Então agora precisamos dormir. Até logo. — E com isso ele levantou-se e desapareceu na rua abafada.

Rob bebeu avidamente o resto de sua cerveja. Sentiu-se feliz. Sentiu-se quase muito feliz. Ia conseguir a matéria. O primeiro homem a visitar a capital sagrada dos iazidis! Nosso homem com os cultistas do Iraque. Voltou ao hotel quase

correndo. Então ligou para Christine e contou-lhe, excitado, as novidades; a voz dela soou, ao mesmo tempo, preocupada e satisfeita. Rob se deitou na cama com um sorriso, enquanto os dois conversavam: logo ele iria para casa e veria a filha e a namorada — com o trabalho realizado sem incidentes.

Na manhã seguinte, como prometido, Rob encontrou Karwan à espera perto das mesas do café. Estacionada ao lado do café fechado, havia uma velha caminhonete Ford lotada de pães árabes e frutas em sacos plásticos.

—Fruta para o festival — disse Karwan. — Venha. Tem não muito espaço.

Havia três deles espremidos na cabine da caminhonete. Karwan, Rob e um sujeito velho e barbudo. O motorista, ao que parecia, era tio de Karwan, e Karwan anunciou:

—Ele só bateu três vezes este ano. Portanto, nós devemos ficar bem.

A caminhonete saiu aos trancos de Dahuk, rumo às montanhas. Era uma viagem longa, de abalar qualquer coluna vertebral, mas Rob não se importou. Estava certamente no caminho da sua matéria.

A estrada conduzia a florestas de pinheiros e bosques de carvalhos. À medida que subiam, o ar cinzento da manhã começou a clarear. O sol surgiu brilhante e quente. Então a estrada mergulhou em um luminoso vale verdejante. Casas de pedra pobres, porém belas, estendiam-se sobre riachos apressados. Crianças sujas, com sorrisos ofuscantes, correram em direção à caminhonete e acenaram. Rob retribuiu o cumprimento e pensou na filha.

A estrada continuava, longa. Rodeava uma enorme montanha. Karwan informou a Rob que a montanha era um dos Sete Pilares de Satã. Rob fez que entendia. A estrada transpôs rios ligeiros em raquíticas pontes de madeira. E então, por fim, eles pararam.

Karwan o cutucou.

—Lalesh!

Ele conseguira. A primeira coisa que viu foi um estranho prédio cônico, com o telhado curiosamente estriado. Havia mais desses prédios cônicos, situados em torno da praça principal. A praça central de Lalesh achava-se repleta de vida em razão das pessoas: que desfilavam, oravam e cantavam. Velhos caminhavam em fila indiana, tocando longas flautas de madeira. Rob saltou da caminhonete juntamente com Karwan e pôs-se a observar.

Uma figura coberta por um manto negro surgiu de um prédio sujo. Caminhou até uma fileira de vasos de pedra, onde tremulavam pequenas fogueiras. Mais homens, vestindo túnicas brancas, desfilavam atrás.

—Esses são os fogos sagrados — disse Karwan, apontando para as chamas amarelas que dançavam nos vasos de pedra. — Os homens têm que rodear sete vezes os fogos sagrados.

Agora a multidão avançava, gritando um nome.

—Melek Taus, Melek Taus!

Karwan balançou a cabeça.

—Eles estão reverenciando o pavão-anjo, é claro.

A cerimônia continuou. Era expressiva, estranha e curiosamente tocante. Rob observou os transeuntes e espectadores: depois da agitação inicial do cerimonial, muitos

iazidis comuns haviam se deslocado para os gramados vizinhos e as encostas com vistas para as torres cónicas de Lalesh: preparavam piqueniques com tomate, queijo, pão árabe e ameixas. O sol estava alto no céu. Era um dia quente na montanha.

—Todos os iazidis— Karwan explicou a Rob — devem, em algum momento da vida, vir até Lalesh. Para fazer uma peregrinação à tumba do xeique Mussafir. Ele estabeleceu as cerimônias dos iazidis.

Rob aproximou-se lentamente para espreitar através da entrada sombria de um templo. Estava escuro lá dentro: mas Rob conseguia ver peregrinos envolvendo colunas de madeira em panos coloridos. Outros arrumavam o pão em prateleiras baixas. Em uma das paredes, Rob avistou uma escrita nitidamente cuneiforme — tinha de ser cuneiforme: o alfabeto mais antigo e mais primitivo do mundo. Que datava da época dos sumérios.

Cuneiforme! Enquanto se abaixava para sair do templo, Rob sentiu a adrenalina e o simples privilégio de estar ali. Era milagrosa a sobrevivência da cidade, da crença, do povo, da liturgia e do ritual. E era admirável também. Toda a atmosfera de Lalesh, do festival, era lírica, poética e extremamente pastoral. Os únicos aspectos ameaçadores eram as imagens apavorantes e desdenhosas de Melek Taus, o onipresente deus-demônio, representado em paredes e portas, até mesmo em pôsteres. Ainda assim, as pessoas em si pareciam amistosas, felizes por estarem ao ar livre sob o sol, felizes por estarem praticando sua religião peculiar.

Rob queria conversar com alguns iazidis. Persuadiu Karwan a traduzir: em um dos gramados, eles encontraram uma mulher alegre, de meia-idade, servindo chá para os filhos.

Rob inclinou-se e disse:

—Me fale sobre o Livro Negro.

A mulher sorriu, cutucando Rob energicamente com o dedo. Karwan traduziu suas palavras.

—Ela diz que o Livro Negro é a Bíblia dos iazidis e é escrito em ouro. Diz que está com vocês, cristãos, vocês, ingleses. Ela diz que vocês levaram nosso livro sagrado. E é por isso que os ocidentais têm ciência e educação. Porque vocês têm o livro que veio do céu.

A mulher sorriu calorosamente na direção de Rob. E então deu uma mordida em um gordo tomate, deixando cair sementes vermelhas na camisa, o que fez com que seu marido gargalhasse alto.

A cerimônia na praça havia quase terminado. Moças e rapazes de branco estavam no espaço central, encerrando suas vertiginosas danças em torno das chamas sagradas. Rob os observou. Bateu algumas fotos discretas com a câmera do celular. Rabiscou algumas anotações. E então, quando ergueu os olhos, percebeu outra coisa. Sem serem notados pelos espectadores, os anciãos da elite abaixavam um a um a cabeça e penetravam em um prédio baixo no extremo da praça. A atitude deles parecia, de alguma forma, furtiva e clandestina. Ou, ao menos, importante. Havia um guarda na porta do prédio baixo, apesar de não haver guardas em nenhuma das outras portas. Por quê? E a porta que os anciãos estavam usando possuía uma marca que a distinguia das demais.

Possuía uma estranha cobra negra em pedra. Uma longa cobra bem ao lado da porta.

Rob sentiu um leve tremor. Era isso. Tinha de descobrir o que estava havendo. Tinha de penetrar naquela porta misteriosa. Mas será que escaparia impune? Olhou de relance à sua volta. A essa altura, Karwan estava deitado na grama, cochilando. O motorista da caminhonete não se achava em parte alguma. Provavelmente, dormindo em sua cabine. Havia sido um longo dia.

Essa era a chance de Rob. Naquele exato instante. Descendo a encosta, Rob cruzou rapidamente a praça. Um dos rapazes cantores havia abandonado sua touca branca ao lado do poço, abaixo da fonte. Rob olhou para a direita e para a esquerda, surrupiou a peça e colocou-a na cabeça. Conferiu novamente. Ninguém estava olhando. Ele escapuliu em direção ao prédio baixo. O guarda se achava à porta, prestes a fechá-la. Rob tinha apenas uma chance. Cobriu e ocultou a parte inferior do rosto com o tecido branco e então disparou pela soleira da porta rumo ao interior do templo.

O guarda, em meio a um bocejo, fitou Rob com ar distraído. Por um momento, pareceu intrigado. Então deu de ombros e fechou a porta atrás deles. Rob achava-se no interior do templo.

Estava bastante escuro. A fumaça acre das lâmpadas a óleo abafava o ar. Os anciãos iazidis estavam enfileirados, orando, murmurando e cantando baixinho. Havia outros apoiados sobre os joelhos, prostrados e curvados: tocando o chão com a testa. Uma chama de luz preencheu a extremidade mais distante do templo. Rob apertou os olhos para enxergar

através da fumaça. Uma porta se abriu por um instante. Uma menina vestida de branco carregava um objeto dissimulado por um cobertor grosseiro. A cantoria tornou-se um pouco mais alta. A menina pousou o objeto sobre um altar. Acima do altar, a imagem resplandecente do pavão-anjo os contemplava do alto, serena e superior, desdenhosa e cruel.

Rob avançou para chegar o mais perto possível sem chamar atenção, desesperado para ver o que havia sob o cobertor. Aproximou-se mais e mais. As preces e entoações ficaram mais altas, ainda que obscuras. Em uma tonalidade mais baixa. Um mantra hipnótico. A fumaça das lâmpadas era tão espessa que fazia os olhos de Rob arderem e lacrimejarem. Ele esfregou o rosto e empenhou-se em enxergar.

E então a menina afastou o cobertor e a cantoria cessou.

Pousado sobre o altar estava um crânio. Que não se parecia com nenhum crânio que Rob tivesse visto. Era humano, e ainda assim não humano. As órbitas oculares eram curvas e oblíquas. Os pômulos altos. Parecia o crânio de um pássaro monstruoso ou uma serpente estranha. E ainda assim, era humano.

E então Rob sentiu a dura e fria lâmina de uma faca pressionada contra sua garganta.

## 34

Todos gritavam e empurravam. A faca feria a garganta de Rob, pressionando-lhe a traquéia com força. Alguém lhe enfiou um capuz sobre a cabeça: Rob piscou na escuridão.

Portas foram abertas e fechadas e ele sentiu que o empurravam para outro aposento: percebeu isso porque os ruídos eram diferentes, os ecos, mais baixos. Com certeza ele estava num espaço mais fechado. Mas as vozes ainda eram gritos furiosos em curdo, um tagarelar intenso e ameaçador. Um chute o atingiu por trás nos joelhos e Rob desmoronou. Imagens passavam-lhe pela cabeça: as vítimas nos vídeos da internet. Roupas cor de laranja. Allahu Akhbar. O som de uma faca cortando uma traqueia e o esguicho de sangue cremoso. Allahu Akhbar.

Não. Rob lutou. Contorceu-se de um lado para o outro, mas havia mãos por todo o seu corpo, segurando-o firme. O capuz era feito de um saco velho; cheirava a hálito podre. Rob mal percebia a luz através das tramas do tecido que lhe cobria o rosto. Conseguia distinguir as silhuetas de homens que gritavam.

Uma segunda porta se abriu em alguma parte. As vozes ficaram mais altas e Rob pôde ouvir uma mulher gritar uma pergunta e homens gritarem em resposta. Tudo era confusão. Rob tentou respirar devagar para se acalmar. Foi empurrado para o lado, deitado, e vislumbrou túnicas iazidis através do tecido. Túnicas, sandálias e homens.

Eles estavam amarrando seus pulsos por trás. Uma grossa corda feria-lhe a carne. Ele estremeceu de dor. Então ouviu um homem rosnando para ele — aquilo era árabe? Estaria ele reconhecendo as palavras? Torceu o corpo e apertou os olhos para enxergar através do tecido grosseiro do capuz e engoliu em seco: o que seria aquele brilho? Seria a faca novamente? A enorme faca que haviam pressionado contra sua garganta?



O medo era agudo. Rob pensou na filha. Em seu riso encantador. Em seu cabelo louro nos dias de sol: ela era tão loura quanto a própria luz do sol. Seus olhos azuis erguidos. Papai. Nanimais. Papai. E agora ele provavelmente iria morrer. Nunca mais a veria. Devastaria a vida dela por não tornar a vê-la. Seria o pai que ela nunca teve.

A tristeza crescia dentro dele. Ele quase chorou. O tecido era quente, seu coração batia forte e ele precisava afastar o pânico. Pois não estava morto. Eles nada mais haviam feito do que imobilizá-lo com força. E assustá-lo.

Mas assim que suas esperanças começaram a aumentar, Rob pensou em Franz Breitner. Ele fora morto; isso não fora problema para os trabalhadores iazidis de Gobekli. Haviam-no empurrado por sobre a estaca, espetando-o como a um sapo em um laboratório. Assim, à toa. Rob lembrou-se do jato de sangue que brotou da ferida no peito de Franz. Sangue respingando sobre a poeira amarela de Gobekli. E então se lembrou da cabra trêmula sendo abatida nas ruas de Sanliurfa. Rob gritou. Sua única esperança era Karwan. Seu amigo. Seu amigo iazidi. Ele talvez ouvisse. Seus gritos ecoaram pelo aposento. Então as vozes curdas retornaram, xingando-o. Ele foi empurrado e chutado. A mão de alguém lhe agarrou o pescoço, quase o estrangulando; ele sentiu outra mão apertada em seu braço. Mas Rob deu pontapés ferozes para todos os lados: agora estava furioso. Mordeu o capuz. Se iam matá-lo, ele ia lutar, ia tentar, ia dificultar o lado deles...

E então o capuz foi bruscamente arrancado.

Rob arfou, piscando por causa da luz. Um rosto o fitava de cima. Era Karwan.

Mas não era o Karwan de antes: o sujeito amistososo, de rosto redondo. Este era um Karwan carrancudo, sombrio, zangado; e ainda assim seguro.

Karwan dava ordens em curdo aos homens mais velhos ao seu redor. Dizia-lhes o que fazer. E os anciãos, em suas túnicas, claramente lhe obedeciam: estavam praticamente prostrando-se diante dele. Um dos anciãos esfregou um pano molhado no rosto de Rob. O odor da umidade era terrível. Mas o frescor foi revigorante. Outro homem estava ajudando Rob a sentar-se; eles o haviam apoiado contra a parede dos fundos.

Karwan vociferou outra ordem. Parecia estar dizendo aos homens de túnica que partissem: e eles, em fila indiana, estavam obedientemente deixando o aposento. Um por um, saíram, e a porta foi fechada, permitindo que Karwan e Rob ficassem sozinhos no pequeno cômodo. Rob olhou ao redor. Era um espaço escuro, com paredes nuas pintadas e duas altas e estreitas janelas que deixavam passar pouca luz. Talvez fosse uma espécie de despensa; uma antecâmara do templo.

As cordas ao redor de seus pulsos ainda machucavam. Eles haviam retirado o capuz, mas Rob continuava amarrado. Rob esfregou os pulsos um no outro da melhor maneira que pôde para restabelecer parte da circulação. Então fitou Karwan. O jovem iazidi estava agachado sobre um tapete ricamente bordado, porém desbotado. Devolvendo o olhar de Rob. Karwan suspirou.

—Tentei ajudar o senhor, sr. Luttrell. Achamos que se permitíssemos que o senhor viesse até aqui, ficaria satisfeito. Mas o senhor tinha que sair à procura de mais. Sempre. Vocês ocidentais estão sempre querendo mais.

Rob sentiu-se confuso: do que ele estava falando? Karwan esfregava os olhos com o indicador e o polegar. O iazidi parecia cansado. Pelas janelas estreitas, Rob ouvia os débeis ruídos de Lalesh: o riso das crianças e o borbotar da fonte.

Karwan sentou-se e inclinou o corpo para a frente.

—O que há com vocês? Por que querem saber tudo? Breitner era a mesma coisa. O alemão. Exatamente a mesma coisa. —

Os olhos de Rob se arregalaram. Karwan balançou a cabeça.

— Isso mesmo. Breitner. Em Gobekli Tepe...

O jovem iazidi traçou, de mau humor, os padrões do tapete diante dele. Seu indicador seguiu o labirinto escarlate do bordado. Ele parecia estar meditando, decidindo alguma coisa importante. Rob esperou. Sua garganta estava muito seca; seus pulsos latejavam por causa das cordas.

—Posso beber alguma coisa, Karwan? — perguntou.

O iazidi estendeu o braço para pegar uma pequena garrafa plástica de água mineral. Em seguida encostou a garrafa na boca de Rob e este bebeu, tremendo, arfando e engolindo. A garrafa foi pousada sobre o chão de concreto entre eles, e Karwan suspirou uma segunda vez.

—Vou contar a verdade. Não há mais razão pra esconder. Talvez a verdade ajude os iazidis. Porque as mentiras e despistes estão nos prejudicando. Eu sou filho de um xeique iazidi. Um chefe. Mas também sou alguém que estudou a nossa fé a partir do exterior. Portanto, sr. Luttrell, estou numa posição especial. Talvez isso me dê certa... autonomia. — Os olhos dele evitaram os de Rob. Uma reação de culpa? Ele prosseguiu: — O que eu vou contar nunca foi revelado a um não iazidi em milhares de anos. Talvez nunca mesmo.

Rob ouviu com atenção. A voz de Karwan soava uniforme, quase monótona. Como se aquilo fosse um monólogo preparado, ou um assunto sobre o qual ele andara pensando por muitos anos: um discurso ensaiado.

— Os iazidis acreditam que Gobekli Tepe seja o local do Jardim do Éden. Acho que talvez o senhor já saiba disso. E acho que nossas crenças... orientaram outras religiões. — Ele deu de ombros e expirou profundamente. — Como eu já disse, acreditamos que somos descendentes diretos de Adão. Somos os Filhos da Jarra. Gobekli Tepe é, portanto, o lar dos nossos ancestrais. Todos os iazidis da casta sacerdotal, a classe alta, como eu, são instruídos a proteger Gobekli Tepe. Proteger e defender o templo dos nossos ancestrais. Pelo mesmo motivo, nossos pais e os pais dos nossos pais nos ensinaram que devemos manter os segredos de Gobekli em segurança. Temos que ocultar ou destruir qualquer coisa tirada de lá. Como aqueles... restos mortais no Museu de Sanliurfa... Como iazidis, essa é a nossa obrigação. Porque nossos antepassados enterraram Gobekli Tepe sob toda aquela terra... por algum motivo. — Karwan pegou a garrafa e tomou um gole de água; olhou diretamente para Rob, seus olhos curdos castanhos ardendo na penumbra do pequeno depósito. — E claro que eu sei qual a sua pergunta, sr. Luttrell. Por quê? Por que meus ancestrais iazidis enterraram Gobekli Tepe? Por que nós temos que protegê-la? O que aconteceu ali? — Karwan sorriu, mas um sorriso triste, até mesmo angustiado. — Isso, não nos explicaram. Ninguém explica. Não temos uma religião escrita. Tudo é transmitido por tradição oral, de boca a boca, ouvido a ouvido, de pai para

filho. Quando eu era muito novo, perguntava ao meu pai, por que temos essas tradições? Ele respondia que era porque elas eram tradições, só isso.

Rob fez menção de falar, mas Karwan ergueu uma das mãos, impaciente, para silenciá-lo.

—Nada disso importava, claro. Por muitos séculos não importou. Ninguém ameaçava Gobekli Tepe. Ninguém sequer sabia que ela estava lá, a não ser os iazidis. Estava lá, enterrada, naquele lugar milenar. Mas aí veio o alemão, os arqueólogos com suas pás, suas escavadoras e suas máquinas, examinando e escavando, escavando e revelando. Para os iazidis, desenterrar Gobekli é uma coisa terrível. É como expor uma ferida horrível. Dói na gente. O que nossos ancestrais enterraram tem que permanecer enterrado, o que veio à luz do dia tem que ser ocultado e protegido. Então nós, os iazidis, nos fizemos contratar por ele, viramos empregados dele para poder atrasar, interromper a escavação sem fim. Mas, ainda assim, ele continuou. Continuou a expor a ferida...

— Então vocês mataram Franz e...

Karwan rosnou.

—Não! Nós não somos demônios. Não somos assassinos. Nós tentamos assustá-lo. Para afastá-lo, para afastar todos vocês. Mas ele deve ter caído. Só isso.

—E... o Pulsa Dinura?

—Sim. Claro. E os problemas no templo. Nós tentamos... qual seria a palavra... nós tentamos dificultar a escavação, pará-la. Mas o alemão era muito decidido. Continuou a escavar. A escavar o Jardim do Éden, o jardim das jarras. Ele escavava até

a noite. Houve uma discussão e ele caiu. Acho que foi acidente.

Rob começou a protestar. Karwan deu de ombros.

—O senhor pode acreditar, ou pode escolher não acreditar. Como quiser. Estou cansado de mentiras.

—Então, o que o crânio representa?

Karwan soltou o ar devagar.

—Não sei. Quando eu fui para o Texas, estudei minha própria religião. Entendi a... a estrutura dos seus mitos. De uma perspectiva diferente. E eu não sei. Não sei quem é Melek Taus e não sei o que o crânio representa. Tudo que eu sei é que precisamos cultuar o crânio e o pavão. E que não devemos jamais revelar esses segredos. E que só podemos procriar com os iazidis, e só podemos casar dentro da nossa fé. Porque vocês... os não iazidis... são impuros.

—É um animal? O crânio?

—Não sei! Acredite em mim. Eu acho... — Karwan estava lutando com as palavras. — Eu acho que alguma coisa aconteceu em Gobekli Tepe. Ao nosso templo no Éden. Uma coisa terrível, há 10 mil anos. Senão, por que a gente enterrou tudo? Por que enterrar aquele lugar lindo, a não ser que tivesse se tornado um lugar de vergonha ou sofrimento? Tinha que haver um motivo.

—Por que você está me contando isso agora? Por que agora? Por que eu?

—Porque o senhor seguiu em frente. O senhor não desistiu. De modo que agora estou contando tudo. O senhor encontrou as jarras. Com aqueles horríveis restos mortais. Para que servem? Por que aqueles bebês foram colocados lá? Isso me

assusta. Tem muita coisa que eu não sei. Tudo que nós temos são mitos e tradições. Não temos um livro que nos ensine. Não mais.

Lá fora, ouviam-se vozes de novo. Pareciam despedidas. Às vozes uniu-se o som de motores sendo ligados. Ao que parecia, as pessoas estavam deixando Lalesh. Rob queria anotar as palavras de Karwan; sentia uma necessidade quase física de escrever tudo aquilo; mas as cordas ainda estavam apertadas em torno de seus pulsos. Tudo que pôde fazer foi perguntar.

—Onde o Livro Negro se encaixa nisso tudo?

Karwan balançou a cabeça.

—Ah, claro. O Livro Negro. O que é isso? Não tenho tanta certeza de que se trate de um livro. Acho que era algum tipo de prova, algum segredo, algo que explicava o grande mistério. Mas desapareceu. Foi tirado de nós. E agora nos restam... nossas lendas. E nosso pavão-anjo. Já chega. Conte ao senhor coisas que nunca deveria contar a ninguém. Mas não tive escolha. O mundo despreza os iazidis. Somos maltratados e perseguidos. Chamados de adoradores do diabo. Dá pra ficar pior que isso? Se o mundo souber um pouco da verdade, talvez nos trate melhor. — Ele tomou outro pausado gole de água mineral. — Nós somos guardiões de um segredo, sr. Luttrell, um segredo terrível que não entendemos. Precisamos ser fiéis ao nosso silêncio. E proteger o passado enterrado. É nosso fardo. Ao longo das eras. Nós somos os Filhos da Jarra.

—E agora...

—E agora eu vou levar o senhor de volta para a Turquia. Vamos levá-lo de volta até a fronteira, e o senhor vai voltar para casa e contar a todo mundo sobre nós. Contar que não somos satanistas. Vai mencionar a nossa tristeza. Conte o que quiser. Mas não minta.

O iazidi levantou-se e gritou pela janela. A porta se abriu e mais homens entraram. Rob foi empurrado de novo, mas, dessa vez, com um propósito e uma calma determinação. Rob foi sendo empurrado templo afora. Olhou de relance para o altar enquanto o empurravam: nada do crânio. E então se viu do lado de fora, sob o sol. Havia crianças apontando em sua direção. Rob avistou mulheres encarando-o, com cara de espanto. Estava sendo levado à caminhonete.

O motorista estava pronto. A mala de Rob achava-se no assento do passageiro, à espera. Rob ainda estava amarrado pelos pulsos. Dois homens o ajudaram a entrar na cabine. Ele olhou pela janela enquanto outro homem entrava na cabine: um sujeito de pele escura, barbado, mais jovem que Karwan. Forte, musculoso e calado. Ia se sentar entre Rob e a porta da caminhonete; Rob ficou com o assento do meio.

A picape arrancou, as rodas girando na poeira. O último vislumbre que Rob teve de Lalesh foi a visão de Karwan, de pé no meio das crianças que observavam a cena ao lado de uma das torres cónicas. A expressão em seu rosto era de imensa tristeza.

Logo depois, Lalesh desapareceu atrás de um declive à medida que a caminhonete descia a encosta, dirigindo-se à fronteira turca.



Assim que foi empurrado de volta para o lado turco da fronteira, em Habur, Rob ligou para Christine, e em seguida saltou para dentro de um táxi, rumo à cidade mais próxima. Mardin. Sete exaustivas horas mais tarde, hospedou-se em um hotel, tornou a telefonar para Christine e também para a filha; então caiu no sono com o telefone na mão, de tão cansado que estava.

Na manhã seguinte, Rob sentou-se diante do laptop e escreveu — ato contínuo, com entusiasmo e de uma só vez — sua reportagem.

Sequestrado pelas Seitas do Curdistão.

Sentia que escrever o artigo rápido, sem pensar, era o único caminho. Havia tantos elementos distintos que, se sentasse e refletisse, se tentasse formular uma narrativa coerente, corria o risco de se perder nos muitos detalhes e infinitos desvios. O artigo também poderia parecer forçado se o trabalhasse demais: a história era tão bizarra que precisava soar simples e sincera para funcionar. Muito direta, muito honesta, como se ele estivesse contando para alguém uma história longa e incrível durante um café. Portanto o que Rob fez foi sair digitando. Gobekli Tepe e as jarras no museu, os iazidis, o Culto dos Anjos e a devoção a Melek Taus. As cerimônias em Lalesh, o crânio sobre o altar e o mistério do Livro Negro. Contou tudo, a história toda, temperada com violência e assassinato. E agora a narrativa possuía um bom final: terminava com ele deitado de lado, um capuz sobre a cabeça,

em um imundo quartinho nas montanhas do Curdistão — achando que fosse morrer.

Rob levou cinco horas para escrever o artigo. Cinco horas durante as quais mal ergueu os olhos do laptop, de tão concentrado. Estava completamente focado.

Depois de seis minutos verificando a ortografia, Rob copiou o artigo para um pen drive, deixou o hotel e foi direto para um cibercafé. Então ligou o dispositivo a um computador e enviou o artigo por e-mail a Steve, que esperava impaciente em Londres.

Rob sentou-se, nervoso, ao lado do computador no silencioso cibercafé, esperando que Steve ligasse logo com uma posição. O quente sol de Mardin brilhava na rua, do lado de fora, mas o interior do café parecia quase sepulcral. Havia só mais um sujeito no local, bebendo um refrigerante turco desconhecido e jogando alguma coisa no computador. O rapaz usava grandes fones de ouvido. Estava estripando um monstro na tela do computador com uma AK47 virtual. O monstro possuía garras roxas e olhos tristes. Seus intestinos saltaram para fora, nítidos e verdes.

Rob voltou à sua própria tela. Verificou a previsão do tempo na Espanha, a propósito de nada. Pesquisou seu próprio nome no Google. Pesquisou o nome de Christine. Descobriu que ela era autora de "Canibalismo neandertal no País Basco na Era Glacial", em uma edição recente da American Archeology. Achou ainda uma bela foto de Christine recebendo um prêmio obscuro em Berlim.

Rob contemplou a foto. Estava com saudades de Christine. Não tanto quanto da filha, mas sentia saudades dela. Da

conversa distinta; do perfume; da doçura. Do jeito que sorria quando faziam amor, com os olhos fechados, como se estivesse sonhando com algo muito doce que ocorrera fazia muito tempo.

O celular de Rob tocou.

— Robbie!

— Steve... — O coração de Rob martelava. Ele odiava essa parte. — E aí?

— Bom — disse Steve. — Não sei o que dizer...

O humor de Rob despencou.

— Você não gostou?

Pausa.

— Que não gostar o que, seu idiota. Eu adorei essa porra!

O humor de Rob melhorou no ato.

Steve estava rindo.

— Meu Deus, Rob, te enviei só pra escrever uma porra de uma matéria de História. Achei que seria bom pra você. Um descansinho.

Mas você testemunha um assassinato. É atacado por satanistas. Descobre um bebê da Idade da Pedra num pote de pickles. Encontra mais adoradores do diabo. Ouve orações curdas de morte perversas. Você... você... você... — Steve estava ficando sem fôlego. — Aí você vai pro Iraque e conhece um cara misterioso que te leva pra capital sagrada onde o povo do sujeito cultua uma porra de um pombo, e encontra eles todos de joelhos na frente de um crânio estranho e, a essa altura, os iazidis chegam e tentam te esfaquear antes de contar que são descendentes diretos de Adão e Eva.

Rob estava em silêncio. Então começou a rir. E riu alto — tão alto que o garoto matador de monstros no computador do outro lado da sala ergueu os olhos e deu um tapinha nos fones de ouvido para ver se estavam funcionando direito.

—Então, você acha que o artigo tá bom? Tentei ser justo com os iazidis... talvez justo demais, mas eu só...

Steve o interrompeu:

—Mais do que bom! Eu adorei. E o chefe também. Vamos dar amanhã na página central, com chamada na primeira.

—Amanhã?

—É. Vai direto pra impressão. Nós recebemos as fotos também. Você fez um excelente trabalho.

—Ótimo. Poxa, muito...

—Muito bom, eu sei. Agora, quando é que você volta?

—Não sei ao certo... Quer dizer, estou tentando pegar o primeiro vôo que conseguir, mas eles estão todos lotados. E não estou a fim de ficar vinte horas num ônibus até Ancara. No fim de semana, já devo estar em Londres.

—Isso aí, rapaz. Vem até o escritório que eu te pago um almoço. Pode até ser em um restaurante decente. Com pizzas. Rob riu. Despediu-se de seu chefe. Em seguida pagou ao dono do cibercafé e saiu, caminhando por Mardin.

Era uma bela cidade, Mardin. Pelo pouco que Rob vira, parecia pobre, mas envolvente, com muita História. Dizia-se que datava da época do Dilúvio: possuía ruas romanas, ruínas bizantinas e ourives sírios. Possuía estranhas vias que corriam sob as casas. Mas Rob já não se importava. Já chegava de fantasias históricas e orientais. Agora queria voltar para casa: para a descolada, moderna, chuvosa, bela, tecnologicamente

avançada e europeia Londres. Para abraçar a filha e beijar Christine.

De pé na entrada de uma padaria, ele ligou para Christine. Já havia ligado duas vezes naquele dia — mas ele gostava de falar com ela, só isso. Christine atendeu imediatamente. Ele contou que haviam gostado da matéria no jornal; ela disse que aquilo era ótimo e que queria que ele voltasse para a Inglaterra. Ele anunciou que chegaria assim que possível, em cinco dias no máximo. Então ela contou que continuava vendo bastante a filha dele e que estavam se tornando grandes amigas. Na realidade, Sally havia perguntado a Christine se ela gostaria de dar uma ajuda com Lizzie. Sally cursava Direito o dia inteiro em Cambridge, de modo que Christine concordara em cuidar da filha de Rob. Elas iam passar a tarde com De Savary, velho amigo e professor de Christine; isto é, se Rob não se importasse. Christine queria conversar com De Savary a respeito do elo com os assassinatos na Inglaterra, já que ele parecia estar muito bem informado sobre o que a polícia andava fazendo. E Lizzie estava louca para ver vacas e ovelhas.

A francesa disse que sentia saudades, muitas saudades, e Rob disse que estava ansioso por vê-la; em seguida os dois desligaram. Rob desceu a rua de volta para o hotel, pensando no almoço. Caminhando alegremente. Mas assim que pôs o telefone de volta no bolso, a ficha caiu com clareza e de repente o paralisou. De Savary. Cambridge. Os assassinatos. Metade da história continuava totalmente sem solução. A metade inglesa. A história não havia terminado. Apenas se deslocara.

De feliz e satisfeito, Rob passou a sentir-se novamente tenso e faminto. Pronto para agir. Pronto para o próximo capítulo. Mais que pronto: preocupado se algo não iria ocorrer enquanto ele estivesse longe. Precisava voltar o mais rápido possível para a Inglaterra. Talvez conseguisse pegar um novo voo via Istambul. Talvez conseguisse fretar um avião... Rob sentiu a ferroada de uma nova ansiedade.

## 36

Forrester e Boijer contemplavam o rio Estige.

—Eu me lembro disso do tempo do colégio — disse Boijer. — O rio Estige é o rio que cerca o inferno. A gente tem que cruzar ele pra chegar à terra das almas.

Forrester perscrutou a escuridão molhada e subterrânea. O rio Estige não era muito largo, mas era possante: corria ao longo de seu canal envelhecido, então virava em um ângulo da rocha e desaparecia adiante, no interior de grutas e cavernas. Era o local apropriado para renunciar à vida terrestre. A única nota dissonante era o velho pacote de Kettle Chips na margem oposta.

—Claro — interrompeu o guia. — O rio Estige é só um nome que deram a ele. Na verdade é um rio artificial, construído pelo segundo baronete, Francis Dashwood, quando estavam adaptando as grutas. Embora existam muitos rios e lençóis d'água verdadeiros nesses sistemas de grutas de greda e rocha. É um labirinto sem fim.

O guia, Kevin Bigglestone, alisou para trás seu cabelo castanho macio e sorriu para os policiais.

— Posso mostrar o resto?

— Vá em frente.

Bigglestone deu início ao passeio guiado pelas Cavernas Hellfire, a pouco menos de 10 quilômetros da propriedade dos Dashwood, em West Wycombe.

— OK — disse ele. — Aqui estamos.

Ele ergueu o guarda-chuva como se estivesse conduzindo um grupo em uma excursão. Boijer engoliu uma risada; Forrester lançou ao subordinado um olhar de advertência: eles precisavam do sujeito. Precisavam da cooperação de todos em West Wycombe, para que o plano funcionasse.

— Bem — disse Bigglestone, o rosto redondo quase invisível na escuridão das cavernas. — O que sabemos sobre o Hellfire Club do século XVIII? Por que eles se encontravam aqui, nessas cavernas frias e úmidas? Durante o século XVI, surgiram várias sociedades secretas na Europa, como a Ordem Rosacruz. Todas eram comprometidas com a liberdade de pensamento, o conhecimento oculto, a investigação dos mistérios da fé. No século XVIII, membros da elite dessas sociedades foram tomados pela ideia de que podiam ser encontradas provas na Terra Santa, textos e materiais que questionavam a base histórica e teológica do cristianismo. Talvez de todas as grandes crenças. — O guia tornou a erguer seu guarda-chuva. — E claro que isso nada mais era que um pensamento ilusório, numa época de anticlericalismo e secularismo revolucionário. Mas essas lendas e tradições foram o suficiente para seduzir alguns homens muito ricos... — Ele caminhou para a ponte que cruzava o Estige e virou. — Certos membros rebeldes da aristocracia inglesa ficaram

particularmente fascinados por esses rumores. Um deles, o segundo barão Le Despencer, Sir Francis Dashwood, de fato viajou pela Turquia no século XVIII em busca da verdade. Voltou tão inspirado pelo que descobriu que fundou primeiro o Divan Club e depois o Hellfire. E uma das *raisons d'être* do Hellfire Club era o desprezo e a refutação da fé estabelecida. Forrester o interrompeu.

— Como a gente sabe disso?

— Existem vários indícios nessa área que revelam o desdém de Dashwood pela fé ortodoxa. Por exemplo, ele adotou o lema "Fay ce que voudras" ou "Faz o que tu queres". Isso foi extraído de Rabelais, um grande satirista da Igreja. Mais tarde, no século XX, o satanista Aleister Crowley se apropriou do lema, e hoje em dia ele é comumente usado por satanistas no mundo todo. Dashwood mandou inscrever esse lema sobre a arcada na entrada da abadia Medmenham, uma abadia em ruínas perto daqui, que ele alugava para festas.

— Isso mesmo, senhor — disse Boijer, olhando para Forrester.

— Eu vi a abadia. Hoje de manhã.

Bigglestone convidou-os a prosseguir, continuando a brindá-los com o discurso da excursão guiada.

— Em 1752, Dashwood fez outra viagem ao leste, dessa vez à Itália. A viagem foi feita em segredo: ninguém sabe ao certo para onde ele foi. Uma das teorias é de que foi a Veneza comprar livros sobre magia. Outros especialistas crêem que tenha visitado Nápoles, para ver as escavações de um bordel romano.

— Por que ele faria isso?



—Dashwood era um homem altamente lascivo, detetive Forrester! Nos jardins de West Wycombe há uma estátua de Príapo, o deus grego que padece de ereção constante.

Boijer riu.

—Precisa reduzir o Viagra.

Bigglestone ignorou a interrupção.

—Sob a estátua de Príapo, Dashwood mandou seu escultor gravar Peni Tento Non Penitenti, que significa "Pênis tenso, não penitência", confirmando, veja bem, detetive Forrester, a rejeição categórica ao cristianismo. À moralidade religiosa. — A essa altura, eles deslocavam-se rapidamente ao longo da caverna principal. Bigglestone golpeou o ar frio e úmido com o guarda-chuva, como se estivesse se defendendo de um ladrão. — Olhem aqui. De acordo com Horace Walpoie, essas grutas menores eram guarnecidas de camas para que os companheiros se divertissem com mulheres jovens. Festas sexuais eram comuns nas grutas na época de Dashwood. Assim como festas regadas a álcool. Também ouvimos rumores de culto ao demônio, masturbação grupal e por aí vai.

Eles haviam saído em uma gruta maior, entalhada com figuras góticas e religiosas, a versão ligeiramente zombeteira de uma igreja. O guia apontou o guarda-chuva para o alto.

—Bem em cima de nós está a igreja de St. Lawrence, construída pelo mesmo Francis Dashwood. O teto da igreja é uma cópia exata do teto do Templo do Sol em ruínas, em Palmyra, na Síria. Francis Dashwood foi influenciado não só pelos mistérios antigos, como também pelos cultos ancestrais ao Sol. Mas no que ele realmente acreditava? É uma questão

controversa. Alguns afirmam que a visão política e espiritual dele pode ser resumida da seguinte maneira: a Grã-Bretanha deveria ser governada por uma elite; e essa elite nobre deveria praticar uma religião pagã. — Ele sorriu. — E com tudo isso, aliada a essas concepções, existia uma nítida tendência à libertinagem: orgias regadas a álcool, blasfêmias e por aí vai. O que leva à pergunta: qual a verdadeira razão de ser do clube?

—O que você acha? — perguntou Forrester.

—O senhor faz essa pergunta como se esperasse uma resposta sucinta! Temo que isso seja impossível, detetive. Tudo o que a gente sabe é que, no seu apogeu, o Hellfire Club tinha entre os seus membros algumas das figuras mais proeminentes da sociedade britânica. Em 1762, os monges de Medmenham, como eles se intitulavam, dominavam os altos escalões do governo inglês e, portanto, do nascente Império Britânico. — Biggles-tone começou a voltar para o estacionamento através das grutas mais altas e explicou enquanto prosseguia: — Em 1762, a existência do clube finalmente se tornou pública. Foi descoberto que o primeiro-ministro, os ministros da Fazenda e do Planejamento e vários lordes, nobres e secretários do governo eram todos sócios. Essa revelação significa que o Hellfire Club se tornou sinônimo de maldades aristocráticas e exclusividade corrupta. — Bigglestone riu. — Depois desse escândalo, muitos dos sócios mais famosos, como Walpole, Wilkes, Hogarth e Benjamin Franklin decidiram sair. A última reunião do grupo foi realizada em 1774.

Eles estavam no estreito corredor rochoso que conduzia do sistema de grutas à entrada e à bilheteria; as paredes estavam próximas e gotejavam.

—Dali em diante, as cavernas Hellfire ficaram esquecidas por séculos, mas continuaram a ser uma lembrança pungente, às vezes inquietante. Mas é pouco provável que revelem seu derradeiro segredo... porque os sócios do clube se esforçaram para enterrar seus mistérios junto com o próprio corpo. Dizem que o último diretor da Ordem, Paul Whitehead, passou os três últimos dias antes de morrer queimando todos os documentos relevantes. Portanto, o que realmente acontecia dentro das cavernas é uma pergunta cuja resposta só pode ser encontrada... no fogo do inferno!

Ele parou. Boijer bateu palmas educadamente. O guia fez uma pequena reverência, então olhou para o relógio.

—Meu Deus, já são quase seis. Preciso ir! Realmente espero que o plano de amanhã dê certo, inspetores. O décimo segundo baronete está muito disposto a ajudar a polícia a capturar aqueles assassinos terríveis.

Ele saiu apressado e desapareceu em uma trilha que descia a encosta. Boijer e Forrester caminharam lentamente até a viatura da polícia, estacionada à sombra de um carvalho.

Enquanto caminhavam, repassaram o plano. Por telefone e e-mail, Hugo De Savary convencera Forrester de que a quadrilha visitaria, obrigatoriamente, as Cavernas Hellfire, pois se o bando estava à procura do Livro Negro, o tesouro que Whaley havia trazido da Terra Santa — aquele era justamente o lugar onde eles tinham de procurar: o epicentro do fenômeno Hellfire.

Mas quando a quadrilha visitaria as cavernas? Forrester concluía que eles atacavam um alvo apenas quando era mais provável que estivesse deserto. A Craven Street no meio de uma noite de fim de semana; a Canford School de manhã bem cedo durante as férias.

Portanto a polícia preparara uma armadilha. Forrester fizera uma visita ao atual proprietário de West Wycombe, o décimo segundo baronete Edward Francis Dashwood, descendente direto de lorde Hellfire, e recebera permissão para fechar as cavernas por um dia. O fechamento inesperado seria falsamente divulgado como uma "comemoração do aniversário de casamento do baronete e a concessão de um dia de descanso à fiel equipe de West Wycombe". Com esse fim, avisos foram veiculados em todos os jornais locais. A notícia foi publicada em sites importantes. A Scotland Yard persuadira até a BBC a exibir uma pequena matéria enfocando a história escandalosa do lugar, mas mencionando o fechamento temporário. Consequentemente, no que dizia respeito ao público em geral, as grutas estavam completamente vazias. A armadilha estava armada.

Mas será que a quadrilha apareceria? Era um tiro no escuro, Forrester sabia, mas aquele plano era tudo o que tinham. Forrester sentiu um claro pessimismo enquanto Boijer dirigia pela estradinha rumo ao hotel.

A única outra pista de que dispunham era uma tomada de Clon-curry, proveniente do circuito fechado de TV da Canford School. A quadrilha havia desativado o restante das câmeras da escola ao cortar os cabos. Mas havia ignorado uma das câmeras, que produzia uma imagem embaçada de

Cloncurry caminhando pela escola. Cloncurry encarara friamente a câmera ao passar. Como se soubesse que estava sendo filmado. E não se importasse.

Forrester contemplara a imagem granulada de Cloncurry por horas, tentando penetrar na mente do jovem. Era difícil: aquele era um homem capaz de arrancar a pele de uma vítima amarrada, viva. Um homem capaz de decepar uma língua alegremente e enterrar no chão o rosto de uma pessoa que berrava. Um homem capaz de fazer qualquer coisa.

Ele era incrivelmente bonito, com rosto anguloso e olhos quase orientais. Um perfil arrojado. E, de alguma forma, isso tornava sua profunda maldade ainda mais sinistra.

Boijer estava estacionando o carro. Eles estavam hospedados no High Wycombe Holiday Inn, pouco depois da M40. Foi uma noite de sono inquieto. Forrester fumou um pequeno baseado depois do jantar, mas isso não o ajudou a dormir. Passou a noite inteira suando e sonhando com cavernas, mulheres nuas e festas violentas; sonhou com uma garotinha perdida entre adultos que gargalhavam, uma garotinha chorando, querendo seu pai, perdida nas cavernas.

Forrester acordou cedo, com a boca seca. Inclinando-se por sobre a cama, pegou o telefone e ligou para Boijer, arrancando seu subordinado do sono. Eles foram direto para a cabine móvel que haviam montado.

A pequena cabine estava escondida perto da encosta, no lado mais distante da entrada da gruta principal. O complexo de grutas estava vazio. A bilheteria estava trancada. A propriedade de Dashwood achava-se quase que

completamente deserta: fora solicitado ao pessoal que não se aproximasse.

Três policiais acompanhavam Boijer e Forrester na cabine. Eles se revezavam para vigiar as imagens das câmeras de circuito fechado. O dia estava quente: claro e perfeito. Enquanto as horas se arrastavam, Forrester olhou pela pequena janela e pensou no artigo de jornal que havia lido, uma matéria no Times sobre os iazidis e o Livro Negro. Ao que parecia, um jornalista na Turquia estava puxando outro fio da mesma história bizarra.

Forrester lera de novo o artigo na noite anterior, então telefonara a De Savary para pedir sua opinião. De Savary disse que lera também e concordou que se tratava de uma repercussão peculiar e bastante intrigante: e então contou a Forrester que havia mais um elo. A namorada francesa do repórter, citada no artigo, era sua ex-aluna e amiga. E estava indo visitá-lo no dia seguinte.

O inspetor Forrester pedira a De Savary que interrogasse a moça. Para descobrir qual a possível conexão entre a Turquia e a Inglaterra;

entre o súbito temor dos iazidis e a súbita violência de Cloncurry. De Savary concordara em fazer perguntas. E, naquele instante, Forrester sentira certa esperança. Talvez eles conseguissem resolver o caso. Mas àquela altura, 15 horas mais tarde, seu otimismo se fora. Nada estava acontecendo.

Forrester suspirou. Boijer estava contando uma história obscena sobre um colega em uma piscina. Todos riam. Alguém distribuiu mais café. O dia continuou a se arrastar e a cabine tornou-se mais asfixiante. Onde estavam aqueles

caras? O que estavam fazendo? Estaria Cloncurry só provocando?

A noite caiu, suave e aprazível. Uma noite límpida e tranquila de maio. Mas o humor de Forrester estava sombrio. Ele saiu para uma caminhada. Eram dez da noite. A quadrilha não apareceria: o plano não dera certo. O detetive arrastou os pés na escuridão, contemplando a lua com ar exasperado. Chutou uma garrafa de refresco de maçã. Pensou na filha. Ma-çã. Ma-çã. Ma-çã, pa-pai. Seu coração encheu-se da inconsistência da dor. Ele lutou contra a sensação de falta de sentido: o sentimento de raiva fria que não levava a lugar nenhum; o abandono de tudo.

Talvez o velho Sir Francis Dashwood estivesse certo. Onde estava Deus? Por que Ele permitia coisas tão terríveis? Por que permitia a morte? Por que permitia a morte de crianças? Por que admitia a existência de pessoas como Cloncurry? Deus não existia. Nada existia. Apenas uma criancinha perdida nas cavernas, e depois o silêncio.

—Senhor!

Era Boijer, saindo às pressas da cabine, seguido dos três policiais armados.

—Senhor. Um BMW, no estacionamento... acabou de entrar! A energia de Forrester retornou de imediato. Ele disparou atrás de Boijer e dos policiais armados. Eles contornaram a encosta, correndo em direção ao estacionamento. Alguém havia acendido as luzes: as luzes antifurto que haviam sido instaladas nas cercas ao redor do estacionamento. A entrada das grutas achava-se inundada de luz ofuscante.

No meio do estacionamento vazio, havia um grande BMW, novo, lustroso e preto. Os vidros das janelas do carro eram fume, mas Forrester distinguiu grandes vultos no interior.

Os policiais apontaram as armas para o automóvel. Forrester tomou o megafone de Boijer, e sua voz ampliada ressoou no vazio iluminado:

—Parem. Vocês estão cercados por policiais armados. — Ele contou as formas escuras dentro do carro... Cinco ou seis?

O carro permaneceu imóvel.

—Saiam do carro. Bem devagar. Agora.

As portas do carro permaneceram fechadas.

—Vocês estão cercados por policiais armados. Saiam do carro. Agora.

Os policiais se agacharam mais, apontando as armas. A porta no lado do motorista estava se abrindo, bem devagar. Forrester se inclinou para a frente, para obter um primeiro vislumbre da quadrilha.

Uma lata de sidra rolou ruidosamente sobre o concreto. O motorista saltou do carro. Tinha aproximadamente 17 anos, achava-se visivelmente bêbado e apavorado. Mais dois vultos saltaram e ergueram as mãos trêmulas. Também aparentavam 17, 18 anos. Tinham serpentina cor-de-rosa sobre os ombros. Um deles trazia uma marca de batom vermelho na bochecha. O mais alto deles estava molhando as calças, uma grande mancha de urina espalhando-se na dianteira de seus jeans.

Garotos. Eram só garotos. Estudantes aprontando. Provavelmente tentando assustar uns aos outros no interior das funestas cavernas.



—Putá que o pariu! — Forrester gritou na direção de Boijer. — Putá que o pariu! — Cuspiu no chão e se lamentou. Então disse a Boijer que prendesse os garotos. Por alguma coisa. Por qualquer coisa. Por dirigirem embriagados. —Jesus!

O inspetor se arrastou de volta à cabine, sentindo-se um idiota. Aquele maldito Cloncurry o estava fazendo de bobo. O jovem e elegante psicopata escapara-lhes de novo: era esperto demais para cair em um truque estúpido daqueles. O que aconteceria a seguir? Quem ele mataria? E como?

Uma idéia angustiante e terrível ocorreu ao inspetor. Óbvio. Forrester correu para a viatura da polícia, agarrou seu casaco e encontrou o celular. Com mãos trêmulas, digitou o número. Levou o aparelho ao ouvido, ansioso para que a ligação se completasse. Vamos, vamos, vamos. Forrester rezava fervorosamente para que não fosse tarde demais.

Mas ninguém atendeu o telefone.

## 37

Quando Hugo De Savary acordou, seu namorado já estava quase saindo de casa. Resmungando sobre uma aula de antropologia na St. Johns.

Quando De Savary desceu, viu que seu jovem e belo amante havia deixado a costureira bagunça na cozinha: migalhas de pão por toda parte, um exemplar do Guardian destruído, geleia espalhada em um prato sujo e pó de café, escuro e encharcado, na pia. Mas De Savary não se importou. Estava feliz. Naquela manhã, fora acordado pelo namorado com um beijo apaixonado. Eles estavam realmente se dando bem. E,

melhor ainda, De Savary tinha pela frente um dia de pura pesquisa, do tipo que ele preferia. Nada de estressante a redigir; nenhuma reunião chata em Cambridge, muito menos em Londres; nenhum telefonema importante a dar. Tudo o que precisava fazer era sentar-se no jardim de sua casa de campo, examinar alguns documentos e ler uma ou duas teses não publicadas. Um agradável dia de lazer, lendo e refletindo. Mais tarde, poderia ir até Grantchester, realizar algumas tarefas e comprar livros. Por volta das três da tarde, tinha seu único compromisso social, com sua ex-aluna, Christine Meyer. Ela iria até lá para passar a tarde, e levaria a filha de seu namorado, o jornalista que escrevera aquele artigo tão interessante no Times a respeito dos iazidis, do Livro Negro e do estranho local chamado Gobekli Tepe. Quando o contatara, Christine dissera que desejava conversar sobre o vínculo entre a história do namorado e os assassinatos na Inglaterra.

De Savary estava ansioso para conversar sobre o assunto. Mas também estava ansioso para rever Christine. Ela fora uma de suas mais brilhantes alunas — sua aluna favorita — e estava fazendo um bom trabalho em Gobekli Tepe, ao que parecia. Um trabalho bom, mas de arrepiar os cabelos, a julgar pelos elementos mais excitantes do artigo no Times.

De Savary gastou rápidos dez minutos para limpar a sujeira do café. Em seguida enviou uma mensagem de texto ao amante: E totalmente impossível cortar o pão sem destruir a cozinha?  
Hugo xx

Enquanto fazia a borra de café descer pelo ralo da pia, recebeu de volta uma mensagem. Não ataque minha aldeia ok tenho provas finais

De Savary riu alto. Perguntou-se se não estaria se apaixonando por Andrew Halloran. Sabia que seria uma insensatez: o rapaz tinha só 21 anos. De Savary tinha 45. Mas Andrew era tão lindo, tão sedutor do seu jeito desleixado. Ele vestia a primeira roupa que visse pela frente e assim mesmo parecia perfeito todas as manhãs. Especialmente com a barba rala para contrastar com os olhos azul-escuros. E o fato de Andrew provavelmente sair com outros homens também agradava a De Savary. Dava tempero, como um pouco de mostarda no sanduíche. O doce tormento do ciúme...

Juntando seus documentos e livros, De Savary saiu para o jardim. O dia estava lindo, quase a ponto de distrair a atenção: o canto dos pássaros era melodioso demais. O perfume das flores de final de maio, inebriante demais. De Savary ouviu crianças rindo em um jardim no outro lado dos prados de Cambridgeshire, embora seu chalé fosse bastante isolado.

Tentou concentrar-se em seu trabalho. Estava pesquisando um artigo particularmente longo e erudito no suplemento literário do Times sobre a violência como parte da cultura inglesa. Mas ao sentar-se sob o sol da manhã, sua mente pôs-se a retornar aos temas que dominavam seus pensamentos nos últimos tempos. A quadrilha cometendo assassinatos por toda a Grã-Bretanha. E as ligações com a curiosa história que surgira na Turquia.

Erguendo do gramado o telefone, quente de tanto ficar no sol, De Savary considerou ligar para o inspetor Forrester para

saber se a polícia estava tendo sorte nas cavernas em West Wycombe. Mas pensou melhor e largou o telefone. Tinha certeza de que a quadrilha iria, em algum momento, vasculhar as cavernas. Caso estivessem tão desesperados na busca pelo Livro Negro, as Cavernas Hellfire eram o lugar óbvio. Se a armadilha da polícia iria funcionar, era uma outra questão. Era uma aposta. Mas as apostas às vezes compensavam.

O sol estava bastante quente a essa altura. De Savary pousou seus papéis na grama, estendeu o corpo na espreguiçadeira e fechou os olhos. As crianças ainda riam em algum lugar. Ele pensou nos iazidis. Estava mais do que claro que o jornalista, Rob Luttrell, descobrira alguma coisa. Em outros tempos, o Livro Negro dos iazidis devia ter revelado alguma informação crucial a respeito daquele extraordinário templo, Gobekli Tepe, aparentemente tão importante para a crença e a linhagem daquele povo. Ao pensar no artigo do Times, De Savary sentiu uma ponta de inquietação. A quadrilha certamente o vira — vira e registrara. Eles não eram burros. O artigo insinuava que Rob Luttrell reunira informações vitais sobre o Livro Negro. Mencionava ainda o nome de Christine. A quadrilha podia, portanto, sair à procura do casal em algum momento. De Savary não poderia esquecer de dizer a Christine, quando chegasse, que era concebível que ela estivesse em perigo. Os dois, Rob e Christine, precisavam tomar cuidado. Até que a quadrilha fosse capturada.

De Savary apoiou-se na espreguiçadeira e pegou a tese xerocada: O medo das multidões: distúrbios e arruaças na Londres dos tempos da Regência. Os pássaros gorjeavam na

macieira atrás dele. Ele leu e tomou notas; então leu um pouco mais e fez mais algumas anotações.

Três horas mais tarde, havia terminado. Calçou os sapatos, entrou em seu carro esporte e rumou para Grantchester. Foi à livraria e permitiu-se uma hora de agradável passeio a esmo por entre as prateleiras; depois disso, caminhou até a loja de informática e comprou cartuchos de tinta para sua impressora. Então se lembrou da visita de Christine, parou em um supermercado e comprou limonada fresca e três pequenas cestas de morango. Eles podiam sentar no jardim e comer morangos ao sol.

No caminho de volta para o seu chalé, De Savary cantarolava a melodia do Concerto em Ré Menor para Dois Violinos, de Bach. Uma bela composição. Decidiu que baixaria uma nova versão quando tivesse tempo.

Por mais uma hora, ele pesquisou no Google em seu escritório; então a aldraba soou e lá estava Christine. Sorridente e bronzeada, na companhia de uma menininha loura de ar angelical. De Savary sorriu de prazer: sempre achara que, se não fosse gay, Christine seria o tipo de mulher por quem se apaixonaria: adorável, sexy, mas discreta e, de certa forma, inocente também. E, claro, profundamente talentosa e inteligente. E o bronzeado lhe caía bem. Assim como a garotinha ao seu lado.

Christine pousou a mão no ombro da menina.

—Essa é a Lizzie, filha do Robert. A mãe dela está na cidade fazendo um curso... e eu é que sou a mãe adotiva dela hoje!

A menina fez uma meiga tentativa de reverência, como se estivesse conhecendo a rainha, e então soltou um risinho nervoso e apertou solenemente a mão de De Savary.

Enquanto o seguia rumo ao jardim, Christine ia contando fofocas, histórias e teorias. Parecia que estavam de volta à sala dele na Kings. Rindo e conversando calorosamente: sobre arqueologia e amor, sobre Sutton Hoo e James Joyce, sobre o príncipe de Palenque e o significado do sexo.

No jardim, De Savary serviu a limonada e ofereceu os morangos. Christine estava descrevendo Rob com entusiasmo. De Savary via a paixão nos olhos dela. Eles falaram um pouco sobre Rob e Lizzie disse que estava ansiosa para ver o papai porque ele ia trazer um leão para ela. E uma lhama. Em seguida, perguntou se podia jogar no computador e De Savary não fez objeções, desde que ela ficasse por perto. A menina saltitou para dentro do chalé e sentou ao lado da porta de vidro aberta, absorta em seu jogo de computador.

De Savary ficou feliz por ele e Christine poderem falar mais livremente. Pois desejava conversar sobre outra coisa.

—Christine — pediu —, me conte a respeito de Gobekli. Parece *incroyable*.

Durante uma hora, Christine desfiou toda a incrível história. Quando terminou, o sol estava na linha do topo das árvores vizinhas aos prados. O professor balançou a cabeça. Eles discutiram o estranho sepultamento do sítio. Passaram, então, para o Hellfire Club e o Livro Negro, confabulando como de hábito. Duas mentes engajadas e enérgicas, com interesses culturais parecidos: literatura, história, arqueologia, pintura. De Savary estava de fato apreciando a conversa. Christine

disse-lhe, como um adendo, que estava tentando apresentar a Rob o intimidante prazer de ler James Joyce, o grande modernista irlandês, e os olhos de De Savary brilharam. Aquilo lhe deu a deixa para uma de suas mais recentes teorias. Ele decidiu contar a ela.

—Sabe, Christine, eu estava dando uma olhada em James Joyce de novo outro dia e uma coisa chamou minha atenção...

—O quê?

—Há uma passagem em Um retrato do artista quando jovem. Eu fiquei só me perguntando se...

—O que foi isso?

—Como?

—O que foi isso?!

Então ele ouviu. Uma violenta pancada atrás deles. Vinda do chalé. Um ruído estranho, alto e sinistro.

De Savary pensou imediatamente em Lizzie. Levantou e se virou, mas Christine já passava correndo por ele. Ele derrubou o copo de limonada no gramado e correu atrás dela, e quando o fez, ouviu coisa pior: um grito abafado.

De Savary encontrou Christine dentro da casa e nas mãos de vários jovens vestindo jeans preto e máscaras de esqui. Só um homem não usava máscara. Tinha cabelo preto e era bonito. De Savary o reconheceu de imediato. Vira a imagem do circuito fechado de TV em um e-mail de Forrester.

Era Jamie Cloncurry.

De Savary sentiu vontade de gritar, pelo absurdo de tudo aquilo. A quadrilha tinha facas e armas. Uma das armas estava apontada para ele. Aquilo era tão ridículo. Eles estavam em Cambridgeshire. Em uma agradável tarde de maio. Ele

acabara de ir ao supermercado comprar morangos. Voltara para casa assoviando Bach. E agora havia psicopatas armados em seu chalé!

Christine tentava gritar e se libertar, mas um dos homens golpeou-a com força no estômago e ela parou de se contorcer. Ela gemeu. Seus olhos estavam arregalados e inquietos. Ela encarou De Savary e ele notou seu absoluto pavor.

O sujeito mais alto, Jamie Cloncurry, apontou languidamente com a pistola para De Savary.

—Amarrem ele na cadeira.

A voz era muito educada, de dar calafrios. De Savary ouviu um choro contido vindo da cozinha. Lizzie estava lá, e estava chorando. E então o choro da menina cessou.

Dois integrantes da quadrilha amarraram De Savary à cadeira. Cobriram-lhe a boca com uma mordaça suada e a ataram com tanta força que os seus lábios sangraram ao serem pressionados contra os dentes incisivos. Mas não era isso que mais afligia De Savary, e sim a forma como o estavam amarrando à cadeira de jantar. Eles o puseram sentado ao contrário, uma perna de cada lado da cadeira, com o peito pressionado contra as costas do assento. Grandes faixas envolviam-lhe o corpo. Seus tornozelos estavam firmemente amarrados sob a cadeira. Os pulsos estavam cruelmente torcidos e unidos também sob a cadeira; seu queixo apoiava-se dolorosamente nas costas do assento. Tudo doía. Ele não podia se mover. Não conseguia ver nem Christine nem Lizzie: seus ouvidos detectavam um choro engolido, em outro cômodo. Mas então seus pensamentos foram soterrados pelo



terror quando ouviu as palavras seguintes de Jamie Cloncurry, vindas de algum lugar atrás dele.

—O senhor já ouviu falar na águia de sangue, professor De Savary?

De Savary engoliu em seco — e então não pôde evitar: começou a chorar. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Ele havia percebido que eles o matariam. Mas aquilo? A águia de sangue?

Jamie Cloncurry contornou a cadeira e o olhou de perto, seu pálido e belo rosto ligeiramente corado.

—É claro que o senhor já ouviu falar na águia de sangue, não é? Afinal de contas, o senhor escreveu aquele livro. Aquele tratado de história popular tão sensacionalista. A fúria dos escandinavos. — Cloncurry o olhava com desprezo. — Só sobre rituais e crenças vikings. Bem horripilante, se me permite. Mas eu imagino que seja assim que se incrementem as vendas... — O jovem segurava um livro nas mãos e citou de uma das páginas: — "E agora nos aproximamos de um dos conceitos mais repugnantes nos anais da crueldade viking: a assim chamada águia de sangue. Alguns estudiosos questionam a existência desse dantesco rito sacrificial, mas inúmeras referências nas sagas e poesias nórdicas deixam pouca margem de dúvida à mente aberta: o rito da águia de sangue existiu. Era um autêntico cerimonial sacrificial do Norte." — Cloncurry sorriu na direção de De Savary e continuou: — "O famoso rito da águia de sangue foi realizado, segundo relatos escandinavos, em vários personagens ilustres, inclusive o rei Ella, da Nortúmbria; Halfdan, filho do rei Harfagri, da Noruega; e o rei Edmundo, da Inglaterra."

De Savary sentiu os intestinos começarem a se liquefazer. Perguntou-se se iria se sujar todo.

Cloncurry virou a página e continuou a ler.

—"Os relatos a respeito da águia de sangue diferem quanto aos detalhes, mas os elementos essenciais permanecem os mesmos. Primeiramente, o dorso das vítimas é cortado e aberto próximo à coluna vertebral. Por vezes a pele é anteriormente arrancada. Em seguida as costelas expostas são quebradas na espinha dorsal, talvez com um martelo ou um bastão; elas podem ser cortadas. As costelas quebradas são então deslocadas para fora, como as de uma galinha cortada ao comprido, expondo os pulmões acinzentados. A vítima permanece completamente consciente enquanto seus pulmões pulsantes são arrancados da cavidade torácica e lançados por sobre os ombros, fazendo com que a vítima pareça uma águia com as asas estendidas. Às vezes pulveriza-se sal nas imensas feridas. Mais cedo ou mais tarde vem a morte, que pode ocorrer por asfixia ou perda de sangue ou por um simples ataque cardíaco decorrente do puro terror induzido pela crueldade do ato. O poeta irlandês Seamus Heaney cita a águia de sangue no poema 'Dublin Viking': 'Com a serenidade de um açougueiro, eles separam seus pulmões e o brindam com cálidas asas para os ombros.'"

Cloncurry fechou ruidosamente o livro e pousou-o sobre a mesa de jantar. De Savary tremia de medo. O jovem abriu um amplo sorriso.

—"A morte vem, antes cedo do que tarde." Vamos descobrir se isso é verdade, professor De Savary?

O professor fechou os olhos. Ouvia os homens atrás de si. Seus intestinos estavam vazios: ele havia se sujado de pavor. O odor repulsivo das fezes ofendeu suas próprias narinas. Os homens sussurraram um pouco às suas costas. Então De Savary sentiu a primeira dor paralisante à medida que a faca mergulhava e rasgava-lhe a carne, descendo ao longo do dorso. O choque quase o fez vomitar. Ele balançou para a frente e para trás na cadeira. Um homem riu ao fundo.

Jamie Cloncurry declarou:

— Vou ter que cortar as suas costelas com um humilde alicate. Não temos um bastão, infelizmente...

Outra risada. De Savary ouviu o som de alguma coisa se quebrando e sentiu uma profunda dor perto do coração, como se tivesse sido baleado; deu-se conta de que suas costelas estavam sendo cortadas uma a uma. Sentiu-as serem arqueadas e depois quebradas. Crack. Era como se alguma coisa bem dura estivesse se partindo. Ele ouviu outro crack; e outro. De Savary vomitou na mordaca. Tinha a esperança de sufocar com o próprio vômito e morrer logo.

Mas ainda não estava morto: conseguia sentir as mãos de Cloncurry explorarem sua cavidade torácica. Teve a sensação surreal de alguém puxando seus pulmões para fora e então o terrível arrebatamento de dor quando os pulmões foram expostos ao ar. Seus próprios pulmões, escorregadios e quentes, resvalaram por sobre seus ombros. Seus próprios pulmões... Um estranho odor encheu o ar. Meio que de peixe, meio metálico: o cheiro de seus próprios pulmões. De Savary quase desmaiou.

Mas não desmaiou. A quadrilha fizera um bom trabalho, mantendo-o vivo e bastante consciente. De forma que sofresse.

De Savary viu pelo espelho quando a menina e Christine, juntas, foram arrastadas para fora da sala. Elas estavam sendo raptadas. A quadrilha estava se preparando para partir: iam deixar De Savary ali, para morrer sozinho. Com as costelas quebradas e afastadas, e os pulmões pendendo sobre os ombros.

A porta se fechou com uma batida: a quadrilha se fora.

Amarrado à cadeira, De Savary aquietou as arfadas de dor e a angústia da frustração. Quase contara a Christine — mas não tivera tempo. E agora estava morrendo. Não havia ninguém para salvá-lo.

Então ele reparou. Havia uma caneta muito próxima sobre a mesa, ao lado de seu livro sobre os vikings. A essa altura, sentia a mordaca estropiada e mole em sua boca: frouxa em decorrência da força e da acidez de seu vômito. Talvez, a duras penas, conseguisse morder e agarrar a caneta com os dentes. E então poderia escrever alguma coisa; fazer uso de seus derradeiros instantes.

Lágrimas de dor embaçaram-lhe os olhos à medida que ele se esticava e debatia; o título de seu próprio livro devolveu-lhe o olhar.

A fúria dos escandinavos, por Hugo De Savary.

Rob estava sentado no escritório do inspetor Forrester na Scotland Yard. A janela estava aberta e um vento gelado assoviava pela sala. O dia estava frio, úmido e nublado, atípico para aquela época do ano. Rob pensou na filha e lutou contra a raiva e o desespero.

Mas a raiva e o desespero eram poderosos demais. Ele tinha a sensação de estar caminhando com água até as coxas no meio da correnteza de uma enchente: a qualquer momento ia perder a sanidade, o equilíbrio e ser arrastado pelas emoções. Como aquelas pessoas pegas pelo tsunami asiático. Rob precisou se concentrar para manter-se de pé.

Contara aos agentes da polícia tudo o que sabia sobre os iazidis e o Livro Negro. O subordinado de Forrester, Boijer, tomara notas enquanto Forrester encarava Rob com expressão franca e séria. Quando Rob terminou, o inspetor suspirou e girou na cadeira.

—Bom, é bastante óbvio como e por que eles sequestraram as duas.

Boijer fez que sim com a cabeça. Rob perguntou, desolado: —É?

Rob só ficara ciente do sequestro da filha havia poucas horas, desde que aterrissara em Heathrow, vindo de Istambul. Correria direto para a casa da ex-mulher, e dali fora em seguida falar com os policiais. Portanto, ainda não tivera tempo para concluir como havia acontecido.

O policial disse:

—Obviamente Cloncurry leu seu artigo no Times há poucos

dias.

—Acho que... —As palavras soaram áridas e sem sentido na boca de Rob. Tudo parecia árido e sem sentido. Rob lembrou-se de uma coisa que Christine havia lhe contado — o nome assírio do inferno: o Deserto da Angústia.

Era onde ele se encontrava. No Deserto da Angústia.

O policial continuava a falar.

— Eles obviamente acham, sr. Luttrell, que você tem algum conhecimento do Livro Negro. Devem ter investigado o seu nome. Pesquisado no Google. E descobriram o endereço da sua ex-mulher. Era a sua antiga casa, certo? Onde você está registrado para votar?

— Certo. Eu nunca mudei o endereço.

— E isso aí. Foi fácil para eles. Eles deviam estar vigiando a casa há alguns dias. Esperando e observando.

Rob murmurou:

—E então Christine apareceu...

Boijer interveio:

—Ela facilitou as coisas para eles. As três foram para Cambridge, seguidas pela quadrilha, sem dúvida. E então sua namorada levou sua filha para um chalé isolado para passar a tarde. O pior lugar possível.

—Talvez eles já tivessem ouvido falar de De Savary — acrescentou Forrester. — Ele era um escritor de sucesso, autor de livros sobre sacrifícios e o Hellfire Club. Com certeza Cloncurry deve ter lido alguma coisa dele. Ou viu na TV.

—Então... — Rob continuava a boiar em águas cinzentas. Forçou sua mente a se concentrar. — Então eles esperaram na

frente do chalé. Sabendo que podiam pegar Christine e a minha filha de uma só vez.

—É — disse Boijer. — Devem ter esperado horas. E aí invadiram a casa.

Rob fuzilou Forrester com o olhar.

—Ela vai morrer, não vai? Minha filha? Não vai? Eles mataram todos os outros.

Forrester sobressaltou-se. E balançou a cabeça.

—Não... De forma alguma... Não estamos cientes de nada assim...

—Ah, qual é!

—Por favor.

—Não! — Rob estava quase gritando. Ergueu-se e encarou o policial. — Como você me diz uma coisa dessas? "Não estamos cientes de porra nenhuma assim?" Você não sabe o que é isso, detetive. Não pode saber a merda que é. Minha filha foi sequestrada por um bando de assassinos filhos da puta. Eu vou perder minha única filha.

Boijer fez sinal para que Rob se acalmasse e sentasse.

Rob respirou fundo, deliberada e lentamente. Sabia que estava fazendo uma cena, mas não se importava. Precisava descarregar as emoções. Era incapaz de reprimi-las. Por alguns instantes, Rob ficou ali parado, os olhos nublados de raiva. Por fim, tornou a sentar-se.

O inspetor Forrester continuou, com toda a calma:

—Sei que é bem difícil pra você pensar nisso agora, mas o fato é que, até onde sabemos, a quadrilha não fez mal nem à sua filha, nem a Christine Meyer.

Fechando a cara, Rob assentiu com a cabeça e nada disse. Não confiava em si mesmo para falar.

O policial continuou sua linha de raciocínio.

—Não encontramos nenhum sangue, além do de De Savary, na cena do crime. Como você mesmo disse, todas as outras vezes que a quadrilha atacou, matou sem remorso. Mas não dessa vez. Eles sequestraram. Por quê? Porque é a você que queriam atingir.

As águas que redemoinhavam em torno de Rob pareceram diluir-se. Rob olhou para Forrester com atenção, até mesmo esperança. Havia certa lógica naquilo, certa lucidez. Rob queria acreditar: queria realmente confiar no sujeito.

—Você pôs seu e-mail no final do artigo? — perguntou Forrester.

—Pus — respondeu Rob. — É uma prática comum. Um e-mail do Times.

Boijer tomava notas em seu bloco. Forrester concluiu:

—Estou prevendo que Jamie Cloncurry vai entrar em contato com você. Em breve. Ele quer o Livro Negro. Desesperadamente.

—E se ele entrar em contato? Que diabos eu faço?

—Você me liga imediatamente. Esse é o meu celular. — Ele entregou a Rob um cartão. — Vamos dar corda pra eles. Convença a quadrilha de que você tem o livro. O material dos iazidis.

Rob estava confuso.

—Embora eu não tenha nada?



—Eles não sabem disso. Se insinuarmos que você tem o que eles querem, a gente ganha tempo. Um tempo precioso... pra gente pegar Cloncurry.

Rob olhou por sobre o ombro de Forrester para a divisória de vidro atrás dele. Pensou em todas as centenas de policiais trabalhando sem parar naquele exato momento no prédio. Dezenas deles naquele caso. Seriam capazes de achar uma quadrilha de assassinos? A trilha de sangue e crueldade estava nas páginas de todos os jornais a essa altura. Rob queria ir para o meio do escritório e gritar: Peguem eles! Façam o trabalho de vocês. Peguem esses filhos da puta! Será que é tão difícil assim?

—Onde vocês acham que eles estão? — perguntou em vez disso.

—Temos algumas pistas — disse Boijer. — O italiano, Luca Mar-sinelli, tem breve de piloto. Talvez eles estejam usando aviões pra entrar e sair do país, jatos particulares.

—Mas eles são só garotos...

Forrester balançou a cabeça.

—Não são só garotos. Pelo menos, não garotos comuns. Eles são garotos ricos. Marsinelli é órfão, mas herdou uma fortuna têxtil milanese. É muito rico. Nós achamos que outro membro da quadrilha é filho do diretor de um fundo de investimentos em Connecticut. Esses garotos têm fundos de poupança, fortunas particulares, contas bancárias em Jersey. Podem comprar carros novos, assim, à toa. — Forrester estalou os dedos. — Existem muitos aeroportos particulares em East Anglia, velhas pistas de decolagem americanas da época da guerra. Talvez tenham levado a sua filha pra fora do país:

achamos que a Itália é o lugar óbvio, tendo em vista os contatos do Marsinelli. Ele tem uma propriedade perto dos lagos italianos. E há a família do Cloncurry na Picardia. Também está sendo vigiada. As polícias francesa e italiana estão a par de tudo.

Rob literalmente bocejou. Foi um bocejo estranho, de frustração e amargura, não de cansaço. Um bocejo derivado do excesso de adrenalina. Ele estava com sede, cansado, tenso e furioso. As duas mulheres que mais amava: Lizzie e Christine. Sequestradas; chorando; sofrendo: perdidas no Deserto da Angústia. Não suportava pensar naquilo.

Rob se levantou.

—OK, detetive, vou continuar checando meus e-mails.

— Ótimo. E pode me ligar a qualquer hora, sr. Luttrell. Cinco da manhã, sem problemas. — Os olhos do policial pareceram ficar úmidos por um instante. — Rob, eu compreendo um pouco o que você está enfrentando. Acredite. — Ele tossiu, então continuou: — Cloncurry é um jovem arrogante, além de psicótico. Acha que é mais esperto que todo mundo. Gente assim não resiste a provocar a polícia com sua esperteza. E é assim que eles são pegos.

Forrester apertou a mão de Rob. Rob sentiu firmeza no aperto de mão do policial e percebeu que o gesto não se limitava ao conforto profissional: havia empatia em sua atitude. E havia outra coisa no olhar do policial: uma nítida compaixão, até mesmo dor.

Rob agradeceu, virou-se, deixou o prédio e caminhou feito zumbi até o ponto de ônibus, daí pegou o ônibus rumo a seu minúsculo apartamento em Islington. A viagem foi um

suplício. Para onde quer que olhasse, via crianças, garotinhas: brincando com os amigos, pulando pelas calçadas, fazendo compras com as mães. Queria continuar olhando só por precaução, para o caso de uma delas ser Lizzie, embora soubesse que aquilo era absurdo. Mas também queria desviar o rosto, não enxergar as meninas. Porque elas o faziam lembrar-se de Lizzie. O cheiro do cabelo dela, quando bebê, depois do banho. Os olhos de um azul confiante. Rob tornou a sentir a onda da agonia, imensa e esmagadora.

Quando chegou ao apartamento, ignorou as malas por desfazer e o leite estragado na bancada da cozinha: foi direto ao laptop, ligou-o e checkou seus e-mails.

Nada. Checkou de novo, atualizando a página; ainda nada.

Rob tomou banho, começou a vestir-se e parou. Desfez uma das malas e parou. Tentou não pensar em Lizzie e fracassou; estava tão furioso e tenso. Mas tudo que podia fazer era aquela coisa ridícula: continuar a checkar seus e-mails.

Sem camisa e descalço, ele voltou ao laptop e clicou. E encolheu-se de medo. Lá estava, enviado havia dez minutos. Um e-mail de Jamie Cloncurry.

Rob fitou o título, cheio de temor e esperança. Sua Filha.

Seria alguma terrível imagem do corpo de Lizzie? Queimada ou decapitada? Enterrada e morta? Ou a mensagem dizia que ela estava sã e salva?

A tensão e a ansiedade eram insuportáveis. Suando copiosamente, Rob abriu o e-mail. Não havia foto; só texto. Começava de forma bastante lacônica:

*Estamos com a sua filha, Rob. Se a quiser de volta, você precisa nos entregar o Livro Negro. Ou nos dizer exatamente onde está. Do contrário, ela vai morrer, de uma maneira que eu não vou contar. Tenho certeza de que sua imaginação pode fazer o resto. Sua namorada está igualmente a salvo, mas vamos matá-la do mesmo jeito se você não nos atender.*

Rob queria atirar o laptop na parede. Mas continuou a ler. Havia mais. Muito mais.

*A propósito, li seu artigo sobre os palestinos. Muito comovente. De partir o coração. Você escreve uma prosa bastante eficaz, quando não está sendo tão previsivelmente liberal. Mas me pergunto se você alguma vez pensou de fato sobre a situação israelense e o que a sustenta, fá pensou, Rob? Examine a questão desta maneira: de quem você tem mais medo? Em termos de raça? Que raça o intimida mais, lá no fundo? Arrisco um palpite de que são os negros — os africanos —, certo? Eu estou certo, não estou? Você atravessa a rua, em Londres, quando vê um grupo de jovens negros vestindo casaco com. capuz? Se o faz, está longe de ser o único, Rob. Todos nós fazemos isso. E o medo de homens negros é estatisticamente perceptível — em termos de delinquência urbana trivial. É muito mais provável que você seja agredido e roubado por um negro do que por um branco, ou japoneses e coreanos — dada a proporção de negros na população geral.*

*Mas pense um pouco mais.*

*Li seus artigos e sei que você não é burro. Pode ser um idiota em termos de política, mas não é burro. Então pense. Que raça realmente mata mais? Qual das raças humanas é a mais letal?*

*São os inteligentes, não são?*

*Vamos pensar juntos. Você tem medo de negros. Mas, com franqueza, quantas pessoas foram mortas por africanos, em termos globais?*

*Por exércitos africanos? Pelo poder africano? Alguns milhares? Talvez algumas centenas de milhares? E isso vale para a África toda. Então veja, os africanos, per capita, não são assim tão perigosos na prática. São totalmente caóticos e claramente incapazes de se autogovernar, mas não são perigosos em escala global. Agora leve em conta os árabes. Os árabes mal dominaram o computador. Desde o século XV que não conseguem ser bem-sucedidos em invasão alguma. O 11 de Setembro foi sua melhor tentativa, em duzentos anos, de matar muita gente. E eles mataram 3 mil pessoas. Os americanos conseguiriam explodir igual número em um minuto. Por controle remoto.*

*Portanto, quem é o povo organizado que mata de verdade, Rob? Para isso, nós precisamos ir para o norte. Onde vivem as pessoas inteligentes.*

*Entre as nações européias, os britânicos e os alemães mataram mais do que quaisquer outros. Veja o Império Britânico. Os britânicos exterminaram totalmente os aborígenes da Tasmânia. Mataram absolutamente todos. Os britânicos, na Tasmânia, praticavam um esporte que consistia em persegui-los e caçá-los. Um esporte sanguinário, como a caça à raposa.*

*O único povo europeu que se equipara aos britânicos em termos de pura letalidade, Rob, são os alemães. Eles demoraram a alcançá-los, até por não possuírem um império, mas se saíram muito bem no século XX. Assassinararam 6 milhões de judeus. Mataram 5 milhões de poloneses, talvez de 10 a 20 milhões de russos. Gente demais para se contar.*

*E quais são os índices de QI dos britânicos e dos alemães? Em torno de 102-105: acentuadamente acima da média, e bem acima da maioria das outras raças. Essa pequena margem é significativa o bastante para fazer dos britânicos e alemães alguns dos povos mais letais do mundo, assim como alguns dos mais inteligentes.*

*Mas vamos um pouco mais para longe de casa. Quem é ainda mais inteligente do que os britânicos e os alemães, Rob? Os chineses. Eles possuem um QI médio de 107. E os chineses talvez tenham matado 100 milhões de pessoas só no século XX. É claro que mataram o seu próprio povo, mas não há estatísticas para gosto.*

*Agora vamos direto ao topo.*

*Contando a população por cabeça, quem é mais propenso a matar você? São os chucrutes ou os britânicos? Os negros ou os chineses? Os coreanos ou os cazaques? Os crioulos ou os carcamanos?*

*Não, são os judeus. Os judeus mataram mais gente neste planeta do que qualquer outro povo. É claro que, dado o pequeno tamanho da população judaica, eles tiveram de fazer massacres por procuração, por assim dizer: aparelhando o poder de outras nações, ou fazendo com que os países lutassem uns contra os outros. Eles vivem e matam usando*

*sua inteligência como arma: e não há como negar quantos eles levaram à ponta da espada. Pense nisso. Os judeus inventaram o cristianismo: quantos morreram na cruz e por ela? Cinquenta milhões? Os judeus inventaram o comunismo. Outros 100 milhões. E há a bomba atômica. Inventada pelos judeus. Quantos virá a matar?*

*Judeus disfarçados de neoconservadores conceberam até mesmo a segunda guerra do Iraque. Sim, foi uma operação de pouca monta pelos padrões deles: matou apenas um milhão. Absolutamente insignificante. Mas eles ao menos estão com a mão na massa. Talvez por estarem treinando para a grande guerra entre o islã e o cristianismo. Que todos nós sabemos que está por vir e que todos sabemos que os judeus vão iniciar. Porque eles iniciam todas as guerras; porque são extremamente inteligentes.*

*Qual é o QI médio de um judeu asquenaze? 115. Eles são de longe a raça mais inteligente do mundo. E, historicamente, é mais provável que um judeu tire a sua vida do que qualquer outro povo. Eles só não fazem isso nas ruas, com uma faca, pedindo dez pratas para comprar crack.*

Rob olhou fixo para o e-mail. O lixo racista era quase chocante em sua psicose. Aquilo era uma loucura nojenta. Mesmo assim, era possível que tivesse pistas na mensagem. Rob releu-a duas vezes. Então pegou o telefone e ligou para o detetive Forrester.

O inspetor Forrester estava ao telefone, combinando uma reunião com Janice Edwards; queria sua opinião no caso Cloncurry, pois ela era especialista em psicologia evolutiva: escrevera livros densos, mas bem-aceitos, sobre o assunto.

A secretária da terapeuta foi evasiva. Informou que Janice estava muito ocupada e que o único tempo de que podia dispor durante a semana era o dia seguinte, quando estaria no Colégio Real de Cirurgiões para a reunião mensal do fundo da faculdade.

—OK. Está ótimo. Encontro com a doutora lá, então? A secretária suspirou.

—Vou deixar um bilhete.

Na manhã seguinte, Forrester pegou o metrô para Holborn e aguardou, embaixo dos pilares da entrada, até Janice chegar para conduzi-lo ao interior do imenso e resplandecente prédio de aço e vidro do museu da faculdade, por ser "um bom lugar para conversar".

O museu era impressionante. Um labirinto de imensas estantes de vidro, revestidas de potes e amostras.

—Esta é a Galeria de Cristal — disse Janice, gesticulando na direção das reluzentes prateleiras de dissecções. — Foi restaurada há alguns anos: temos muito orgulho dela. Custou milhões.

Forrester, educadamente, balançou a cabeça.

—Aqui está uma de minhas amostras favoritas — disse a médica. — Veja. A garganta preservada de um suicida. Esse homem cortou a própria garganta... dá até para ver a ruptura



da carne. Hunter era um dissecador brilhante. — Ela sorriu na direção de Forrester. — Mas o que você estava dizendo, Mark?

—Você acha que pode haver um gene para o assassinato? Ela balançou a cabeça.

— Não.

— De maneira nenhuma?

— Um gene, não. Mas talvez um grupo de genes, sim. Não vejo por que isso seja impossível. Mas não dá pra ter certeza. Essa ainda é uma ciência incipiente.

— Certo.

— Nós mal começamos a entender a genética. Por exemplo: você já reparou como homossexualidade e inteligência elevada estão interligadas?

— Estão?

— Estão. — Ela sorriu. — Os homossexuais têm um QI cerca de dez pontos acima da média. Há claramente algum elemento genético em jogo nesse caso. Um grupo de genes. Mas estamos longe de ter certeza de como funciona.

Forrester fez que sim. Deu uma espiada em algumas amostras de animais. Um jarro contendo um congro. O estômago cinza-claro de um cisne.

Janice Edwards prosseguiu.

— Quanto à transmissão por herança da capacidade homicida, bem... depende de como esses genes interagem. Uns com os outros e com o ambiente. Alguém que tivesse essa característica ainda poderia viver uma vida totalmente normal se seus impulsos não fossem catalisados ou estimulados de alguma forma.

—Mas... — Forrester estava confuso. — Você acha que o instinto homicida pode ser herdado?

—Vejamos a habilidade musical. Parece ser parcialmente hereditária. E só levar em conta a família Bach... compositores brilhantes ao longo de várias gerações. E claro que o ambiente teve seu papel, mas com certeza os genes devem estar envolvidos. Portanto, se uma coisa tão complexa quanto a criação musical pode ser herdada, então, por que não um instinto tão primitivo quanto o assassinato?

—E quanto ao sacrifício humano? É possível herdar o desejo de realizar sacrifícios humanos?

Ela franziu a testa.

— Não saberia dizer. É um conceito bizarro, esse. Quais os antecedentes?

Forrester relatou a história dos Cloncurry. Uma família aristocrática com um passado de valores marciais, com alguns membros que haviam levado sua agressão a extensões pavorosas, próximas do sacrifício humano. E agora haviam gerado Jamie Cloncurry: um assassino que sacrificava sem qualquer justificativa ou lógica. Fato ainda mais estranho, a família parecia sentir atração por locais de sacrifício humano: vivia perto da maior cova sacrificial da França e dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, cobertos de sangue por seu terrível antepassado, o general Cloncurry.

Janice balançou a cabeça com ar pensativo.

— Interessante. Pelo jeito, assassinos retornam com frequência à cena do crime, não é? — Ela deu de ombros: — Mas isso é muito esquisito. Por que viver lá, perto dos campos de batalha? Pode ser coincidência. Ou talvez eles estejam

homenageando os seus ancestrais de alguma maneira. Você deveria consultar um antropólogo a esse respeito.

Ela continuou a percorrer a Galeria de Cristal. Havia duas garotas sentadas no chão de pernas cruzadas, com blocos de rascunho no colo e pequenas latas de tinta ao lado. Estudantes de arte, presumiu Forrester. Uma das garotas era chinesa... seus olhos achavam-se semicerrados com grande concentração diante de cinco fetos estranhamente preservados: quíntuplos humanos deformados.

Janice Edwards virou-se na direção de Forrester:

— O que me parece, na verdade, é que isso é uma psicose homicida hereditária, que talvez se manifeste como sacrifício em certas situações.

— O que isso quer dizer?

— Acho que uma psicose que predisponha à violência extrema pode ser herdada. Como tal característica poderia sobreviver, em termos darwinianos? Via de regra, na história, a tendência à violência cruel nem sempre é uma coisa ruim: por exemplo, se o desejo pelo derramamento de sangue e a brutalidade fosse canalizado, poderia ser adaptativo.

— Como?

— Se, por exemplo, tivesse uma tradição militar na família. Os filhos mais violentos poderiam ser enviados direto para o exército, onde sua agressividade e sede de sangue se revelariam uma vantagem.

Eles continuaram a caminhar, passando pelas estudantes. Mais adiante, havia outro grupo de minúsculos fetos, que mostravam o desenvolvimento do embrião a partir da quarta semana até o nono mês. Estavam consideravelmente bem

preservados, flutuando em seu espaço líquido como diminutos alienígenas em gravidade zero. Suas feições eram humanas desde o estágio inicial: fazendo caretas e gritando. Silenciosamente.

Forrester tossiu e olhou para seu bloco.

—Mas, Janice, se esses caras carregassem esses genes para o assassinato e o sadismo, eles poderiam ter passado despercebidos até agora? Por causa, por exemplo, do histórico imperialista da Grã-Bretanha? Por todas as guerras em que a gente se envolveu?

—É bem possível. Mas, nos dias de hoje, uma característica como essa seria problemática. A agressividade extrema não tem por onde escoar numa era de proibição ao cigarro e mísseis dirigidos. Nós hoje frequentemente matamos por procuração, se é que matamos alguém. E agora temos aí o jovem Jamie Cloncurry, que talvez seja o que chamamos de "celebridade genética". Ele carrega os genes sádicos dos antepassados, mas de forma especialmente cruel. O que ele pode fazer com os dons dele, a não ser matar gente? Eu entendo o dilema dele, se é que isso não te parece insensível.

Forrester ficou olhando para metade de um cérebro humano conservado. Parecia uma couve-flor murcha e velha. Leu a placa anexa. O cérebro pertencia a Charles Babbage, "inventor do computador".

—E quanto à predisposição ao sacrifício? Tem certeza que não seria possível, sei lá, herdar isso como uma característica?

—Talvez, nos tempos antigos, esse grupo de genes pudesse levar alguém a cometer sacrifícios humanos, no contexto de

uma sociedade religiosa que já era estruturada para esse tipo de ação.

Forrester ponderou o assunto por um instante. Tirou então do bolso uma folha de papel: o e-mail enviado a Robert Luttrell, impresso. Mostrou-o a Janice, que o examinou rapidamente.

— Antissemitismo. Claro, claro. Esse tipo de coisa é um sintoma bem comum da psicose. Especialmente se a vítima é muito inteligente. O tipo mais ignorante de psicótico só fica achando que tem ETs escondidos na torradeira, mas um homem mais inteligente, quando fica louco, vai detectar padrões e conspirações mais intrigantes. E o antissemitismo é uma característica bastante comum. Está lembrado daquele matemático, John Nash?

— O cara daquele filme, *Uma mente brilhante*?

— Um dos maiores pensadores matemáticos da época dele. Acho que chegou a ganhar o Nobel. Era completamente esquizofrênico quando tinha 20, 30 anos, e um antissemita obcecado. Achava que os judeus estavam por toda parte, dominando o mundo. A inteligência elevada não é defesa contra um transtorno mental perigoso. O QI médio dos líderes nazistas era de cerca de 138. Altíssimo.

Forrester pegou a folha de papel, dobrou-a e tornou a enfiá-la no bolso. Tinha uma última pergunta. Um grande tiro no escuro. Mas resolveu tentar:

— Talvez você pudesse ajudar com uma última coisa. Quando nós achamos o pobre do De Savary, ele tinha escrito uma palavra, uma única palavra na primeira página de um livro. O papel estava encharcado de manchas de sangue aspirado.

— Como assim?

— Ele estava escrevendo com a boca. A caneta estava na boca dele e ele ficou tossindo sangue enquanto escrevia.

A médica fez uma careta.

— Que coisa horrível.

Forrester concordou com um aceno de cabeça.

— Não é de admirar que a palavra esteja quase ilegível.

— OK...

— Mas a palavra parece ser "Undish".

— Undish?

— Undish.

— Não faço a menor ideia do que isso signifique.

O inspetor suspirou.

— Pesquisei a palavra e existe uma banda polonesa de *death metal* chamada Undish.

— Certo. Bom... a resposta deve ser essa, não é? Esses cultos satânicos não são tantas vezes influenciados por essa música horrível? Metal gótico, ou seja, lá o que for?

— São — concordou Forrester. Janice se encaminhava para a saída, por sobre o chão de tábuas antigas e escuras, repletas de veias dissecadas. Ele a seguiu, acrescentando: — Mas o que alguém como De Savary saberia a respeito de uma banda *death metaP*. E, de qualquer forma, por que nos falar dela? Se tinha uma última palavra a escrever enquanto sentia uma dor tão absurda, por que escrever *isso*? A dra. Edwards olhou para o relógio.

— Sinto muito. Eu preciso ir. Nós temos outra reunião. — Ela sorriu. — Se você quiser, podemos ter uma conversa decente na semana que vem. Liga para a minha secretária.

Forrester despediu-se e desceu as escadas, passando por seus plintos e pedestais, e bustos sombrios e sérios de médicos famosos. Não sem um certo alívio, saiu para as ruas ensolaradas de Bloomsbury. A conversa com Janice dera-lhe algumas ideias interessantes e ele queria avaliá-las de imediato. A frase que a médica empregara, *homenageando os seus ancestrais*, o fizera pensar. Muito. Batia com alguma coisa na reportagem de Robert Luttrell no *Times*. Alguma coisa sobre ancestrais e sobre onde as pessoas escolhem viver. Ele caminhou até a estação de Holborn, resmungou impaciente no trem do metrô, abriu caminho às pressas pelas ruas comerciais movimentadas de Victoria. Quando chegou à Scotland Yard, subiu correndo as escadas e entrou de supetão na sua sala. Teria derrubado a foto de sua filha morta se esta já não estivesse virada para baixo sobre a mesa.

Ligou imediatamente o computador e pesquisou no Google "casa enterrada dos ancestrais".

Encontrou. No ato. Sua recompensa. O que ele queria. O que se lembrava de ter visto no artigo do *Times*.

Çayönü e Catalhöyük. Dois antigos sítios arqueológicos turcos, perto do templo de Gobekli Tepe.

A característica importante desses sítios, para Forrester, era o que havia ocorrido sob as casas e construções. Porque os habitantes haviam enterrado os ossos daqueles que sacrificaram debaixo de suas casas. Consequentemente, essas pessoas viviam, trabalhavam, dormiam, trepavam, comiam e conversavam bem em cima de suas próprias vítimas. E isso, ao que parecia, prosseguira ao longo de séculos: novas camadas de ossos e cadáveres, então outro piso erguido por cima e mais

ossos. Vivendo em cima de pessoas sacrificadas por seus ancestrais. Na Câmara do Crânio.

Forrester, satisfeito, tomou um gole de uma garrafa de Evian. Por que alguém queria viver perto, ou mesmo em cima das próprias vítimas? Por que tantos assassinos desejavam isso? Ele olhou pela janela para o ensolarado céu londrino e refletiu sobre o curioso eco em tantos casos de assassinato modernos. Como Fred West, na Inglaterra, que enterrou as filhas assassinadas no quintal. Ou John Wayne Gacy, em Indiana, que enterrou as dezenas de meninos que matou bem debaixo da própria casa. Sempre que havia uma matança, o primeiro local em que a polícia procurava pelos corpos era na casa do assassino ou sob as tábuas do piso. Era um procedimento padrão. Pois os assassinos frequentemente escondiam suas vítimas por perto.

Forrester nunca analisara devidamente o fenômeno: mas agora que o fazia, ficou impressionado pela estranheza da coisa. Era óbvio que havia uma compulsão profunda, talvez subconsciente, de morar perto ou em cima das suas vítimas, uma compulsão que talvez já se mostrasse presente na humanidade havia 10 mil anos. E talvez fosse isso o que os Cloncurry faziam. Viviam sobre os corpos das próprias vítimas: todos aqueles soldados mortos pelo Açougueiro de Albert.

Era isso.

Ele tomou outro gole da morna Evian. E quanto à cova? Talvez a família Cloncurry também sentisse alguma afinidade com aquelas vítimas; afinal de contas, as vítimas em Ribermont eram guerreiros célticos, galeses...



Forrester endireitou o corpo. Alguma coisa repuxava seus pensamentos como uma ponta solta puxando um fio. Desfazendo a malha de um pulôver. Célticos. Celtas. Celtas? De onde provinham os Cloncurry originalmente? Decidiu procurar por "ancestrais Cloncurry".

Em apenas dois minutos, encontrou. A família Cloncurry descendia, por casamento, de uma antiga família irlandesa. Mas não de qualquer antiga família irlandesa. Seus antepassados eram... os Whaleys.

Os Cloncurry eram descendentes de Buck e Burnchapel Whaley, dos fundadores do Hellfire Club irlandês.

Ele sorriu diante da tela. Estava indo bem, acertando todas. Sentia-se capaz de decifrar todo o mistério. Estava acertando bem no alvo. Acertando todas no ângulo. Podia esclarecer a maldita questão naquele minuto, ali mesmo. Ali na sua própria escrivaninha.

Sendo assim, onde a quadrilha poderia estar? Onde eles poderiam estar se escondendo? Por um bom tempo, ele, Boijer e o restante da equipe haviam presumido que a quadrilha entrava e saía da Grã-Bretanha, indo para a Itália ou para a França, de avião particular ou quem sabe de barco. Mas talvez ele e Boijer estivessem procurando no lugar errado. Só porque alguns deles eram italianos ou franceses não significava que estivessem indo para a França ou para a Itália. Talvez estivessem em outro país; mas talvez estivessem no único país em que não necessitavam de passaporte ao sair da Grã-Bretanha. Forrester ergueu os olhos. Boijer surgiu na porta.

—Meu amigo finlandês!

—Senhor?

—Acho que eu já sei.

—O quê?

— Onde eles estão escondidos, Boijer. Acho que eu sei onde eles estão escondidos.

## 40

Rob estava em seu apartamento e assistia ao vídeo obsessivamente. Cloncurry o enviara por e-mail fazia três dias.

O vídeo mostrava sua filha e Christine em um quartinho igual a tantos outros. A boca de Lizzie estava amordaçada. A de Christine também. Ambas estavam firme e elaboradamente amarradas em cadeiras de madeira.

E era só o que as imagens mostravam. Suas roupas estavam limpas. Não pareciam machucadas. Mas as mordaças de couro apertadas em torno de suas bocas e o pavor que crescia nos seus olhos tornavam o vídeo quase impossível de assistir.

De modo que Rob o assistia a cada dez ou 15 minutos. Assistia e tornava a assistir, e saía a perambular pelo apartamento, de cueca, com a barba por fazer, sem banho, atordoado de desespero. Sentia-se um velho santo demente no Deserto da Angústia. Tentou comer algumas torradas, mas desistiu. Não comia uma refeição decente fazia tempo. À exceção do café da manhã que sua ex-mulher lhe preparara havia alguns dias.

Ele fora à casa de Sally para discutirem a sorte da filha, e Sally, à sua maneira generosa, preparara-lhe bacon com ovos e, pela primeira vez em muito tempo, Rob sentiu fome; estava

na metade da refeição quando Sally começou a chorar. Rob levantara-se para confortá-la com um abraço, o que só piorou as coisas: Sally o empurrou para longe e declarou que tudo aquilo era culpa dele, então gritou, chorou e acertou-lhe um tapa. Rob ficou ali parado enquanto ela o esbofeteava, e então o socava na barriga, descontrolada. Ele suportou os golpes em silêncio, porque sentia que ela tinha razão. Tinha razão em estar furiosa. Ele provocara aquela terrível situação. Sua busca incessante por reportagens, seu desejo egocêntrico de fama jornalística, sua negação descuidada do perigo crescente. O simples fato de não estar no país para proteger Lizzie. Tudo. A culpa e a auto-depreciação impregnantes que Rob sentia ali eram uma sensação quase boa. Ao menos era real: uma emoção genuína e abrasadora. Algo para penetrar o desespero anestesiante que sentia na maior parte do tempo.

Sua única outra tábua de salvação rumo à sanidade era o telefone. Rob passava horas contemplando-o, irritado, desejando que tocasse. E o telefone tocou várias vezes. Às vezes ele recebia ligações de amigos, às vezes de colegas de trabalho, às vezes de Isobel, na Turquia. Todos tentavam ajudar, mas Rob ficava impaciente à espera da única ligação que desejava: a da polícia.

Rob já sabia que eles tinham uma pista promissora: Forrester telefonara havia quatro dias, dizendo que a essa altura a polícia supunha que a quadrilha estivesse em algum lugar nas redondezas da Casa Mont-pellier, ao sul de Dublin. A sede do Hellfire Club irlandês. O detetive explicara-lhe como a Scotland Yard chegara a tal conclusão, como os assassinos estavam seguramente entrando e saindo do país, a julgar por

sua capacidade de desaparecer por completo, mas não estavam sendo rastreados pela alfândega nem pelo controle de passaportes — o que acontece quando se deixa o Reino Unido. Eles deviam ter ido de carro ou de avião para a Irlanda.

Tudo aquilo era bem plausível. Mas Forrester julgara necessário, durante a conversa com Rob, acrescentar uma estranha teoria de sustentação — sobre vítimas enterradas, a cova de Ribermont, Çatalhöyük, um assassino chamado Gacy, o fato de que Cloncurry escolheria um local próximo das vítimas de seus ancestrais... Quando chegou nesse ponto, Rob já não estava prestando atenção.

Ele não estava convencido nem de longe que Forrester estivesse certo em suas especulações psicológicas. Aquilo parecia um palpite e Rob não confiava em palpites. Não confiava em ninguém. Não confiava em si mesmo. A única coisa na qual conseguia confiar era na sinceridade de sua auto-depreciação e na ferocidade de sua angústia.

Naquela noite, ele foi para a cama e dormiu por três horas. Sonhou com um animal crucificado, berrando em uma cruz, um porco, talvez um cachorro. Quando acordou, o dia estava clareando. A imagem do animal crucificado continuava em sua mente. Rob tomou um Valium. Quando acordou de novo, era meio-dia. Seu celular estava tocando. *Tocando!* Ele correu até a mesa e o pegou.

—Alô? Alô.

—Rob.

Era... Isobel. Rob sentiu seu humor afundar vertiginosamente; gostava de Isobel, admirava-a, queria sua sabedoria e auxílio,

mas naquele exato momento desejava apenas receber notícias da polícia, da polícia, da polícia.

— Isobel...

— Nenhuma notícia então?

Ele expeliu o ar dos pulmões.

— Não, desde a última vez, não. Nada. Só... Só aqueles malditos e-mails. Do Cloncurry. Os vídeos...

— Robert, sinto muito. Eu sinto *tanto*. Mas... — ela fez uma pausa. Rob imaginou-a em sua charmosa casa de madeira, contemplando o mar azul da Turquia. Foi uma imagem pungente, que o fez lembrar-se de como ele e Christine haviam se apaixonado. Lá, sob as estrelas de Marinara.

— Robert, eu tenho uma ideia.

— Uhn.

— A respeito do Livro Negro.

— OK... — Ele mal conseguiu demonstrar interesse. Isobel não se deixou dissuadir.

— Escuta, Rob. O Livro. É isso o que os desgraçados estão procurando, não é? O Livro Negro? Eles estão absolutamente desesperados. E você disse a eles que pode encontrá-lo, ou que já encontrou, ou seja, lá o que for, pra protelar a situação... Certo?

— Certo, mas... Isobel, nós *não temos* o livro. Não temos a menor ideia de onde está.

— Mas é isso! Imagine se a gente encontrar. Se localizarmos o Livro Negro. Nesse caso vamos ter uma vantagem real sobre eles, não é? Vamos poder... barganhar... negociar... você entende o que eu quero dizer?

Rob concordou, irritado. Queria sentir-se animado e entusiasmado com o telefonema. Mas estava cansado demais. Isobel continuou a falar. Enquanto isso, Rob perambulava descalço pelo apartamento, com o telefone aninhado sob o queixo. Então se sentou em sua escrivaninha e contemplou o laptop reluzente. Não havia nenhum e-mail de Cloncurry. Nenhum novo e-mail, pelo menos.

Isobel continuava falando; Rob tentou se concentrar.

— Isobel, não prestei atenção. Desculpe. Pode repetir?

— *Claro...* — ela suspirou. — Deixa eu explicar. Acho que eles... a quadrilha... pode estar no caminho errado. Em relação ao Livro.

— Por quê?

— Eu andei fazendo umas pesquisas. Nós sabemos que, em determinado momento, a quadrilha se interessou por Layard. O assiriologista que conheceu os iazidis. Certo?

Uma vaga recordação penetrou a dispersão de Rob.

— Você está se referindo à invasão na escola?

— Isso. — A voz de Isobel soava nítida a essa altura. — Austen Henry Layard, que fomentou o Pórtico de Nínive. Na Canford School. Ele é famoso por ter conhecido os iazidis. Em 1847.

— OK... nós sabemos disso...

— Mas a verdade é que ele os encontrou duas vezes! Ele esteve novamente com eles em 1850.

— Ceeerto... então...

— Está tudo nesse livro que eu tenho... Acabei de lembrar. Aqui. *A conquista da Assíria*. Olha o que diz: Layard foi a Lalesh em 1847. Como nós já sabemos. Então voltou a

Constantinopla e lá se encontrou com o embaixador da Porta Sublime.

— Porta...

— Sublime. O Império Otomano. O embaixador se chamava Sir Stratford Canning. E é aí que tudo muda. Dois anos depois, Layard volta aos iazidis novamente... e dessa vez é recebido com inexplicável triunfo e descobre todas as antiguidades que o tornaram famoso. E tudo isso é verdade... Está nos livros de história. Então, você... percebe?

Rob tentou expulsar da mente a imagem da filha. As mordanças de couro...

— Pra falar a verdade, não. Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— OK, Rob, desculpe. Eu vou direto ao ponto. Na primeira expedição, Layard foi até Lalesh. Meu palpite é que quando ele esteve lá, os iazidis lhe contaram sobre o Livro Negro, e como havia sido levado embora por um inglês, Jerusalém Whaley. Layard foi o primeiro inglês que os iazidis conheceram, provavelmente o primeiro ocidental, desde a visita de Whaley; então faz perfeito sentido. Eles devem ter dito a ele que queriam o Livro de volta.

— Talvez...

— Layard vai até Constantinopla e conta a Canning, o embaixador, o que ele descobriu. Nós sabemos com certeza que eles se encontraram. E também que Sir Stratford Canning era anglo-irlandês, de ascendência protestante.

Rob por fim compreendeu, vagamente, aonde aquilo poderia levar.

— Canning era irlandês?

—Era! Da aristocracia anglo-irlandesa. Um pequeno círculo. Gente como Whaley e lorde Saint Leger. Os Hellfires. Eles estão todos ligados.

—É, é curioso. Eu acho. Mas como é que tudo isso se encaixa?

—Por volta da mesma época, corriam boatos, na Irlanda, a respeito de um certo Edward Hincks.

—Como é que é? Isso é grego pra mim.

—Hincks era um obscuro pároco irlandês de Cork. Que, sozinho, conseguiu decifrar a escrita cuneiforme! Tudo isso é verdade, Rob. Procura no Google. Esse é um dos grandes mistérios da assiriologia. Todas as pessoas instruídas da Europa estavam tentando decifrar a escrita cuneiforme, e de repente esse vigário irlandês do interior chega na frente. — Em seu entusiasmo, Isobel pronunciava apressadamente as palavras. — Portanto, vamos somar dois mais dois. Como Hincks decifrou de repente a escrita cuneiforme? Ele era um clérigo protestante obscuro, que saiu do meio do nada. Dos pântanos da Irlanda.

—Você acha que ele encontrou o Livro?

—Eu acho que Hincks encontrou o Livro Negro. E quase certo que o livro foi escrito em cuneiforme. Portanto, de alguma forma, Hincks deve ter achado o livro na Irlanda, traduzido, decifrado a escrita cuneiforme e se dado conta de que tinha encontrado o tesouro de

Whaley. O famoso texto dos iazidis, que antes pertencia aos Hellfires. Ele talvez tenha tentado guardar segredo... só alguns almofadinhas protestantes irlandeses sabiam o que Hincks tinha descoberto, gente que, pra início de conversa, conhecia a história de Whaley e dos Hellfires irlandeses.



— Você quer dizer aristocratas irlandeses. Gente como... Canning?

Isobel quase gritou.

— Exato, Rob. Sir Stratford Canning era muito importante nos círculos anglo-irlandeses. Como muitos da estirpe dele, sem dúvida tinha vergonha do passado do Hellfire. Então, quando soube que o livro de Whaley tinha sido encontrado, Canning teve a ideia perfeita pra resolver todos os problemas deles. Eles queriam se livrar do Livro. E ele sabia que Layard precisava do Livro pra dar aos iazidis. E Hincks tinha acabado de encontrar o Livro.

— Portanto o Livro Negro foi mandado de volta a Constantinopla...

— E acabaria sendo devolvido aos iazidis... por Austen Layard! Houve silêncio ao telefone. Rob refletiu sobre a ideia. Tentou não

pensar em sua filha.

— Bom. É uma teoria...

— É mais do que uma teoria, Rob. Escuta isso! — Rob ouviu as páginas de um livro sendo viradas. — Aqui. *Escuta*. Esse é o verdadeiro relato da segunda visita de Layard aos iazidis: "Quando correu a notícia, entre os iazidis, de que Layard havia voltado a Constantinopla, estes decidiram enviar quatro sacerdotes e um chefe iazidi." E todos eles foram até Constantinopla.

— Então...

— Tem mais. Depois de algumas "negociações secretas" com Layard e Canning na capital otomana, Layard e os iazidis se dirigiram para o leste, penetrando no Curdistão, retornando

às terras iazidis. — Isobel tomou fôlego, então citou: — "A viagem a partir do lago Van até Mosul transformou-se em um cortejo triunfal... Layard foi alvo de um caloroso sentimento de gratidão. Os iazidis haviam apelado para ele e ele provou-se digno de sua confiança." Depois disso, o grupo atravessou os vilarejos iazidis rumo a Urfa, acompanhado por "centenas de pessoas que gritavam e cantavam".

Rob sentia a excitação de Isobel, mas não conseguia compartilhá-la. Fitando tristemente o céu londrino encoberto, declarou:

—OK. Eu entendi. Pode ser que você esteja certa. Portanto o Livro Negro está no Curdistão. Em algum lugar. Não na Grã-Bretanha, nem na Irlanda. No final das contas, foi devolvido por Layard. A quadrilha está errada. Certo.

—É claro, querido — disse Isobel. — Mas não está simplesmente no Curdistão, está em Urfa. Está vendo? O livro diz Urfa. E claro que Lalesh é a capital sagrada dos iazidis. Mas a antiga capital administrativa, a capital política, é Urfa. O Livro está em Sanliurfa! Escondido em algum lugar. Layard o levou pra lá, para os iazidis. E, em troca, os iazidis lhe contaram onde encontrar aquelas antiguidades incríveis, o obelisco de Nínive etc. E Canning e Layard conseguiram a fama que queriam. Tudo se encaixa!

A boca de Rob estava seca. Ele sentiu uma onda de cáustico desespero.

—OK. Isso é ótimo, Izzy. E possível. Mas como diabos nós botamos as mãos nele? Como? Os iazidis acabaram de tentar nos matar. Nós não somos bem-vindos em Sanliurfa. Você está sugerindo que a gente simplesmente volte e vá entrando

e exigindo que eles nos entreguem o texto sagrado deles? Tem mais alguma coisa que podíamos fazer nesse meio-tempo? Atravessar o lago Van?

—Não estou me referindo a você — suspirou Isobel com determinação. — Estou falando de mim. Isso *me* dá uma chance! Eu tenho amigos em Urfa. E se puder alcançar o Livro Negro primeiro... até mesmo pegá-lo emprestado por algumas horas, fazer uma cópia... então vamos ter alguma vantagem sobre Cloncurry. Podemos trocar o nosso conhecimento por Lizzie e por Christine. E eu de fato conheço iazidis. Eu acho que dá. Acho que dá pra eu achar o Livro.

—Isobel...

—Você não vai conseguir me fazer mudar de opinião! Eu vou pra Sanliurfa, Rob. Vou achar o Livro pra você. Christine é minha amiga. E sua filha é como se fosse minha filha. Eu quero ajudar. Posso fazer isso. Confie em mim.

—Mas, Isobel, é perigoso. É uma teoria maluca. E os iazidis que eu conheci com certeza achavam que o Livro ainda estava na Grã-Bretanha. Como é que fica isso? E ainda tem o Kiribali...

A senhora riu.

— Kiribali não *me* conhece. Além disso, eu tenho 68 anos. Se for degolada por nestorianos psicóticos, tudo bem, não vou precisar me preocupar com uma nova receita de óculos. Mas eu acho que vou ficar bem, Rob. Já tenho uma ideia de onde o Livro possa estar. Vou pegar um voo pra Urfa hoje à noite.

Rob hesitou. A esperança que Isobel oferecia era tênue, muito tênue, mas ainda assim o atraiu — talvez porque ele não tivesse qualquer real esperança. Ele também sabia que Isobel

estava arriscando a própria vida, o que quer que saísse daquilo.

—Obrigado, Isobel. Obrigado. O que quer que aconteça. Obrigado por isso.

—*De nada*. Nós vamos salvar aquelas garotas, Rob. Vejo vocês em breve. Vocês três!

Rob reclinou-se e esfregou os olhos. Saiu à tarde e bebeu sozinho em um pub. Então voltou para casa, por alguns minutos, mas não conseguiu suportar o silêncio; voltou para as ruas e continuou a beber. Foi de pub em pub, bebendo devagar e sozinho, olhando para o celular a cada cinco minutos. Fez o mesmo no dia seguinte. E no seguinte. Sally ligou cinco vezes. Seus amigos do *Times* ligaram. Steve ligou. Sally ligou. A polícia não ligou.

E em meio a tudo isso, Isobel ligava, quase de duas em duas horas, para relatar seu progresso em Urfa. Dizia que se sentia "perto da verdade, perto do Livro". Contou que alguns iazidis negaram a posse do Livro, mas outros achavam que ela estava certa, que o Livro havia sido devolvido, mas não sabiam onde estava guardado.

— Eu estou perto, Rob — disse ela. — Estou bem perto.

Nesse último telefonema, deu para Rob ouvir o som do almuadem ao fundo, por trás da voz sincera e encorajadora de Isobel. Foi uma sensação estranha e terrível, ouvir a balbúrdia de Sanliurfa. Antes de mais nada, se ele não tivesse ido para lá, nada daquilo teria acontecido. Ele não queria pensar nunca mais no Curdistão.

Durante mais dois dias, Rob nada fez além de martirizar-se. Isobel parou de ligar. Steve parou de ligar tanto. O silêncio

era insuportável. Ele tentou beber chá, tentou confortar Sally e foi ao supermercado para comprar vodca; então voltou para casa e foi direto para o laptop, mais uma vez. A essa altura, fazia isso mecanicamente, sem nada esperar.

Mas dessa vez havia o pequeno símbolo de um envelope na tela. Havia chegado um novo e-mail e era de... *Cloncurry*, Rob abriu a mensagem, os dentes cerrados de tensão.

O e-mail estava vazio: a não ser pelo link para um vídeo. Rob clicou: a tela emitiu um sussurro e clareou, então Rob viu Christine e sua filha em um quarto vazio, novamente amarradas a cadeiras. O aposento era um pouco diferente, menor do que o último. As roupas das prisioneiras haviam mudado. Era óbvio que Christine e Lizzie haviam sido deslocadas.

Mas não foi nada disso que fez Rob tremer, com um medo mais arrasador e uma angústia mais profunda: foi o fato de que as duas reféns estavam *encapuzadas*. Alguém pusera grossos capuzes negros nas cabeças delas.

Rob fez uma careta. Recordou-se de seu próprio pavor em seu vil capuz preto em Lalesh. *Fitando a escuridão*.

As novas e arrepiantes cenas no vídeo — de Lizzie e Christine em silêncio, encapuzadas e amarradas às cadeiras — duraram três longos minutos. Depois disso, Cloncurry apareceu, falando direto para a câmera.

Rob fitou o rosto magro e bonito.

— Olá, Rob! Como você pode ver, mudamos para acomodações mais excitantes. As garotas estão com capuzes porque nós queremos que fiquem apavoradas. Então. Me fala sobre o Livro Negro. Você realmente sabe do paradeiro dele?

Eu preciso saber. Preciso ser constantemente informado. Por favor, não guarde segredos. Eu não gosto de segredos. Segredos de família são coisas terríveis, você não acha? Então diga. Se ainda quiser ter uma família, se não quiser que sua família morra, me conte. E me conte logo. Não me faça fazer o que eu não quero fazer.

Cloncurry virou-se. Parecia estar falando com alguém atrás da câmera. Murmurando. Rob ouviu risadas em algum lugar fora da cena. Então Cloncurry encarou a câmera novamente.

— Vamos ao que interessa, Rob. Você sabe o que eu gosto de fazer, sabe qual é o meu *métier*. Não é sacrifício? Sacrifício humano. Mas o problema é que eu fico dividido com as opções. Ou seja: *como* eu devo matar a sua filha? E Christine? Porque existem muitos métodos de sacrifício, não existem? Quais são os seus preferidos, Rob? Eu gosto particularmente dos métodos vikings. Você gosta? A águia de sangue, por exemplo. Eu acho que o professor ficou bem alarmado quando nós retiramos os pulmões dele. Alarmado e um tanto quanto impressionado, se é que posso dizer. Mas nós poderíamos ter sido muito mais... *cruéis*. — Cloncurry sorriu.

Rob continuou sentado em seu apartamento, suando.

Cloncurry avançou lentamente em direção à câmera.

— Por exemplo, os celtas tinham um ritual delicioso. Eles empa-lavam as vítimas. Especialmente mulheres jovens. Primeiro arrancavam as roupas delas, as levavam para o campo, colocavam sobre uma estaca de madeira afiada, abriam as pernas delas e... bom, eles simplesmente puxavam pra baixo, por cima do espeto. Elas eram empaladas. Pela vagina. Ou quem sabe pelo ânus. — Cloncurry bocejou, então

prosseguiu: — Eu realmente não quero fazer isso com a sua namorada adorável, Rob. Quer dizer, se eu de fato enfiasse uma lança pela racha dela, ela ia sangrar em cima do tapete. E eu ia ter que comprar um limpador de tapetes. Uma despesa desnecessária! — Ele sorriu novamente. — Portanto, simplesmente me dá a porra do Livro Negro. Aquela merda do Tom Whaley. Aquele troço que você encontrou em Lalesh. Me dá. Agora.

A câmera tremeu de leve. Cloncurry estendeu o braço e estabilizou-a. Em seguida disse, direto para a câmera:

— E quanto ao sacrifício *infantil*, com a pequena Lizzie aqui. Bem...

Ele levantou-se e caminhou até a cadeira de Lizzie. Com o floreio de um mágico, Cloncurry arrancou o capuz — e lá estava Lizzie. Olhando para a câmera, apavorada, a mordança de couro firme sobre a sua boca.

Cloncurry acariciou o cabelo da menina.

— Tantos métodos, só uma garotinha. Qual deles nós devemos escolher? Os incas levavam as crianças pro alto das montanhas e elas morriam só de ficar expostas ao tempo. Mas eu acho isso muito lento. Muito... *chato*. Que tal um dos métodos astecas mais refinados? Talvez você tenha ouvido falar do deus Tlaloc?

Ele contornou a cadeira de Lizzie.

— O deus Tlaloc era um escroto, pra ser bem honesto, Rob. Ele queria satisfazer a sede dele com lágrimas humanas. E aí os sacerdotes astecas tinham que fazer as crianças chorarem. Eles faziam isso arrancando as unhas das crianças. Muito devagar. Uma por uma.

Cloncurry agora estava desatando uma das mãos de Lizzie; Rob percebeu que a mão da filha tremia de medo.

— Pois é, Rob, eles arrancavam as unhas e depois cortavam dedinhos iguais a esses. — Ele acariciou os dedos da garota. — E isso fazia as crianças chorarem, é claro. Ter as unhas arrancadas. E enquanto arrancavam as unhas, os astecas coletavam as lágrimas das crianças aos prantos e ofereciam o líquido a Tlaloc. Depois as crianças eram decapitadas.

Cloncurry sorriu. Em seguida amarrou bruscamente a mão de Lizzie ao braço da cadeira.

— É isso o que eu posso fazer, Rob. Posso seguir o antigo método asteca. Mas eu realmente acho que você deveria tentar me fazer mudar de opinião. Não me faz arrancar as unhas, decepar os dedos e daí cortar a cabeça dela. Mas se eu for forçado, pela sua obstinação, a fazer qualquer dessas coisas, eu vou me certificar de enviar as lágrimas dela pra você num potinho de plástico. Então se apressa, corre, começa a agir. — Ele sorriu. — Rápido, bem rápido!

O assassino inclinou-se para a frente, procurando o botão. O vídeo foi interrompido; a imagem congelou.

Depois disso, Rob fitou o computador silencioso por mais dez minutos. Contemplou a derradeira imagem congelada do meio-sorriso de Cloncurry. Seu rosto anguloso, os olhos verdes faiscantes, o cabelo escuro. Atrás dele, no quarto, estavam a filha e a namorada de Rob, amarradas às cadeiras, esperando para serem empaladas, mutiladas e mortas. Rob não tinha a menor dúvida de que Cloncurry faria tais coisas. Ele lera o relatório do assassinato de De Savary.



Rob passou o dia seguinte com Sally. E então recebeu outro e-mail. Com outro vídeo. E esse foi tão grotesco que Rob vomitou ao assistir.

## 41

Assim que recebeu o novo e-mail com o novo vídeo, Rob foi para o escritório de Forrester na Scotland Yard. Ele nem telefonou para avisar, não enviou qualquer mensagem de texto ou e-mail; limpou o vômito da boca, lavou o rosto com água fria e chamou um táxi.

A caminho de Victoria, Rob contemplou todas aquelas pessoas felizes. Comprando; caminhando; subindo e saltando dos ônibus; vendo as vitrines das lojas. Era difícil conciliar a normalidade da cena nas ruas com a obscenidade do que acabara de testemunhar no vídeo.

Rob tentou não pensar naquilo. Precisava controlar a raiva. Eles ainda podiam salvar sua filha; mesmo que fosse tarde demais para Christine. Rob sentara-se no banco traseiro e sentiu vontade de quebrar a janela do táxi com um soco, mas não ia perder o controle. Ainda não. O que faria, se algum dia tivesse a chance, era matar Cloncurry. E não simplesmente matá-lo com uma faca ou machadinha: Rob usaria uma pá na cabeça de Cloncurry, esmagaria a parte posterior de seu crânio até que o cérebro fosse ejaculado pelos olhos. Não, pior que isso, queimaria Cloncurry lentamente com ácido, fazendo aquele belo rosto apodrecer. Qualquer coisa. Qualquer coisa qualquer coisa qualquer coisa QUALQUER COISA QUALQUER COISA.

Rob queria o troco pelo que acabara de ver Cloncurry fazer a Christine no vídeo. Queria uma vingança homicida. *E já.*

O táxi parou no átrio de aço e vidro da Nova Scotland Yard; Rob pagou o motorista com um grunhido feroz e entrou pelas portas de vidro. As garotas na recepção tentaram interceptá-lo, mas ele lançou-lhes um olhar tão furioso que elas não souberam o que fazer; então Boijer o avistou no saguão.

— Vocês têm que ver uma coisa — disse Rob.

O finlandês de rosto amigável tentou sorrir, mas Rob não retribuiu. O semblante do finlandês ficou sombrio; Rob olhou de cara feia em resposta.

O percurso no elevador foi silencioso. Eles marcharam rumo ao corredor de Forrester. Boijer bateu na porta do chefe, mas Rob entrou direto. Forrester bebericava uma xícara de chá e fitava algumas pastas e pulou, assustado, quando Rob invadiu o escritório e sentou-se na cadeira ao lado. Rob disse, sem rodeios:

— Olha esse e-mail. E do Cloncurry.

— Mas por que você não telefonou, a gente podia...

— *Olha.*

Olhando preocupado para Boijer, Forrester inclinou-se para a tela e abriu um programa de busca. Entrou no e-mail de Rob, que lhe deu a senha.

— Aí — disse Rob. — E só um link de vídeo. Abre.

Forrester clicou e o vídeo se abriu com um chiado, mostrando a mesma cena de antes. Christine e Lizzie amarradas a uma cadeira. As mesmas roupas, os mesmos capuzes, um cômodo tão indefinível quanto o anterior. Difícil de distinguir.

— Eu já vi isso — disse Forrester em tom gentil. — Estamos trabalhando nisso, Rob. Nós achamos que ele está encapuzando as duas pra que não possam piscar pra você e mandar mensagens, tem gente que faz isso... manda sinais piscando os olhos. De qualquer forma, tem uma coisa que eu queria falar...

— Detetive.

—Eu andei pesquisando os Cloncurry e os Whaley, a descendência deles, é um novo ângulo e...

—*Detetive!* — Rob estava tomado por uma justa raiva. E pelo sofrimento. — Eu quero que você cale a boca. *Só assiste a esse vídeo!*

Os dois policiais trocaram outro olhar ansioso. Boijer contornou a mesa para enxergar a tela. Os três homens contemplavam o computador enquanto o pequeno clipe entrava em ação.

Um vulto surgiu à esquerda da tela. Era Cloncurry. Ele estava carregando uma grande caçarola — uma imensa caçarola de metal cinza, cheia de água fervente. Cloncurry pousou a caçarola, então desapareceu novamente. Christine e Lizzie estavam sentadas com seus repulsivos capuzes negros, provavelmente sem perceber nada do que estava acontecendo, sem entender o que Cloncurry estava fazendo.

Então Cloncurry voltou. Com uma espécie de tripé de metal e um fogão a gás próprio para acampamentos — já emitindo uma ardente chama azul. Ele montou o tripé diante de Christine e pousou o fogão a gás aceso entre as pernas do suporte de metal; em seguida pegou o vasilhame de água

fervente e colocou-o no topo. Com a chama intensa por baixo, a água começou a borbulhar e ferver.

Aparentemente satisfeito, Cloncurry virou-se para a câmera.

— Os suecos são uma gente estranha, não são, Rob? Quer dizer, olha a culinária deles. Sanduíches abertos. Salmão cru. Arenque em tudo. E agora isso! Enfim, está tudo pronto. Espero que você reconheça o valor disso, Robert. Essa caçarola custou cinquenta pratas. De repente, eu devolvo depois, troco por uma torradeira. — Ele olhou para longe da câmera. — OK. Então. Gente. Alguém tem a faca? — Ele estava olhando para fora da tela. — A-lô? A faca grande de cortar gente? Isso. Essa mesma. Muito obrigado.

Recebendo a faca de um assistente invisível, Cloncurry inclinou-a e passou o polegar pela lâmina.

— Perfeito.

Ele olhava para a câmera novamente.

— E claro que eu não estou me referindo à Suécia moderna, Rob. Não, não estou falando de cadeiras de jantar Ikea, de Volvos, Saabs, nem de quadras de tênis cobertas. — Cloncurry riu. — Estou falando da Suécia antes de toda essa frescurada. A Suécia de verdade. A Suécia medieval. Aqueles bárbaros de cabelos compridos que de fato sabiam como lidar com as vítimas, que sabiam fazer sacrifícios... para Odin. E Thor. *Você sabe*. Porque é isso o que nós vamos fazer, de um jeito bem especial. Nós vamos fazer um sacrifício à moda sueca, da antiga Suécia hoje. O Cozimento das Entranhas. — A faca lampejou no ar. — Vamos cortar uma das suas garotas, cozinhar os pulmões e órgãos vitais dela, com ela viva, nessa caçarola grande e velha aqui. Mas qual delas a gente deveria

sacrificar? De qual das duas você gosta mais? — Os olhos dele cintilaram. — Qual delas? A pequeninha ou a grandona? Mmm? Acho que talvez a gente devesse guardar o melhor pro final, não é? E por mais que você goste da Christine aqui, toda lindinha com essa marquinha adorável perto do mamilo... é, essa mesma... eu imagino que você seja mais apegado à sua filha. Portanto, eu acho que a gente deve poupar a sua filha pra um ritual diferente, depois, amanhã talvez, e em vez disso retalhar a francesa. Ela tem uma barriga linda, afinal de contas. Será que a gente corta a sua amiga? É, eu acho que sim.

O assassino inclinou-se na direção do vulto encapuzado de Christine. Ela retesava-se e arqueava, lutando inutilmente contra as amarras. Rob via o capuz inflar e murchar enquanto Christine ofegava de medo sob sua mortalha.

Cloncurry ergueu-lhe a camisa alguns centímetros e Christine esquivou-se de seu toque.

— Meu Deus! Ela não parece estar muito a fim, não é? Tudo que eu vou fazer é arrancar os intestinos, o estômago, talvez a bexiga dela, e ferver tudo devagar nessa panela, pra que ela morra em trinta minutos ou mais. Seria parecido com ir ao dentista. O que há de errado nisso, Christine?

Na fétida tensão do escritório, Forrester inclinou-se para desligar o vídeo.

Rob explodiu.

— Não! *Assiste*. Eu quero que você assista. Eu tive que assistir essa merda. Assiste!

Forrester endireitou o corpo. Rob viu o brilho de lágrimas nos olhos do policial. Não se importou. Ele tivera que assistir. Agora eles *também* teriam.

E assistiram.

A primeira incisão de Cloncurry foi rápida. Com a naturalidade de um profissional, como se fosse um açougueiro experiente, Cloncurry enfiou a faca no estômago exposto de Christine e moveu lateralmente a lâmina. O sangue escorreu pela lâmina e sobre o colo de Christine. Um gemido foi distintamente audível, a despeito da mordança e do capuz, que abafavam a voz dela. O sangue gotejava devagar e os órgãos internos, rosados e vermelhos, começavam a aparecer e sair pelo talho horizontal, como cabeças rosadas e meladas de bebês muito estranhos.

— Ei, olhem aqui — disse Cloncurry, abrindo à força a imensa ferida para espreitar o interior. — Quem é esse, saindo na frente? É o sr. Útero? Sem essa, rapaz, dá uma chance aos outros.

Largando a faca, o assassino enfiou as mãos no corte transversal sobre o estômago de Christine. Rob não pôde deixar de perceber o quanto a barriga dela estava pálida. Seu bronzeado desbotara devido ao cativeiro; a pele parecia quase branca. Mas a brancura era tingida pelo sangue, que gotejava lentamente. E os gemidos transformavam-se em gritos de dor à medida que Cloncurry extraía delicadamente os intestinos de Christine: espirais em tom cinza-claro e azul gorduroso, como elos de língua obscenamente crus.

Com cuidado, Cloncurry extraiu outros órgãos de Christine, ainda ligados ao corpo por veias, artérias, músculos e gânglios

cinza-esbran-quilhados; em seguida carregou o imenso punhado de vísceras para a caçarola e soltou-o com um plop dentro do vasilhame de água fervente.

Christine contorceu-se.

— Agora veja como os suecos eram engenhosos. É possível extrair todos os órgãos inferiores, mas a vítima continua viva. Porque ela ainda está ligada a todos os principais órgãos, portanto ainda está metabolizando. Só que *também* está sendo cozida até a morte. — Cloncurry abriu um sorriso forçado. — Ei. Vamos colocar um pouco de pimenta? Pra ficar mais temperado. Um delicioso cozido de namorada.

A voz abafada de Christine era um lamento de dor estranho, choroso e insistente. Estrangulado pela mordança e o capuz, era um ruído que Rob jamais ouvira alguém fazer.

Cloncurry havia pego uma grande colher de madeira em algum lugar e estava mexendo as entranhas de Christine na panela. O movimento se prolongou por dolorosos minutos, pontuado pelos grunhidos desesperados da vítima. Cloncurry suspirou de frustração.

— Jesus. Ela resmunga à beça, não é? Ela não gemeu assim quando eu trepei com ela. Acha que ela está gostando? Hmm.

— Ele sorriu. — Já sei, vamos animá-la com uma canção tipicamente sueca! — Cloncurry começou a cantarolar e então desatou a cantar. — "Mamma Mia, não me deixe partir, como posso te esquecer! Sim, eu estava de coração partido,

triste desde o dia em que nos separamos, mas agora... você me enfiou em uma panela de pressão!"<sup>9</sup>

Ele parou de cantar. Os gemidos se transformaram em um murmúrio e então praticamente em um chorinho. Cloncurry deu outra mexida na panela.

— Anime-se, Christine, não falta muito agora. Acho que o molho está engrossando. — Ele sorriu. — Ah, vejam, o que é isso aqui? Olhem! É o *sr. Rim*.

Cloncurry virou-se em direção à câmera e ergueu a colher de madeira. Equilibrado na cavidade da colher achava-se um dos rins marrom-escuros de Christine, guarnecido de veias e artérias, como espaguete vermelho-sangue.

Forrester baixou os olhos para o chão.

— É isso — disse Rob. — O vídeo termina aqui. Christine desmorona. Ela simplesmente... ela simplesmente *morre*.

Boijer inclinou-se para a frente e fechou o e-mail. Então se virou para Rob. Ele nada disse, mas seus olhos estavam nitidamente úmidos.

Os três permaneceram na sala por ura instante. Incapazes de falar. Rob encolheu os ombros na direção dos policiais, com ar desolado; levantou-se para ir embora.

E então o telefone tocou.

Forrester atendeu a ligação. Enquanto falava baixo ao telefone, seu olhar encontrou o de Rob no outro lado da sala. Por fim, o detetive abaixou o fone.

---

<sup>9</sup> A canção é *Mamma Mia*, do grupo pop sueco Abba. A menção à panela de pressão não faz parte da letra original, sendo uma mera brincadeira cruel do personagem. Os versos anteriores também não estão cem por cento de acordo com a letra. (N. da T.)



— Talvez seja tarde demais pra... Christine. Mas ainda podemos salvar a sua filha.

Da porta aberta, Rob o encarou.

Forrester balançou a cabeça com ar sombrio.

— Era a Guarda Nacional da Irlanda. *Eles localizaram a quadrilha.*

## 42

Forrester e Rob encontraram-se no aeroporto de Dublin. O policial estava acompanhado por vários agentes irlandeses portando distintivos com estrelas douradas no boné.

Houve pouco papo. Forrester e a polícia irlandesa conduziram Rob direto do saguão de chegada a um estacionamento arejado; eles subiram em silêncio em uma minivan.

Foi Rob quem quebrou o silêncio lúgubre e assustador.

— Minha ex-mulher está aqui?

Forrester assentiu.

— Chegou num vôo uma hora antes de você. Está no local.

— Ela pegou o último assento naquele vôo — disse Rob. Ele sentia a necessidade de se explicar. Agora se sentia culpado o tempo todo. Culpado pela morte de Christine; culpado pelo iminente destino de Lizzie. Culpado por sua própria estupidez letal. — Então... — disse, tentando controlar as emoções — eu peguei o vôo seguinte. Deixei que ela viesse primeiro.

Todos os policiais balançaram a cabeça. Rob não soube mais o que dizer. Suspirou, mordeu as articulações dos dedos e tentou não pensar em Christine. Ergueu então os olhos e contou a Forrester e Boijer sobre Isobel e as tentativas dela de

encontrar o Livro Negro. Havia um dia ou mais que não recebia notícias dela, e não conseguia fazer contato; mas aquele silêncio podia significar que ela estava próxima do objetivo. Lá no meio do deserto, fora do alcance do sinal.

Os policiais tentaram parecer impressionados, mas não tiveram êxito. Rob não podia culpá-los: aquilo parecia um tiro no escuro, muito confuso e distante, comparado com a realidade da fria e chuvosa Irlanda. Uma quadrilha de assassinos encurralada. Um cadáver eviscerado. Uma filha a ponto de ser desmembrada.

Por fim, Rob perguntou:

— E então, quais as últimas...?

O agente irlandês graduado se apresentou. Tinha cabelos grisalhos e rosto sério, de maxilar rígido.

— Detetive Liam Dooley.

Eles apertaram-se as mãos.

— Nós estamos mantendo eles sob vigilância. Obviamente, não podemos entrar direto. É um bando de sujeitos fortemente armados. A mulher... a sua amiga... eles mataram. Eu lamento. Mas a menina ainda está viva e queremos salvá-la. Nós vamos salvá-la. Mas precisamos ter cuidado.

— Certo — disse Rob. Eles estavam presos no trânsito em um rodoanel movimentado de Dublin. Rob olhou pelas janelas da van embaçadas de chuva.

Dooley se inclinou para a frente e deu um tapinha no ombro do motorista, que ligou a sirene, e a minivan da Guarda abriu caminho em meio ao tráfego, que se afastou para deixar o veículo da polícia passar.

— OK — disse Dooley em voz alta, sobrepondo-se ao som da sirene. — Tenho certeza que o inspetor Forrester colocou você a par dos fatos, mas agora se trata da cena do crime. Nós agarramos um deles, o italiano...

— Marsinelli — disse Forrester.

— Esse. Marsinelli. Agarramos Marsinelli ontem. É claro que isso alertou o resto da quadrilha: eles sabem que estão cercados e estão fortemente armados.

Rob assentiu, suspirou e aí cedeu às emoções e curvou-se para a frente, a cabeça pressionada com força contra o assento dianteiro. Pensava em Christine. Em como ela devia ter ouvido os próprios órgãos cozinharem...

Forrester pousou sua mão tranquilizadora sobre o ombro de Rob.

— Nós vamos pegá-los, não se preocupe, Rob. A Guarda sabe o que está fazendo. Eles enfrentaram o terrorismo na Irlanda por trinta anos. Nós vamos tirar a Lizzie de lá.

Rob gemeu: não estava só triste e assustado, também sentia um crescente ressentimento com relação à polícia. Eles haviam capturado só um integrante da quadrilha e sua filha ainda estava dentro do chalé, ainda nas mãos de Cloncurry. E Christine já estava morta. *Os policiais irlandeses estavam fazendo merda.*

— O que você está me dizendo então — disse ele — é que estamos em um completo impasse? Vocês cercaram o local pra que eles não possam sair, mas vocês também não podem entrar, caso eles façam alguma coisa com a minha filha. Mas ele já assassinou a minha namorada! E nós sabemos que ele já

matou antes. Como vamos saber que ele não está matando a Lizzie agora? Neste exato momento, porra?

Dooley balançou a cabeça.

—Nós sabemos que a sua filha está bem. Porque estamos falando com o Cloncurry o tempo todo.

—Como?

—Pela webcam. Ele instalou outra webcam... uma webcam bidirecional dessa vez. Nós vimos a sua filha e ela está bem. Não está ferida. Está amarrada. Como antes.

Rob virou-se na direção de Forrester em busca de garantia. O inspetor confirmou com um movimento de cabeça.

—O Cloncurry fala pelos cotovelos. Deve estar drogado.

—Mas e se ele perder o controle de repente?

Fez-se um opressivo silêncio na minivan. A sirene havia sido desligada. Ninguém falou. Então Dooley disse:

— Por alguma razão, ele parece decidido a conseguir alguma coisa de você. Quer esse Livro Negro ou seja lá o que for. Não para de falar nele. Nós achamos que ele está convencido de que o livro está com você. E, enquanto ele pensar isso, não vai matar sua filha.

Rob não conseguiu acompanhar o raciocínio. Não conseguia acompanhar nada.

Eles saíram da via expressa, deixando para trás o último dos subúrbios de Dublin, e aceleraram ao longo de estradas em campo aberto, rumo a montes verdes e bem arborizados. Casas de fazenda pintadas de branco pontuavam os campos. Uma placa indicou: *Montes Wicklow 5km*. Continuava a garoar.

Dooley acrescentou baixinho:

— E, é claro, se houver algum sinal de que ele vai fazer mal a sua filha, nós vamos entrar, qualquer que seja o risco. Temos policiais armados por toda parte. Prometo.

Rob fechou os olhos. Imaginou a cena: a polícia entrando correndo, a briga e o caos. E Cloncurry sorrindo silenciosamente e cortando a garganta de sua filha com uma faca de cozinha, ou acertando-a com um tiro na têmpora pouco antes de a polícia arrombar a porta. O que o impediria? Por que um lunático como Cloncurry manteria a filha de Rob viva? Mas talvez a polícia estivesse certa. Cloncurry devia estar desesperado para encontrar o Livro Negro: era essa a conjectura de Isobel. E Cloncurry devia ter acreditado em Rob quando este declarou que poderia encontrá-lo. Do contrário, teria simplesmente matado Lizzie, assim como matara Christine.

O problema era que Rob não fazia ideia de onde o Livro estava. E a menos que Isobel conseguisse algo, e bem rápido, isso logo se tornaria evidente. O que aconteceria então? Quando Cloncurry adivinhasse que Rob não tinha nada, *o que aconteceria?* Rob não precisou pensar. Quando isso ocorresse, Cloncurry faria o que fizera tantas vezes: mataria sua vítima. Obteria sua cruel e macabra satisfação e silenciaria a voz sedenta de sangue dentro de si. Aplacaria seus demônios de sangue Whaley — e mataria com incrível crueldade.

Rob fitou a paisagem rural encharcada. Viu outra placa, semi-oculta pelos galhos gotejantes de um carvalho. *Floresta Hellfire, de propriedade da Comissão Florestal Irlandesa. Coillte.* Estavam quase lá.

Rob havia estudado a história do lugar no trem rumo ao Aeroporto Stansted, simplesmente para ter algo que fazer. Para distrair-se de suas terríveis fantasias. No alto de uma colina perto dali, havia um antigo albergue de caça feito de pedra: a Casa Montpelier. Construída no topo de uma colina também agraciada com um círculo de pedras neolítico. Montpelier tinha a reputação de ser assombrada. Era igualmente famosa entre ocultistas, a molecada que saía para beber sidra e historiadores locais. O albergue era um dos principais lugares onde os sócios do Hellfire Club irlandês se reuniam. Para beber seu *schultheen*,<sup>10</sup> incendiar gatos pretos e jogar uíste com o demônio.

Até onde Rob sabia, muito do que se passara na casa era lenda. Mas os rumores de assassinato não eram completamente infundados. Uma casa no vale mais abaixo de Montpelier também havia, segundo a lenda, sido usada pelos Hellfires. Por Buck Egan, Jerusalém Whaley, Jack St. Leger e o resto dos sádicos do século XVIII.

Chamava-se Casa Killakee. E quando a Casa Killakee estava sendo restaurada, havia algumas décadas, fora desenterrado o esqueleto de uma criança ou de um anão ao lado da pequena estátua de bronze de um demônio.

Rob virou-se e olhou para fora pela outra janela. Já dava para ver a Casa Montpelier: uma presença sombria e cinzenta no topo das colinas, mais escura do que as nuvens atrás dela. Para junho, fazia tempo ruim. Convenientemente chuvoso e satânico. Rob pensou em sua filha tremendo em uma cabana

---

<sup>10</sup> Bebida derivada da combinação de uísque e manteiga. (N. da T.)

em algum lugar perto dali. Precisava se controlar. Pensar positivamente, por pouco que fosse. Ele não havia parabenizado Forrester por seu sucesso.

—A propósito, bom trabalho.

O inspetor franziu a testa.

—O quê?

—Pelo palpite, por ter encontrado os caras.

Forrester balançou a cabeça.

— Não foi nada. Só uma suposição lógica. Tentei pensar com o cérebro perturbado do Cloncurry. Ele gosta da ressonância histórica. É só ver a família dele, onde moram. Ele se esconderia num lugar que tivesse algum significado pra ele. E, é claro, eles estão procurando pelo Livro Negro, pelo tesouro de Whaley. Burnchapel Whaley veio daqui. Eles teriam começado a procurar por aqui, então por que não se basear aqui?

A van parou ruidosamente diante de uma casa com uma ampla tenda erguida no pátio de acesso e todos saltaram. Rob entrou na tenda apinhada e viu sua ex-mulher a um canto, sentada com uma policial da Guarda, bebendo uma caneca de chá. Havia muitos policiais ali, muito sotaque irlandês, muitos bonés com distintivos dourados e monitores de TV

Dooley pegou Rob pelo braço e explicou-lhe a situação. O chalé da quadrilha ficava a poucas centenas de metros colina abaixo. Com três minutos de caminhada à esquerda, a partir da porta dos fundos da casa, era possível vê-lo, escondido em um estreito vale verdejante. A Casa Montpelier ficava bem no topo da encosta elevada atrás deles.

— Cloncurry alugou o sítio uns meses atrás — disse Dooley.  
— Da mulher do fazendeiro. Foi ela que nos avisou, quando batemos de porta em porta. Disse que viu idas e vindas estranhas. Então pusemos o chalé sob vigilância. Já faz 24 horas que estamos observando. Acho que contamos cinco homens lá dentro. Pegamos o Marsinelli quando ele foi fazer compras.

Rob fez que entendia, apatetado. Sentia-se estúpido. Estava no meio de um impasse estúpido: policiais com rifles estavam aparentemente posicionados nos campos e nas colinas com a mira apontada para o chalé. Lá dentro havia quatro homens liderados por uma porra de um maluco completo. Rob desejava correr encosta abaixo e simplesmente... fazer alguma coisa. *Qualquer coisa*. Em vez disso, olhou para as telas de TV. Ao que parecia, a Guarda tinha várias câmeras, uma delas infravermelha, direcionadas para o esconderijo da quadrilha. Todos os movimentos eram analisados e registrados, dia e noite. Embora eles não tivessem visto nada de sério havia horas: as cortinas estavam fechadas; as portas, evidentemente fechadas.

Na mesa diante dos monitores de TV havia um laptop. Rob presumiu que aquele fosse o computador instalado para receber os comunicados de Cloncurry via webcam. O laptop tinha a sua própria câmera.

Sentindo como se alguém tivesse enchido seus pulmões com bolinhas de chumbo congeladas, Rob cruzou a tenda na direção de Sally. Eles trocaram algumas palavras e abraçaram-se.

E então Dooley chamou Rob no outro lado da tenda.



— É o Cloncurry! Ele está na webcam de novo. Nós dissemos a ele que você está aqui. Ele quer falar com você.

Rob atravessou a tenda correndo e pôs-se de pé diante da tela do laptop. Lá estava ele. O rosto anguloso: quase simpático, mas totalmente assustador. Os olhos inteligentes, porém traiçoeiros. Atrás de Cloncurry estava Lizzie, com roupas limpas, ainda amarrada à cadeira, mas dessa vez sem capuz.

— Ah, o cavalheiro do *Times*.

Rob encarou a tela em silêncio. Sentiu uma cotovelada vinda de algum lugar. Dooley estava gesticulando e balbuciando: *fala com ele, faz ele falar*.

— Oi — disse Rob.

— Oi! — riu Cloncurry. — Lamento termos tido que ferver a sua noiva, mas a sua garotinha está totalmente ilesa. Na verdade, eu gosto de pensar que ela está em excelentes condições! Estamos dando a ela montes de frutas. Para que se desenvolva. E claro que eu não tenho muita certeza de por quanto tempo vamos poder manter essa situação, mas isso depende de você.

— Você... — disse Rob. — Você... — tentou de novo. Aquilo ia mal; ele não sabia o que dizer. Virou-se e olhou desesperado para Dooley, mas ao fazê-lo se deu conta de uma coisa. Ele tinha algo a dizer. Tinha uma carta na manga e agora precisava usá-la. Olhou direto para a tela. — OK, Cloncurry, o acordo é o seguinte. Se você me der a Lizzie, eu consigo o Livro pra você. Eu faço isso.

Jamie Cloncurry sobressaltou-se. Ainda que tênue, foi o primeiro lampejo de insegurança que Rob viu em seu rosto. Aquilo o encheu de esperança.

— Eu sei — disse Cloncurry. — Eu sei que você faz. — O sorriso era sarcástico, cético. — Imagino que você o tenha conseguido em Lalesh?

— Não.

—Então, conseguiu onde? De que porra você tá falando, Luttrell?

—Da Irlanda. Ele está aqui na Irlanda. Os iazidis me disseram onde. Lá em Lalesh, eles me contaram onde está o Livro.

Era uma jogada grosseira — e mesmo assim, pareceu funcionar. Havia um indício de preocupação e dúvida no rosto de Cloncurry, preocupação disfarçada pelo olhar de desdém.

—Certo. Mas é claro que você não pode me dizer *onde* está. Embora eu possa cortar fora o nariz da sua filha com um aparador de charutos.

—Não importa *onde* ele está. Mas eu vou trazê-lo até aqui. Em um ou dois dias. Então você vai ter o seu Livro e vai me devolver a minha filha. — Ele fitou Cloncurry nos olhos. — Se vai escapar daqui depois atirando em todo mundo, estou pouco me importando.

—Sim. Eu também. — Cloncurry riu. — Eu também, Robbee. Eu só quero o Livro.

Os dois homens se encararam. Rob sentiu uma onda de curiosidade, o velho interesse jornalístico.

— Mas *por quê?* Por que tanta obsessão pelo Livro? Por que tudo... *isso?*

Cloncurry olhou para longe da câmera, como se pensasse. Seus olhos verdes faiscaram ao tornar a encará-la.

— Acho que eu também posso falar um pouco. Como é que vocês jornalistas chamam isso? Uma chamada?

Rob sentiu os policiais moverem-se a sua esquerda: alguma coisa estava acontecendo. Seria esse o sinal? A polícia estava entrando? O destino de sua filha seria decidido *ali mesmo*?

Forrester fez um gesto com a mão: *mantenha-o falando*.

Mas foi Cloncurry quem continuou a falar.

— Há trezentos anos, Rob, Jerusalém Whaley voltou da Terra Santa com um estoque de materiais trazidos dos iazidis. Ele devia ser um homem feliz. Por ter achado exatamente o que o Hellfire Club estava procurando, o que Francis Dashwood tinha buscado durante anos. Tinha encontrado a prova definitiva de que todas as religiões, todas as crenças, o Corão, o Talmude e a Bíblia, todas essas asneiras repugnantes e fantasiosas, tudo isso era besteira. A religião é só o fedor desagradável do mijo da orfandade da alma humana. Pra um ateu, pra um inimigo dos padres como meu antepassado, essa prova decisiva era o Santo Graal. A sorte grande. El Gordo. O bilhete premiado. Deus não só está morto, *o desgraçado nunca existiu*. — Cloncurry sorriu. — E, no entanto, Rob, o que Whaley encontrou ia ainda mais longe do que isso. O que ele encontrou foi tão torturante que, na realidade, partiu o coração dele. Como é aquele ditado? Cuidado com o que você deseja. Não é assim que dizem?

— O que foi então? O que foi que ele encontrou?

— Ah — Cloncurry riu. — Bem que você gostaria de saber, Robbie, meu frilazinho de tablóide! Mas eu não vou contar. Se você realmente sabe onde está o Livro, pode dar uma lida por si mesmo. Só que, se contar pra alguém, eu vou fatiar a

sua filha com um jogo de facas de carne do eBay. Tudo o que eu posso dizer por enquanto é que Thomas Buck Whaley escondeu o Livro. E contou pra alguns amigos chegados o que havia nele. E disse que, sob certas circunstâncias, o Livro devia ser destruído.

—E por que ele mesmo não destruiu?

— Quem sabe? O Livro Negro é um tesouro... extraordinário. É uma revelação tão assustadora, Rob, que ele talvez não tenha conseguido fazer isso. Ele devia ter algum orgulho da descoberta dele. Tinha achado o que o grande Dashwood não conseguiu. Ele. O humilde Tom Whaley, dos campos da Irlanda colonial, tinha derrotado o chanceler britânico. Ele deve ter ficado orgulhoso, apesar de tudo. Então, em vez de destruir o Livro, ele o escondeu. Onde, exatamente, foi esquecido com o decorrer do tempo. Daí a nossa heróica busca pela descoberta do meu corajoso ancestral. Mas agora é que vem a parte engenhosa, Rob. Você está ouvindo?

A polícia estava definitivamente fazendo alguma coisa. Rob viu homens armados saindo da tenda. Ouviu ordens sussurradas. Havia um clima de ação: as telas de vídeo cintilavam de movimento. Ao mesmo tempo, a quadrilha parecia estar montando alguma coisa no jardim. Era uma grande estaca de madeira. Como a que se usaria para um empalamento.

Rob sabia que tinha que manter Cloncurry falando; tinha de permanecer calmo e manter o assassino falando.

— Continua. Continua que eu estou ouvindo.

— Whaley disse que se por acaso um templo fosse escavado na Turquia...

—Gobekli Tepe?!

—Garoto esperto. Gobekli Tepe. Whaley contou aos seus confidentes exatamente o que os iazidis tinham contado pra ele: que se Gobekli Tepe fosse desenterrada, o Livro Negro tinha que ser destruído.

—Por quê?

—Esse é o problema, seu imbecil. Porque nas mãos certas, visto da maneira correta, o Livro, juntamente com as evidências de Gobekli, subverteria o mundo, Rob: mudaria tudo. Rebaixaria e degradaria a sociedade. Não só as religiões. Toda a estrutura das nossas vidas, a maneira como o mundo existe se veria ameaçada se a verdade fosse revelada. — Cloncurry inclinou-se para bem perto câmera. Seu rosto encheu a tela inteira. — Essa é a esplêndida, esplêndida ironia aqui, Rob. O tempo todo eu só tentei proteger vocês de si mesmos, seus estúpidos, proteger toda a humanidade. Essa é a tarefa dos Cloncurry. Proteger todos vocês. Achar o Livro e se necessário destruí-lo. Pra salvar todos vocês! Sabe, nós somos praticamente santos. Estou esperando uma mensagem do papa a qualquer momento. — O sorriso traiçoeiro havia retornado. Rob ergueu os olhos para as telas atrás do laptop. Viu movimento. Uma das câmeras mostrava três vultos, obviamente armados, rastejando em direção ao jardim do chalé: só podia ser a polícia entrando. Enquanto tentava se concentrar no diálogo, Rob percebeu que Cloncurry provavelmente estava tentando fazer justo o contrário: distraí-lo e à polícia também.

Mas Dooley e seus homens viram a estaca de madeira: sabiam que havia chegado o momento. Rob contemplou sua filha.

Amarrada à cadeira, visível sobre o ombro de Cloncurry. Com esforço físico, Rob controlou suas emoções.

— Então por que toda a violência? Por que toda a matança? Se você só queria o Livro iazidi, por que todos os sacrifícios? O rosto no laptop o encarou com raiva.

— Porque eu sou um Cloncurry. Nós descendemos dos Whaley. Eles descendem de Oliver Cromwell. *Capisce?* Notou o padrão de queimar pessoas? Nas igrejas? Com uma bela de uma plateia? Quando Cromwell matava gente na batalha, ele ria.

— E daí?

— Daí que a culpa é simplesmente da porra do meu haplótipo. Pergunta pra minha hélice dupla. Dá uma olhada na minha sequência genética Dysbindin DTNBP-1.

Rob tentou não pensar em sua filha, empalada.

— Então você está dizendo que herdou essa característica? Cloncurry aplaudiu, sarcástico.

— Brilhante, Holmes. Herdei. Sou claramente um psicopata. Quantas provas você quer? Fica ligado neste canal e talvez você me veja comer o cérebro da sua filha. Com batatas ao forno. Isso é prova suficiente?

Rob engoliu a raiva. Só precisava manter Cloncurry ali e Lizzie à vista, via webcam. O que significava ficar ali ouvindo aquele louco fazer discursos. Rob balançou a cabeça.

— É claro que eu tenho as porras dos genes pra violência. E, olha que engraçado, pra inteligência elevada também. Sabe qual é o meu

QI? 147. Isso mesmo, 147 Isso faz de mim um gênio, até mesmo pelos padrões dos gênios. O QI médio de um

ganhador do Prêmio Nobel é de 145. Eu sou esperto, Rob. Muito esperto. Provavelmente sou esperto demais para que você perceba quão esperto eu sou. Esse é o problema da inteligência muito elevada. Pra mim, tentar me entender com pessoas comuns é como tentar ter uma conversa séria com um molusco.

— Ainda assim, nós pegamos você.

— Ahhh, muito bem! Você e o seu mísero QI de pós-graduado de, quanto, 125? 130? Jesus Cristo. Eu sou um Cloncurry. Carrego os genes nobres dos Cromwell e dos Whaley. Infelizmente pra você e sua filha, também carrego a tendência deles pra violência espalhafatosa. Que a gente vai ver daqui a pouco. Ainda assim...

Cloncurry se virou para a esquerda. Rob ergueu os olhos e checkou os monitores de vídeo. A polícia estava entrando: as armas por fim abriram fogo. Os tiros e ecos ressoaram pelo vale.

Houve gritos, ruídos e disparos por toda parte. No laptop, nos monitores, no vale. A tela do laptop tremeu e então voltou, como se a câmera tivesse sido golpeada. Cloncurry estava de pé. Novo disparo se fez ouvir do outro lado do vale, em seguida mais quatro — e então aconteceu. Rob viu um segundo pelotão de policiais entrar em ação, disparando. Atirando rápido e com precisão.

Os atiradores de elite da Guarda estavam desbaratando a quadrilha. Nos monitores de TV, Rob viu os vultos escuros dos integrantes da quadrilha encolherem-se no chão. Dois corpos caíram. Então ele ouviu outro grito. Não sabia se saíra das TVs, do laptop ou lá de fora, mas os ruídos eram

inquietantes: eram rifles de alta precisão. Houve um grito: talvez um dos policiais tivesse sido atingido. E outro em seguida? Mas a investida prosseguia, ao vivo nos monitores de TV espalhados por toda a tenda.

A polícia estava transpondo o muro traseiro do jardim do chalé e saltando sobre as cercas. Enquanto Rob observava os monitores, o quintal do chalé se enchia de policiais com máscaras de esqui e capacetes negros, berrando ordens. Gritando com a quadrilha.

Tudo estava acontecendo em uma velocidade estonteante e incrível. Pelo menos um dos integrantes da quadrilha parecia seriamente ferido; estava estendido, quase sem se mover; outro talvez estivesse morto.

Então alguém deu um salto para a frente e lançou uma granada de luz dentro do chalé e Rob ouviu uma imensa explosão; nuvens de fumaça negra começaram a sair pela janela quebrada do chalé.

Em meio à fumaça, ao barulho ensurdecedor e à confusão, ainda assim estava claro: a polícia estava ganhando — mas conseguiria capturar Cloncurry também?

Rob olhou para o laptop. Cloncurry estava com Lizzie, que se contorcia em seus braços. A expressão em seu rosto era ameaçadora, e ele estava recuando, fugindo. Ao sair correndo da sala, a mão de Cloncurry surgiu, fechou o laptop e a imagem desapareceu.



À exceção do líder, a quadrilha estava acabada, seus integrantes mortos, gravemente feridos ou presos; dois policiais estavam machucados. Ambulâncias estavam estacionadas ao longo das ruas próximas; havia médicos, enfermeiras e paramédicos por toda parte.

O chalé estava agora cheio de policiais para o cerco final. Aparentemente, Cloncurry estava entrincheirado no quarto dos fundos no andar de cima: havia ligado novamente o laptop; Lizzie estava novamente amarrada a uma cadeira. Rob via tudo isso através da webcam. O cômodo no qual sua filha estava sendo mantida fora preparado para um derradeiro duelo.

Rob contemplava o rosto astucioso de Cloncurry. O sorriso era tão magro, polido e zombeteiro que era como se alguém lhe tivesse retalhado a boca com uma faca, tornando-a ligeiramente maior. Seus olhos verdes cintilavam na penumbra do quarto do chalé.

Os policiais discutiam nervosamente o que fazer. Para Forrester, deviam simplesmente invadir, explodindo a porta: cada segundo de demora punha em risco a vida de Lizzie. A Guarda estava muito mais reticente: Dooley achava que eles deviam conversar um pouco mais. Quem sabe achar um jeito de entrar pelo telhado, clandestinamente. Rob queria que entrassem de uma vez. Tinha certeza de haver entendido a psicologia de Cloncurry. O líder da quadrilha sabia que iria morrer, sabia que não iria conseguir o Livro, mas desejava que Lizzie afundasse com ele, da forma mais repugnante possível

— fazendo com que o pai assistisse à morte da filha. Rob estremeceu até o fundo da espinha dorsal quando imaginou de que maneira Cloncurry sacrificaria sua filha. Ali. Ao vivo. Diante da câmera.

Forrester segurou o ombro de Rob, tentando acalmá-lo. Os agentes da Guarda analisavam de novo, apressadamente, a planta do chalé: a chaminé, as janelas, tudo. Será que podiam lançar granadas de luz pelas janelas do andar superior? Um atirador conseguiria disparar um tiro pela janela? Rob enfureceu-se ante tais deliberações. No entanto, sabia que assim que a polícia tentasse alguma coisa, Cloncurry mataria Lizzie. As portas que levavam ao último quarto estariam certamente trancadas e deviam ser resistentes. Eles estavam diante de um impasse com uma única saída possível. Uma invasão levaria pelo menos dois ou três minutos. Assim que comesçassem a entrar, Cloncurry pegaria uma de suas facas reluzentes e cortaria a língua da menina. Arrancaria seus olhos. Cortaria uma artéria em sua garganta infantil e pálida... Rob imaginou a cabeça da filha separada do corpo. Tentou não pensar naquilo. Sally chorava em silêncio. Assim como a filha deles, ao que parecia. Ao fundo da imagem, Rob viu os ombros de Lizzie tremendo.

Sally limpou o nariz gotejante com o dorso da mão e disse o que Rob estava pensando.

— É um beco sem saída. Ele vai matar ela. Ah, Jesus...

Rob trincou os dentes ante o comentário choroso e entrecortado da ex-mulher. Ela estava certa.

Na tela do laptop, Cloncurry tagarelava. Estava falando para a câmera. Vinha fazendo isso, intermitentemente, havia vinte

minutos. Desde o tiroteio no chalé e no quintal dos fundos. As divagações eram bizarras.

Dessa vez estava dissertando sobre o Holocausto.

— Você nunca pensou a respeito de Hitler, Rob, por que ele fez o que fez? Aquilo foi um grande sacrifício, não foi? O Holocausto? Um grande sacrifício humano. E assim que os judeus o chamam, sabia? Shoah. A oferenda queimada. Shoah significa oferenda queimada, como um sacrifício. Hitler sacrificou eles. Eram oferendas queimadas, como as criancinhas que os judeus sacrificavam a Moloch. No Tofet. Em Ben Himmon. O Vale da Sombra da Morte. Onde as criancinhas são queimadas.

Cloncurry lambeu os lábios. Tinha uma arma em uma das mãos e uma faca na outra. O discurso do assassino prosseguiu.

— Grandes homens sempre sacrificam gente, não é? Napoleão atravessava rios sobre os cadáveres dos seus homens afogados. Ele ordenava a eles que entrassem nos rios pra se afogar, pra poder usar os corpos duros como ponte. Um grande homem, de verdade. E veja Pol Pot, ele chacinou 2 milhões de pessoas de seu próprio povo no Camboja *como um experimento*, Rob. Dois milhões. Foi o que fez o Khmer Vermelho. E eles eram a *haute bourgeoisie*: a classe média alta. Os educados e esclarecidos.

Rob balançou a cabeça e desviou os olhos do laptop. Cloncurry debochou.

— Ah, você não quer falar disso. Que conveniente. Mas vai ter que falar disso, Rob. Encare os fatos. Todos os líderes políticos do mundo têm algum impulso pra violência, são sádicos sofríveis. Nós lutamos a guerra do Iraque em nome da

liberdade, não foi? Mas quantos nós matamos com nossas bombas de fragmentação? Duzentos mil? Meio milhão? Não conseguimos evitar, não é? As sociedades mais avançadas simplesmente continuam a matar. Mas a matar com mais eficiência. E só pra isso que nós, seres humanos, servimos, porque sempre somos liderados por assassinos. Sempre. O que há com os nossos líderes, Rob? Por que eles sempre matam? O que é essa compulsão? Eles parecem loucos, mas será que são mesmo diferentes de mim e de você? Quais os impulsos que você sentiu em relação a mim, Rob? Já imaginou como podia me matar? Me cozinhar no óleo? Me cortar com navalhas? Aposto que já. Todas as pessoas inteligentes, todos os caras espertos são assassinos. Todos nós somos assassinos. Então o que há de errado conosco, Rob? Será que existe alguma coisa... enterrada dentro de nós? Hmm? — Outra lambida nos lábios. Cloncurry parou de sorrir. — Mas eu estou cansado disso, Rob. Não acredito, sequer por um minuto, que você tenha o Livro, ou saiba onde ele está. Acho que chegou a hora de terminar com esse melodrama idiota.

Ele se levantou, foi para longe da câmera e caminhou até a cadeira. À plena vista da câmera, desatou as cordas que prendiam Lizzie ao assento.

Rob viu sua filha contorcer-se nos braços de Cloncurry. Ela continuava amordaçada. Cloncurry aproximou a menina do laptop e sentou-a sobre seu joelho; então falou em direção à câmera novamente.

— Já ouviu falar dos citas, Rob? Tinham hábitos estranhos. Sacrificavam os cavalos deles. Reuniam os animais em navios em chamas e queimavam eles vivos. Muito divertido. Eram

igualmente cruéis com marinheiros naufragados: se conseguissem sobreviver a uma catástrofe em alto-mar, os citas desciam até a costa, pegavam os sujeitos pelos braços, levavam eles prum penhasco e jogavam de novo. Um povo admirável.

Lizzie contorceu-se nos braços de Cloncurry. Seus olhos procuraram os do pai na tela à sua frente. Sally soluçava ao ver a filha deles lutar pela vida.

— Agora eu vou tostar a cabeça dela viva. E coisa dos citas. Era como eles sacrificavam os primogênitos. Ela é a sua primogênita, não é? Na verdade, ela é a sua única filha, certo? Portanto eu vou acender uma fogueira e depois...

Rob explodiu.

—Vai se foder, Cloncurry! *Vai se foder.*

Cloncurry riu.

—Ah, é?

—Vai se foder. Se você sequer encostar nela, eu vou...

— Você vai fazer *o quê*, Robbie? O que você vai fazer? Você vai o quê? Bater na porta feito um covarde enquanto eu abro a garganta dela? Vai gritar palavrões na tela enquanto eu trepo com ela e depois atiro nela? O quê? O quê? O que você vai fazer, seu viadinho manhoso? Sua bichinha patética. Hein? O quê? *O quê?* Por que você não vem me pegar? Hein? Vem até aqui agora mesmo e me pega, seu traveco estúpido. Pode *vir*, Robbie. Eu estou *esperando*...

Rob sentiu a raiva inundá-lo. Pulou da cadeira e correu para fora da tenda. Um policial irlandês tentou interceptá-lo, mas Rob tirou-o do caminho com um soco. Corria a toda velocidade agora. Descendo em disparada a colina irlandesa

verdejante, úmida, escorregadia, para salvar a filha. Deslocando-se o mais rápido que podia. Sua pulsação parecia um baixo enlouquecido golpeando-lhe os ouvidos. Rob correu sem parar, quase caiu sobre o gramado encharcado, tornou a se levantar, lançou-se colina abaixo, passou aos trancos por mais policiais com armas e capacetes pretos que tentaram barrá-lo, mas gritou e eles recuaram, e logo estava na porta do chalé e em seguida dentro.

Policiais subiam correndo as estreitas escadas do chalé, mas Rob os alcançou. Afastou um policial do caminho, reconhecendo-se capaz de atirar alguém de um penhasco se precisasse. Sentia-se mais forte do que jamais se sentira na vida, e mais furioso do que seria possível: ia acabar com Cloncurry e ia fazer isso agora.

Segundos depois, estava diante da porta trancada e os policiais gritavam com ele para que saísse do caminho, mas Rob os ignorou: chutou a porta sem parar e ela inesperadamente cedeu: as travas afrouxaram. Ele chutou de novo. Sentia os ossos em seu tornozelo quase partidos, mas chutou uma última vez; a porta gemeu, as dobradiças estalaram e Rob entrou.

Estava no quarto. E ali não havia...

*Nada.* O quarto estava... *vazio.*

Nada de cadeira, nada de laptop, nada de Cloncurry; nada de Lizzie. No chão espalhavam-se os sinais de uma imunda ocupação. Latas de comida semiabertas. Roupas e xícaras de café sujas. Um ou dois jornais; a um canto, uma pilha de roupas de Christine.

Rob sentiu sua mente se aproximar da órbita da loucura. Ser sugada por um vórtex irracional. Onde estava Cloncurry? Onde estava a cadeira? O capuz descartado? *Onde estava sua filha?*

As perguntas giravam em sua mente enquanto os policiais enchiam o aposento. Eles tentaram levar Rob para fora, tirá-lo dali, mas ele não quis sair. Precisava solucionar aquele quebra-cabeça. Sentia-se enganado, humilhado e consumido pela tristeza. Sentia-se muito próximo da loucura.

Rob correu freneticamente os olhos pelo aposento. Viu pequenas câmeras instaladas no local. Estaria Cloncurry em algum outro lugar? Observando-os? Rindo deles? Rob podia, de certa forma, *sentir* o som abominável da risada de Cloncurry, em alguma parte, na internet, rindo dele.

Foi quando ouviu. Um ruído de verdade. Um ruído abafado proveniente do armário no canto do aposento. Era uma voz humana, mas amordaçada e abafada: Rob conhecia muito bem o som àquela altura.

Ele empurrou para o lado outro oficial da Guarda, foi direto ao armário e abriu a porta.

Dois olhos arregalados e assustados o encararam da escuridão. Uma voz abafada, em tom de súplica, alívio e até amor, gemeu por trás da mordaça.

Era Christine.

Rob estava sentado em uma cadeira giratória diante da mesa de Dooley. O escritório de Dooley ficava no décimo andar de um prédio novo e reluzente com vista para o rio Liffey. A paisagem, nas janelas panorâmicas, era estupenda; do encontro do rio com o mar da Irlanda, a leste, aos suaves montes Wicklow, ao sul, do outro lado da cidade. As colinas pareciam verdes e inocentes sob o céu cada vez mais claro. Se Rob apertasse os olhos, conseguiria até enxergar a silhueta tacanha e sombria da Casa Montpelier no topo de sua encosta arborizada, a 20 quilômetros de distância.

A vista de Montpelier devolveu Rob à realidade nua e crua. Ele se voltou de frente para a sala: o escritório estava cheio de gente. Só haviam se passado noventa minutos desde a situação de terror no chalé da Floresta Hellfire. Eles tinham recebido uma breve mensagem de Cloncurry provando que Lizzie ainda estava viva. Mas onde? Onde estava ela? Rob mordeu uma unha, tentando imaginar, tentando desesperadamente juntar as peças do quebra-cabeça.

Christine falava, animada e lúcida. Dooley debruçou-se na direção dela.

— Tem certeza que não precisa que os paramédicos...

— Não — cortou ela. — Estou ótima. Eu já disse. Eles não me machucaram.

Boijer os interrompeu.

— Como eles te trouxeram para a Irlanda?

— No porta-malas de um carro. Num ferryboat. Era o que parecia pelo cheiro rançoso de diesel e de água salgada.



— Você ficou presa no porta-malas?

— Eu sobrevivi. Foram só algumas horas no carro, e depois no barco. E depois isso aqui.

Forrester assentiu com um movimento de cabeça.

— Bom, foi o que a gente imaginou. Eles estavam se deslocando de carro entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, pegando o ferryboat, evitando o controle da alfândega. Srta. Meyer, eu sei que é traumático, mas nós precisamos saber o máximo possível, o mais rápido possível.

— Como eu disse, detetive, não estou traumatizada. Pode perguntar o que quiser.

— OK. Do que você se lembra? Você sabe quando a quadrilha se separou? Nós sabemos que eles mantiveram você e a Lizzie juntas, por um dia ou dois, na Inglaterra. Você tem alguma idéia de onde?

— Sinto muito. — Rob notou que Christine estava falando de uma forma estranha: pausada, aguda. — Não faço ideia de onde eles me mantiveram, lamento. Talvez algum lugar perto de Cambridge. A primeira viagem de carro não foi longa, durou talvez uma hora. Lizzie e eu estávamos ambas na mala de um carro. Mas depois eles nos tiraram. Encapuzadas e amordaçadas. Eles estavam conversando bastante, e acho que então se separaram. Depois de um dia e meio talvez? É difícil dizer quando você está amordaçada, encapuzada e muito assustada.

Forrester sorriu em silêncio, desculpando-se. Rob podia senti-lo tentando analisar a coerência de tudo aquilo. Boijer disse:

— Mas eu ainda não consigo entender. Pra que serviu todo aquele drama? A pobre da mulher no vídeo, a estaca no jardim quando ele ameaçou matar a menina. O que foi aquilo?

— Ele viu uma oportunidade de torturar o Rob. Psicologicamente — disse Christine. — E o estilo do Cloncurry. Ele é psicótico, espalhafatoso, teatral. Lembrem que eu passei algum tempo com ele. Não foram as melhores horas da minha vida.

Rob olhou na direção de Christine; ela devolveu seu olhar.

— Ele não me tocou. Fico pensando se não é assexuado. De qualquer jeito, exibicionista eu sei que ele é. Um exibido. Gosta que as pessoas vejam o que ele faz. Fazer as vítimas sofrer, e fazer quem as ama sofrer também...

Forrester havia se levantado e caminhado até a janela. O brando sol irlandês batia no seu rosto. Ele virou-se e disse calmamente:

— Todos os sacrifícios humanos eram tradicionalmente executados diante de plateias. Foi De Savary quem disse isso. Qual foi a palavra que ele usou... o poder *apaziguador* do sacrifício decorre do fato de ser assistido. Os astecas carregavam as pessoas pro topo das pirâmides pra que a cidade inteira visse os seus corações sendo arrancados. Certo?

— Certo. — Christine continuou: — Como os funerais vikings nos navios... cerimônias públicas de sacrifício. O empalamento dos habitantes de Cárpatos... igualmente um grande ritual público. Sacrifício foi feito pra ser assistido. Pelas pessoas, pelos reis, pelos deuses. Um espetáculo de crueldade. É esse o apelo que o Cloncurry vê. Crueldade prolongada, pública e bastante *elaborada*.

—E era isso o que ele planejava pra você, Christine — disse Forrester gentilmente. — Um empalamento público. No jardim do chalé. Acho que foi a quadrilha que estragou tudo na Irlanda.

— Como?

— Começaram a discutir e a atirar — disse Dooley. — Acho que a quadrilha perdeu o controle sem ele... sem o líder.

— Mas tem outra coisa — acrescentou Boijer. — Por que o Cloncurry largou a quadrilha na Irlanda quando devia saber que eles seriam capturados, até mesmo mortos?

Rob riu amargamente.

— *Mais um sacrifício.* Ele sacrificou os próprios homens. Em público. Provavelmente estava assistindo enquanto a Guarda matava os caras. Ele tinha câmeras por toda parte no chalé. Imagino que tenha se divertido com tudo aquilo, que tenha assistido na tela do computador dele.

A pergunta central havia sido levantada. Boijer verbalizou-a.

— Então, onde está o Cloncurry? Onde diabos ele está agora? Rob olhou de relance para os policiais, um após o outro. Por fim

Dooley declarou:

— Com certeza deve estar na Inglaterra.

— Ou na Irlanda — replicou Boijer.

Christine sugeriu:

— Acho que ele talvez esteja na França.

Forrester franziu a testa.

— Como é?

— Quando eu estava amarrada e encapuzada, eu o ouvia falar sem parar sobre a França e a família dele lá. Ele odiava a

família, os segredos de família, tudo isso. A sua herança terrível. Era o que ele vivia falando. O quanto odiava a família... a mãe em particular... Na casa estúpida dela na França.

— Fico me perguntando... — Boijer encarou Forrester com uma expressão significativa. O inspetor assentiu sombriamente com um aceno de cabeça. — Quem sabe a mulher no vídeo, a que ele matou, seja a mãe dele.

— Jesus Cristo!

A sala caiu em silêncio.

—Mas a polícia francesa está vigiando a casa. Não está? Vigiando os pais dele? — perguntou Rob a seguir.

—Provavelmente — respondeu Boijer. — Mas não fazemos contato com eles de hora em hora. E eles não teriam seguido a mãe se ela saísse.

De repente, Sally interrompeu, furiosa:

— Mas como ele teria chegado lá? Aviões particulares? Vocês disseram que estavam investigando isso!

Forrester ergueu uma das mãos.

— Nós examinamos relatórios do controle de tráfego aéreo. Entramos em contato com *todos* os campos de aviação particulares do leste da Inglaterra. — Ele deu de ombros. — Nós sabemos que eles tinham dinheiro pra um avião, e que o Marsinelli tinha breve, e talvez o Cloncurry também. O problema com essa linha de investigação é que... - ele suspirou. — Existem milhares de aviões particulares no Reino Unido, dezenas de milhares na Europa ocidental. Se o Cloncurry estivesse voando sob nome falso há meses, há um ano, quem sabe, ninguém ia questionar. Ele automaticamente

teria autorização. Outro problema é que está todo mundo procurando por uma quadrilha de homens, em um carro, em um jato particular. Não um único cara, *voando sozinho...*

— Ele esfregou o queixo, com ar pensativo. — Mas eu ainda acho que os franceses não o deixariam escapar. Todos os principais aeroportos e portos foram alertados. Mas sei lá, é sempre possível.

— Toda essa especulação não nos leva muito longe, leva? — cortou Rob. — Cloncurry pode estar na Grã-Bretanha, na França ou na Irlanda. Ótimo. Só três países pra procurar. E ele continua com a minha filha. E talvez tenha matado a mãe dele. E aí o que a gente faz?

— E quanto a sua amiga na Turquia, Isobel Previn? Teve alguma sorte na busca do Livro Negro? — perguntou Forrester.

Rob sentiu uma pontada de esperança, mesclada com desespero.

— Recebi uma mensagem de texto dela ontem à noite. Ela diz que está perto. É tudo que eu sei.

Sally inclinou-se para a frente, o sol brilhando em seu cabelo louro.

— Mas e quanto a *Lizzie*? Já basta dessa história de Livro Negro. Quem se *importa* com isso? O que ele vai fazer com a Lizzie agora? *Com a minha filha?*

Christine deslizou ao longo do sofá e abraçou Sally.

— A Lizzie está segura por enquanto. Ele não precisava de mim porque eu sou só a namorada do Rob. Eu era um brinquedo. Um bônus. Era descartável. — Ela abraçou Sally novamente. — *Mas o cara não é idiota.* Ele vai usar a Lizzie,

usá-la contra o Rob. Até conseguir o que quer. E o que ele quer é o Livro Negro. Ele acha que está com o Rob.

— Mas o fato é que eu *não sei* de nada — disse Rob com ar desanimado. — Eu menti, disse que sabia alguma coisa, mas por que ele acreditaria em mim? Ele não é idiota. Como você disse.

— Você foi até Lalesh — respondeu Christine. — Eu também ouvi ele falar disso. Lalesh. Quantos não iazidis foram até lá? Talvez uns vinte, trinta em cem anos? É isso que está incomodando ele. — Ela se recostou. — Ele está obcecado pelo Livro e tem certeza que você sabe de alguma coisa. Por causa de Lalesh. De modo que eu acho que a Lizzie está relativamente segura por enquanto.

Seguiram-se alguns minutos de silêncio. Então a conversa desviou--se, inutilmente, para aviões, campos de pouso e ferryboats. Em seguida o laptop os interrompeu.

Cloncurry estava on-line.

Sem uma palavra, Rob acenou com uma das mãos na direção das pessoas na sala e elas se reuniram e fitaram a tela do laptop.

Lá estava Cloncurry, na imagem da webcam. Clara e nítida. O som estava bom. O assassino sorria. Dava risadas.

— Oi de novo! Achei que devíamos colocar a conversa em dia. Bater um papinho. Então vocês conseguiram pegar os meus agentes cognitivamente deficientes. Meus irmãos na Irlanda. Que chato. Eu tinha um belo empalamento planejado também. Como vocês provavelmente sabem. Vocês viram a estaca enorme no jardim?

Dooley balançou a cabeça em sinal de assentimento.

—Nós vimos.

—Ah, detetive Doohickey. Como vai? Pena que não conseguimos espetar a vadia francesa. Toda aquela carpintaria pra nada. Eu devia ao menos ter torturado a vagabunda, como pretendia. Mas tinha outras coisas em mente. Não faz diferença. Porque eu ainda tenho amigos. Na verdade, tenho uma bem aqui. Cumprimentem a minha amiguinha.

Cloncurry estendeu o braço para longe da camera e pegou alguma coisa.

Era uma cabeça humana decepada.

Mais exatamente, era a cabeça de Isobel Previn, branca e ligeiramente apodrecida. Nervos acinzentados e artérias esverdeadas pendiam flácidos do pescoço.

— Isobel! Fala alguma coisa. Cumprimenta todo mundo. — Com um movimento de mão, ele fez a cabeça acenar.

Christine começou a chorar. Rob olhou horrorizado para a tela. Cloncurry irradiava uma espécie de orgulho sarcástico.

— Pronto. Ela está dizendo oi. Mas agora eu acho que ela quer ir pro lugar especial dela. Arrumei um lugar especial pra cabeça dela, em respeito às suas façanhas arqueológicas. — Cloncurry pôs-se de pé, deu um passo à frente e chutou a cabeça para o outro lado da sala, acertando-a com habilidade. A cabeça voou em direção à lata de lixo do canto, caindo lá dentro com forte ruído. — Que puta *gol!* — Ele tornou a virar-se para a câmera. — Estou treinando isso há horas. Agora, onde eu estava? Ah, sim. Robert, o jornalista. O suposto jornalista. Olá. Estou muito feliz que você esteja conosco. Não se preocupe, como eu disse antes, a sua filha ainda está segura. Veja... — Ele debruçou-se e girou a câmera

até que esta exibisse Lizzie. Ainda amarrada à cadeira, mas, aparentemente, sã e salva. A câmera voltou à posição.

—Portanto, Robbeeee, como você vê, ela está ótima. Em excelente forma. Ao contrário da Isobel Previn. Sinto *tanto* pela minha brincadeirinha com os órgãos vitais dela. Mas não consegui resistir. Acho que devo ter alguma coisa de diretor de cinema. E foi uma oportunidade tão rara. Lá estava eu, perambulando pelas ruazinhas irritantes da Turquia, e lá estava a Isobel Previn! A grande arqueóloga! Sozinha! Usando *lorgnettes*! Que diabos são *lorgnettes*? Então pensei um pouco, por cerca de um segundo. Conheço os meus arqueólogos, *sei* que ela era colega de De Savary, *sei* que ela foi professora da premiada Christine Meyer, *sei* que ela é especialista em assiriologia e nos iazidis em particular. Mas ela não deveria estar quieta com os vibradores dela em Istambul? — Cloncurry gargalhou. — E, claro. Coincidência demais. Então a gente pegou ela, desculpe por essa, demos umas porradas e ela nos contou um bocado de coisa, Robbie, muitos *detalhes interessantes*. Aí eu tive um lampejo, se é que posso chamar assim, de discernimento estético. Criei o nosso pequeno drama, com os capuzes, a caçarola e o intestino delgado dela. *Daquilo* você gostou? Eu queria tanto fazer você acreditar que a Christine estava morrendo bem na sua frente, debaixo daquele capuz, tendo o útero fervido no molho e então... e essa é a beleza da coisa... aí você iria pra Irlanda e veria a Christine morrer *de novo*, da maneira mais grotesca, empalada numa estaca. Não seria bom? Quantas pessoas chegam a ver seus entes queridos torturados até morrer *duas vezes*? Primeiro transformados em *sopa*? Depois *empatados*?



Os produtores do West End recebem milhões por esse tipo de coisa. Um *coup de théâtre!* — Ele gesticulou, excitado. — E isso é só metade da história. E quanto à absoluta beleza da direção daquele drama sanguinolento na Irlanda? Não vou receber nenhum aplauso? Pelo meu enredo digno de um Oscar?!

Ele olhou para todos como se esperasse mesmo ser aplaudido. — Ah, qual é? Você não sentiu uma admiração secreta pela produção toda? De uma tacada só, eu te engano e te faço passar pela pior das torturas mentais; você acredita que está prestes a ver sua filha empalada, mas então seria a Christine a ser empalada e enquanto isso eu estou aqui, são e salvo assistindo a tudo isso em TV de alta definição. — O sorriso murchou ligeiramente. — Mas aí os idiotas dos meus assistentes começam a atirar e fodem tudo antes de conseguirem furar a Christine. Tsk tsk. Vou te dizer, é difícil encontrar uma boa equipe de trabalho hoje em dia. Teria sido *tão* bom. *Tão* bom. Mas mesmo assim, onde nós estávamos? Onde... você... você... estava...

A voz de Cloncurry oscilou, seus olhos pareceram sair de foco. Seu rosto exibiu uma expressão estranha, distante. Rob lançou um olhar significativo para Forrester, que balançou a cabeça em resposta.

— Não, eu não estou ficando louco — riu Cloncurry. — Eu já estou louco. Você com certeza já percebeu isso, detetive Forrest Gump. Só que eu também sou muitas vezes mais inteligente que você, não importa quão louco eu esteja. Assim sendo, eu sei o que vocês sabem. Por exemplo, vocês já deduziram, lerdos do jeito que são, que eu estou no Curdistão.

Dado que eu peguei a pobre Isobel e o pâncreas dela, isso deve ser óbvio. E tenho que dizer, que merda de lugar é esse! Os turcos são muito *maus* com os curdos. Sério. E deplorável. — Cloncurry balançou a cabeça e suspirou. — E sério, eles são racistas. E eu odeio racistas. De verdade. Talvez vocês pensem que eu sou um psicótico sem coração, mas não sou. Desprezo totalmente os *racistas*. As únicas pessoas que eu odeio mais que os racistas são os *crioulos*. — Cloncurry girou duas vezes em sua cadeira e parou para olhar para a câmera de novo. — Por que os escurinhos são tão estúpidos? Vamos lá, gente, admitam. Vocês nunca se perguntaram? Os pretinhos? Eles fazem merda em tudo, não fazem? Será que esse é o plano deles? Os crioulos se reúnem e pensam: ei, vamos ver se a gente imigra pra algum país legal e faz do lugar um chiqueiro? Nós podemos viver em casas de merda e começar a roubar e matar. De novo. Aí a gente se queixa dos brancos. E os paquistaneses! Os paquistaneses! E os árabes! Deus nos ajude. Por que eles simplesmente não somem e enfiam as mulheres deles em sacos de lixo *dentro de casa*! E param com toda a gritaria nas mesquitas? Ninguém está nem aí. E quanto aos judeus, se queixando do Holocausto? — A essa altura, Cloncurry estava gargalhando. — Se lamentando e choramingando feito umas menininhas. *O Holocausto isso, o Holocausto aquilo, por favor, não me bate, isso é Holocausto.* Holocausto é o caralho. O, seu Steinberg, não tá na hora de esquecer isso, de seguir em frente? E de qualquer maneira, o Holocausto foi tão ruim assim? Mesmo? Ao menos ele foi *pontual*. Aqueles alemães sabem seguir um cronograma. Até com vagões de gado. Pode imaginar o caos se os ingleses

estivessem no comando? Eles não conseguem administrar nem uma linha regular saindo de Clapham, que dirá uma Ferrovia da Morte pan-européia. — Cloncurry fingiu um sotaque *cockney*. — Gostaríamos de nos desculpar pelo atraso do trem para Auschwitz. Um serviço alternativo de ônibus foi providenciado. O vagão-restaurant reabrirá em Treblinka. — Outra gargalhada. — Meu Deus, os *ingleses*. Fodam-se os ingleses. Idiotas bêbados e arrogantes sempre gritando no meio do *fog*. E os *americanos*? Deus nos proteja das bundas deles! Aqueles malditos americanos de *bundas gigantescas*. O que é isso? Por que a bunda deles é tão grande? Será que eles ainda não descobriram a ligação entre o fracasso deles no Iraque e suas *bundas gigantescas e pesadas*? Ei, uma pista, *América*. Querem saber o que aconteceu com aquelas armas de destruição em massa? Alguma vadia gorda em LA está *sentada em cima delas* no Dunkin Donuts. Só que ela mal percebe, porque a bunda dela é do tamanho de Netuno e ela não sente nada. — Cloncurry girou novamente. — Quanto aos japas, eles não passam de *trolls* desencaminhados com talento pra instalações elétricas. E os chinas: sete maneiras de cozinhar brócolis, e eles parecem uns idiotas. Malditos comedores de peixe. — Ele fez uma pausa, refletindo. — Eu gosto bastante dos polacos. Cloncurry forçou um sorriso. — Seja como for, você entendeu. Sabe o que eu quero. Se deu conta de que eu estou com a Lizzie e só mantenho ela viva por um motivo, um único motivo. Eu quero o Livro Negro. E eu sei que você sabe onde ele está, Rob, porque Isobel me contou que você sabe. Ela me contou o que aconteceu em Lalesh. Tivemos que cortar fora uma das orelhas dela pra

obter a informação, mas ela contou. Eu comi a orelha. Não, não comi. Dei pras galinhas. Não, mentira. Quem se importa? A questão é: ela nos contou tudo. Disse que você a enviou pra cá pra pegar o Livro porque não pôde vir pessoalmente porque aquele camarada da polícia local, o elegantíssimo sr. Kiribali, vai meter você na prisão. Aí você mandou Isobel Previn pra fazer o serviço. Infelizmente eu já estava aqui, arranquei o fígado dela e o cozinhei *à la Provéngale*. Portanto, agora, Rob, você tem mais um dia. Minha paciência está se esgotando. Onde está o Livro? Harã? Mardin? Sogmatar? Onde ele está? Pra onde Isobel estava indo? A gente torturou ela ao máximo, mas ela era uma sapata corajosa e não nos deu essa última pista. Mas eu preciso saber. E se você não nos contar em 24 horas, temo que seja a vez da pequena Lizzie ir parar nos jarros de geleia. Porque minha paciência vai ter se esgotado. — Ele balançou gravemente a cabeça. — Eu sou um homem razoável, como você sabe, Robbie, mas não deixe que a minha óbvia gentileza te engane. Verdade seja dita, sou um pouco temperamental e às vezes sou... *do mal*. Agora estou falando com você, Sally, é, você, a ex-sra.

Luttrell, querida Sally choraminguenta... estou vendo você, espiando por cima da câmera com seus olhinhos de porco, Sally, você tá ouvindo? Para de chorar, sua puta derretida. Um dia é o que você tem, 24 horas, pra refletir sobre tudo isso, e depois disso, bom, aí a sua filha vai ser enfiada em um jarro e enterrada viva. Portanto, eu espero notícias suas em breve. — Ele inclinou-se na direção do comutador da câmera. — Se não, vai ser hora de *preparar uma conserva*.

A imagem chiou e sumiu. Sally refugiara-se no sofá e chorava em silêncio. Rob aproximou-se e pôs um braço ao seu redor. Foi Christine quem se recuperou primeiro. Enxugou os olhos e disse:

— Bem, nós sabemos que ele está em Urfa. Isso significa que Cloncurry deve ter seguido a mesma linha de pensamento que... — ela deu um suspiro profundo — que a pobre Isobel.

— Você está se referindo à teoria sobre Austen Layard? — perguntou Rob.

— Sem dúvida. O que mais poderia ser? Cloncurry deve ter chegado à mesma conclusão em relação ao Livro. E aí deve ter voado para o Curdistão, com a Lizzie, naquele avião particular.

Forrester concordou.

— É. Ele devia estar fazendo isso há meses. Nome falso etc. Vamos fazer contato com o controle de tráfego aéreo turco.

Rob balançou a cabeça.

— Você não conhece o Curdistão! Se Cloncurry for esperto, e ele é, pode ter pousado quase despercebido. Os turcos mal controlam certas áreas. E é claro que ele pode ter voado pro Curdistão *iraquiano* e atravessado a fronteira. É uma região enorme e sem lei. Aquilo não é exatamente Suffolk.

Sally fez um gesto suplicante.

— Então, o que é que a gente *faz*?

— Vamos procurar aqui. Procurar na *Irlanda* — disse Christine.

— Como é?

— O Livro Negro. *Não* está em Urfa. Acho que a pobre Isobel estava errada. Acho que o Livro ainda está *aqui*.

Os policiais trocaram olhares. Rob franziu a testa.

— Como isso é possível?

— Eu tive vários dias dentro de um armário pra pensar a respeito do Livro Negro. E conheço a história de Layard. Mas acho que ele estava só subornando os iazidis com dinheiro e foi por isso que voltou. De modo que acho que isso é um beco sem saída.

— Onde está o Livro então?

— Vamos lá pra fora — disse ela. — Preciso de ar puro pra refletir. Só me dá uns minutos.

Obedientemente, eles saíram juntos do escritório, pegaram o elevador de aço até o térreo e saíram para a rua, sob o clima suave de verão. O céu de Dublin estava azulado e claro; uma brisa suave chegava do rio. Turistas contemplavam um velho barco atracado no cais. Uma estranha procissão de magras estátuas de bronze bloqueava metade da calçada. O grupo percorreu lentamente o aterro junto ao cais.

Dooley apontou para as estátuas.

— E o Monumento à Fome. Os miseráveis na Fome da Batata faziam fila no cais, esperando os barcos que iam pra Nova York. — Ele virou-se e gesticulou na direção dos prédios de escritórios novos e brilhantes, e os átrios de vidro reluzentes, enfileirados ao longo do cais. — Isso aqui era uma profusão de bordéis, embarcadouros e favelas terríveis, a antiga zona, onde James Joyce vinha cair na putaria. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Agora só tem bistrôs de comida *fusión*.

—Tudo mudou, mudou completamente... — murmurou Christine. E então ficou muito quieta.

Rob olhou para ela e percebeu de imediato que ela *sabia* de alguma coisa. Sua cabeça privilegiada estava trabalhando.

Eles pararam diante de uma nova e bonita passarela para pedestres e observaram as águas acinzentadas do rio ondulando lentamente em direção ao mar da Irlanda.

Em seguida Christine pediu a Forrester que lhe dissesse novamente a estranha palavra que De Savary havia escrito pouco antes de morrer.

—Undish.

—Undish? — repetiu Rob, confuso.

—E. Escrita da seguinte maneira: U N D I S H — ele soletrou. O grupo ficou em silêncio. Algumas gaivotas grasnaram. Sally fez a pergunta que pairava entre eles.

— Que diabos significa *undish*?

— Não temos a menor idéia — respondeu Forrester. — Tem alguma relação com música, mas isso não parece relevante.

Rob observou Christine e viu-a abrir um meio-sorriso. Em seguida, ela exclamou:

—James Joyce! É isso. *James Joyce*. Essa é a resposta.

Rob franziu as sobrancelhas.

—Não estou vendo a ligação.

—Era sobre isso que Hugo estava falando comigo; essa foi a última coisa que ele me disse antes que a quadrilha chegasse. Em Cambridgeshire. — Ela falava rápido e caminhava na mesma velocidade rumo à ponte de pedestres. — Na última vez que vi De Savary, ele disse que tinha uma nova teoria. A respeito da prova de Whaley, o Livro Negro. E mencionou

Joyce. — Ela olhou para Rob. — E ele sabia que eu estava tentando fazer você ler *Ulisses* ou o *Retrato...*

—Sem muito sucesso!

—Isso. Mas mesmo assim. Eu estive pensando sobre isso no cativeiro. E agora... *Undish*. — Ela apanhou uma caneta na bolsa e rabiscou a palavra em um bloco aberto.

UNDISH.

Ela baixou os olhos na direção da palavra.

— *Undish undish undish*. Essa palavra não existe. Mas isso é porque De Savary estava tentando enganar os assassinos.

—O quê?

—Se ele tivesse escrito a palavra inteira, eles teriam visto e Cloncurry a teria desvendado. De Savary não sabia se eles voltariam. Então, em vez disso, escreveu uma palavra sem sentido. Mas uma palavra sem sentido que ele achava que alguém poderia decifrar. Talvez você, Rob. Se algum dia você ouvisse.

Rob deu de ombros.

—Ainda não entendi.

—É claro que não. Você nunca chegou a ler Joyce, apesar do meu entusiasmo! E precisaria conhecer bem os livros. Hugo e eu adorávamos conversar sobre Joyce. Eram discussões intermináveis.

Dooley a interrompeu, impaciente.

—Tudo bem, então o que significa *undish*?

—Não significa nada. Mas precisa só de uma letra pra significar. A letra T. E aí a palavra se torna... — Ela rabiscou a letra adicional ao lado da palavra em seu bloco e mostrou-o a eles. — *Tundish!* Vertedor!



Rob suspirou.

—Perfeito, Christine. Mas quem ou o que é isso? E como diabos isso vai ajudar a Lizzie?

—Não é uma palavra comum. Que eu saiba, só é vista uma vez entre os trabalhos mais importantes da literatura inglesa. E essa é a questão. Porque a passagem em que ela ocorre está na primeira obra-prima de Joyce. *Um retrato do artista quando jovem*. E eu acho que pode ter uma pista importante lá dentro. Pra nos ajudar. — Ela olhou para os rostos ao seu redor. — Lembrem-se de que Joyce sabia mais sobre Dublin do que qualquer outro homem. Ele conhecia tudo: cada lenda, cada fragmento de informação, cada historieta, e ele os colocava nos livros dele.

—OK — disse Rob, indeciso.

—Joyce teria conhecido todos os segredos e mitos sobre os Hellfires irlandeses. E o que eles faziam. — Christine fechou o bloco com força. — De modo que estou supondo que essa passagem pode muito bem nos dizer onde encontrar o que precisamos pra salvar a Lizzie. — Ela olhou para o outro lado do rio. — E creio que aquilo ali é uma livraria.

Rob se virou. Pouco depois da estreita ponte de pedestres, do outro lado do letárgico Liffey, havia uma filial da livraria Eason.

Os cinco atravessaram o rio e entraram juntos na loja, para surpresa do jovem vendedor. Christine foi direto para a seção Clássicos Irlandeses.

—Aqui. — Ela pegou um exemplar de *Um retrato do artista quando jovem* e o folheou febrilmente. —Aqui estão... as páginas que falam de *tundish*.

—Lê em voz alta.

—A passagem que fala em *tundish* ocorre mais ou menos na metade do livro. Stephen Dedalus, o herói, o artista do título, foi ver seu tutor, um reitor jesuíta que lecionava literatura inglesa na University

College de Dublin. Eles têm uma discussão sobre filologia. E é aqui que a gente entra. Olha o que está escrito: "— *To return to the lamp... the feeding of it is also a nice problem. You must choose the pure oil... not to pour in more than the funnel can hold*"<sup>11</sup> — Ela ergueu os olhos na direção dos rostos reunidos e ansiosos. — Estou lendo um diálogo aqui.

Não esperem o sotaque certo. — Voltando ao livro, ela recitou: "— *What funnel? asked Stephen. — The funnel through which you pour the oil into your lamp. — That? said Stephen. Is that called a funnel? Is it not a tundish?*"<sup>12</sup> — Christine parou de ler. Rob balançou a cabeça devagar.

— Então eles estão falando de funis. Onde é que fala dos Hellfires?

— A passagem exata que nós queremos está uma ou duas páginas atrás. — Christine folheou o livro e percorreu a página com o olhar. — Aqui: "*But the trees in Stephen's Green were fragrant of rain and the rain-sodden earth gave forth its mortal odour, a faint incense rising upward through the mould from many hearts... he knew that in a moment*

---

11 — "Voltando ao candeeiro (...) sua manutenção é também um problema e tanto. Deve-se escolher um óleo puro (...) e não derramar mais do que o funil pode conter." (N. da T.)

12 — Que funil? — perguntou Stephen.

— O funil através do qual o óleo é derramado no candeeiro.

— Isso? — disse Stephen — Isso é chamado de funil? Não é um vertedor?" (N. da T.)

*when he entered the sombre college he would be conscious of a corruption other than that of Buck Egan and Burnchapel Whaley*."13

Rob balançou a cabeça com impaciência dessa vez.

— Espera, tem mais. — Ela virou outra página e recitou calmamente: — *"It was too late to go upstairs to the French class. He crossed the hall and took the corridor to the left which led to the physics theatre. The corridor was dark and silent but not unwatchful. Why did he feel that it was not unwatchful? Was it because he had heard that in Buck Whaley's time there was a secret staircase there?"*14 — Ela fechou o livro.

A livraria estava em silêncio.

— *Ah*. — disse Dooley.

— Isso! — disse Boijer.

— Mas certamente não pode ser assim tão óbvio — disse Sally, franzindo as sobrancelhas. — Uma escada secreta. Assim do nada? Por que essa quadrilha terrível não teria dado uma olhada?

— Talvez eles não leiam Joyce — disse Forrester.

---

13 "Mas as árvores de Stephen Green tinham a fragrância da chuva e a terra encharcada-de-chuva exalava um odor mortal, um ligeiro incenso se elevando de muitos corações através da terra vegetal (...) ele sabia que em breve quando entrasse no colégio sombrio teria consciência de uma corrupção diversa da de Buck Egan e de Burnchapel Whaley." (N. daT.)

14 "Era tarde demais para subir para a aula de francês. Atravessou a sala de entrada e enveredou pelo corredor à esquerda que conduzia ao anfiteatro de física. O corredor estava escuro e silencioso, mas não descuidado. Por que ele sentia que não era descuidado? Seria porque ouvira que na época de Buck Whaley havia ali uma escada secreta?" James Joyce, *Um retrato do artista quando jovem*, Rio de Janeiro, Alfaguara, trad. Bernardina da Silveira Pinheiro, para as quatro citações. (N. da T.)

— Faz sentido — conjecturou Dooley. — Historicamente. A ligação com Whaley é verdadeira. Há duas casas grandes em St. Stephen Green. E tenho certeza de que uma delas foi construída para Richard Burnchapel Whaley.

— A construção ainda existe? — perguntou Rob.

— É claro. Acho que elas ainda são usadas pela University College. Rob estava se dirigindo à porta.

— Vamos lá, gente. O que estamos esperando? Por favor. Nós temos *um dia*.

Uns poucos minutos de caminhada insistente os levaram a uma ampla praça georgiana, onde imponentes terraços davam vista para uma magnífica área verde. Os jardins e gramados tinham aspecto convidativo, o sol brilhando através da vegetação. Por um momento, Rob imaginou a filha brincando feliz no jardim. Sufocou a sua tristeza penetrante. Seu medo não diminuía.

A velha faculdade acabou por revelar-se uma das maiores casas na praça: distinta e modesta, em pedra Portland cinza. Rob achou difícil relacionar aquele prédio imponente às depravações homicidas de Burnchapel Whaley e seu filho ainda mais louco. A placa do lado de fora dizia *Casa Newman: parte da University College de Dublin*.

Dooley tocou a campainha enquanto Christine e Rob ficavam dando voltas pela calçada. Sally decidiu esperar em um banco na própria praça. Forrester determinou que Boijer ficasse com ela. Houve uma pequena discussão pelo interfone, até que Dooley apresentou sua patente completa e a porta se abriu com rapidez. O saguão, no outro lado, era quase tão

espetacular quanto o exterior: com um delicado revestimento cinza e branco em estilo georgiano.

— Uau! — disse Dooley.

— Pois é, temos muito orgulho.

O sotaque era americano, da Nova Inglaterra. Um homem de meia-idade, vestindo um terno impecável, veio andando rápido pelo saguão e estendeu a mão para Dooley.

— Ryan Matthewson, diretor da Casa Newman. Olá, inspetor... e olá...

Eles se apresentaram; Forrester mostrou seu distintivo. O diretor conduziu-os ao bagunçado escritório da recepcionista.

— Inspetores, a invasão foi na semana passada. Não sei bem por que mandaram vocês agora — disse ele.

Rob teve uma sensação lúgubre.

— Invasão? — perguntou Dooley. — Quando? Perdão.

— Não foi nada importante. Uns dias atrás, uns garotos invadiram uma parte do porão. Provavelmente viciados. Nós não conseguimos pegá-los. Eles destruíram as escadas do porão. Só Deus sabe por quê. — Matthewson deu de ombros, demonstrando seu desinteresse. — Mas a Guarda enviou um policial na ocasião. Nós já passamos por isso. Ele anotou todos os detalhes...

Rob e Christine trocaram um olhar melancólico. Mas pelo jeito, Dooley e Forrester não se deixavam abater tão facilmente. Forrester contou ao diretor um resumo da história de Burnchapel e da busca de Cloncurry. Rob sentiu, pela maneira como o policial formulou seu monólogo, que ele estava tentando não falar demais, a fim de não confundir e assustar demais o sujeito. Ainda assim, no final da explanação,

o diretor parecia tanto confuso quanto assustado. Por fim, ele declarou:

— É extraordinário. Então vocês acham que essas pessoas estavam procurando pela escada secreta? Mencionada no *Retrato*?

— Achamos — respondeu Christine. — O que significa que provavelmente chegamos tarde demais. Se a quadrilha não encontrou nada, isso quer dizer que não existe nada aqui. *Merde*.

O diretor balançou vigorosamente a cabeça.

—Na verdade, eles não tinham nenhuma necessidade de invadir. Podiam simplesmente ter vindo em um dia em que estivéssemos abertos.

—Hein?

—Não é nenhum mistério. Em absoluto. Havia uma escadaria secreta aqui, mas foi descoberta em 1999. Durante a grande restauração. Agora é a principal escada de serviço nos fundos do prédio. Atualmente, ela não tem nada de secreto.

—Então a quadrilha procurou no lugar errado? — perguntou Dooley.

Matthewson fez que sim.

—Sim! E o que eu imagino. Que ironia cruel! Eles podiam simplesmente ter vindo e me perguntado onde ficava a escada secreta, e eu teria dito. Mas acho que uma consulta educada não é bem o *modus operandi* de uma quadrilha dessas... Bem, bem.

—Onde fica a escada? — perguntou Rob.

—Sigam-me.

Três minutos depois, eles estavam nos fundos do prédio, contemplando uma estreita escada de madeira que conduzia do térreo a uma espécie de mezanino. Era escura e mal-iluminada, rodeada por melancólicos painéis de carvalho de ambos os lados.

Rob agachou-se sobre as tábuas de madeira. Bateu no piso do degrau mais baixo com as articulações dos dedos. O resultado foi um frustrante som maciço. Christine bateu no segundo degrau.

O diretor inclinou-se com um olhar ansioso.

— O que vocês estão fazendo?

Rob deu de ombros.

— Só pensei que, se tivesse alguma coisa escondida, devia estar embaixo de um dos degraus. Então se eu escutasse um som oco, talvez...

— Vocês estão pretendendo quebrar a escada?

— Estamos — respondeu Rob. — Claro. Tem outro jeito?

O diretor corou.

— Mas esse é um dos prédios mais protegidos de Dublin. Vocês não podem simplesmente entrar aqui e usar um pé de cabra nas instalações. Eu lamento, entendo a dificuldade da situação, mas...

Rob fez cara feia; sentou-se nas escadas, tentando reprimir a raiva. Forrester teve uma pequena discussão reservada com Dooley, que se virou para Matthewson:

— Sabe, outra demão de tinta caía bem.

— O quê?

— As escadas — disse Dooley. — Um pouco austeras. Estão precisando de um retoque.

O diretor suspirou.

— É claro que nós não tínhamos dinheiro suficiente pra fazer tudo. O revestimento do saguão usou a maior parte do capital.

— Nós temos — disse Dooley.

— O quê?

— Nós temos o dinheiro; a Guarda. Se tivermos que quebrar algumas ripas da escada por causa de uma investigação legítima, nós vamos, é claro, reembolsar a sua faculdade por quaisquer danos. — Dooley deu um tapinha nas costas de Matthewson. — E acho que você vai descobrir que os reembolsos da polícia podem ser bastante generosos.

Matthewson conseguiu esboçar um sorriso.

— O suficiente pra consertar e pintar alguns degraus? E quem sabe uma ou duas salas de aula?

— Ah, acho que sim.

O sorriso do diretor ampliou-se: ele pareceu imensamente aliviado.

— OK. Acho que posso explicar aos gestores. Então tudo bem, vamos fazer isso. — Ele fez uma pausa. — Embora eu me pergunte se vocês estão de fato procurando no lugar certo.

— Você tem outra idéia?

— Pode ser... Só um palpite.

— Diga!!

— Bem. Eu sempre achei... — Ele ergueu o olhar para o alto das escadas. — Às vezes eu me perguntava por que essa escada pequena faz um ângulo agudo no topo. Olhem ali, vejam, ela faz uma curva acentuada. No topo. Por nenhuma razão arquitetônica aparente. É irritante quando se está carregando um monte de livros: você pode tropeçar. É muito



escuro. Um dos nossos alunos quebrou o tornozelo no último Natal.

Rob já estava subindo as escadas correndo, com Christine atrás de si. A escada de fato virava. Conduzia a uma parede revestida com painéis e então girava abruptamente à esquerda. Rob fitou a parede revestida, então deu uma batidinha no painel. Parecia oca.

Todos se entreolharam. Matthewson achava-se perceptivelmente ruborizado a essa altura.

— Extraordinário! Acho que precisamos abri-la pra dar uma olhada. Temos um cinzel e uma lanterna no porão. Vou pegá-los...

— Esquece.

Enfiando a mão no bolso, Rob exibiu um canivete suíço e puxou a lâmina mais resistente.

Christine, Dooley, Forrester e Matthewson ficaram em silêncio enquanto Rob enfiava a lâmina direto no painel. A madeira foi facilmente perfurada. Era fina, como se o painel fosse falso. Rob girou a lâmina para poder dar mais impulso, em seguida a puxou para baixo e o painel começou a ceder. Forrester aproximou-se e agarrou a ponta do quadrado de madeira, e os dois homens arrancaram da moldura o segmento completo, de quase um metro de largura.

Havia um nicho escuro e recuado do outro lado, e a escuridão exalava cheiro de mofo. Rob debruçou-se para dentro e inspecionou.

— Meu Deus. Está escuro, está escuro demais... não consigo enxergar...

Christine pegou seu celular munido de lanterna, acendeu-a e iluminou o espaço secreto por sobre o ombro de Rob.

Rob e Forrester olharam; Dooley soltou um palavrão; Christine, chocada, levou uma das mãos à boca.

Bem no fundo do nicho, envolta em teias de aranha e coberta por um pó cinzento, havia uma grande e surrada caixa de couro.

## 46

Estendendo o braço para dentro da escuridão e gemendo de leve pelo esforço excessivo, Rob puxou a caixa ao longo das tábuas e arrastou-a até a escada.

A caixa redonda de tampa plana era feita de couro antigo, um couro preto rachado, gasto e maltratado. Tinha o jeito distinto de um objeto aristocrático, do século XVIII. Como a bagagem de um lorde no Grand Tour.<sup>15</sup> Parecia combinar com o estilo arquitetônico da casa onde fora ocultada por tanto tempo.

A caixa também estava coberta de espessas teias de aranha. Christine limpou a camada superior de gordura e sujeira, e uma série de letras e palavras surgiram na tampa, inscritas em dourado, finas e delicadas:

*TW, Anno Domini. 1791*

Ela e Rob trocaram olhares. Christine disse:

—Thomas Whaley.

---

15 Entre os séculos XVII e XIX, este era o termo que designava as viagens pela Europa de rapazes e moças de classe alta, sob a guarda de um tutor, com o propósito de engrandecimento cultural. Era um rito de passagem quase que obrigatório para os de linhagem nobre. (N. da T.)

—Antes de ir para Israel. E se tornar *Jerusalém Whaley...*

O diretor da faculdade parecia agitado. Caminhava de um lado para outro com seus calçados elegantes.

— Gente, por favor, desculpem, mas vocês se importam se fizermos isso em outro lugar? Os alunos sobem e descem essas escadas o tempo todo e... eu acho que a comoção toda não seria muito... conveniente.

Forrester e Dooley acharam que fazia sentido e todos concordaram em deslocar-se para outro lugar. Rob pegou a caixa novamente, segurando-a como um tambor à sua frente. A caixa não era muito pesada; era só de difícil manejo. Alguma coisa bem grande chacoalhava dentro dela. Ele tentou segurá-la o mais firme possível enquanto caminhavam. Cada segundo que passava, cada segundo que eles perdiam, ele pensava em Lizzie. Um segundo mais próxima da morte.

Rob estava achando difícil não gritar com as pessoas; imobilizando o maxilar em um silêncio decidido, ele seguiu o diretor Matthewson escada acima e ao longo de um curto corredor. Então, eles por fim viram-se em um escritório elegante e bem-iluminado: o gabinete de trabalho do diretor, com vista para as árvores e os gramados ensolarados de St. Stephens Green.

Forrester olhou de relance pela janela para Sally e Boijer sentados em um banco no Green. Esperando.

— Só um instante — disse. E pegou seu celular.

A caixa foi ruidosamente colocada sobre a escrivaninha de Matthewson, o que fez com que uma nuvem de poeira se desprendesse do venerável recipiente de couro.

— OK — disse Dooley. — Vamos abri-la.

Christine já estava examinando a caixa.

— Essas fivelas e tiras antigas... — murmurou, experimentando uma delas. — Elas não soltam.

Dooley pelejou com outra fivela.

— Completamente enferrujada.

Rob deu um passo à frente, a faca estendida.

— Minha filha está esperando! — Ajoelhou-se e cortou as tiras. A última foi a mais difícil de todas: teve de imprimir muita força e insistir bastante, até que o couro por fim cedeu e a tira caiu ruidosamente.

Rob deu um passo para trás. Forrester estava erguendo a tampa de couro preto, com as letras douradas impressas. Todos olharam para o fundo da caixa antiquíssima com seus olhos buscando o Livro Negro, que seriam os primeiros a contemplar em 250 anos.

Só que não foi um livro o que seus olhares encontraram; foi um rosto.

— Jesus! — disse Dooley.

No fundo da caixa, havia um crânio.

Um crânio muito incomum. Obviamente humano, mas não exatamente humano. Tinha um formato de rosto diagonal, e olhos quase que de ave, ou de serpente, belos e asiáticos, mas estranhamente grandes e que pareciam sorrir com um ar cruel.

Rob o reconheceu de imediato.

— Foi exatamente o que eu vi em Lalesh. O mesmo tipo de crânio. Como que meio homem, meio pássaro. Que diabo é isso? Christine, você é uma osteo... especialista. O que é isso?

Com um profissionalismo confiante, Christine estendeu a mão para o interior da caixa de couro preto e pegou o crânio.

— Está muito bem preservado — disse, examinando o crânio e o osso do maxilar inferior. — Foi tratado pra evitar a decomposição.

— Mas o quão antigo é? O que é? É humano? Que olhos são esses?

Christine caminhou até a luz das longas janelas de guilhotina. Ergueu o crânio sob a luz oblíqua do sol.

— Com certeza é hominídeo. Mas é híbrido.

A porta do escritório foi aberta. Eram Sally e Boijer. Eles fitaram, chocados, o crânio nas mãos de Christine.

— É isso? — perguntou Boijer. — Isso é o Livro Negro? *Uma caveira?*

Rob fez que sim.

— É.

— Não *exatamente* humano. — Christine girou o crânio nas mãos. — E hominídeo, mas existem nítidas diferenças entre isso e um crânio normal de *Homo sapiens*. Aqui, vejam. A caixa craniana enorme, o tamanho do sagital e das órbitas, bastante curioso...

— Então é um cruzamento de seres humanos... com o quê? — perguntou Rob.

— Não faço idéia. Com neandertais não é. Com o *Homo habilis* também não. Isso parece ser algum gênero humano desconhecido; e com uma caixa craniana bem grande.

Rob continuava no escuro.

— Mas eu achava que os seres humanos não podiam procriar com outras espécies! E que espécies diferentes não podiam procriar!

Christine balançou a cabeça.

— Não necessariamente. Algumas espécies podem cruzar entre si. Tigres e leões, por exemplo. É raro, mas acontece. E esse hibridismo não é algo que não tenha precedente na evolução humana. Há vários especialistas que acham que nós produzimos híbridos com os neandertais. — Ela pousou o crânio sobre a escrivaninha. Os dentes brancos cintilaram à luz do abajur. O crânio tinha uma tonalidade creme-amarelada e era bem grande.

Dooley ainda estava olhando para o bolorento estojo de couro.

— Tem mais alguma coisa aí dentro. — Ele enfiou a mão no fundo da caixa e tirou um documento dobrado. Rob viu, petrificado, o detetive irlandês levar o documento até a escrivaninha do diretor e estendê-lo ao lado do crânio.

O documento estava envelhecido e amarrotado, e era feito de algum tipo de pergaminho resistente. Estava amarelado: talvez tivesse centenas de anos.

Rob o desdobrou com todo cuidado; ao fazê-lo, o pergaminho rangeu e emitiu um odor muito particular, mas não desagradável. De tristeza, velhice e flores funerárias.

Todos se reuniram em volta do documento enquanto Rob o esticava. Christine baixou os olhos, franzindo a testa. O pergaminho fora escrito com tinta bem escura e exibia um mapa apressado e algumas linhas em uma escrita garatujada e arcaica.

— Aramaico — disse Christine, quase de imediato. — E aramaico. Parece ser uma forma bem pouco comum... Deixa eu dar uma olhada decente.

Rob suspirou de frustração: cada segundo que passava doía. Ele olhou de relance para o crânio, pousado sobre a escrivaninha, ao lado do pergaminho. Parecia estar zombando dele. Zombando como Jamie Cloncurry.

*Cloncurry!* Rob se deu conta. Eles estavam com o Livro Negro! E Cloncurry precisava saber disso imediatamente. Rob perguntou a Matthewson se podia usar o computador do escritório e o diretor fez que sim com a cabeça.

Rob foi para a escrivaninha do diretor, ligou o computador e conectou-se direto com Cloncurry, pelo link de vídeo, que voltou à vida com um chiado. A webcam estava funcionando. Em poucos segundos,

Cloncurry tornou-se vigorosa e repentinamente visível. Ele sorria com ar malicioso.

— Ah, então eu imagino que vocês tenham encontrado o Livro. Num ponto de ônibus talvez? Quem sabe num salão de bingo?

Ao erguer o crânio, Rob o fez calar a boca.

Cloncurry estava petrificado. Engolia em seco e olhava petrificado. Rob nunca vira o líder dos assassinos confuso daquele jeito: mas a verdade é que ele parecia desconcertado, apreensivo, quase chocado.

— Você conseguiu, você conseguiu *mesmo*. — A voz de Cloncurry soava pastosa de ansiedade. Ele voltou a falar. — E quanto aos... aos documentos, havia mais alguma coisa? *Na caixa?*

Sally passou a Rob o pergaminho. Ele ergueu o documento e mostrou-o a Cloncurry, que expeliu o ar enérgica e vagarosamente, como se tivesse se livrado de um terrível fardo.

— Todo esse tempo. Todo esse tempo. *Ena Irlanda!* Então Previn estava enganada. *Eu* estava enganado. Layard era um beco sem saída. E não está nem escrito em cuneiforme! — Cloncurry balançou a cabeça.

— Onde é que ele estava exatamente?

— Na Casa Newman.

Cloncurry ficou em silêncio. Em seguida balançou a cabeça e riu amargamente.

— Cristo. Embaixo da escada secreta? Jesus Cristo. Eu disse a eles que procurassem direito. Aqueles imbecis nojentos. — Ele havia parado de rir e olhava para a câmera com ar insolente e desdenhoso.

— Seja como for, agora não se pode fazer mais nada. Meus colegas estão em caixões. Mas você pode salvar a vida da sua filha... desde que me traga o Livro... o crânio e o documento. OK? E quero que esteja tudo aqui dentro de... ah, meu Deus. Vai começar tudo de novo. Outro prazo final. Quanto tempo leva pra vocês chegarem aqui, seus idiotas?

Rob começou a falar, mas Cloncurry ergueu uma das mãos.

— Cala a boca. O negócio é o seguinte. Eu te dou mais três dias. E tempo suficiente sem a menor dúvida. Talvez eu esteja sendo até generoso demais. Mas é assim que eu sou, super generoso. Mas por favor, acredite, minha paciência está se esgotando. Lembra que eu sou psicótico. — Ele soltou uma gargalhada e produziu um tique facial exagerado, parodiando



sua própria loucura. — E gente, quando vocês vierem, não se dêem o trabalho de trazer seus amigos policiais. Eles não vão servir pra nada, vão? Não vão ter muita ajuda do Kiribali, ou dos curdos. Eu imagino que vocês tenham uma boa noção disso. Portanto, mexa-se, Rob. Vem até aqui, traz o Livro, e você vai ter a sua Lizzie de volta, sem que ela tenha virado pickles. Você tem 72 horas, e é isso. Prazo final. *Ciaociao*.

A tela escureceu.

Forrester quebrou o silêncio.

— E claro que vamos ter que recorrer à polícia local na Turquia. Vou falar com o Ministério do Interior. Não podemos simplesmente deixar que vocês voem até lá sozinhos. Esse é um caso de assassinato bastante complexo. Como eu tenho certeza que vocês entendem.

Rob estreitou os olhos.

— É claro.

— Sinto muito se isso parece burocrático, mas nós vamos ser rápidos, bem rápidos. Eu prometo. É só que a gente precisa ter cuidado. E esse cara é um louco; se vocês forem sozinhos, não há nenhuma garantia de que ele não vá simplesmente, *vocês sabem*. Nós precisamos de ajuda local. E isso significa envolvimento oficial, aprovação de Ancara, contatos com Dublin. Tudo isso.

Rob pensou em Kiribali. O sorriso de lagartixa. As ameaças no aeroporto.

— É claro.

Matthewson voltara a andar de um lado para outro. Era evidente que queria que aquela trupe problemática saísse de seu escritório, mas era educado demais para dizer isso.

Respeitosamente, todos começaram a sair, liderados por Rob, que carregava o "Livro Negro" — o crânio e o mapa na velha caixa de couro. Sally e Christine o seguiam, conversando baixinho. Os policiais, na retaguarda, conversavam agitadamente, quase discutindo.

Rob viu o detetive londrino enfiar o dedo na cara de Boijer.

— Eles estão discutindo sobre o quê?

Christine deu de ombros.

— Sabe lá... — A expressão em seu rosto era sarcástica. Eles continuaram a andar.

Rob olhou de relance para Sally, à esquerda, e para Christine, à direita, e aí perguntou:

— Vocês estão pensando o que eu estou pensando?

— Estamos — respondeu Christine. — A polícia vai estragar tudo.

— Exatamente. Todo esse papo de "falar com o Ministério do Interior". Jesus. — Rob sentiu a raiva e a frustração crescerem dentro de si. — E conversar com a porra do Kiribali? O que eles têm na cabeça? O Kiribali deve mais é estar de conluio com o Cloncurry. Quem mais está ajudando aquele filho da puta?

— E se isso tiver que passar por Ancara, vai levar um século — continuou Christine. — Os curdos vão ficar contra, a coisa toda vai ser um fiasco terrível. Eles não entendem. Nunca estiveram lá, nunca viram Sanliurfa...

— Então talvez vocês precisem ir. Agora. — Sally inclinou-se e apertou a mão de Rob. — *Faz isso.* Leva o Livro Negro, o crânio, o que quer que isso aí seja, leva pro Cloncurry,

entrega pra ele. Vai pra lá agora, amanhã: a polícia não pode te impedir. Faz o que o Cloncurry quer. Ela é nossa filha.

Rob balançou a cabeça devagar.

— É claro. E eu conheço uma pessoa que pode ajudar... em Sanliurfa.

Christine ergueu uma das mãos.

— Mas nós ainda não podemos confiar no Cloncurry, podemos? Ao menos quanto a isso, o Forrester está certo. — Com os últimos raios de sol da tarde que caía batendo suavemente em seu rosto, Christine olhou séria para Rob e depois para Sally. — É claro que é o Livro que ele quer. Mas uma vez que consiga, uma vez que a gente entregue pra ele o Livro Negro, ele pode simplesmente... fazer o que quer do mesmo jeito. Vocês entendem? Ele é psicótico. É como ele mesmo diz. Ele *gosta* de matar.

— Então, o que nós vamos fazer? — perguntou Rob em desespero.

— Pode ser que haja um jeito. Eu vi o mapa.

— O quê?

— Quando estávamos no escritório — explicou Christine. — O pergaminho está escrito em aramaico antigo tardio. A linguagem usada pelos cananeus. E eu acho que consigo ler isso. Com certa dificuldade.

— E?

Christine baixou os olhos na direção da caixa de couro, pousada aos pés de Rob.

— Me mostra de novo.

Rob inclinou-se, abriu a caixa, retirou o pergaminho e o alisou sobre o joelho. Christine balançou a cabeça.

— Era o que eu pensava. — Ela apontou para um trecho do antigo texto. — Aqui diz que "o grande crânio dos ancestrais" vem.... do "Vale do Massacre".

— E o que é isso então?

— O documento não diz.

— Ótimo. OK. E quanto ao que está escrito? Aqui. O que isso significa?

— E uma menção ao Livro de Enoque. Não uma citação. — Ela franziu a testa. — Mas é uma referência a ele. E depois diz, aqui: "O Vale do Massacre é onde morreram nossos antepassados." É isso. Isso, *isso*. — Christine apontou para uma linha no pergaminho. — E aqui está dizendo que o vale fica a um dia de caminhada na direção do sol poente, a partir do "local de adoração".

— E isso...?

— Isso mostra um rio e os vales. E aqui tem mais uma pista. Diz que o local de adoração também se chama "colina do umbigo"! É isso!

A mente de Rob estava confusa. Ele estava cansado e estressado demais por causa de Lizzie. Fitou Christine. A expressão no rosto dela era o oposto da sua: alerta e ansiosa. Ela o encarou.

— A colina do umbigo. Você não lembra?

Rob sacudiu a cabeça, sentindo-se um idiota.

— Colina do Umbigo é o que significa a expressão turca... *Gobekli Tepe*.

Uma luz se acendeu na mente de Rob.

Do outro lado do gramado, os policiais estavam obviamente terminando a sua discussão e apertando-se as mãos. Christine prosseguiu:

— Portanto, de acordo com esse pergaminho, a um dia de caminhada a partir de Gobekli Tepe, indo pra oeste, pra longe do sol, está o Vale do Massacre. E é de lá que vem o crânio. E eu desconfio que seja onde nós vamos encontrar muitos outros iguais a esse. Nós temos que nos antecipar. Pensar alguns lances à frente. Podemos levar o Cloncurry até *nós*. Temos que ter alguma coisa tão poderosa que ele *tenha* que entregar a Lizzie sã e salva. Se a gente descobrir de fato o segredo do Livro Negro, do crânio e do mapa, se a gente escavar o Vale do Massacre e descobrir a verdade por trás de tudo isso, ele vai vir implorando até nós. *Porque o vale é onde o segredo está escondido*. O segredo que ele não para de mencionar. O segredo que foi revelado a Jerusalém Whaley e arruinou a vida dele. O segredo que o Cloncurry quer escondido pra sempre. Se quisermos ter poder sobre o Cloncurry, vamos precisar passar à frente dele, escavar o vale, descobrir o segredo e ameaçar revelar o mistério, a menos que ele entregue a Lizzie. E *assim* que nós ganhamos.

Os policiais caminhavam na direção deles a essa altura, a discussão aparentemente concluída.

Rob apertou a mão de Sally, e a de Christine também. Sussurrou para ambas:

— OK. A gente vai fazer isso. Christine e eu vamos pegar um voo pra Sanliurfa imediatamente. Vamos sozinhos. E vamos desenterrar esse segredo.

—E não vamos contar pra polícia — disse Christine.

Rob virou-se para Sally.

—Você tem certeza disso, Sally? Eu preciso do seu consentimento. Ela o encarou.

— Eu vou... confiar em você, Rob Luttrell. — Seus olhos se encheram de lágrimas: ela tentou contê-las. — Vou confiar em você pra trazer de volta a nossa filha. Então, sim. Por favor, faz isso. Por favor, por favor, por favor. *Traz a Lizzie de volta, só isso!*

Forrester esfregava as mãos enquanto se aproximava deles.

— Está ficando um pouco frio; vamos pro aeroporto? Preciso acionar o Ministério do Interior. Nós vamos fazer pressão, eu prometo.

Rob fez que sim com a cabeça. Atrás do inspetor, a Casa Newman erguia-se ameaçadora. Por um segundo, Rob teve um vislumbre da casa tal como fora quando Buck Egan e Buck Whaley promoviam suas festas de arromba, à luz tremida das luminárias georgianas; os jovens imponentes rindo e urrando ao tacarem fogo em gatos pretos encharcados de uísque.

## 47

Christine e Rob voaram para a Turquia direto de Londres naquela mesma noite, depois de contarem mentiras deslavadas para Forrester e Boijer.

Decidiram levar o Livro Negro. No aeroporto de Heathrow, Christine teve que mostrar sua carteira de arqueóloga e o seu sorriso mais encantador para conseguir passar pela alfândega com aquele crânio estranho que mal parecia humano. Na Turquia, tiveram que tomar ainda mais cuidado. Voaram para

Dyrbakir, via Istambul, e lá pegaram um táxi para Sanliurfa, seis horas de estrada empoeirada noite adentro, entrando pela madrugada. Eles não queriam anunciar a sua chegada a Kiribali, aparecendo no aeroporto de Sanliurfa, chamando atenção, ocidentais, indesejados; na verdade, não queriam que Kiribali soubesse que estavam sequer perto da Turquia.

Só estarem no Curdistão já era arriscado o bastante.

Ao chegarem ao coração pulsante da escaldante Urfa, eles foram para o Hotel Haran. Na frente do saguão, Rob encontrou seu homem — Radevan — protegendo-se do sol quente da manhã, discutindo futebol em voz alta com os outros taxistas e parecendo meio irritado. Mas a rabugice se devia ao Ramada: em função do jejum, durante o dia todos ficavam com fome, sede e irritados.

Rob foi direto ao assunto e perguntou a Radevan se ele podia arranjar alguns amigos para ajudá-los a escavar o Vale do Massacre. Também perguntou discretamente se dava para conseguir algumas armas. Rob queria estar preparado para qualquer coisa.

A princípio, Radevan mostrou-se carrancudo e inseguro: foi consultar seus incontáveis primos. Mas voltou uma hora mais tarde, com sete amigos e parentes, todos curdos jovens e sorridentes. Nesse meio-tempo, Rob havia comprado pás de segunda mão e alugado dois Land Rovers bem velhos.

Aquela provavelmente seria a escavação arqueológica mais improvisada dos últimos duzentos anos, mas eles não tinham escolha. Só tinham dois dias para escavar a resposta final a todas as suas perguntas, dois dias para descobrir o Vale do Massacre e atrair Cloncurry para uma posição na qual teria de

abrir mão de Lizzie. E Radevan fizera o trabalho com relação às armas; elas estavam escondidas dentro de uma sacola velha e surrada: dois fuzis e uma pistola alemã. Radevan piscou para Rob ao fecharem negócio.

— Pode ver que eu ajudo o senhor, sr. Robbie. Eu gosto de inglês, eles ajudam os curdos. — Ele forçou um sorriso exuberante quando Rob lhe entregou o maço de dólares.

Assim que estava tudo arrumado nos carros, Rob saltou para o assento do motorista e deu partida no motor. Sua impaciência era quase insuportável. O simples fato de estar na mesma cidade que Lizzie, ainda que sem saber onde ela estava ou o quanto estaria sofrendo, o fazia sentir-se como se estivesse tendo um grave ataque cardíaco. Pontadas de dor subiam-lhe pelo braço; sentia palpitações de angústia. Seu maxilar doía. Ele pensou em Lizzie, amarrada a uma cadeira, enquanto o último dos subúrbios de Urfa sumia dentro de uma nuvem de poeira acinzentada no espelho retrovisor.

Christine estava no assento ao seu lado. Havia três curdos no banco de trás. Radevan conduzia o segundo Land Rover, logo atrás. As armas estavam escondidas nas mochilas deles, debaixo do assento de Rob. O Livro Negro, em sua caixa de couro surrada, havia sido firmemente alojado na mala do carro.

Enquanto os carros sacolejavam pelo caminho, a familiar tagarelice dos curdos se esvaía em sussurros, até afinal virar silêncio. Silêncio compatível com a desolação da paisagem à medida que eles se encaminhavam à vastidão do deserto. Uma vastidão amarela e sem vida.



Fazia um calor inacreditável: era pleno verão no deserto sírio. Rob sentia a proximidade de Gobekli enquanto viajavam para o sul. Mas dessa vez eles passaram direto pelo desvio que os levaria até lá e foram conduzidos mais além, através de diversos postos de fiscalização, rumo à quente estrada de Damasco. Christine comprara um mapa detalhado: calculava que saberia exatamente onde encontrar o vale.

— Aqui — disse ela, com total segurança, ao chegarem a um desvio. Eles viraram à direita e dispararam por meia hora por estradas de terra. E então, finalmente chegaram ao topo de uma elevação. Os dois carros pararam e todos saltaram: os curdos parecendo sujos, suados e ligeiramente revoltados. As pás foram descarregadas, as colheres de pedreiro, cordas e mochilas todas largadas na areia do alto da colina.

À esquerda, havia um vale estreito e desnudo.

— É ele — disse Christine. — O Vale do Massacre. Ainda é chamado de Vale da Matança. Na verdade, está marcado no mapa.

Rob apurou olhos e ouvidos. Não escutava nada. Nada além do triste vento do deserto. O sítio — a região inteira — achava-se estranhamente quieto, quieto demais até mesmo para um deserto perto de Gobekli.

—Onde está todo mundo? — perguntou ele.

—Foram embora. *Evacuados*. Transferidos pelo governo — respondeu Christine.

—Hã?

—Olha aqui por quê. — Ela apontava para a esquerda, onde uma extensa planície prateada brilhava a distância. — Aquela é a água do Projeto Grande Anatólia. O Eufrates. Eles estão

inundando a região toda, pra irrigação. Vários sítios arqueológicos importantes já foram inundados. E bem polêmico.

—Meu Deus... fica a poucos quilômetros daqui!

—E está vindo na nossa direção. Mas aquela barreira vai impedir. O banco de terra ali. — Christine apontou e franziu a testa. Sua blusa branca estava salpicada de pó amarelo. — Mas a gente precisa ter cuidado: essas inundações podem ser muito rápidas. E imprevisíveis.

— Nós precisamos ser rápidos *de qualquer maneira* — disse Rob.

Eles deram meia-volta e desceram a encosta do vale. Em poucos minutos, Christine já fizera os curdos começarem a cavar. Enquanto trabalhavam, Rob se dava conta da magnitude da tarefa. O vale possuía, pelo menos, um quilômetro e meio de comprimento. Em dois dias, o grupo conseguiria revolver só uma parte disso. Talvez vinte por cento. Talvez trinta. E não conseguiriam cavar muito fundo.

Portanto, precisariam de sorte para encontrar alguma coisa. À depressão e ao medo que Rob vinha sentindo desde que eles haviam voltado ao deserto do Curdistão, aliou-se uma crescente onda de tédio. Uma imensa maré de falta de propósito. Lizzie ia morrer. *Ela ia morrer*. E Rob sentiu-se inútil: sentiu que iria afundar na futilidade de tudo aquilo, seria sepultado como as terras sedentas ao seu redor, à espera da água do Projeto Grande Anatólia, a vasta tampa prateada do caixão.

Mas ele sabia que tinha de se manter forte para levar a cabo a tarefa, e por isso tentou melhorar seu humor. Lembrou-se do

que Breitner havia dito a respeito de Christine: ela era "uma das melhores arqueólogas de sua geração". Lembrou-se de que ela fora aluna da grande Isobel Previn em Cambridge.

E a francesa certamente parecia confiante: explicava aos homens, calma porém firmemente, onde cavar, distribuindo ordens para todo lado, subindo e descendo o vale. Por uma ou duas horas, a poeira subiu e assentou; as pás ecoavam e cavavam. O vento quente e aflito zumbia sobre o Vale da Matança.

E então um dos homens deixou cair sua pá. Era o primo de segundo grau de Radevan, Mumtaz.

— Srta. Meyer! — gritou ele. — Srta. Meyer!

Ela correu até lá; Rob a seguiu.

Uma porção de ossos brancos jazia sobre o solo coberto de pó. Era a curva de um crânio: pequeno, porém humano. Até Rob percebia isso. Christine pareceu intrigada, mas não triunfante. Balançou a cabeça.

— OK, bom. Agora cavem lateralmente.

Os curdos não entenderam. Christine explicou novamente para Radevan, em curdo: *cavem direto na transversal. Não precisa cavar mais fundo*. Era uma questão de cobrir terreno agora: eles tinham menos de dois dias.

Os homens seguiram as ordens, aparentemente seduzidos pela determinação de Christine. Rob foi escavar junto. A cada poucos minutos, eles deixavam descoberto um novo crânio. Rob os ajudava a limpar a terra com uma energia febril. Outro crânio; outro esqueleto. Sempre que descobriam os restos de um novo corpo, não se davam o trabalho de desenterrá-lo por

inteiro — assim que percebiam um esqueleto, Christine os mandava seguir em frente.

Outro crânio; outro esqueleto. Rob reparou que aquele era um povo bem pequeno. Típicos caçadores-coletores, conforme explicou Christine, de um metro e meio de altura no máximo. Homens robustos das cavernas e desertos, de constituição saudável: porém não mais do que medianamente altos para a época.

Eles continuavam a cavar, cada vez mais rápido. A operação era caótica, descuidada. O sol já estava começando a descer e Rob percebia que a grande muralha de água estava se aproximando. A inundação estava a poucos dias dali.

Eles continuaram a cavar.

E então Rob ouviu outro grito, dessa vez lançado por Radevan.

— Sr. Rob — disse Radevan. — Veja isso! Um homem muito grande. Como americanos. — Ele estava limpando a terra de um fêmur. — Como americano que come muitos McNuggets. — O fêmur era quase duas vezes maior do que os dos demais.

Christine pulou para dentro da vala. Rob foi junto. Eles ajudaram a desenterrar o resto do esqueleto. Levou tempo, pois era enorme: 2,30m no mínimo. Todos removeram a terra da pélvis. Das costelas. Da coluna vertebral, desenterrando grandes ossos brancos da poeira amarelada. E então alcançaram o crânio. Radevan o extraiu de uma vez e ergueu-o.

Rob ficou pasmo. Era enorme.

Christine tomou o imenso crânio das mãos de Radevan e o examinou. Não era um crânio claramente humano: era muito

maior, com olhos oblíquos, semelhantes aos de uma ave, rosto anguloso, mandíbula menor e uma enorme caixa craniana. Rob olhou mais de perto para a mandíbula de dentes ainda intactos.

— Isso é... — Ele limpou o suor, o sal e a poeira do rosto. — Isso é um hominídeo, certo?

— Certo — respondeu Christine. — Mas... — Ela girou o crânio sob o sol inclemente.

O crânio estava repleto de terra amarelo-escura, o que dava às grandes órbitas oculares oblíquas um olhar vago e hostil. Rob ouviu um pássaro em algum lugar, chamando — um pássaro solitário rondando preguiçosamente no céu. Provavelmente um falcão, atraído pelos ossos.

Christine escovou parte do pó amarelo aderido ao crânio.

— E claramente hominídeo. E claramente não é *Homo sapiens*. Não se parece com nada que já encontramos. Caixa craniana muito grande, então ao que tudo indica é altamente inteligente.

— Parece meio... asiático. Não?

Christine concordou com um aceno de cabeça.

— Mongolóide sob certos aspectos. Mas... repara nos olhos e no crânio. *Incrível*. Mas se encaixa. Porque eu acho... — Ela olhou para Rob. — Eu acho que a resposta para a hibridização está aqui. Essa é a *outra* espécie de hominídeo. A que cruzou com o povo menor daqui, pra produzir o crânio do Livro Negro.

Os curdos ainda estavam escavando. Esqueleto após esqueleto. A quantidade de ossos que haviam desenterrado era quase absurda. O sol estava se aproximando do horizonte: o jejum

diurno logo terminaria e os homens estavam ansiosos para ir para casa para o banquete, o fim da fome do dia do Ramada.

Quando se sentiu exausto demais para continuar, nauseado demais da brancura dos ossos e dos sorrisos dos imensos crânios, Rob recostou-se na encosta poeirenta e simplesmente se pôs a observar. Então abriu seu bloco e começou a rabiscar. Para juntar os pedaços da história. Era essa a única maneira que conhecia de desvendar um quebra-cabeça: colocá-lo no papel; arrumá-lo. E, conseqüentemente, estruturar uma narrativa. Ele sentia a luminosidade esmorecer à medida que escrevia.

Depois de concluir suas anotações, ele ergueu os olhos: Christine estava medindo ossos e fotografando os esqueletos. Mas o dia havia terminado. A brisa do deserto era branda e refrescante. A água da inundação achava-se tão perto a essa altura que Rob sentia seu cheiro no ar. Provavelmente não estava a mais de três ou quatro quilômetros de distância. Rob baixou o olhar cansado na direção das trincheiras. Eles haviam descoberto um cemitério gigantesco e fúnebre: um ossário de proto-humanos, que repousavam ao lado de gigantes quase humanos. Mas o verdadeiro quebra-cabeça permanecia encoberto; Rob não o solucionara; suas anotações não faziam sentido. Eles ainda não haviam conseguido desvendar o segredo. E a escuridão do deserto significava que lhes restava apenas mais um dia.

O coração de Rob clamou pela filha.

Na viagem de volta a Sanliurfa, eles conversaram sobre o documento, a referência ao Livro de Enoque. Rob trocava vigorosamente as marchas enquanto Christine gritava suas teorias no carro que chacoalhava.

—O Livro de Enoque é uma... pseudoescritura.

—E isso quer dizer o quê?

—Isso quer dizer que não faz parte da Bíblia oficial, mas é considerado verdadeiramente sagrado por alguns braços antigos do cristianismo, como por exemplo a Igreja etíope.

—OK...

—O Livro de Enoque tem cerca de 2.200 anos e provavelmente foi escrito pelos israelitas, embora não se tenha absoluta certeza. — Ela olhou para a frente, para o deserto que se descortinava. — Foi encontrado entre os documentos preservados que conhecemos como "Manuscritos do Mar Morto".

"O Livro de Enoque descreve uma época em que cinco anjos caídos, os Cinco Satãs ou Guardiões, e seus servos surgiram entre os homens primitivos. Tais anjos seriam próximos a Deus, mas não teriam conseguido resistir à beleza das mulheres. As filhas de Eva. Assim os anjos maus tomaram as mulheres e em troca prometeram aos machos humanos os segredos da escrita, da edificação, do talento artístico e da escultura. Também foram esses demónios que ensinaram as mulheres a... 'beijar o falo'."

Rob olhou para ela e conseguiu dar um sorriso. Christine sorriu de volta.

— É a expressão exata que o Livro de Enoque usa — disse ela, bebendo um gole de água de uma garrafa. — Eca. Essa água está quente.

— Continua — disse Rob. — O Livro de Enoque.

— OK. Bom... esse cruzamento entre demônios e homens gerou uma raça de gigantes malignos e furiosos, os Nefilim, ainda segundo o Livro de Enoque.

Rob fitava a estrada à sua frente, banhada pela luz do crepúsculo. Queria entender o que ela estava dizendo. Queria de fato. Tentou com afinco. Fez com que ela repetisse tudo... mas desistiu. Não conseguia parar de pensar em Lizzie. Perguntou-se se eles não deveriam ligar para Cloncurry. Mas sabia que aquilo era absurdo; precisavam surpreendê-lo. Tinham que comunicar de repente que haviam descoberto o segredo — se já o tivessem descoberto mesmo: era assim que o plano deles funcionaria.

Mas ele estava cansado, queimado de sol e assustado, e ainda sentia o caráter sinistro do deserto. Sentia a proximidade das pedras de Gobekli. Ali perto, em meio ao nada. Lembrou-se da escultura da mulher, amarrada a uma estaca e mutilada, pronta para ser estuprada pelos javalis com pênis. Pensou nos bebês, gritando em seus jarros antigos.

E pensou de novo em Lizzie e Cloncurry — e tentou tirá-los da mente.

A volta foi silenciosa. E angustiada. Os curdos resmungaram um adeus e foram embora comer e beber; esgotados, Rob e Christine estacionaram os carros e se recolheram em silêncio para o Hotel Haran. Rob carregava o Livro Negro perto do peito, a exaustão propagando-se em ondas por seus braços.



Mas eles não tinham tempo para relaxar. Rob estava cansado, mas febril de determinação, e queria discutir suas anotações. No que chegaram ao quarto, antes mesmo de Christine tomar banho, ele a interpelou de novo.

— Uma coisa que eu não entendo são os jarros. Os jarros com os bebês, em Gobekli.

Christine o encarou. Seus profundos olhos castanhos eram carinhosos, mas estavam injetados de sangue por causa do cansaço; Rob, porém, insistiu.

— Você quer dizer... o simples fato de serem jarros? Isso te confunde?

— É. Sempre achei que a cultura ao redor de Gobekli Tepe fosse... qual foi a palavra que Breitner usou... *acerâmica*?. Que não conhecessem a cerâmica. Aí, de repente, alguém aparece e ensina os caras a fabricar jarros, bem antes do que qualquer cultura da região. Bem antes do que qualquer outro lugar na terra.

— E verdade... — Christine fez uma pausa. — Exceto por um lugar... Houve um lugar que teve cerâmica antes de Gobekli.

— É?

— O Japão — Christine franziu a testa. — O período Jomon do Japão.

— O quê?

— Uma cultura muito antiga. Nativa do Japão. Os ainos, que ainda vivem no extremo norte do Japão, podem ser descendentes... — Ela ergueu-se e esfregou as costas doloridas, foi ao minibar, pegou uma garrafa de água gelada e bebeu com avidez. Deitando novamente na cama, explicou: — O Jomon surgiu, literalmente, do nada. Eles foram,

possivelmente, os primeiros a cultivar arroz. E aí começaram a produzir uma cerâmica sofisticada.

— Há quanto tempo ?

— Dezesseis mil anos atrás.

— *Dezesseis mil anos atrás?* — Rob olhou para o outro lado do quarto. — Isso é mais de 3 mil anos antes de Gobekli.

— É. E há quem ache que os jomons da Ásia oriental podem ter aprendido suas técnicas de uma cultura ainda mais *antiga*. Como os kondons do Amur, talvez. O Amur é um rio no norte da Mongólia, onde se diz que há indícios de cerâmica ainda mais antigos. É um mistério. Eles surgem e desaparecem, esses povos avançados do norte. São basicamente caçadores-coletores, mas de repente dão um salto tecnológico espantoso e irracional.

— *Irracional?* Como assim irracional?

— Não é bem o território mais promissor para o início de uma civilização. A Sibéria, o interior da Mongólia, o extremo norte do Japão. Esses locais não são o crescente fértil, quente e ensolarado. São as terras congeladas e intratáveis do norte da Ásia. A bacia do Amur é um dos lugares mais gelados da Terra no inverno. — Ela fitou o teto nu do quarto de hotel. — Na verdade, eu algumas vezes me perguntei se não teria havido uma protocultura ao norte de lá. Na Sibéria, por exemplo. Alguma cultura que tenha se perdido e tenha influenciado todas essas tribos. Porque do contrário, é muito estranho...

Rob balançou a cabeça. O bloco estava pousado em seu colo, a caneta suspensa.

— Mas talvez eles não tenham se perdido, Christine. Essas culturas. Hein? Talvez não tenham desaparecido.

— Como assim?

— Esses crânios parecem asiáticos. Mongolóides. Talvez essas culturas orientais não tenham sumido. Elas só teriam se deslocado... para oeste. Poderia haver alguma ligação entre essas tribos asiáticas avançadas e Gobekli?

Christine assentiu e bocejou.

— É, eu acho que sim. Creio que sim. Meu Deus, Rob, eu estou cansada.

Rob repreendeu-se mentalmente. Eles não dormiam havia 24 horas; tinham feito o máximo que podiam. Ele estava pressionando Christine demais. Pediu desculpas, aproximou-se e deitou ao seu lado na cama.

— Robbie, a gente *vai* salvar ela — disse Christine. — Eu prometo. — Ela o abraçou. — Eu prometo.

Rob fechou os olhos.

— Vamos dormir.

Na manhã seguinte, Rob foi despertado por um sonho bem violento. Sonhou, por alguns instantes, que estava sendo atacado, espancado por Cloncurry, mas quando acordou, notou que era uma batucada de verdade. Homens percorriam as ruas escuras de Sanliurfa, diante do hotel, batendo em imensos tambores, acordando a população para a refeição antes da alvorada. O tradicional ritual do Ramadã.

Rob ergueu seu relógio de pulso, que estava sobre a mesa de cabeceira. Eram só quatro da manhã. Ele fitou o teto e ficou

ouvindo as batidas e rugidos dos tambores, enquanto Christine ressonava baixinho ao seu lado.

Duas horas mais tarde era Christine quem o cutucava para que acordasse. Ele se remexeu, sentindo-se entorpecido. Levantou-se e tomou uma revigorante chuva de água fria.

Radevan e sua turma estavam esperando do lado de fora. Eles ajudaram a guardar o Livro Negro na mala do carro. Rob comeu ovo cozido e pão árabe no carro enquanto eles sacolejavam através do deserto, rumo ao Vale do Massacre. Não tinham tempo para o café da manhã no hotel.

Rob observava os curdos escavarem. Era como se eles soubessem que o trabalho estava quase no fim, o que quer que acontecesse: estavam felizes como se fossem ser dispensados do serviço militar. Aquele era o último dia. Na manhã seguinte o prazo estaria encerrado. *O que quer que acontecesse.* O estômago de Rob revirou de tensão.

Às 11 horas, Rob subiu a colina vizinha ao vale e contemplou a monótona massa de água do Projeto Grande Anatólia. Já não estava mais distante, mas a cerca de um quilômetro e meio. A água parecia estar acelerando, se derramando sobre os morros e preenchendo os vales. A barragem os protegeria, mas, ainda assim, a inundação avançando era uma visão ameaçadora. No topo da barragem havia uma pequena cabana de pastor, feito sentinela, protegendo-os da água.

Rob sentou-se sobre uma pedra e fez mais algumas anotações, enfiando as preciosas pérolas das evidências no colar da narrativa. Uma citação não lhe saía da cabeça. Ele lembrou de seu pai na igreja mórmon, recitando-a. Gênesis, capítulo 6: *"E*

*aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas... Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram..."*

Rob escreveu por meia hora, riscou e tornou a escrever. Estava quase lá; a narrativa estava quase concluída. Fechando o bloco, ele virou-se e desceu a encosta de volta para o vale. Encontrou Christine deitada no chão, como se estivesse dormindo. Mas ela não estava dormindo: estava olhando com atenção ao longo da areia.

— Estou procurando anomalias — disse ela, erguendo os olhos na direção dele. — E achei algumas. Ali! — Ela levantou-se, bateu palmas, e os jovens curdos a encararam. — Por favor, rapazes — disse ela. — Logo vocês vão poder ir pra casa, pras suas famílias, e esquecer a mulher maluca que veio da França. Só mais uma tentativa, por favor. Ali.

Radevan e seus amigos pegaram suas pás e seguiram Christine até outro canto do vale.

— Comecem a cavar, em linha reta. Aqui. E não muito fundo. Cavem uma boa extensão e perto da superfície. Obrigada.

Rob foi procurar sua pá para juntar-se a eles. Gostava de cavar com os curdos. Dava a ele algo a fazer que não fosse pensar na possível falta de sentido do que estavam fazendo. E em Lizzie. Lizzie Lizzie Lizzie.

Enquanto cavavam, Rob interrogou Christine a respeito dos neandertais. Ela vinha explicando como trabalhara em diversos sítios onde os neandertais tinham vivido. Como Moula-Guercy, nas margens do Ródano, na França.

—Você acha que eles cruzaram com os *Homo sapiens*?

—Talvez.

—Mas pensei que existisse uma teoria de que eles haviam simplesmente se extinguido. Os neandertais.

—Existe. Mas há também provas de que eles podem ter se reproduzido com os humanos. — Christine limpou o suor da testa com a manga da camisa. — Os neandertais podem até ter adentrado o conjunto genético humano através do estupro. Se estavam se extinguindo, incapazes de competir por alimento ou seja lá o que fosse, teriam ficado desesperados pra preservar a própria espécie. E eles eram maiores que os *Homo sapiens*. Embora provavelmente mais estúpidos...

Rob viu um pássaro dando voltas: outro abutre. Fez outra pergunta.

—Se eles cruzaram entre si, isso pode ter alterado a maneira como os seres humanos se comportavam? A cultura humana?

—Pode. Uma possibilidade é o canibalismo. Não tem nenhum registro de canibalismo organizado no repertório humano antes de cerca de 300.000 a.C. No entanto, os neandertais eram canibais com certeza. Portanto... — Ela inclinou a cabeça, pensando. — Portanto, é possível que eles tenham introduzido algumas características próprias. Como o canibalismo.

Um avião da Força Aérea Turca riscou o céu. Christine acrescentou mais um raciocínio.

—Eu estava pensando, hoje de manhã, sobre o tamanho dos hominídeos, os grandes. Os ossos que nós encontramos.

—Continua.

— Bom... a sua teoria de que possa haver uma ligação com a Ásia Central se encaixa. De certa forma.

— Como?

— O maior hominídeo já encontrado foi na Ásia Central. *Gigantopithecus*. Era absolutamente enorme: um primata de cerca de 2,70m de altura. Uma espécie de... homem das neves...

— Sêrio?

Ela fez que sim.

— Eles viveram há cerca de 300 mil anos. Podem ter sobrevivido por mais tempo... e tem quem ache que o *gigantopithecus* talvez tenha sobrevivido por tempo suficiente pra que a sua memória persistisse no *Homo sapiens*. As lembranças de primatas enormes. — Ela balançou a cabeça. — Mas claro que isso é fantasioso demais. O mais provável é que o *gigantopithecus* tenha se extinguido devido à competição com o *Homo sapiens*. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu com o *gigantopithecus*. No entanto... — Ela fez uma pausa, debruçando-se sobre a pá, como um fazendeiro contemplando seus campos.

A conclusão óbvia ocorreu a Rob, que pegou o bloco e rabiscou frenético.

— O que você quer dizer é que talvez exista uma *terceira* explicação, não é? Talvez o *gigantopithecus* tenha evoluído, mas tenha se transformado em um rival muito mais importante do *Homo sapiens*. Isso também é possível, não?

Christine fez que sim, franzindo a testa.

— É. É possível. Mas em ambos os casos, a gente não tem prova. Rob prosseguiu.

— Mas digamos que *tenha* acontecido. Então esse novo hominídeo... seria muito grande, agressivo e altamente inteligente, não seria? Uma espécie que evoluiu pra enfrentar condições hostis e violentas. Um competidor brutal pelos recursos que existiam.

— É. Estou de acordo. Seria.

— E esse hominídeo grande e agressivo também teria um medo instintivo da natureza, dos invernos intermináveis e mortais, de um Deus cruel, severo. E sentiria uma necessidade desesperada de *aplacar*.

Christine deu de ombros, como se não tivesse compreendido totalmente a última ideia; mas não teve tempo de responder, pois Radevan os chamava. Quando Rob chegou lá, Christine já estava ajoelhada, limpando escombros.

Três jarros grandes e sujos repousavam aos pés de Radevan. Estavam marcados com *sanjaks*.

Rob entendeu de imediato o que os jarros continham. E não precisou explicar a Christine; mesmo assim, ela quebrou um dos jarros com o cabo de uma colher de pedreiro. O jarro antigo se esfarelou, e uma coisa viscosa e fétida infiltrou-se na poeira do deserto: um bebê semi-mumificado, semiliquefeito. O rosto não estava tão intacto quanto o dos bebês que eles haviam achado na Câmara de Edessa. Mas o grito de terror e dor no rosto da criança era exatamente igual. Era outro sacrifício infantil. Outro bebê enterrado vivo em um jarro.

Rob tentou não pensar em Lizzie.

Alguns dos curdos haviam reconhecido a jarra e os restos mortais. O bebê morto e em putrefação. Estavam apontando e



discutindo. Christine pediu-lhes que continuassem a cavar. Mas eles estavam gritando a essa altura.

Mumtaz aproximou-se de Rob.

— Eles estão dizendo que é perigoso aqui. Que esse lugar é amaldiçoado. Estão vendo o bebê e dizendo que precisam ir. A água logo vai chegar até aqui.

Christine implorou aos homens, em inglês e em curdo. Os homens tagarelaram com Mumtaz e Mumtaz traduziu.

— Eles estão dizendo que a água está vindo. Pra enterrar esses corpos e que isso é bom. E estão dizendo que vão embora agora!

Christine reclamou de novo. A discussão continuou. Alguns curdos cavavam, outros só ficavam ali, discutindo. O sol não parava de subir, quente e ameaçador. As pás e colheres de pedreiro, jogadas pelo chão, cintilavam sob a luz impiedosa. O sol queimava o corpinho viscoso do bebê. O pequeno montinho de carne obscuro. Rob sentiu um imenso desejo de enterrá-lo novamente, para esconder aquela indecência. Sabia que estava perto de desvendar o quebra-cabeça, mas também se sentia próximo de alguma espécie de rendição nervosa. A tensão era horrível.

E então ela piorou. Alguns curdos, liderados por Mumtaz, se decidiram: não iriam continuar. Apesar dos apelos de Christine, três deles subiram a encosta do vale e entraram no segundo Land Rover.

Mumtaz olhou na direção de Rob enquanto partiam, um olhar estranho e pensativo. O automóvel acelerou para dentro da nuvem de pó e névoa.

Mas ainda sobravam quatro homens, incluindo Radevan. E com o resto de seu charme e os últimos dólares de Rob, Christine persuadiu-os a completar a tarefa. Todos ergueram as pás descartadas e cavaram juntos. Cavaram durante cinco horas, lateralmente, cortando o vale, revirando a terra seca e amarelada para expor o necessário, e então seguindo em frente.

Desenterraram partes de cerca de trinta esqueletos vizinhos aos jarros. Mas esses não eram esqueletos normais. Eram uma mistura dos grandes hominídeos e homens híbridos, e dos pequenos caçadores-coletores. Todos juntos, promíscua e desordenadamente. E todos os esqueletos exibiam lesões: sinais de morte violenta. Terríveis rachaduras no crânio, orifícios de lança nos ossos do quadril. Braços quebrados, fêmures quebrados, cabeças quebradas.

Eles haviam descoberto um campo de batalha. Um sítio de combate e massacre pavoroso. Haviam descoberto o Vale da Matança.

Christine olhou para Rob. Ele devolveu seu olhar e perguntou:

— Acho que encerramos por aqui. Você não acha? Christine assentiu solenemente com um aceno de cabeça.

Rob enfiou a mão no bolso e puxou seu telefone. A sensação era quase de euforia. Sentia-na nos pulmões e no coração. Ele havia *desvendado o mistério*, decifrado o grande segredo que Cloncurry nascera para esconder. O Segredo do Gênesis. O que significava que, por fim, Rob tinha poder sobre Cloncurry. Rob ia ganhar a filha de volta.

Ansioso — mas esperançoso pela primeira vez naquelas amargas semanas —, ele discou o número. Estava prestes a ligar para Cloncurry e exigir a devolução imediata de sua filha quando ouviu uma voz.

— E aí... olá.

Rob girou. Havia um vulto de pé no topo da colina acima deles, entre o vale e o sol que se movia rumo ao poente. O sol atrás do vulto brilhava tanto que Rob não conseguiu distinguir quem era. Apertou os olhos e ergueu o braço.

— Será que eu engordei? Que deprimente. Você com certeza está me reconhecendo, não está?

Rob sentiu o sangue congelar de medo.

Jamie Cloncurry estava de pé na colina acima deles, com um revólver nas mãos. O revólver estava apontado para Rob. O assassino tinha dois homens bem grandes ao seu lado. Curdos enormes com bigodes negros, também visivelmente armados. Os dois brutamontes seguravam um pequeno vulto amarrado. Lizzie! Viva, mas claramente assustada e fortemente amordaçada.

Rob olhou para a esquerda e para a direita, na direção de Radevan e seus amigos — procurando ajuda.

Cloncurry gargalhou.

— Ah, eu não esperaria nenhuma ajuda deles, sr. Robbie. — Com uma postura extenuada, gesticulou para Radevan.

Radevan assentiu, respeitosamente. Virou-se e encarou Rob e Christine, e em seguida esfregou o polegar no indicador.

— Inglês muito dinheiro. Dólar, euro, dólar, euro... — Então gesticulou na direção de seus amigos, e os curdos largaram suas ferramentas e afastaram-se de Rob e Christine, com ar

indiferente, desertando o casal. Abandonando Rob e Christine à própria sorte.

Rob viu — de queixo caído, derrotado e desconsolado — os curdos subirem calmamente a encosta em direção ao último Land Rover. Radevan enfiou as mãos na mala do carro e retirou o Livro Negro. Levou-o até Cloncurry e o depositou sobre a poeira, ao lado de Lizzie. Cloncurry sorriu e balançou a cabeça; Radevan voltou ao carro, saltou sobre o assento dianteiro e o automóvel se afastou com um giro de poeira das rodas. Os fuzis e a pistola foram junto.

O pó alaranjado ficou suspenso no ar, acusadoramente, à medida que o veículo desaparecia no horizonte incendiado pelo sol, deixando Rob e Christine sozinhos e indefesos no fundo do vale.

Acima deles permaneceu Cloncurry, armado, com os dois outros curdos. O veículo de tração nas quatro rodas do assassino estava estacionado a algumas centenas de metros, prateado e brilhante sob a luz do deserto. Ele, obviamente, havia se aproximado a pé, a fim de surpreendê-los. E havia funcionado.

Eles estavam presos. Lizzie ajoelhou-se na poeira, amordaçada e amarrada, olhando para o pai com olhos agitados e confusos. Implorando a Rob que a salvasse.

Mas Rob sabia que não podia salvá-la. Sabia o que aconteceria a seguir. E não seria um resgate heróico.

Cloncurry ia matar Lizzie diante dele. Ia sacrificar a primogênita de Rob ali no deserto, enquanto corvos e falcões rondavam no céu. Sua filha ia morrer, cruel e selvagemente, nos próximos minutos, e Rob seria forçado a assistir.

Cloncurry balançou a arma na direção de Rob e Christine.

— Mais pra lá, *pombinhos*.

Rob olhou para a filha, ajoelhada na terra, perplexo e angustiado. Então encarou Cloncurry com uma raiva feroz. Nunca sentira tamanha vontade de agredir alguém — queria dilacerar Cloncurry com as próprias mãos, com os dentes. Arrancar seus olhos com os polegares.

Mas Rob e Christine estavam encurralados e desarmados: foram obrigados a obedecer. Seguindo as ordens apáticas de Cloncurry, eles escalaram uma pequena elevação no meio do vale, uma espécie de montículo arenoso, embora Rob não fizesse a menor ideia de por que Cloncurry queria que eles fossem para aquele outeiro isolado.

O vento sussurrava melancólico. Christine parecia prestes a chorar. Rob olhou para a esquerda e para a direita, desesperado por alguma escapatória. Não havia escapatória.

O que Cloncurry estava fazendo? Rob apertou os olhos, protegendo-os do sol com uma das mãos. Cloncurry parecia ter alguma espécie de telefone ou outro aparelho na mão. Ele o estava apontando para a esquerda, na direção das águas invasoras. Onde a barragem os protegia das inundações.

Por fim, Cloncurry falou.

— Não é todo dia que se tem a chance de mutilar e matar uma criança na frente do pai dela, então acho que cabe uma comemoração. Até alguns fogos de artifício. Então, lá vamos nós. *Tá dando onda!*

Ele pressionou um botão no dispositivo que segurava. Uma fração de segundo mais tarde, o rugido de uma explosão rasgou o deserto, seguido por uma onda de choque palpável: Cloncurry havia explodido a pequena cabana na barragem. Quando a fumaça e as chamas se dissiparam, Rob entendeu por quê.

Não fora só a cabana que ele mandara pelos ares: metade da barragem também. E agora a água fluía pelo rombo como uma enchente, derramava-se pelas extremidades do vale, toneladas de água, brotando e rugindo. Crescendo na direção deles, *muito rápido*.

Rob agarrou Christine com força e puxou-a para o topo da elevação. A água fluía ao lado deles, às toneladas, já lambendo seus tornozelos. Rob ergueu os olhos para o topo da encosta: Cloncurry estava rindo.

— Espero que vocês saibam nadar.

A água caía como cascata a essa altura, enchendo o vale, respingando os pés de Rob. Uma muralha de água, barulhenta, devoradora, trazendo consigo um monte de sujeira. Ossos, restos do bebê mumificado e os crânios de alguns guerreiros subiam à superfície, flutuavam e afundavam. Logo Rob e Christine em sua pequena elevação estavam totalmente cercados por águas imundas e turbulentas. Se elas continuassem a subir, eles iriam se afogar.

— Perfeito! — exclamou Cloncurry. — Não dá pra explicar o quanto isso foi difícil. Tivemos que vir até aqui no meio da noite preparar tudo. Naquela cabaninha asquerosa. Montes de explosivos. Foi difícil. Mas funcionou à perfeição! E isso é *tremendamente* gratificante.

Rob olhou para Cloncurry, do outro lado das águas, seguro no alto da encosta. Não sabia o que pensar daquele homem, da completa loucura mesclada à... tortuosa sutileza. E foi então que Cloncurry fez seu comentário de praxe, quase telepático:

— Acho que você está um tanto confuso, pequeno Robbie.

Rob permaneceu em silêncio; Cloncurry sorriu.

— Não consegue imaginar como um completo psicopata como eu pôde acabar desse lado das águas. Certo? Enquanto os mocinhos, todos vocês, estão *desse* lado. O lado que vai se afogar.

Mais uma vez, Rob nada disse. O sorriso do inimigo se ampliou.

— Eu receio ter usado *todo mundo* o tempo todo. Eu fiz você achar o Livro Negro pra mim. Eu arrastei os cérebros brilhantes e famosos de Christine Meyer e Isobel Previn pra essa causa. Tudo bem, eu arranquei a cabeça da Isobel, mas ela já tinha feito o trabalho dela a essa altura.

Tinha me mostrado que o Livro com certeza não estava no Curdistão. — Cloncurry resplandecia de orgulho. — E aí, sentado de braços cruzados sem fazer nada, fiz com que vocês, pessoas muito simpáticas, concluíssem o *resto* do trabalho também: decifrar o Livro, localizar o Vale do Massacre, achar a única prova do Segredo do Gênesis. Porque, vejam vocês, eu precisava saber com certeza *onde* estavam todas as provas, pra que eu as pudesse destruir pra sempre. — Ele gesticulou em direção à água espumante. — E agora eu vou apagar tudo isso com uma inundação enorme... sepultar tudo debaixo d'água pra todo o sempre. E enquanto eu removo todas as provas, ao mesmo tempo mato as únicas pessoas que conhecem o

Segredo. — Ele baixou os olhos, muito feliz. — Ah, sim, quase esqueci, e estou com o Livro Negro também! Ao menos, eu acho que estou. Vou só me certificar...

Debruçando-se sobre a terra, Cloncurry pegou a caixa e arrancou com violência a tampa de couro. Espreitou seu interior, estendeu a mão e retirou o crânio híbrido. Por um momento, ele o aninhou, acariciando a superfície lisa dos ossos. Em seguida girou o crânio, para que este encontrasse seu olhar.

— Ah, pobre Yorick. Você tinha olhos muito estranhos. Mas um rosto muito bem desenhado! Hah.

Ele pôs o crânio de lado, retirou o documento e o estendeu sobre o joelho, de forma a conseguir ler.

— Fascinante. Realmente fascinante. Eu esperava a escrita cuneiforme. *Todos* nós esperávamos. Mas aramaico antigo tardio? Uma bela descoberta. — Cloncurry olhou de relance para Christine e Rob. — Obrigado, meus amigos. Foi muito gentil da parte de vocês trazer tudo isso até aqui. E escavar tudo.

Ele dobrou o documento, tornou a guardá-lo na caixa e recolocou o crânio sobre ele; a seguir foi a vez da tampa de couro.

Rob assistia a tudo com irritação e uma mágoa alimentada pelo ódio. O tempero mais repugnante naquele banquete de derrota era a sensação de que Cloncurry estava *certo*. O plano estratégico do assassino era de uma *perfeição* rara e luminosa. Cloncurry havia sido mais esperto e inteligente o tempo inteiro. Dos curdos ao chalé, e novamente ao Curdistão, Cloncurry não havia só ganho, havia *triunfado*.



E agora seu triunfo seria honrado com sangue.

Rob olhava para os olhos da filha, que chorava. Ele gritou por sobre as águas que a amava.

Os olhos de Lizzie imploravam ao pai impotente: *me ajuda*. Cloncurry ria baixinho.

— Tão lindo. Pra quem gosta desse tipo de coisa. A mim, pessoalmente, dá vontade de vomitar. De qualquer forma, acho que a gente já devia prosseguir rumo ao drama final, vocês não acham? Antes que vocês de fato se afoguem. Já chega de preâmbulos. — O assassino fitava as pequenas ondas que batiam nos tornozelos de Christine. Enquanto olhava, um crânio particularmente imenso surgiu em meio às águas borbulhantes, como uma espécie de brinquedo de banheira obsceno. — Aaah, veja, ali está um dos velhinhos. Cumprimenta o vovô, Lizzie.

Outra risada. Lizzie chorou mais alto.

— Certo, certo. — Cloncurry suspirou alto. — Eu também nunca gostei da minha família. — Ele virou-se e gritou para Rob no outro lado. — Você tem uma bela vista do seu outeiro? Excelente. Porque nós vamos fazer aquele negócio asteca, e quero ter certeza de que você vai conseguir enxergar. Estou certo de que você conhece a lenga-lenga, Robert. Nós estendemos a sua filha sobre uma pedra, abrimos o peito dela e arrancamos o coração ainda batendo. Pode fazer um pouco de sujeira, mas acho que o meu amigo Navda tem alguns lenços de papel.

Cloncurry cutucou um de seus seguidores. O curdo de bigode à esquerda resmungou, mas não falou nada. O líder da quadrilha suspirou.

— Não é um sujeito muito expressivo, mas era o melhor disponível. Eu me espanto um pouco é com os bigodes. São um pouquinho... *fingidos*, não são? — Ele sorriu. — Em todo caso, será que os dois curdos viadinhos e tagarelas podiam levar essa menina e colocar em cima daquela pedra? — Ele explicou-lhes o que queria por meio de gestos.

Os curdos balançaram a cabeça e obedeceram. Pegaram Lizzie, levaram-na até uma pequena pedra e a fizeram deitar, os pés presos por um dos curdos, as mãos contidas pelo outro. Enquanto isso, Lizzie chorava e lutava. E o tempo todo, Cloncurry exibia seu sorriso forçado.

— Muito bom, muito bom. Agora é que vem a parte boa. Se fosse pra valer, sr. Robbie, a gente devia ter um *chac mool*, uma daquelas tigelas de pedra esquisitas, onde eu jogaria o coração ensanguentado e pulsante da sua filha. Mas nós não temos um *chac mool*. Acho que vou dar o coração dela pros corvos comerem.

Ele entregou a pistola a um dos curdos, em seguida enfiou a mão no bolso do casaco e puxou uma imensa lâmina de aço. Brandiu-a exultante, admirando-a com olhos brilhantes, ávidos e afetuosos. Então piscou para Rob.

— Na realidade, nós devíamos usar obsidiana: era isso que os astecas usavam. Adagas negras de obsidiana. Mas uma faca grande e sólida como essa vai servir muito bem, uma faca grande, sólida, memorável. Estão reconhecendo? — Cloncurry ergueu a faca sob a luz ofuscante do sol. A arma cintilou quando ele girou-a. — Christine, alguma idéia?

— Vai se foder — disse a francesa.

— Bem, perfeitamente. Foi a faca que eu usei pra filetar sua velha amiga, Isobel. Acho que ainda dá pra ver um pouco do sangue velho dela no cabo. E um pedacinho de baço! — Ele sorriu. — *Also*, como dizem os alemães. A tarefa. Estou vendo que a água agora está na altura do joelho de vocês e vocês vão se afogar em cerca de dez minutos. Mas quero demais que a última coisa que você assista, Rob, seja a sua filha tendo o coração literalmente *arrancado* do peito miúdo enquanto grita *incontrolavelmente* pelo pai inútil, patético e *covarde*. Então é melhor a gente correr. Gente, segurem a garota com mais força, isso, assim. Isso mesmo, isso mesmo. Muito bom. Cloncurry ergueu a faca com as duas mãos e a odiosa lâmina brilhou ao sol. Ele parou.

— Os astecas eram muito esquisitos, não eram? Parece que eles vieram da Ásia, pelo estreito de Bering. Como eu e vocês. O caminho todo desde o Norte da Ásia. — A faca brilhava, e os olhos de Cloncurry também. — Eles adoravam matar crianças. Eles *ansiavam* por isso. No princípio, matavam os filhos de todos os inimigos, dos adversários conquistados. Embora eu tenha deduzido que no final do império eles estavam tão loucos que começaram a matar seus próprios filhos. Sem brincadeira. Os sacerdotes pagavam às famílias astecas pobres pra que elas entregassem seus bebês e crianças pequenas pra serem assassinados em rituais. Toda uma civilização literalmente se matando, devorando a própria prole. É fantástico! E que jeito de fazer isso, arrancar o coração quebrando as costelas, segurando o órgão ainda pulsante diante da vítima viva. — Cloncurry suspirou, feliz.

— Está pronta, Lilibet? Pequena Betsy? Minha pequena Betty Boo? Mmm? Está na hora de abrir esse peitinho?

Cloncurry sorriu radiante para a menina. Rob percebeu, com desgosto absoluto, que Cloncurry estava de fato babando, um filete de saliva escorrendo-lhe da boca em direção ao rosto amordaçado e vociferante de Lizzie.

E então o momento chegou: as duas mãos de Cloncurry agarraram a extremidade do punho; ele ergueu bem alto a faca... e Rob fechou os olhos na tristeza da mais extrema derrota...

*... exatamente no momento em que um tiro rasgou o ar.* Um tiro vindo de lugar nenhum. Um tiro vindo do paraíso.

Rob abriu os olhos. Uma bala atravessara as águas com rapidez e atingira Cloncurry — um tiro tão violento que havia arrancado a mão do assassino.

Ele piscou e olhou fixo. Cloncurry perdera uma das mãos! O sangue arterial jorrava do pulso destroçado. A faca caíra girando dentro d'água.

Cloncurry contemplou o terrível ferimento, desconcertado. A expressão em seu rosto era de profunda curiosidade. E então soou um segundo disparo, novamente saído do nada — quem estaria atirando? —, e esse quase arrancou o braço de Cloncurry na altura do ombro. O braço esquerdo, já sem a mão, a essa altura estava pendurado por poucos músculos avermelhados e o sangue escorria para a terra a partir da ferida escancarada no ombro.

Os dois curdos largaram Lizzie de imediato, viraram-se com o rosto em pânico e, quando um terceiro disparo ecoou no ar do deserto, saíram correndo.

Cloncurry caiu de joelhos. O terceiro tiro obviamente o atingira na perna. Ele se ajoelhou, sangrando na areia, espreitando ansiosamente à sua volta. O que estaria procurando? A própria mão decepada? A faca? Lizzie jazia ao seu lado, amordaçada e imobilizada. Rob tinha água até os joelhos. Quem estava atirando em quem? E onde estava a arma de Cloncurry? Rob olhou para a esquerda e só via areia a distância. Talvez tivesse um carro vindo na direção deles, mas a areia obscurecia-lhe a visão. Será que iam atirar em Lizzie também?

Rob percebeu que tinha uma chance. *Ali e agora.* Mergulhou na água e nadou por entre os ossos e crânios, nadou pela vida de Lizzie. Nunca nadara com tanto empenho, nunca enfrentara águas tão agitadas e perigosas... Ele dava pernadas e braçadas, engolindo montes de água fria, até que sua mão golpeou a terra quente e seca e ele impulsinou o corpo para o alto. Quando saiu da água, ofegando e cuspidando, viu Cloncurry a poucos metros de distância.

Cloncurry estava deitado, usando o corpo de Lizzie como escudo contra novos disparos; mas sua boca estava totalmente escancarada, babando incontrolavelmente — e seu maxilar se fechava sobre a frágil garganta de Lizzie. Como um tigre matando uma gazela. Jamie Cloncurry ia morder o pescoço de Lizzie e arrancar a jugular da menina.

Uma onda de fúria percorreu o corpo de Rob. Ele se lançou sobre a areia e correu até Cloncurry justo quando os dentes brancos e afiados do assassino se fechavam sobre a traquéia de Lizzie; chutou Cloncurry na cabeça, afastando-o da filha. Repetiu o golpe: chutou o assassino para longe uma segunda

vez e uma terceira, e Cloncurry caiu na areia com um grito de dor, o braço semi-decepado pendendo inútil e obsceno.

Rob saltou sobre o líder da quadrilha, alojando um dos joelhos sobre o ombro ileso de Cloncurry, impedindo-o de se mover. Agora ele tinha Cloncurry à sua mercê. Podia mantê-lo ali o quanto quisesse.

Mas Rob não tinha a menor intenção de demonstrar misericórdia.

— *Agora é a sua vez* — disse Rob.

Meteu a mão no bolso atrás do canivete suíço. Devagar, com cuidado, abriu a maior das lâminas e girou-a no ar por alguns instantes e baixou os olhos.

Rob se pegou *sorrindo*. Perguntava-se o que fazer primeiro, como torturar e mutilar Cloncurry, a fim de lhe causar o máximo de dor, antes da morte inevitável do assassino. Deveria apunhalá-lo no olho? Decepar uma das orelhas? Escalpelá-lo? O quê? Mas quando Rob ergueu a faca, viu alguma coisa na expressão maliciosa de Cloncurry. Uma espécie de vergonha compartilhada e exultante, uma maldade esperançosa, ainda que desafiadora. A bile da aversão elevou-se na garganta de Rob.

Balançando a cabeça, Rob fechou o canivete e guardou-o no bolso. Cloncurry não iria a lugar nenhum: ia sangrar até a morte bem ali. Sua perna estava despedaçada, a mão fora arrancada, o braço pendia. Estava desarmado e mutilado, morrendo com o choque da dor e da perda de sangue. Rob não precisava fazer nada.

Rolando de cima do assassino, Rob virou-se na direção da filha.

Removeu imediatamente a mordaça. Ela gritou *Papai papai papai* e então disse *Christine!* E Rob girou, envergonhado. Em sua ânsia de salvar Lizzie, esquecera-se totalmente de Christine; mas Christine já estava salvando a si mesma, e um instante mais tarde Rob estendeu a mão para segurar a dela e ajudá-la a sair das águas agitadas. Puxou-a para a terra e ela permaneceu ali deitada, ofegante.

Então Rob ouviu um ruído. Girando, viu Cloncurry rastejando lentamente sobre o pó, seu braço semidecepado pendendo ao lado do corpo, a ferida na coxa escancarada e esfolada. A medida que se arrastava, ele deixava um rastro de sangue atrás de si. Estava indo direto para a água.

Ia realizar o último sacrifício: o suicídio. Jamie Cloncurry ia se afogar. Rob ficou observando, petrificado e estarrecido. Cloncurry estava à beira d'água a essa altura. Com um gemido de profunda dor, ele percorreu o derradeiro metro e deixou-se cair pesadamente nas ondas sujas e frias, fazendo um grande ruído. Por alguns segundos, a cabeça do assassino surgiu por entre os crânios sorridentes, e seus olhos brilhantes pousaram em cheio sobre Rob.

E então ele afundou sob as ondas. Girando suavemente, para unir-se aos ossos de seus ancestrais.

Christine sentou-se, sacudindo o telefone, certificando-se de que ainda estava funcionando. Por fim, milagrosamente, conseguiu sinal, ligou para Sally e começou a contar as boas notícias. Rob ouviu, em parte confuso, em parte feliz, em parte sonhando. Pegou-se olhando para longe, sem saber exatamente o porquê. Mas, um segundo mais tarde, entendeu.

Havia carros de polícia acelerando em meio à areia, abrindo caminho por entre os tentáculos da inundação. Instantes mais tarde, o topo da encosta encheu-se de policiais, agentes e soldados — e lá estava Kiribali. Em seu terno sem um grão de poeira, exibindo um sorriso amplo e radiante. Estava dando ordens no rádio e instruindo seus homens.

Rob sentou-se na areia e deu um abraço apertado na filha.

## 50

Duas horas mais tarde, eles voltavam lentamente a Sanliurfa. Rob, Christine e Lizzie estavam envoltos em cobertores na parte traseira do maior dos carros da polícia, parte de um longo comboio de viaturas.

A noite caía. As roupas de Rob estavam secando ao calor do deserto, a brisa agradável e suave assoviando pelas janelas do carro. Os últimos raios de sol eram faixas carmesins que se destacavam sobre o púrpura e o negro do oeste cada vez mais escuro.

Kiribali estava no banco do passageiro na frente do veículo; virou-se e olhou para Rob, para Christine, e então sorriu para Lizzie. Ele disse a Rob:

— É claro que o Cloncurry estava pagando os curdos o tempo inteiro. Pagando mais do que nós, pagando mais do que você. A gente sabia há algum tempo que tinha alguma coisa acontecendo. O assassinato do Breitner, por exemplo. Os iazidis não pretendiam matá-lo, só assustá-lo. Mas *ele foi* assassinado. Por quê? Alguém convenceu os homens na



escavação a... tomar essa precaução extra. O seu amigo *Cloncurry*.

—Tudo bem. E depois...?

Kiribali suspirou e sacudiu um pouco de poeira do ombro.

— Tenho que confessar que ficamos algum tempo sem saber de nada. Nós estávamos perplexos e confusos. Mas então recebi um telefonema, bem recente, dos seus excelentes policiais na Scotland Yard. Mas ainda tinha um problema, Robert. Porque não sabíamos onde *vocês* estavam. — Kiribali sorriu. — Foi onde entrou o Mumtaz! O baixinho, ele foi me procurar. Contou tudo, bem a tempo. E sempre muito bom ter... *contatos*.

Rob olhou para Kiribali, mal registrando o que ele estava dizendo. Então baixou os olhos na direção das próprias mãos. Ainda estavam levemente avermelhadas do sangue ressecado: sangue de Cloncurry. Mas Rob não se importava, não dava a mínima: havia salvado a vida de sua filha! Era tudo que interessava. Os pensamentos de Rob eram uma mescla dissonante de ansiedade, alívio e uma alegria estranhamente dolorosa.

Eles seguiram viagem, em silêncio. Então Kiribali tornou a falar.

— Você sabe que eu vou ficar com o pergaminho contendo o mapa, não sabe? E o crânio. Vou ficar com ele também. O Livro Negro completo,

—Onde você vai guardar isso?

—Junto com todas as outras provas.

—Você está se referindo às câmaras do museu.

—É claro. E nós mudamos o código de acesso!

Uma grande van da polícia os ultrapassou, suas luzes de freio brilhando vermelhas ao crepúsculo.

— Por favor, entenda — disse Kiribali. — Vocês estão seguros. Isso é bom. Nós vamos manter os curdos presos por algum tempo e depois deixar eles irem embora. O Radevan e os amigos idiotas dele. — Ele sorriu com educação. — Vou deixar eles irem embora porque eu preciso manter a paz aqui. Entre turcos e curdos. Mas todo o resto vai ficar trancado em segurança, pra sempre.

O carro seguiu viagem. O ar quente noturno que entrava pelas janelas era delicioso: doce e suave. Rob inspirou e expirou; afagou o cabelo da filha. Lizzie estava quase dormindo. Pouco depois, Rob percebeu que eles estavam passando pelo desvio para Gobekli. O sítio mal era visível com a lua subindo.

Rob hesitou. Então perguntou a Kiribali se eles poderiam dar uma olhada em Gobekli Tepe, *uma última vez*.

Kiribali pediu ao motorista que parasse o carro e olhou para Rob, Christine e Lizzie. As duas estavam dormindo. O policial sorriu com simpatia, fez sinal que concordava e se comunicou por rádio com os outros veículos — informando-os que todos se encontrariam mais tarde, em Urfa. Então o motorista fez a curva e pegou o desvio.

Era o mesmo caminho familiar. Sobre os montes baixos, para além dos vilarejos curdos com seus esgotos a céu aberto, cabras desgarradas e minaretes iluminados por um verde fantasmagórico. Um cachorro latiu e correu atrás do carro. O animal os perseguiu por um quilômetro e meio e depois sumiu nas sombras.

Eles dirigiram ainda mais para dentro da escuridão. Então alcançaram o topo do morro baixo de onde se via o templo. Rob saltou do carro, deixando Lizzie com a cabeça no colo de Christine, ambas adormecidas.

Kiribali também saltou. Juntos, os dois percorreram a trilha sinuosa que conduzia ao templo.

— E aí? — disse Kiribali. — Me conte.

— Contar o quê?

— O que você estava fazendo no vale? O Vale da Matança?

Rob pensou por um momento, então explicou, hesitante. Fez um breve resumo do Segredo do Gênesis, um esboço dos mais superficiais. Mas foi o bastante para que Kiribali ficasse fascinado: ao luar, Rob via os olhos do policial se arregalarem. O detetive sorriu.

— E você acredita que entendeu? Que desvendou *tudo* de verdade?

— Talvez... Mas não temos nenhuma foto. Tudo se perdeu na inundação. Ninguém iria acreditar em nós. Então, não faz diferença.

Kiribali suspirou, bastante animado. Eles haviam alcançado o topo da pequena colina, ao lado da amoreira solitária. Os megálitos eram visíveis e lançavam suas sombras sob o luar. Kiribali deu um tapinha nas costas de Rob.

— Meu amigo jornalista, faz diferença pra *mim*. Você sabe que eu adoro literatura inglesa. Me conte o que você acha... Me conte o *Segredo do Gênesis*!

Rob objetou; Kiribali insistiu.

Rob sentou-se sobre um banco de pedra. Abriu seu bloco e esforçou-se para ler suas anotações à luz da lua, e então o

fechou e contemplou as planícies ondulantes. Kiribali sentou-se ao seu lado e ouviu o relato de Rob.

— As descrições bíblicas dos Anjos Caídos, as passagens no Livro de Enoque, o segredo transmitido no capítulo 6 do Gênesis: acredito que sejam a memória popular do cruzamento entre espécies de hominídeos, os homens primitivos...

— Entendo. — Kiribali sorriu.

— E eu creio que a memória popular tenha surgido da seguinte maneira: em algum momento por volta de 10.000 a.C., uma espécie de homem migrou do norte para a Turquia curda. Esses hominídeos invasores eram fisicamente muito avantajados. Eles podem, em última análise, ter evoluído do *gigantopithecus*, o maior hominídeo conhecido. A julgar pelas influências culturais por aqui, esses grandes hominídeos devem ter vindo da região central do Extremo Oriente.

Kiribali fez sinal que entendia e Rob prosseguiu:

— Quaisquer que sejam suas origens, vamos chamar esses hominídeos invasores de homens do Norte. Comparados com o *Homo sapiens*, os homens do Norte eram mais avançados, e certamente mais agressivos. Eles dominavam a cerâmica, algumas técnicas de construção, o entalhamento e a escultura, talvez até mesmo a escrita; ao passo que os *Homo sapiens* ainda viviam em cavernas.

O detetive permaneceu em silêncio, pensando. Rob pôs-se a explicar com mais detalhes:

— Por que os homens do Norte eram mais inteligentes e mais cruéis? A explicação está na origem deles: vieram do norte. Os cientistas especularam por muito tempo que um

clima mais hostil produz uma inteligência mais aguçada, estratégica. Numa Era Glacial, só sobrevive quem planeja com uma visão mais ampla. Também é necessário competir de forma mais brutal pelos recursos existentes. Em contrapartida, climas mais quentes e agradáveis talvez produzam uma inteligência social mais elevada e cooperação mais amistosa...

"Mas os homens do Norte tinham algum problema; e por isso estavam migrando. A gente pode especular que estivessem em extinção, como ocorrera com os neandertais antes deles. Parece, de fato, que os homens do Norte tinham uma falha genética que os predispunha à violência extrema. Talvez a dureza do meio ambiente tenha instilado neles o medo de um deus vingativo. Uma divindade que ansiava por sangue, pelo apaziguamento do *sacrifício humano*.

"Qualquer que seja a razão, os homens do Norte estavam se matando, sacrificando a própria espécie. Uma civilização em extinção, como os astecas. Desesperados, eles procuraram um local e um clima mais amenos: o clima paradisíaco do crescente fértil. Eles migraram para sul e para oeste. Uma vez que chegaram, começaram a procriar com os povos mais simples das planícies curdas; e enquanto se mesclavam aos caçadores-coletores, os modestos homens das cavernas, ensinaram a eles as artes da construção, do entalhe, a religião e a sociedade: daí o impressionante avanço cultural que Gobekli Tepe representa. Na verdade, desconfio que Gobekli Tepe seja um templo construído pelos super-homens para impressionar os caçadores-coletores."

Uma cabra baliu em algum lugar na escuridão.

— Por algum tempo, Gobekli Tepe deve ter parecido um paraíso para os pequenos caçadores-coletores. Um Jardim do Eden, um lugar onde os deuses caminhavam entre os homens. Mas as coisas começaram a mudar. Talvez o estoque de comida tenha diminuído. Como resultado, os gigantes do Norte puseram os pequenos caçadores para trabalhar: colher as plantas silvestres da planície curda, trabalhar duro como lavradores. O misterioso movimento rumo à agricultura havia começado. A revolução neolítica. E nós, seres humanos, éramos os servos. Os escravos. Os trabalhadores do campo.

— Você quer dizer que foi *essa* a Queda do Homem? — perguntou Kiribali. — A expulsão do Éden?

— Talvez. Para aprofundar o mistério, também há estranhos indícios de mudanças no comportamento sexual por volta dessa época. Talvez os homens do Norte gostassem de estuprar as pequenas mulheres das cavernas, estuprá-las com porcos, como a estátua no seu museu; talvez tenham ensinado as mulheres a "beijar o falo", conforme diz o Livro de Enoque. As mulheres certamente se conscientizaram da sua sexualidade... como Eva, nua no Paraíso... enquanto copulavam com os recém-chegados. E conforme as duas espécies hominídeas se entrecruzavam, os genes infelizes da violência e do sacrifício passavam adiante, ainda que de forma mais branda. Esses genes foram herdados pelas crianças nascidas dessas uniões.

Um caminhão buzinou a distância enquanto pegava a estrada principal rumo ao sul, rumo a Damasco.

— Então é isso sim, foi a Queda do Homem. A comunidade de Gobekli e das planícies ao redor a essa altura estava

totalmente brutalizada, traumatizada e hipersexualizada. A região já não era mais um paraíso. Além disso, a própria agricultura estava prejudicando a natureza.

Tornando a vida mais difícil. E qual foi a reação dos homens do Norte a esses sinais ameaçadores ? Foi a de adotar de novo as suas antigas características: eles começaram a sacrificar, no intuito de apaziguar os deuses cruéis da natureza ou os demônios nas suas mentes. E precisavam de sangue humano para isso. *Precisavam encher jarras com bebês vivos.* — Rob contemplou o deserto vazio a leste. Kiribali inclinou-se para a frente.

— E depois?

— Aqui a gente chega à história documentada. Por volta de 8.000 a.C., o sofrimento, os sacrifícios, a violência devem ter passado da conta. Os caçadores-coletores locais se voltaram contra os invasores do Norte. Eles contra-atacaram. Houve uma grande batalha. Desesperados, os rústicos homens das cavernas massacraram até o último dos invasores do Norte, que eram em número bem menor do que eles. Então enterraram todos os corpos em um vale, perto das sepulturas das crianças sacrificadas. Criando uma imensa cova coletiva... não muito longe daqui, de Gobekli. O Vale da Matança.

— E depois eles enterraram o templo!

Rob concordou com um aceno de cabeça.

— E então Gobekli Tepe foi enterrado, à custa de muito esforço, para esconder a vergonha desse cruzamento de raças, e para sepultar a semente do mal. Os caçadores-coletores enterraram deliberadamente o grande templo para erradicar

as lembranças: as lembranças dos horrores, da Queda do Paraíso, do confronto com o mal.

"Só que não funcionou. Era tarde demais. Os genes da violência e do sacrifício dos homens do Norte tinham penetrado no DNA do *Homo sapiens*. O gene de Gobekli agora era parte da herança humana. E estava se espalhando. Usando a Bíblia e outras fontes, dá para rastrear o gene, rastrear os exilados de Gobekli viajando para o sul, para a Suméria, Canaã e Israel; porque, à medida que avançavam, eles espalhavam os genes do sacrifício e da violência. Daí as primeiras evidências de sacrifício nessas terras, Canaã, Israel e Suméria."

—As terras de Abraão — completou Kiribali.

—Sim. O profeta Abraão, que nasceu perto de Sanliurfa, provavelmente descendia em parte dos homens do Norte de Gobekli: era inteligente, era um líder, era carismático. E também era obcecado por sacrifícios. Na Bíblia, ele se mostra preparado para assassinar o próprio filho em obediência a um deus colérico. Abraão também foi, é claro, o fundador das três grandes religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. As religiões abraâmicas. E Abraão fundou essas religiões com base na memória popular que ele compartilhava com todos ali.

"Todas essas grandes religiões monoteístas surgem do trauma do que aconteceu em Gobekli Tepe. Todas são fundadas no medo de grandes anjos e de um deus colérico: uma recordação inconsciente e coletiva do que aconteceu no deserto curdo quando seres poderosos e violentos surgiram entre nós. Vale ressaltar que todas essas religiões ainda se baseiam no



princípio do sacrifício humano: no judaísmo existe o sacrifício simulado da circuncisão, o islamismo tem o sacrifício do *jihad*.."

— Ou quem sabe os prisioneiros exterminados pela al-Qaeda?

— Quem sabe? E no cristianismo, existe o repetido sacrifício de Cristo, o primogênito de Deus, eternamente morrendo na cruz. Portanto, todas essas religiões são uma síndrome de estresse, uma espécie de pesadelo onde nós revivemos constantemente o trauma das incursões do norte, a época em que nós, seres humanos, fomos expulsos do Paraíso e forçados a abrir mão da nossa vida de ócio. Fomos forçados a cultivar a terra. Forçados a beijar o falo. Forçados a matar nossos próprios filhos para satisfazer deuses encolerizados.

— Mas, Robert... Onde é que os *iazidis* entram nisso?

— Têm importância vital. Porque só existem duas fontes de conhecimento acerca do que realmente aconteceu em Gobekli. A primeira são os cultistas curdos: os iarsanis, os alevi e os *iazidis*. Essas tribos gostam de pensar que são descendentes diretas dos homens das cavernas de raça pura de Gobekli. São os Filhos da Jarra. Os filhos de Adão. O resto da humanidade, para eles, descende de Eva, da segunda jarra de mestiços em primeiro e segundo graus: a jarra cheia de escorpiões e cobras.

— Entendo...

— Esses cultistas compartilham muitos mitos a respeito do Jardim do Éden. Mas mesmo para eles o que aconteceu em Gobekli é só uma lembrança vaga e assustadora de uns anjos cínicos, parecidos com pássaros, que exigiam devoção. Só que

esses aspectos nebulosos da memória popular são poderosos. Por isso os iazidis, em particular, não se casam fora do povo deles. Têm um medo ancestral de macular a própria linhagem com os traços de violência e sacrifício que enxergam na humanidade em geral. Na gente. Nas pessoas que carregam o gene de Gobekli.

Kiribali permaneceu em silêncio, tentando entender tudo aquilo.

Rob prosseguiu:

—Os iazidis também carregam um fardo terrível, uma maldição. Uma humilhação. Eles alegam ser puros, mas no fundo sentem a verdade: que alguns dos antepassados deles cruzaram com os homens perversos do Norte, permitindo que o gene de Gobekli fosse espalhado. E, portanto, todos os males do mundo seriam basicamente culpa deles. Daí serem retraídos, reservados, daí esse estranho sentimento de vergonha. Daí também o fato de nunca terem se espalhado para muito longe do templo de onde vieram. Eles precisam protegê-lo. Eles ainda temem a fúria do resto da humanidade, temem ser exterminados caso a verdade seja devidamente descoberta um dia e as ações deles, reveladas ao mundo. Os antepassados deles é que fracassaram em proteger a humanidade dos homens do Norte. As mulheres deles é que se deitaram com os demônios do Norte. Como os colaboradores horizontais da França ocupada.

—E isso — disse Kiribali — explicaria o deus deles. O pavão-anjo.

—Exato. O conhecimento da verdade impede os iazidis de adorarem deuses normais. Razão pela qual adoram o

Demônio, Melek Taus, o Moloch da incineração de crianças. Uma reformulação simbólica daqueles super-homens malignos, com olhos iguais aos de pássaros. E por muitos milhares de anos, essa religião e essa fé estranhas foram um mistério. O gene de Gobekli se espalhou pelo mundo, chegou às Américas pelo estreito de Bering. Mas o real segredo dos iazidis, o Segredo do Gênesis, estava perfeitamente seguro. Desde que Gobekli Tepe permanecesse no seu canto.

—E quem era a outra fonte? Você não disse que existiam duas... fontes de conhecimento?

—As sociedades secretas que surgiram na Europa no século XVI. Os maçons e assemelhados. Gente fascinada por rumores e tradições, tradições que falavam de provas e até de documentos existentes no Oriente Próximo que ameaçavam a base histórica e teológica do cristianismo e da religião em geral.

As estrelas estavam altas agora, altas e reluzentes.

— A facção mais depravada da aristocracia inglesa anticlerical ficou especialmente curiosa com esses rumores — explicou Rob. — Um deles, Francis Dashwood, viajou pela Anatólia. O que ele soube lá o deixou convencido de que o cristianismo era uma farsa. Então ele fundou o Hellfire Club, junto com outros intelectuais, artistas e escritores de ideias afins, cuja *raison d'être* era desprezar e escarnecer a fé estabelecida. — Rob olhou para o maior dos megálitos e acrescentou: — Mesmo assim, os Hellfires não tinham qualquer prova conclusiva de que a religião fosse falsa ou "errada". Foi só quando Jerusalém Whaley, dos Hellfires irlandeses, voltou da viagem dele a Israel que a verdadeira

história de Gobekli se tornou conhecida. Em Jerusalém, ele recebeu o assim chamado Livro Negro de um sacerdote iazidi. Não se sabe o porquê. O que a gente sabe é que na verdade o Livro era uma caixa: essa que está agora com você, contendo o crânio bizarro e um mapa. O crânio não é humano. É um híbrido. O mapa mostrava um cemitério perto de Gobekli Tepe, o cemitério dos deuses malignos: o Vale do Massacre. O padre explicou para Whaley a importância dos dois.

Kiribali franziu a testa.

—E essa importância era...?

—Jerusalém Whaley tinha descoberto a verdade sobre a queda do Homem e a origem da religião. Tinha provado que a religião era um jogo, uma memória popular, um pesadelo revivido. Mas também tinha descoberto outra coisa: que uma característica nefasta tinha se infiltrado na linhagem humana e que essa característica dotava os seus portadores de grande talento, inteligência e carisma. Ela os tornava líderes. Mas líderes tendem ao sadismo e à crueldade por causa desse mesmo grupamento genético. Jerusalém Whaley precisou só olhar para a própria linhagem dele para ter provas disso, especialmente o pai dele, um homem violento, que descendia por sua vez de Oliver Cromwell. Em outras palavras, Whaley tinha descoberto um fato *terrível*: que o destino do homem é ser liderado pelos cruéis porque o sadismo e a crueldade estão ligados aos genes que fazem dos homens líderes carismáticos e inteligentes. Os genes dos homens do Norte.

Kiribali quis falar, mas Rob o impediu com um gesto, sinalizando que estava quase terminando.

— Arrasado por essa revelação, Jerusalém Whaley escondeu as provas: o crânio e o mapa; o Livro Negro que eu e Christine encontramos na Irlanda. Depois disso se isolou na ilha de Man, abatido e assustado. Estava convencido de que o mundo não ia suportar a verdade... não só a de que todas as religiões abraâmicas se baseavam numa mentira, eram um amálgama de lembranças de terrores com impulsos sacrificiais, mas também a de que todos os sistemas políticos, o aristocrático, o feudal, o oligárquico, ou mesmo o democrático, estão destinados a produzir líderes predispostos à violência. Homens que gostam de matar e sacrificar. Homens que enviam milhares de pessoas para as trincheiras. Homens que lançam aviões contra uma torre repleta de inocentes. Homens que lançam bombas de fragmentação sobre vilarejos indefesos no deserto.

Kiribali o encarou de cara fechada.

—Aí os Hellfires se desmembraram e o assunto foi abafado. Mas uma família preservou a terrível verdade descoberta por Jerusalém Whaley.

—Os Cloncurry.

—Exatamente. Descendentes de Jerusalém e Burnchapel Whaley. Ricos, privilegiados e sanguinários, os Cloncurry *carregavam o gene de Gobekli*. E também passaram adiante as informações transmitidas por Tom Whaley. Essas informações eram o segredo mais grave da família, não devendo nunca ser revelado. Se esse conhecimento algum dia fosse difundido, as *élites* em todo o mundo seriam derrubadas e o islamismo, o judaísmo e o cristianismo seriam igualmente destruídos. Seria apocalíptico. O fim de tudo. O papel dos

Cloncurry, segundo eles, era assegurar que essa terrível verdade permanecesse escondida.

—E aí apareceu o pobre do Breitner.

—Exatamente. Depois de séculos de silêncio, os Cloncurry tomaram conhecimento de que Gobekli estava finalmente sendo escavada, por Franz Breitner. Isso era terrível. Se o crânio e o mapa também fossem encontrados, e alguém juntasse as peças, a verdade viria à tona. Consequentemente, o rebento mais jovem da família, Jamie Cloncurry, recrutou alguns garotos ricos, seus acólitos, e formou uma quadrilha cultista só com esse objetivo, de encontrar e de destruir o Livro Negro.

"Mas Jamie Cloncurry carregava outra maldição dinástica: ele carregava uma variante extrema do grupamento genético de Gobekli.

Era bonito, carismático, um líder talentoso, mas também era psicótico. Achava ter direito de matar à vontade. Sempre que fracassava na busca pelo crânio e o mapa, o gene de Gobekli se revelava." Fez-se um silêncio bastante longo.

Por fim Kiribali se levantou. Ajeitou os punhos da camisa e endireitou a gravata.

— Muito bom. Adoro histórias. — Ele encarou Rob. — As melhores partes da Bíblia e do Corão... essas são as melhores histórias. Você não acha? Sempre acreditei nisso.

Rob sorriu.

Kiribali caminhou alguns metros em direção aos megálitos, a ponta de seus sapatos brilhando ao luar. Olhou para trás.

— Tem uma conclusão interessante, Robert... pra toda essa história.

— E qual é?

— Bom... — A voz do detetive sibilou na quietude. — Eu andei conversando com o detetive Forrester.

— O inspetor-chefe.

— Correto. E ele me contou uma coisa curiosa, sobre você e Cloncurry. Veja bem, eu pressionei bastante ele, atrás de informação. — O detetive deu de ombros, seguro de si mesmo. — Você sabe como eu sou. E depois de um tempo de interrogatório, o Forrester me confessou o que ele tinha achado na pesquisa dele. Na internet.

Rob encarou Kiribali.

— Robert Luttrell. É um nome bem pouco comum. Diferente. Não é?

— É escocês-irlandês, acho.

— Isso mesmo. Na verdade — disse Kiribali —, também se acha esse sobrenome ali pelos arredores de Dublin. E foi esse ramo que emigrou quase todo pros Estados Unidos, pra Utah. Onde você nasceu. — Kiribali endireitou o casaco. — Portanto, a conclusão interessante é a seguinte: é quase certo que você seja descendente deles, dos Luttrell de Dublin. E eles também eram sócios do Hellfire Club. Os seus ancestrais estavam ligados aos Cloncurry.

Fez-se uma pausa significativa. E Rob disse:

— Eu já sabia disso.

— Sabia?

— Sabia — confessou Rob. — Ao menos imaginava. E Cloncurry sabia também. Era por isso que ele ficava insinuando vínculos familiares.

—Mas isso quer dizer que você talvez carregue o gene de Gobekli. Você tem consciência disso ?

—É claro — respondeu Rob. — Embora esse seja apenas um grupamento genético, se é que eu carrego. Sou filho da minha mãe, assim como do meu pai.

Kiribali concordou com um aceno de cabeça, entusiasmado.

— Isso mesmo, isso mesmo. A mãe de um homem é muito importante!

— E mesmo que eu carregue algumas dessas características, isso não quer dizer que eu estou preso ao meu destino. Eu teria que estar numa certa situação, o ambiente também desempenharia um papel. A interação é muito complexa. — Ele fez uma pausa. — Eu provavelmente não vou entrar para a política...

O detetive riu. Rob acrescentou:

— Então acho que eu vou ficar bem. Desde que ninguém ponha nenhum míssil na minha mão.

Kiribali bateu os calcanhares, como se obedecesse às ordens de um comandante invisível. Virou-se, pegou o celular no bolso do casaco e voltou para o carro, talvez percebendo que Rob queria ficar sozinho.

Rob ergueu-se, limpou a poeira dos jeans e se pôs a caminhar pela trilha familiar de cascalho, penetrando no coração do templo.

Quando chegou ao local das escavações, olhou ao redor, recordando a alegria que vivera em Gobekli, contando piadas com os arqueólogos. Também fora ali que conhecera Christine, a mulher que ele hoje amava. Mas fora também ali



que Breitner morrera: e fora ali que o terror dos sacrifícios havia começado. Dez mil anos atrás.

A lua subia, branca e indiferente. E lá estavam as pedras. Silenciosas e altivas à noite. Rob caminhou entre os megálitos. Inclinou-se e tocou os entalhes: delicadamente, quase com precaução, perdido em uma espécie de reverência, um nítido, ainda que relutante, respeito. Por aquelas pedras imensas e ancestrais, por aquele misterioso templo no Éden.

## 51

Rob e Christine queriam um casamento modesto e simples: sobre isso, estavam de acordo. A única questão era onde. Mas quando Christine soube que herdara a casa de Isobel nas ilhas Príncipe, o dilema ficou resolvido.

— E é uma forma de honrar a memória dela: sei que ela iria aprovar.

O belo jardim de Isobel era o local óbvio. Eles optaram por um padre ortodoxo grego, barbudo e beberrão, contrataram uns poucos cantores que não se importavam em serem pagos em cerveja e encontraram até mesmo um trio de excelentes tocadores de *bouzuki*. Os familiares e amigos mais próximos foram convidados. Steve veio de Londres trazendo uma penca de colegas de Rob; Sally levou um grande presente; a mãe de Rob, com o seu melhor chapéu, sorria orgulhosa. E Kiribali compareceu, vestindo um terno exageradamente branco.

A cerimônia foi simples, à luz do dia. Lizzie foi a dama de honra, de pés descalços e usando seu melhor vestido de verão. O padre a celebrou no terraço e entoou o canto mágico. A luz

do sol era filtrada pelos pinheiros e tamargueiras, e a barçaça do Bósforo buzinou enquanto cruzava as profundas águas azuis rumo à Ásia. Os cantores cantaram, Rob beijou Christine e estava feito: eles estavam casados. Rob tinha uma esposa, de novo.

Houve festa depois. Todos beberam montes de champanhe no jardim, e Ezekiel perseguiu uma borboleta dourada no roseiral. Steve conversou com Christine, a mãe de Christine conversou com o padre, e todos dançaram muito mal ao som dos tocadores de *bouzuki*. Kiribali recitou poesia e flertou com todas as mulheres, sobretudo as mais velhas.

No meio da tarde, Rob viu-se ao lado de Forrester, à sombra das árvores na beira do gramado. Rob finalmente aproveitou a oportunidade para agradecer ao detetive por ter feito vista grossa.

Forrester corou, o copo de champanhe pousado sobre os lábios.

— Como você adivinhou?

— Você é esperto, Mark. Você deixou a gente ir embora levando o Livro Negro. Era por isso que você estava discutindo com o Dooley lá em Dublin, não era?

— Como é que é?

— Você *sabia* pra onde a gente estava indo. Você queria nos dar um tempo e convenceu o Dooley a nos deixar ficar com a caixa.

Forrester suspirou.

— Digamos que sim. E eu sabia pra onde vocês estavam indo. Mas eu não podia te culpar, Rob. Eu teria feito o mesmo se...

se um filho meu estivesse em perigo. Seguir os trâmites oficiais teria sido lento demais.

—Mas você ligou pro Kiribali bem a tempo. Então, de coração: obrigado por... ficar de olho na gente. — Rob estava lutando para encontrar as palavras. Uma terrível e fugaz imagem de Cloncurry, os dentes brancos expostos, cruzou sua mente. — Tenho pavor de pensar no que teria acontecido se vocês não tivessem interferido — acrescentou ele.

Forrester bebeu um pouco de champanhe e mostrou que entendia.

— Como ela está?

— A Lizzie? Ela é incrível. No geral, parece que esqueceu tudo. Tem um pouco de medo do escuro. Acho que é por causa do capuz.

—Mas nenhum outro trauma?

—Não... — Rob deu de ombros. — Acho que não.

— A beleza de se ter 5 anos de idade — disse Forrester. — As crianças conseguem se recuperar. Quando sobrevivem.

A conversa foi parando. Rob olhou para o grupo que dançava na outra ponta do gramado de Isobel. Kiribali pulava para cima e para baixo, batendo palmas, executando uma espécie de dança cossaca improvisada.

Forrester balançou a cabeça na direção de Kiribali.

—Aquele é o homem a quem você devia estar agradecendo.

—Você se refere aos disparos?

—Fiquei sabendo de tudo. Incrível.

—Parece que ele foi atirador olímpico ou coisa parecida. Uma pontaria de mestre.

—Mas foi decisivo, não foi?

—Foi — concordou Rob. — O Kiribali percebeu que o Cloncurry estava muito longe e que eles não iam nos alcançar a tempo, por causa da inundação. Então pegou o rifle de caça...

A música era barulhenta. Os tocadores de *bouzuki* estavam realmente dando o máximo de si. Rob bebeu o resto de seu champanhe.

Os dois voltaram para a festa. Quando os viu, Lizzie se aproximou correndo, rindo e cantando. Rob inclinou-se e acariciou ternamente o cabelo brilhante da filha; a garotinha sorriu e estendeu a mão para segurar a do pai.

Contemplando pai e filha passeando de mãos dadas, sorrindo e vivos, Forrester sentiu uma aguda pontada de emoção: a tristeza e o remorso de sempre. Mas seu sentimento de perda foi tocado por outra coisa, muito mais surpreendente: uma fraca e efêmera sombra de felicidade.